
Hani Ramrita
baseado num história verdadeira
Como é
Grande o meu
Amor
Por Você
E.Chérri Filho

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

E. Chérri Filho

Hani Hamrita
Como É Grande O Meu Amor Por Você

Criação ePub: Reliquia

Chiado Editora

Brasil | Portugal | Angola | Cabo Verde

chiadoeditora.com

Brasil | Portugal | Angola | Cabo Verde
Avenida da Liberdade
Nº 166, 1º Andar
1250-166 Lisboa
Portugal

Espanha
Calle Gran Vía
71 – 2.ª planta
28013 Madrid
España

França | Bélgica | Luxemburgo
Porte de Paris
50 Avenue du President Wilson
Bâtiment 112
La Plaine St Denis 93214 France

Alemanha
Kurfürstendamm 21
10719 Berlin
Deutschland

U.K | U.S.A | Irlanda
Kemp House
152 City Road
London EC1CV 2NX

© 2013, E. Chérri Filho e Chiado
Editora E-mail:
info@chiadoeditora.com

Título: Hani Hamrita – Como é grande o meu amor por você
Coordenação editorial: Rosa Machado
Composição gráfica: Rita Costa – Departamento Gráfico
Capa: Sandra Figueiredo – Departamento Gráfico
Revisão: E. Chérri Filho

Impressão e acabamento: Chiado Print
1.ª edição:

ISBN: 978-989-51-0547-2
Depósito Legal n.º 361460/13

“Que me perdoem a televisão, o teatro e o cinema.
Eles existem porque existem livros”.

***U**m romance que te fará sonhar. Um amor avassalador!*

O artista plástico Adam Gregório, ao conhecer a afegã Hani Hamrita, teve seu destino selado. Um encontro marcado por lutas, sofrimento, dor, luto, esperança.

Vidas marcadas, vidas interrompidas, beleza que se torna rudimento. Uma canção não terminada. Um livro queimado. Uma alegria chorada. Um colar de pérolas despedaçado por um golpe rápido e certeiro. O fim do leite materno, a ousadia da vida sem a presença. O mar em ventanias constantes e em ruídos intermitentes. A morte do bálsamo, a ressurreição do nada.

Ao mergulhar na história, notará que seu mundo mudará de cor, os seus hábitos darão vazão a novos caminhos e, finalmente, os seus olhos não resistirão às lágrimas.

Da desesperança ao cume da mais nobre arte de sentir: O AMOR. Tenha a certeza de que você irá sonhar com um final indizível!

Sumário

Introdução
Sala de bate-papo
Dedicatória
UM
- Hani Hamrita:
- COMO É GRANDE O MEU
- AMOR POR VOCÊ
- Casa para idoso Lar do Cristão –
- Estados Unidos, Cidade de
- Washington (D.C.)
- 11 de setembro de 2001
- Voltando ao verão de 1950 – Estados Unidos – Nova Iorque

Como tudo começou
DOIS
- Na festa

TRÊS
- ATENTADO TERRORISTA
- Na televisão
- Dias depois…

QUATRO
O “toque” estabelece o vínculo
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ

Casa do idoso “Lar para cristãos” –
Washington (D.C.)
Nas montanhas próximas do Afeganistão
Consulado nos Estados Unidos
Algum dias depois
Viagem para Cabul
ONZE
DOZE
Chegada de Adam
Nos Estados Unidos
Adam Seqüestrado…
TREZE
Nova Iorque. Melinda e Mary Anne
No Afeganistão
CATORZE
No acampamento onde Adam está confinado
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
FINAL
Palavras do Escritor

Introdução

Adam Gregório foi uma pessoa especial que eu conheci na cidade de Washington, nos Estados Unidos, onde morei por dois anos. Como jornalista e escritor, amava ouvir histórias diferentes e quase sempre me inspiro em escrevê-las. Este dia era o famoso *Valentine's Day*, o dia dos casais apaixonados da América. Em uma conversa descontraída com Adam, falávamos de coisas peculiares das nossas terras. Comentei sobre a saudade que eu sentia do Brasil e o amor que tinha pelo país e pelo nosso povo.

Os assuntos *saudade* e *amor* despertou Adam a falar sobre sua majestosa história de amor. E que história! Sugeriu que eu a ouvisse para um dia publicá-la.

Eu brinquei que a publicaria e me posicionei para ouvi-lo. Eu o respeitava como artista plástico. Pensei na proposta, e então, resolvi lhe dar atenção. Confesso que não estava interessado – estava na verdade cansado, e ele, empolgado.

Começou a discorrer sua vida e sobre como conheceu a mulher que o fez sentir todo tipo de sentimento que um ser humano poderia sentir. Confessou-me o que nunca havia contado a ninguém, e eu seria o privilegiado.

Ficava olhando para ele como se estivesse prestando atenção. Na verdade, quase nada eu conseguia registrar no cérebro.

– "*Que diferença essa história poderia ter de tantas outras pelo mundo?*" – pensei. Continuei semiouvindo.

Não sei o porquê, em um momento da história, meus ouvidos ficaram atentos e logo achei interessante. Nada além de interessante. Nesse instante, me deixei levar e a história começou a ficar boa. Sabe quando você lê um livro ou assiste a um filme sem muito interesse? Simplesmente, você olha e às vezes há uma cena interessante e, então, você mergulha de cabeça. Foi assim que me entreguei à história.

No exato momento em que se referiu à linda afegã de nome Hani, isso me soou algo perigoso e excitante. Enquanto discorria a história, eu já era todo dele, entregue a sua voz e aos gestos de um velho homem experiente com seus mais de noventa anos de idade. O que me motivou foi a disposição e a ênfase com que me contava cada detalhe. Quando percebi, estava me sentindo em casa: joguei-me no sofá em uma posição confortável e me deixei levar. Entrei no conto como um leitor.

Brincou dizendo:

– Quando eu morrer, desejo que publique a história. Veja bem! Quando eu morrer! Está bem? – Vi que a conversa era séria e que a história seria boa. Concordei e pedi autorização para fazer anotações, as quais me foram permitidas.

Queria ser um dos personagens e, quem sabe, poder ajudar o casal que sobrepujou coisas inacreditáveis. A cada página anotada, as palavras se fixavam em minha mente. Nunca mais esqueci aquilo que ouvi.

Decidi escrever, e sabia da dificuldade que encontraria para publicar a obra. No Brasil, publicar um livro é como ir ao banco pedir dinheiro emprestado. Fiquei atento, aguardando uma oportunidade. Guardei o original na gaveta à espera de um milagre. Aprendi a desenvolver a paciência e fé com a história de Adam e Hani.

Escrevi este livro de forma literária, com base em informações reais. É claro que preenchi essa obra, dando forma e volume a tão bela história de Adam. Garanti que nunca mudaria ou acrescentaria acontecimentos não relatados por ele.

Convivemos por apenas um ano. A todo o momento, falávamos da época dos anos dourados e sempre algo novo vinha a sua mente. Às vezes, eu sentia que ele tinha algum problema mental. Interrompíamos a conversa de tempos em tempos e eu tinha que voltar no dia seguinte. Assim, fomos completando a história no decorrer do ano. Já no ano seguinte, me entristeci demasiadamente. Fiquei sabendo por terceiros que ele estava internado numa casa de idosos, uma

espécie de hospital. Depois disso, nunca mais o vi.

Não havia uma noite que, ao me deitar, não pensasse nele. A história o fez protagonista de um grande filme hollywoodiano. Não conseguia dormir sem antes viajar pelos lugares por onde andou. Não dormia sem me apaixonar por Hani Hamrita, a mulher dos seus sonhos. Não dormia sem digitar algo no meu notebook. Quando acordava, lá estava Adam em minha mente. Quase busquei um terapeuta para saber por que eu estava enlouquecendo. Penso que se contasse ao terapeuta, estaria angariando mais um a amar a história.

O que me incomodava era saber que pessoas maravilhosas e que se amaram tanto passaram por tantas dificuldades. Era como se o amor estivesse dizendo: *"– Depois dos sofrimentos, eu estarei contigo."* – pensava. Depois de tudo isso? Por que não já? Enfim, queria eu ser o controlador daquelas vidas e dar a eles o prêmio Nobel da Paz e do amor.

Não me encaixo no livro como fazedor de opiniões, julgando a forma de vida dos países muçulmanos, em especial do Afeganistão. No entanto, os relatos aqui escritos serão críticos. Não discutiremos como as mulheres vivem daquela forma naquele país. Porém, a conclusão lógica para isso é a cultura, nada mais do que cultura, e deve ser respeitada.

Mais um ano se passou e eu voltei ao Brasil. Tentei contato com Adam e não consegui. Guardei em meu coração os significativos momentos que o casal viveu, e descobri que o amor é capaz de fazer o impossível nas vidas das pessoas.

Adam se fora para sempre. E hoje cumpro a promessa: publicar a mais linda história de amor que já ouvi.

Senhoras e senhores: *Como é Grande o meu Amor por Você*.

Sala de bate-papo

As vidas e o amor de Adam e Hani Hamrita me fizeram descobrir que não existem fórmulas mágicas em um relacionamento, e sim, a predisposição entre duas pessoas sinceras de se unirem no compromisso de assumirem projetos de vida. Nesses projetos, incluímos a capacidade de perdoar, a persistência, a tolerância e um bom toque de humildade, além de coragem para tomar decisões.

Como disse o grande escritor J. Gray, *"apaixonarse é como a primavera; sentimos que seremos felizes para sempre. Não podemos imaginar não amar nosso parceiro. É um tempo mágico, quando tudo parece perfeito e funciona facilmente"*.

Um grande amor não se encontra, se desenvolve. É comum a pessoa seduzir e não se envolver. Atraem-se e jogam olhares sedutores sem a cumplicidade de afeto mais profundo. Vivem alimentando apenas a fantasia, deixando de construir um relacionamento completo, saboroso e feliz.

Alimentando somente o mecanismo da sedução sem se aprofundar no conhecimento do outro, alimenta-se somente a fantasia. Quando olhamos e gostamos, iniciamos um relacionamento. Vamos descobrir as diferenças que, muitas vezes, não são poucas. Temos como exemplo a maioria dos homens. Normalmente, eles pensam que, para demostrar a ela que tudo anda bem, não devem se queixar de nada. Nunca. Acham que estão fortalecendo o relacionamento. Ao contrário, a mulher acaba acreditando que o relacionamento não é importante para aquele que não divide.

Os homens têm a tendência de se entregar por inteiro na área profissional. É o termômetro dele – se ali as coisas andam bem, ele vai bem; senão, não será recebido pela sociedade e pela companheira. O homem precisa aprender e compartilhar algumas frustrações, desapontamentos e preocupações com o relacionamento. Fazendo assim, ele estará comunicando a mulher de que ela é

importante, apreciada e necessária para ele.

Ele busca maior sucesso no profissional e acredita assim que será mais digno de ser amado. Na verdade, ele quer ser digno da admiração das pessoas e da mulher amada. Não compreende que poderá ser amado mesmo sem conseguir o grande sucesso que tanto busca.

Os homens esperam que as mulheres “pensem e ajam” como nós. As mulheres esperam que os homens “sintam e se comportem” como elas. E o maior sucesso ou o maior segredo de um relacionamento é ajudar o parceiro a ser ele mesmo.

Sabemos que a comunicação é essencial para a intimidade do casal e para o desenvolvimento do romance. O romance duradouro exige que se fale na hora certa e de modo certo para não magoar e ofender a quem você ama. O importante é que quando você tiver que falar algo que possa ser incômodo, lembre-se de que a pessoa amada tem que pelo menos estar se sentindo amada e apoiada.

Ouvir os sentimentos da mulher é a mais nova arte para o homem. Por longos anos, quando a mulher precisava falar, não procurava o homem e sim uma amiga.

Quando aprendemos essa nova arte, abrimos uma porta para uma maior intimidade na história entre o homem e a mulher.

De tudo o que se fala sobre amor, o sentimento mais profundo ainda é a *admiração,* e sem ela, de nada valerá amar. O amor fica vazio, se é que dá para falar em vazio no que se refere ao amor. Imagine a mulher que casou por amor e tem um bêbado em casa. Ela pode amar esse homem, porém não tem admiração por ele. Assim, quando ela tem que sustentar um homem que não gosta de trabalhar e vive nas costas dela, ela pode amá-lo, mas não o admira. Sem admiração, o amor é vazio.

Quer um amor próspero e concreto? Pois então, cultive a admiração pelo parceiro. O mesmo se dá com uma mulher que vive se exibindo e paquerando

outros homens ao lado do parceiro. Ele percebe e convive com essa mulher e até se casa com ela. Mesmo amando, não vai admirá-la. Esse amor está fadado ao fracasso.

A *admiração* é o encontro com o belo que existe em você. Você percebe o olhar do casal que se admira. A admiração é o tempero no ponto certo. E a relação será saborosa.

Esse bate-papo sobre homem e mulher foi para reforçar os sentimentos gerados nessa história. O mais lindo é poder cultivar e aprender com o amor entre Hani Hamrita e Adam Gregório, nomes que ainda são indiferentes para você e que, no decorrer dessa leitura, serão duas pessoas especiais e farão parte da sua vida para sempre.

Dedicatória

Não posso falar de amor sem citar minha esposa, Ruth Marão Serri; minha filha, luna Marão Serri; e meu filho Rodrigo Santiago. E ainda duas criaturas que entraram em minha vida me fazendo melhor: Robert Santiago e livia.

Mais especialmente a ela, Ruth, a minha amada esposa, que participou de cada página, com sugestões, correções, apoio e amor. A ela repasso o Oscar que ganharemos com esse livro.

Sonho que esse livro seja transformado em um belo e sensível filme.

UM

Hani Hamrita:
COMO É GRANDE O MEU AMOR POR VOCÊ

O amor tem várias facetas. Ele pode e faz a diferença em nossas vidas – para o bem ou para o mal. O amor informa mudança de rumo e seu destino deixa de ser o mesmo. Podemos aguentar um bom tempo sem ele, mas insistimos em encontrá-lo.

Podemos ter uma vida maravilhosa com todos os requisitos em dia. Podemos direcionar o nosso dia conforme a nossa vontade sem dar satisfação a ninguém. Até então, tudo bem. Mas algo dentro de nós, como o agente 007, investiga o sexo oposto (ou até o mesmo sexo, dependendo do caso) para mudar o que estaria, por hipótese, tudo bem.

Apesar de toda a felicidade e alegria, a busca e o encontro com o amor é sempre bem-vinda. E em algum momento da vida, o amor acontece. Não conseguimos prever esse momento mágico, mas podemos sonhar com ele. Sonhamos, sempre sonhamos. Percorremos a vida ano após ano conhecendo pessoas, nos apaixonamos várias vezes e não conseguimos sobrepujar a falta de um verdadeiro amor.

O que é e como seria o verdadeiro amor? Tem cheiro? Cor? É felicidade constante ou apenas histórias que nossa mente produz? A vida é cheia de surpresas. São tantas, boas e más, até que o verdadeiro amor acontece. Então, podemos ter a certeza de que ele tem o “cheiro do céu”, um ar etéreo, puro e inacreditável. É bom e produz todas as substâncias químicas saudáveis em nosso organismo. Sentir e ouvir frases borbulhantes de paixão é um sentimento

cinematográfico, portanto indizível. Olhar as pessoas nas ruas e achá-las sem graça. Ouvir um horrível som de funk e confundi-lo com a sinfonia de Beethoven. Olhar para o céu e conseguir ler as estrelas.

Quando é que o amor chega? Em qual idade pode florescer? Talvez o amor juvenil seja as melhores páginas da nossa vida, até então em branco. Nossos hormônios estão explodindo. Nossa força em acreditar ainda é virgem e absoluta. Portanto, uma época mágica e colorida.

Talvez na meia-idade seja mais aprazível, quando estamos prontos para recebê-lo e nos entregarmos. Uma fase da pós-faculdade, trabalho estável, um pequeno apartamento mobiliado, esperando o grande e eterno amor.

Talvez o tempo passe, várias coisas aconteçam na sua vida e você não perceba a idade meio avançada. Quem sabe aí esteja pronto para ele. Maduro e conservador. Estabelecido e com seus sensores aflorados, a ponto de parar e receber o amor como uma nuvem em água, uma chuva tempestuosa e solitária.

O amor é sempre um milagre.

Casa para idoso Lar do Cristão – Estados Unidos, Cidade de Washington (D.C.) 11 de setembro de 2001

Como em toda a América, as casas de idosos são de qualidade pontual para quem já doou sua vida pelo país. O respeito para com os mais velhos é de tamanha importância que muitas vezes eles preferem as casas de idosos a sua própria casa.

A nossa história começa com a vida de Adam Gregório, cidadão americano de família grega. Ele estava em seu quarto no lar para idosos escrevendo o seu livro *Amor Avassalador*. Sempre medicado, Adam era observado pelos médicos de forma especial. A gravidade da doença inspirava um cuidado diferenciado.

A idade avançada e a doença não tiravam de Adam o desejo de produzir. Era um artista nato. Além de pintar, era escritor, e naquele momento tecia as linhas do seu livro. Estava tarde e a enfermeira entrou no quarto para medicá-lo e colocá-lo na cama.

– Pronto, Adam. Terminamos por hoje!

– Já terminamos? Já terminamos? – indaga Adammeio que debochando. – Você sempre tira as minhas inspirações, dona Judith. Tenho tantas coisas dentro de mim para expressar! Agora que a mocinha começa a se interessar por ele, poxa! Ele ia tentar beijá-la. Todos os dias, quando a história está pegando fogo, a senhora me aparece aos gritos. Não tem nenhuma sensibilidade? Amanhã eu esquecerei o que pensei agora.

Qualquer escritor ou artista em geral não tem dia ou noite. O que importa é a criação fluindo. É como criar um universo pessoal que, em seguida, doa-se para a humanidade.

Ela insiste:

– Eu sei, eu sei. Mas o senhor tem que entender quesão ordens médicas e é hora de dormir e não de escrever livro.

– Vocês mulheres, enfermeiras. Sempre com esseinstinto de mãe. Mas tudo bem, seu aniversário vai chegar… – um trocadilho usado por Adam quando se sentia incomodado por alguém do hospital.

– Você não me dará nenhum presentinho, não é?Pronto. Vamos lá. Tome seu remédio e boa noite, senhor Adam.

– Boa? Talvez uma média noite. Vá, vá dormir vocêtambém, dona enfermeira. – falou irritado.

Voltando ao verão de 1950 – Estados Unidos – Nova Iorque

Foi um ano especial para a cultura de vários países – o surgimento da modernidade no pós-guerra. Dentre tantas novidades, surgiu um ritmo musical chamado *rock and roll*, que em pouco tempo mudou o comportamento dos jovens em todo mundo. Os cosméticos avançavam na vida das mulheres. Gracy Kelly e Marlon Brando surgem arrebatando vidas nos cinemas. Tudo inspirou Adam a se tornar um escritor e artista plástico contemporâneo. Sua vida encontrou os anos dourados.

O verão já estava findando e, em poucas semanas, surgiria a mais linda estação do ano nos Estados Unidos: o outono. Um romantismo misturado ao novo visual traz as pessoas um clima dócil e esperançoso.

As ruas são secamente floridas nas calçadas e parques – um amontoado de lindas folhas com tons pastel avermelhados ou amarelado faz da cidade de Nova iorque um celeiro de turistas. Milhares de encontros entre desconhecidos, em uma união de amor. A mistura do calor eminentemente frio traça um clima adorável e comove os corações abertos a receberem um parceiro ou firmar-se em um “sou seu” eternamente.

O outono serviu de inspiração para dezenas de filmes e livros, com histórias romanticamente lindas, que fizeram da estação um trampolim para a linda primavera. Um toque especial no céu risca traços que somente um artista pode enxergar e colocar num papel ou em um quadro. Há ainda a própria cidade, que absorve lindamente pessoas de culturas diferentes e as recebe de braços abertos, criando liberdade e oportunidades para que construam famílias e eduquem os filhos.

Um grande número de artistas se reúne pelos cantos de Nova iorque, marcando sua presença em quadros riscados, livros e roteiros para cinema.

Como tudo começou

Faltavam quatro semanas para o outono. Nova iorque é linda em qualquer estação do ano, e em algumas, é ponto de referência à vida. O clima mais ameno que o verão, menos chuvosos que a primavera, e infinitamente mais tolerável que o inverno, o outono é a estação ideal para se praticar o melhor esporte do nova-iorquino: bater pernas pelas ruas.

Setembro é o mês em que tudo acontece: a abertura das grandes exposições, o início das temporadas de balé e ópera e a Fashion Week, no lincoln Center. Para os fãs de esporte, é o mês do Aberto dos Estados Unidos de tênis, em Flushing Meadows, no Queens, e o início da temporada da NFL, a liga nacional de futebol americano. Nova iorque é uma cidade potencialmente cultural. A força da arte permeia as pessoas da cidade. Os artistas nessa cidade têm acesso aos cidadãos. Se você toca algum instrumento e é bom no que faz, pode ganhar dinheiro nas ruas, tocando na entrada de um metrô, por exemplo. O artista é sempre valorizado. O escritor é atendido e reconhecido. As editoras buscam adiantar verbas para que o escritor se sinta confortável e possa escrever sem passar por problemas financeiros. Roteiristas e diretores de cinema conseguem dinheiro na mesa do gerente do banco para produzirem seus filmes. Isso é Nova iorque.

Perto da Quinta Avenida, em um lugar sofisticado, Adam Gregório, artista plástico, recebe dezenas de pessoas para seu *vernissage*. Muitas encomendas eram feitas durante o ano e Adam se desdobra para atender às dezenas de mulheres que se encantam mais com a sua beleza do que propriamente com suas obras. As obras são talentosas, mas a beleza de Adam é a parte que chama a atenção das *ladies* nova-iorquinas.

“– Por favor, Adam, eu preciso viajar. Tenho que sair agora. Faça o seguinte: esse é o meu cartão. Ligueme e combinamos. Pode ser?”.

“– Adam, Adam, minha encomenda ficou pronta?”. “– Adam! Adam…” – assim eram as suas exposições.

Todos queriam a sua atenção, e comprar fazia parte da estratégia daquelas senhoras ricas de Nova iorque. Caso não conseguissem a atenção de Adam naquele momento, criavam alguma estratégia para encontrá-lo dias depois.

Adam era jovem, bonito, fino e alegre. As mulheres viviam querendo estar perto dele. Os flertes aumentavam a cada dia e a cada mulher que conhecia. Não importava se era casada ou se namorava, todas ou em sua maioria o achava um charme.

– Senhoras, senhoras, por favor. Aguardem maisalguns minutos e vou atendê-las.

Namorava uma jovem chamada Mary Anne Salteron, ou Marya, como costumava chamá-la, que ficou na exposição por horas e saiu para resolver algo importante de família. Conheceram-se numa festa por intermédio das famílias. Nessa época, eram pré-adolescentes e deviam ter por volta de doze anos de idade. O pequeno encontro de criança acabou virando em um namoro inocente. Foram crescendo e, quando perceberam, estavam de fato namorando.

Seu coração não estava apaixonado. Gostava da moça, mas não a amava como gostaria de amar alguém. Adam era sensível e nunca teve outra namorada em sua vida, assim como Mary Anne.

– Me dê licença, por gentileza, pode me deixarpassar? – era Mary Anne chegando.

– Olá, amor. – disse Adam.

Chegou cumprimentando e logo o beijando. Sabia do assédio das mulheres em cima do seu namorado.

– Oi, meu amor. Só passei por aqui para não seesquecer da festa de Tia Melinda. Ela está feliz com os preparativos. Afinal, é mais um ano de vida.

– Não me esqueci, Marya. Estou bastante ocupado,mas chegarei a tempo.

Adam sabia que Mary ficaria conversando um longo tempo para mostrar a

suas clientes quem é a dona do artista. Tentou responder de forma sucinta e continuou atendendo.

– Estou vendo como está ocupado. – afirmou comolhar de censura. – Então, está bem, querido, nos vemos mais tarde. – Mary Anne resolve sair para não sentir um ciúme ainda maior.

– Nos falamos mais tarde, meu amor. – disse Adamao se beijarem. O assédio prosseguiu.

Adam era um artista plástico ainda não conhecido a nível nacional, mas por ser um homem bonito e elegante, conseguiu a atenção das mulheres e seu trabalho acabou crescendo junto.

Ele e Mary Anne tiveram um destino parecido até então. Ambos perderam a família muito cedo e juntos se fortaleciam lado a lado. Adam fora criado pelos pais até a tenra idade para ser um grande e bondoso homem. Seus pais eram muito religiosos e altruístas, participavam sempre de doações e parcerias com instituições filantrópicas. O menino observava essas atitudes e guardava tudo em seu coração.

Mary Anne foi a princesa do lar. Seus pais a queriam nos palcos como uma graciosa bailarina e pianista clássica. Em todas as escolas em que Mary Anne passara, notava-se que a pequena não tinha o dom para a arte e sim para o altruísmo. Amava brincar de doutora e dava remédios para as bonecas, ficava medindo a pressão da mãe a todo o momento. Uma moça especial, seu coração estava na arte de cuidar do ser humano e dar ou ampliar a vida de quem precisasse.

*****

Adam havia trabalhado muito, e conseguiu atender a todos os clientes. Era final de tarde e ele foi correndo para casa tomar um banho e se trocar para a festa de sua amada tia Melinda.

Chegou a sua casa, tomou um drinque e, enquanto a banheira enchia, ligou para o serviço de secretária da central do 557ª.

"– Adam, é a titia, meu amor. Estou tão feliz e com saudades. Espero-lhe hoje à noite em casa, ok?". "Senhor Adam, aqui é o Vicente. Gostaria de lhe falar que a minha esposa adorou o presente. Seu quadro já está na parede da sala. Substituiu o Picasso." – Adam sorri e sabe que o Picasso que ele falou era falso. A moça que ganhou o presente era amante do empresário. *"Senhor Adam, é Sophie do Banco América. Podemos nos falar na segunda, às onze horas da manhã? Aguardamos o senhor."*. Fim dos recados.

Deitado na banheira, ficou imerso por quase um minuto. Depois com o rosto fora da água, passou as mãos nos cabelos, e olhando para a parede, refletiu sobre as decisões que deveria tomar na vida. Em primeiro lugar, a enorme dúvida sobre seu amor por Mary Anne.

"– Que tipo de amor é esse que ainda busco dentro de mim? Um alguém especial que ferva o meu sangue de paixão e que cometa a decência de não me deixar dormir de saudade". – pensou Adam.

Na realidade, Adam estava como um navio no porto. Aparentemente seguro, mas se não navegar, o fundo vai apodrecer e se tornará inútil, sujeito à reforma e a recuperação do que se estragou.

"– Marya é uma mulher como poucas nesse mundo. Linda, inteligente, amorosa. Amável e cuidadosa; sei que me ama como jamais serei amado. Como sou egoísta. Besteira. Vamos lá, Adam, saia dessa banheira e vamos à luta. Tia Melinda está esperando."

Saiu da banheira e foi para o quarto. Abriu o guardaroupa e ficou indeciso na escolha da roupa. Coloca sobre a cama várias camisas, gravatas e calças, fica olhando e decidindo qual irá vestir. Nesse momento, ele se lembra do pedido de Mary Anne: "*Adam, coloque a calça bege e a camisa com listas, e não se esqueça do perfume que eu amo*".

Arrumou-se como Mary havia pedido e seguiu com o carro em direção à casa da namorada. Chegando ao local, pegou Mary que estava linda e impecável,

em roupa esporte fino. Uma linda calça preta com uma pequena abertura próximo ao sapato preto com meio salto. Sua camisa era justa de cor branca e listas leves lilás com rosa. Seus cabelos escovados e flutuantes balançavam pelos ombros ao caminhar.

Mary Anne tinha um olhar forte e penetrante, os lábios largos e o nariz arrebitado. Suas sobrancelhas grossas davam um brilho especial aos olhos negros da cor da noite.

Na frente da linda Mary Anne estava Adam Gregório, mais de um 1.80 m, com físico de um jovem atleta, pernas grossas e de fisionomia forte, sendo ele filho de gregos. Barba serrada e olhos castanhos. Um lindo sorriso e uma delicadeza sem par.

A ligação forte entre Melinda e Adam surgiu no ano 1938, quando os pais de Adam, Jonathan Hurt Gregório e Suellen Mathias Gregório, vieram a falecer – ele, grego e médico cirurgião; ela, jornalista e escritora americana. Apenas um filho, Adam. O casal viajava fazendo conferências em várias partes do mundo. Eram cristãos e amavam a profissão. Buscavam ajudar a humanidade dentro das possibilidades. Sofreram um acidente de avião a cerca de cinco minutos do aeroporto das Filipinas. Estava indo a uma conferência médica sobre a tuberculose. Desde então, o ainda jovenzinho de apenas doze anos de idade se tornou órfão.

Foi recebido com muito carinho por Melinda, tia de Mary Anne, sua noiva. O amor transcendeu o caminho de Melinda. Adam agora era seu mais novo filho. Melinda o criou de forma especial e fez de tudo para o rapaz se tornar um grande homem. Mary Anne também havia perdido os pais quando criança e foi criada por Melinda.

Souberam que Adam tinha uma tia de idade avançada e que morava na Grécia, mas não tinham contato. Adam recebeu um bom dinheiro dos pais. Os anos se passaram e Adam escolheu a profissão que o fazia um homem de verdade – a arte o encantava. Seus pais sempre o levavam a concertos musicais, teatros e exposições de quadros. Assim, cursou artes e literatura. Enfrentou seus

fantasmas ao lado da moça que se apaixonou por ele e que a ele dedicou os anos da sua vida. Adam, como uma forma de gratidão, acabou cedendo aos apelos de casamento de Mary.

Adam é um bom rapaz, e não é chegado a grandes intervenções masculinas. Não é um Dom Juan, apesar do assédio que vive diariamente. Adam ama o ser humano, é altruísta e dedicado. E retrata tudo em suas telas. Não conseguiu grande notoriedade, mas sobrevive de forma tranquila e se sente na obrigação de cuidar de Mary pelo resto da vida.

Mary Anne Salteron é uma moça honesta, dedicada e sonha estar num lindo vestido branco ao lado do seu único príncipe encantado. Não tem outras grandes intenções na vida. Quer ter um casal de filhos, seguir de forma tranquila a profissão que escolheu, como médica pediatra. Seu amor cego encurrala e oprime Adam. O ciúme exacerbado faz de Adam um homem quase sem ação. Uma linda mulher, inteligente, caseira e de pouca ambição financeira, mas sentimental.

Adam, no vigor da juventude, e Mary Anne, um pouco mais jovem, formam um lindo e adorável casal. Algo que marcou profundamente o seu relacionamento foi a forma como ele a tratou nos anos do seu namoro – um bom ouvinte, em todos os momentos em que ela precisava, lá estava Adam, atento aos desabafos e aos diálogos de Mary. Ela se sentia motivada. Quando o homem não tem ouvidos para a mulher, até as flores que ele manda perdem o valor. Se a mulher não se sente segura para falar dos seus sentimentos, ela acaba não tendo nada a dizer. Adam diferentemente da maioria dos homens, ao ouvir detalhes do dia a dia da companheira, acaba ficando entediado e quer logo saber o final da história.

Ao aprendermos a aceitar as imperfeições do outro e a perdoar os seus erros, amadurecemos e assim poderemos desfrutar os frutos gerados pelo entendimento, que aumenta a boa vontade de se compreender o parceiro.

Assim, o relacionamento dos dois tomou o tempo que tomou. Juntos há anos, conviviam de forma amigável e carinhosa. Ela o amava com a força do

coração, enquanto Adam, desde o início, estava confuso com a veracidade do seu amor.

*****

– ***C***omo você está linda, Marya!

– Obrigada, meu amor. Você também. Pelo vistocolocou a roupa que pedi.

– Dizer não para você é pedir para que tenha umataque do coração. Prefiro prevenir. – risos.

Chegaram à casa de Melinda e estacionaram o carro um pouco longe da residência. Entrando na festa, repararam que tudo estava lindo e aconchegante. A decoração estava charmosa com uma iluminação perfeita. Os convidados, bem vestidos, falantes e sorridentes. Havia pessoas novas circulando pela casa. Melinda, impecável como sempre, vai recebê-los. Sempre amorosa e caridosa. Com uma paixão de mãe por Adam.

Adam beija Melinda e cumprimenta algumas pessoas. Um balançar de cabeça com sorriso e um aceno rápido de longe para pessoas desconhecidas. Pegou um drinque e resolveu relaxar do dia extremamente estressante.

Observou que havia pessoas que ainda não conhecia. Uma pequena família se destacou num canto da sala. Suas vestimentas se destacavam na noite.

– Adam, meu querido. Obrigada pelo presente. –falou Melinda com alegria.

Ele havia preparado com muito carinho o presente de Melinda. Pensou por semanas o que poderia ser merecedor do amor que tanto recebeu de Melinda.

– Abra, tia! Veja que lindo o que ele fez para a se-nhora! – comentou Mary Anne com orgulho.

– Minha querida, Melinda! Você foi a minha inspi-ração, não tinha como não pintar esse quadro. Meu coração está nele. – salientou Adam.

Melinda imagina o presente, não o que estaria no presente. O que foi retratado era a maior surpresa do momento. Ela abre e, com um olhar de

admiração, grita:

– Nossa! Pessoal, pessoal, olhem o que o Adam fezpara mim! – falou com um tom de voz embargado, com uma alegria infinita. – Adam, meu anjo, me deixou emocionada. Que lindo! Lindo! Saudades da mamãe! Você conseguiu expressar a fisionomia dela de forma incontestável. – chorou.

Era um belíssimo quadro onde ele retratara a mãe de Melinda a partir de uma foto antiga que Mary Anne havia roubado da tia.

– Essa foto? – perguntou sorrindo Mary Anne aMelinda. Mary Anne abre a bolsa e devolve a fotografia. – Fiz arte!

*****

Todos brindam com alegria por mais um ano de vida. Num local mais discreto da sala, estava uma família do Afeganistão. Cinco pessoas alegres e falantes. Entre elas, o pai Kailash, a mãe Amisha e três irmãos, sendo um homem, ishan, e duas mulheres, Hani e sua irmã Amita.

Por um instante o olhar de Adam se deteve em Hani. Encantado com a beleza da afegã, o seu coração disparou e seu corpo recebeu uma descarga de endorfina, como se ela estivesse sozinha naquele lugar. Adam não conseguia desviar o olhar da moça.

Hani estava sorrindo para a irmã numa conversa informal de família e, ao se ajeitar na cadeira em um movimento curto e gracioso, seus olhos encontraram com os de Adam. Sua pele morena ficou avermelhada no instante em que sentiu o mesmo bem-estar.

Hani era uma mulher bela e carismática, sofrida como o seu povo, mas tinha uma alegria natural da sua personalidade. Religiosa, era também uma competente bilíngue. Formou-se em Nevada, onde morou por alguns anos. Queria ser uma voz ao povo afegão na América.

– Hani, Hani. Você viu aquele moço? Veja como teolha! Alá me ajude! Se

eu recebesse uma olhada dessa, correria para os braços dele e diria “Meu doce e encantado amor, desde que nasci estava preparada para você. Meu pulsar é sua presença em meu interior. Minha alma sai do meu corpo só para te sentir…” – disse sua irmã aos risos.

Amita, sua irmã, era levada e graciosa. Tinha um espírito inquieto. Esperta e com olhos de águia, imediatamente notou o que estava acontecendo a sua volta, principalmente sobre o que se referia a Hani.

– Amita! Do que você está falando? – pergunta parasua irmã.

– Do que estou falando? Sua tonta! Olhe lá! Olhecomo ele está impecavelmente vidrado na senhora. – sorriu – Hani, estou me sentindo mal, muito mal. Ele nem respira. Olhe, olhe!

Em um momento Hani olha. Ele ainda a olhava. Ela havia pensado que os olhares fossem banais ou que pudesse tê-la confundido com outra pessoa.

– Ele deve ter me confundido com alguém, Amita.Só isso.

– Confundir você? Com alguém? Até parece. More-na de olhos negros, cabelos longos e sedosos, sobrancelhas fartas, sorriso de piano, porte de rainha… – ria muito.

– Pare, sua boba! Você pega no meu pé para eu teralguém, depois fica assim, vendo coisas.

– Vendo coisas? É mesmo, estou vendo coisas. E quecoisas!

– Hani, você quer água? – pergunta a mãepreocupada.

– Obrigada, mamãe.

– O que vocês duas tanto conversam? Sua irmãparece que tem uma pilha infinita.

– Nossa! Ela me deixa tonta, mamãe. Fale para elaficar com a senhora, por favor. Pelo menos uma horinha, até eu me refazer dos traumas que ela me deixou.

– Mamãe, – disse Amita. – sabe do que a gentefalava?

– Amita. Você… – disse Hani, com medo da irmã acolocar em xeque.

– A gente falava do ishan. Mãe, a senhora não achaque ele deve se casar? Ele já está chegando aos quarenta anos de idade.

– Pare de falar do seu irmão, Amita! Depois ele ficafurioso com você. Aí, você corre chorando para o seu pai.

– Mamãe, essa menina é quem precisa se casar. Estáa cada dia pior, insuportável. Não sei o que é pior, o ishan solteiro ou ela. – aos risos, acrescenta Hani.

– Pelo visto, você vai se casar primeiro, não é donaHani?

– Do que ela está falando, Hani? – questiona a mãe.

– Ela, ela… Humm… – Hani olha para a irmã repro-vando as insinuações.

O pai, Kailash, estava conversando com pessoas conhecidas e se aproxima da esposa.

– Amisha. A festa está bonita. Lembra-me o nossoAfeganistão. Você se lembra do Natan, quando ele se casou? Festa linda! Alá seja louvado! Aquelas roupas lindas, comida em abundância e muita bebida, muita… Que saudades da nossa vila! Faz muito anos, muitos.

Amisha abraça o esposo emocionado. Lembra-se de quando tiveram que sair do Afeganistão. A família de Kailash estava sendo perseguida vorazmente por fundamentalistas religiosos. Uma facção que iniciou um terror interno na cidade de Cabul. Eram rebeldes que não aceitavam as pregações das mesquitas e os ensinamentos de amor e paz. Kailash fora torturado e ameaçado de morte. Isso fez com que o casal viesse para a América.

– Verdade, meu amor. Também sinto muita falta donosso povo. Mas somos felizes aqui. Nossos filhos formados e acostumados à nova cultura. – falou Amisha.

– Mãe, sabe, faz muitos anos, mas eu ainda sintofalta das nossas raízes. Falta dos amiguinhos, falta das estrelas do nosso país.

– Pois eu não sinto falta de nadinha, nadinha. Aquisim, a gente tem oportunidades. Sem aquela gente fanática. – comenta Amita.

– Amita, fecha essa matraca! Coitado do papai! Vocêsabe o quanto ele ama a nossa cidade. Vai magoá-lo!

– Tá bom, tá bom. Eu gosto de lá um pouquinho só.

Toda a família estava reunida na festa e o irmão, ishan, havia desaparecido. Achavam que ele estava rodando entre as pessoas. Mas havia passado muito tempo sem que ele desse ao menos um alô.

– Mamãe, cadê ishan? – pergunta Hani pelo irmão.

– Ele disse que iria pegar algo para beber.

– Ele foi galinhar, Hani. – afirmou maliciosamenteAmita.

– Amita! Penso que vou bater em você.

– Nossa! Olhe ele! Que homem, Hani Hamrita.

A conversa foi cortada pela anfitriã da festa.

– Atenção, atenção! Por favor, precisamos da aten-ção de todos. Venham!

Todos se reunirão no centro da sala esperando os parabéns. De repente, Melinda coloca sobre um apoio o quadro que Adam havia feito de presente.

Todos aplaudiram.

– Gostaria de falar uma coisinha. Sei que é o meuaniversário, mas quero homenagear esse lindo moço e um artista de primeira linhagem. Um artista internacional. O meu lindo e maravilhoso sobrinho Adam.

Todos aplaudiram e vieram parabenizá-lo pelo belo quadro, a imagem da mãe de Melinda. Uma linda imagem fotográfica em meio a flores e a luz do sol. Enquanto Amita cutucava Hani, Mary aproximou-se de Adam e o beijou.

Nesse momento, aconteceu algo inesperado. Adam de forma discreta se afastou de Mary. Ela olhou para ele sem entender o que estava acontecendo. Era muito inteligente e sentia no fundo da alma que ele não a amava como ela queria. Sabia do carinho que Adam tinha por ela, mas amor, amor de verdade,

ele não sentia. Aceitou a negação dele naquele momento, fingindo compreender o momento especial que sua tia estava lhe dando e se afastou dele.

Mas Hani, vendo aquela situação, se sentiu tão constrangida que pediu para ir embora. E nesse momento, ela percebeu o quanto aquele moço havia mexido com ela. Sentiu que ele ficou constrangido ao receber o abraço e o beijo na boca daquela mulher. Sentiu o desejo de sumir daquele local, não queria saber se aquela moça era irmã, tia, mãe, ou pior, sua esposa.

– Mamãe, vamos embora, por favor.

– O que houve Hani?

– Não estou me sentindo bem.

– Ai, filha! Coitada! Olha, vamos embora eu, suairmã e você. Seu pai e seu irmão permanecem aqui para não ficar chato. Eles irão cantar os parabéns daqui a pouco.

– Estou indo para o carro. Espero a senhora.

– Kailash, vou levar Hani para casa. Ela está meioenjoada. É melhor vocês ficarem por aqui, está bem? – disse Amisha.

– Há algo que eu possa fazer, meu amor? – per-guntou Kailash.

– Coisa de mulher, Kailash. Não fique preocupado.Eu cuido dela.

– Maninha, eu ia com vocês, mas vou ficar por aquie vou descobrir o que aquelazinha tem com ele.

– Me poupe, Amita. Vamos, mamãe.– Vamos, filha.

Naquele momento, Adam estava falando com as pessoas sobre seu trabalho. Havia muitas pessoas de fora da cidade e outras que não conheciam de perto o seu trabalho.

Ele se viu procurando a moça. Enquanto as pessoas comentavam sobre sua obra, viu parte da família de Hani e continuou a procurá-la com os olhos. Sentiu algo diferente e especial nesse momento.

De repente, um imenso vazio foi detectado por ele. Olhou para o chão e

sorriu. Parecia uma pessoa isolada de tudo e todos daquela festa. Tudo perdeu a importância, e um novo mundo surgiu em seu coração. Um mundo tão novo que não podia encontrar o chão. Flutuou por alguns minutos, sentiu inspiração para pintar, falar, cantar, pular, gritar e até sonhar acordado. Um novo homem apareceu no seu DNA. Ela, era ela que faltava em tudo o que pintava, falava ou pensava.

– Meu amor! Meu amor! Tudo bem? – Mary Annepergunta dando um forte abraço nele e ao lado de Melinda.

– O quê? Ah, sim, sim, tudo bem. – como se tivesseacordado de um sonho, ele responde de forma meio sem graça.

– Você me parece distante. Não está gostando dafesta?

– O quê? Não, não, a festa está linda, Mary Anne.Perdoe-me, Melinda.

– Mary Anne? Chamou-me de Mary Anne? É, real-mente você não está bem…

– Verdade! Acho que comi algo que não me fez bem.Será que vão demorar com o bolo?

– Nossa! Como ficou impaciente! Adam, quer mecontar algo?

Na verdade, Mary Anne sente certo distanciamento de Adam em relação ao noivado. Busca de toda a forma atrair o homem que ama para si. E as coisas pareciam piorar.

– Com licença, Mary. Vou até meu carro buscar umremédio.

– Vou com você.

Mary Anne vinha agindo dessa forma quase sempre. Marcação cerrada, e Adam não estava feliz com isso.

No carro, indo para casa, Hani e sua mãe conversam:

– Filha, querida. Nunca a vi assim, transtornada. Viualgo que te fez mal?

– Não, mamãe. Acho que não dormi bem à noite ecomi pouco. Deu-me uma tontura, mas nada para se preocupar. Estou bem agora.

– Tem certeza, meu amor? Não quer passar nopronto-socorro? Ou tomar algum remédio?

– Tenho, mamãe. Estou muito bem.

DOIS

Começa a chover. Adam, caminhando em direção ao carro, para e fica olhando o caminho por onde Hani se foi. Parado ao lado da porta do seu automóvel, ele pensa e tenta adivinhar o caminho da linda jovem. Todo molhado e disperso em seus pensamentos, havia esquecido que a irmã da jovem estava na festa com o restante da família. Sabia que não podia perguntar a sua tia e muito menos a família de Hani. Estava noivo e poderia causar um grande mal-estar.

Sob a chuva de verão, ele é despertado do transe com o grito de Mary Anne.

– Adam, Adam! O que você está fazendo, meu amor?Venha para dentro de casa. Você está todo molhado. Venha, vamos entrar.

Mary Anne sai ao encontro do seu noivo e o abraça. Num momento, ele se distrai e imagina a linda morena o abraçando naquela romântica chuva. Ao olhar Mary Anne, Adam sorri de forma sem graça e volta para a festa.

*****

Do outro lado da cidade, Hani e sua mãe estão encostando o carro na garagem de casa. A chuva torrencial faz a jovem Hani pensar naquele homem de maneira romântica. Não entende o que a levou à tamanha emoção.

Entrou em casa, foi para o quarto, tirou a roupa molhada e entrou no chuveiro. Hani não conseguia pensar em outra coisa a não ser em Adam, uma pessoa que ela ao menos sabe o nome. Chegou a pensar que ele era casado.

– Senhor, por que, meu Deus? Ele é casado! Nãoposso ficar pensando nele dessa forma. Estou me sentindo mal. Ah, essa dor de cabeça!

Ela deixa a água morna cair sobre a cabeça que desliza para as costas, aliviando a tensão. Por um momento, deixa seus pensamentos viajarem ao instante em que se olharam. Como se sabe, o amor ou a paixão surge quando

menos esperamos.

É como abrir um chuveiro: a paixão cai sobre nós, fazendo-se espalhar por todo o corpo. O sentimento de calor e alívio é tremendo. Não podemos fechar os olhos que logo nosso pensamento vai ao encontro à pessoa que às vezes nem sabemos quem é, mas sentimos quem poderá ser.

Hani estava absorta na banheira. Parecia uma adolescente. Não esperava que tal interesse por alguém pudesse ser tão profundo.

Desliga o chuveiro e coloca o seu hobby. Enrola a toalha na cabeça, pega um livro e deita-se na cama. Fica incomodada e sente certo calor no corpo todo. Levantase para ligar o aparelho de ar-condicionado. Volta para a cama, deixa o livro na cabeceira, vira-se de lado e fecha os olhos. Como se algo a estivesse incomodando novamente, fica debruço. E assim ficou por mais de quarenta minutos.

Angustiada, se levanta e vai ao banheiro. Enche de água a banheira e tira a roupa. Imerge na água até o pescoço. Fecha os olhos e começa a pensar na sua terra natal, o Afeganistão. Procura mudar os pensamentos.

Seu maior sonho era se mobilizar em prol do seu povo. Queria de qualquer forma, após a faculdade, tentar ajudar a sua comunidade a abrir os olhos, pelo menos os das mulheres para a liberdade que não tinham. Sabia das consequências que enfrentaria, mas era uma jovem dinâmica e destemida.

Hani era uma mulher forte, dócil e meiga, e com certeza, como a maioria das mulheres, romântica. Determinada e rápida para tomar decisões, ela se incomoda em se sentir subjugada a uma situação tão recente.

Massageando os pés, fica solta em seus pensamentos; busca forças para não se lembrar do homem que, por algum motivo, a fez se sentir mulher pela primeira vez na sua vida. Não houve motivação para isso, nem sabia se ele era um bom homem, carinhoso, romântico ou qualquer coisa que se possa pensar para ajudar a somar alguns sentimentos.

A confiança, mesmo nos anos 1950, estava em falta quanto aos relacionamentos. Na verdade, sempre esteve desde que o mundo é mundo. As

pessoas têm medo de confiar e serem decepcionadas. Por isso o relacionamento existe, para fortalecer a confiança. Quando nos sentimos frágeis e inseguros, o melhor é pedir ajuda a quem se ama. A pessoa em quem confiamos e amamos nunca irá rir de nossas fraquezas. Entenderá e apreciará em ser confidente e companheira. Nunca será desonesta conosco, e seu ouvido sempre estará atento para nos ouvir.

Quando o homem e a mulher são atraídos um pelo outro, certa tensão é gerada – principalmente no caso de Hani, que não tinha um relacionamento com Adam. Existem sentimentos maravilhosos quando se está em um relacionamento, como felicidade, inspiração, liberdade, confiança e satisfação. Esses sentimentos são resultados do despertar para nossas qualidades interiores. Não são sentimentos eternos e, assim, aprendemos a amar nosso parceiro também nos momentos difíceis e desafiadores.

Como diz o escritor J. Gray: *"Depois da primavera do amor – que é o momento florido e perfumado – enfrentamos o suor do verão que é seguido pelo fruto do nosso trabalho na estação da colheita. O outono do amor é seguido pelo inverno, um tempo em que parece que o amor se foi. Mas isso é temporário. Quando nos enchemos de amor, vemos com espanto a volta da primavera. Então devemos guardar esse momento que estamos transbordando para que possamos sustentar os verões e invernos do amor"*.

Dizem que no amor é como se estivéssemos esperando um trem: no momento certo, ele passa, te pega e te leva para algum lugar que você queria ou precisaria estar. Assim estava acontecendo na vida de Hani: ela estava indo para algum lugar em seu coração que nunca havia ido; estava indo do nada para lugar algum. Sabia que era bom, queria mais e mais desse hormônio que estava correndo em suas veias. Tudo aconteceu muito rápido. Perdida na fantasia e realidade, entre o possível e o desejado.

Ela, uma mulher forte e batalhadora, porém com sentimentos frágeis e dóceis. Sempre sonhou com um companheiro para preencher seus sonhos. Lá estava uma mulher totalmente entregue aos seus mais profundos sentimentos,

similar aos que nutrira para com o seu povo. Um carinho especial por pessoas que nunca havia conhecido no Afeganistão. Fortalecida por esse sentimento único, estava feliz e forte em sua fragilidade. De meninamulher se tornou uma fêmea. Sentiu-se preparada para o amor tão fortalecida que queria aquilo, mais e mais.

Saiu da banheira e colocou outro hobby sem se enxugar. Voltou para a cama e, com os olhos pesados, começou a cochilar.

O telefone toca – era a sua irmã telefonando da festa: – Alô, Hani?

– Sim, eu… – disse com a voz sonolenta.

– Nossa! Dormindo? Não acredito! – risos. – Aquiestá maior chuva, mana.

– Estou no mesmo país que você, e por aqui tambémchove bastante.

– Hani, Hani!

– Não grita e fala logo, estou morta de sono.

– Eu sei do que está morta, sua bandida.

– Do que está falando. Está louca?

Amita fala com tom irônico com a irmã. Ela sempre gostou de cutucar Hani, que é mais séria.

– Não estou, não, e quem está é aquele rapaz – rindomuito.

– Rapaz? Que rapaz? Deixe-me dormir!

– Que rapaz? Sua maluca, você sabe muito bem dequem estou falando. Do moço bonito, alto, forte, de cabelos sedosos e negros…

Hani não suportaria falar dele naquele momento. Sua dor de cabeça voltou e ela desliga o telefone sem se despedir de sua irmã.

– Hani? Alô? Hani? Desligou na minha cara! Eumato ela.

*****

Na festa

*“– **E**la não sai da minha cabeça. Maldição de vida! Logo agora, não consigo deixar de pensar nessa mulher”*. – medita Adam.

– Amor, venha! Tia Melinda quer falar com você. Oque está fazendo nessa chuva? Quer ficar doente? Venha, corra! Vou arrumar uma toalha e uma camisa seca.

Naquele momento, Adam não queria ficar seco. Estava todo quebrado por dentro. Uma coisa incrível esse sentimento! O mesmo que estava ocorrendo com Hani, e agora, Adam está compartilhando da mesma angústia.

As pessoas falavam com ele e Adam respondia de forma subjetiva. Meio atordoado, pede para ir para casa.

– Marya, vou para casa.

– Não, amor. O que houve? Você está estranho.

– Não sei, não estou bem.

– Vou pedir para titia cortar o bolo. Assim, nósvamos.

Por uma questão de respeito ele concorda.

*****

Do outro lado da festa:

– Papai, o senhor percebeu que só estamos nós doisna festa? Sua esposa e sua filha se foram. E seu filho desapareceu de vez.

– É mesmo. Desde o início da festa, o seu irmãosumiu, e nem me dei conta.

– O senhor não dá conta de nada dele, não é, papai.Agora, eu e Hani, tudo é da sua conta.

– Não fale bobagem, menina. Vocês precisam sercuidadas. Seu irmão já é um homem feito.

– Homem feito, engenheiro, forte, religioso, ame-ricano, como o senhor diz. – risos.

– Melhor nós irmos embora, filha.

– Não, calma, ainda não.

Queria saber mais sobre o rapaz que encantara sua irmã. Apesar de ser criançona, era uma moça muito esperta, principalmente se tratando de homem. Amita ainda era virgem e sem namorado, sexualmente desenvolvida e com desejos aflorados desde a meninice.

A beleza faz parte da vida, e qualquer pessoa pode aprender a ser romântica. Podemos transformar em realidade o que sonhamos nas leituras. Quando a gente romanceia um amor é tão importante como tê-lo vivido. É bom dar vida à própria vida, injetando o romance continuamente no relacionamento. Esse romance nos convida a falar manso, acariciar a pele com suavidade e dar aquele abraço gostoso. Além disso, ficamos mais gentis.

Às vezes, percebemos que somos quase nada românticos, não usamos ou quase não usamos expressões como “eu te amo, eu te adoro você é minha vida”. Isso acontece quando temos medo de amar.

– Vamos esperar o bolo. Sair agora seria falta deeducação.

– É verdade, filha. Havia me esquecido. Vamoscomer o bolo e irmos ver a sua mãe e sua irmã. Estou preocupado com elas.

– Já liguei para Hani. Elas estão bem e dormindo.Pode ficar sossegado!

*****

Ishan, irmão de Hani e Amita, era um rapaz muito estranho aos olhos dos conhecidos da faculdade e vizinhança. Formou-se em engenharia nuclear e nunca conseguiu se firmar com alguma namorada ou amigos que não fosse do seu grupo religioso. Saía na noite atrás de prostitutas e mantinha um relacionamento de amizade com Armed, outro jovem formado na mesma faculdade. Ambos oravam diariamente na mesquita de um bairro distante.

Fundamentalistas, odiavam os americanos, alimentando o mesmo pensamento de que era a América que empobrecia e matava pessoas inocentes do Afeganistão. Suas atividades eram ignoradas por seus pais e irmãs. Elas estavam acostumadas a não conviver com ele, desde a faculdade.

Ishan mudou como pessoa, se tornou introspectivo e fanático religioso; seguia perigosamente uma tendência de cunho fundamentalista. As meninas eram mais americanizadas, mais abertas e queriam ajudar seu país com a ajuda de americanos. Ao contrário do irmão, que queria ajudar seu país eliminando americanos.

– Ishan e Armed. Venham até mim.

– Aqui estamos, imã.

– Alá, o Todo Poderoso, está olhando por nós. Nasbatalhas dos nossos antepassados, vencíamos os inimigos com poucos homens e contra milhares e milhares. Sua promessa é essa! “Confiai em mim porque eu sou o Todo Poderoso”, e farei de vocês uma grande nação sobre a Terra e o Todo fará se curvarem diante de ti.

– *Allahu Akbar!*

– Os Estados Unidos executam nossos irmãos semjulgamento, sem pudor e sem misericórdia. Toda essa nação é representada por um povo e este povo tem que pagar por seus erros. Deus quer acordar essa nação para que entenda quem somos e porque existimos. Não há tempo, nem descanso. Vamos agir imediatamente. Deus se compraz dos filhos que se entregam por amor a Ele. Nossos irmãos do iêmen nos enviaram a “*Kill lists*” para ser executada imediatamente.

– Imã, estamos pronto, senhor! Alá seja louvado!

– Filhos de Alá, a guerra está matando os nossosirmãos inocentes do Afeganistão. Aquelas armas controladas pelos ataques dos Estados Unidos já causou muita devastação ao nosso país.

– Vamos impedir o crescimento desses demônios,imã. – disse ishan.

– A Guerra Santa está apenas começando. O liber-dade iniciou o desmonte dos falsos profetas. Alá seja louvado!

– Alá seja louvado! Alá seja louvado! – grita opequeno grupo de fundamentalistas.

O liberdade, com base no iêmen, também fora responsabilizado pelo atentado à bomba contra a América no dia de Natal no ano de 1928. Assim, os Estados Unidos aumentaram os ataques contra os pan-arábicos, matando centenas de líderes e outras pessoas que não foram identificadas como militantes.

TRÊS

ATENTADO TERRORISTA

Na televisão

*– **A**tentados com carros armadilhados e um bombista suicida em zonas Comerciais dos Estados Unidos fizeram mais de 50 mortos e 174 feridos, e marcaram nesta terça-feira o décimo aniversário da invasão norte-americana no Afeganistão. O ressurgimento da violência sunita, que reclama ligações ao Liberdade, põe em causa a estabilidade do país.*

– A nova onda de violência incluiu também nasegunda-feira um ataque ousado com três carros armadilhados no centro de Nova Iorque junto ao Ministério da Justiça, o qual foi também invadido por homens armados. Dois deles fizeram-se explodir no interior do edifício, conforme relatou a AFP. Acabaram por morrer 30 pessoas e 50 ficaram feridas.

– O atentado de segunda-feira foi reivindicado peloEstado Islâmico do Iêmen, a organização que agrupa rebeldes sunitas afiliados ao Liberdade e desde o início do ano tem reclamado a autoria de uma série de ataques de grande impacto.

– Dois ataques consecutivos de proporção gran-diosa. O mundo ficou mais uma vez chocado com a ousadia desses grupos terroristas. As pessoas apavoradas não saiam de casa, estocavam água e comida, e ouviam na televisão e rádio a direção a ser tomada.

– As ondas de ataques consecutivos fizeram dosEstados Unidos um país embriagado de medo, "pavor terrorista", como chamava.

*****

Dias depois…

Na casa da família de Hani, a preocupação era constante:

– Mamãe, a senhora está bem?

– Claro que não estou. Seu irmão sumiu há dias então temos notícias dele.

– Mamãe, ele deve estar bem. É um homem inteli-gente e sabe se cuidar.

– Não sei, não, filha. O seu irmão é muito ingênuo epode estar metido em confusão. Ai! Alá me livre!

A mãe estava ansiosa com o desaparecimento do filho. Ela havia notado uma mudança em seu comportamento, mas como toda a mãe, não interferiu e preferiu fazer vistas grossas.

– Mamãe, o papai vai encontrá-lo! Pode deixar!

– Ele está há dias correndo pelas mesquitas e casade amigos e ninguém o viu…

– E o Armed? Eles não se desgrudam. Vou ligar paraele.

– Eu já fiz isso, Hani. A família dele está no mesmodilema que a gente. Já procuraram por ele em delegacias, hospitais e igrejas. Nenhuma notícia. Só a Hamar que os viu no centro da cidade há uns dois dias numa lanchonete com outras pessoas. Ela acha que era um imã. Que Alá nos ajude a encontrar seu irmão! Não aguento mais essa agonia.

Como uma família muito religiosa, se reúnem e iniciam um culto de oração para tentar encontrar ishan. O pavor e a guerra intelectual toma conta de Nova iorque. Investigações relâmpago são executadas para acalmar a população, que está em delírio e temor.

*****

De repente, uma visita inesperada chega à casa de Kailash. Dois homens de terno preto e cabelos grisalhos batem a porta. Era por volta das dezessete e cinquenta da tarde. O marido havia chegado há poucos minutos, tomou banho e tentou comer um pequeno lanche. Kailash não comia há dias.

Havia uma parte de vidro na porta da casa da família, e elas puderam ver os dois homens em pé aguardando. Tocaram a campainha. Aquele foi o pior momento da família.

O coração de Amisha batia fortemente. Seus olhos se encheram de lágrimas, seu rosto se transformou em um choro compulsivo. Suas filhas a seguraram para não cair e a campainha voltou a insistir. O pai veio bem devagar e parou na antessala; não quis se aproximar. Parecia que o coração de mãe falava. O pai já não tinha dúvida de que o filho pudesse estar envolvido naquela barbárie.

A filha mais nova, Amita, abriu a porta e um daqueles homens enormes e com cara fechada perguntou:

– Aqui mora ishan Hamrita?

– Sim, sim. Quem são os senhores?

– Somos do FBI. Podemos entrar?

Nesse momento, a mãe desmaia e todos começam a chorar. O pai de longe abaixa a cabeça e sente no fundo da alma a perda do filho. Preso ou morto, a dor seria irreparável. O pai Kailash apoia sua mão na parede e lágrimas caem no carpete. Um desejo de morte invade sua alma e parece que ninguém quer ouvir o que aqueles homens tinham a dizer.

– Senhor Kailash e senhora Amisha. Acreditamosque seu filho esteve envolvido no atentado no centro da cidade. Dentre os ataques que tivemos, dois deles fizeram-se explodir no interior do edifício. Morreram trinta pessoas e cinquenta ficaram feridas.

Naquele momento, Amisha acorda e se levanta devagar. Com a mão no peito e com uma força de leoa, ela grita:

– Mentirosos! Vocês são mentirosos! – ela fala coma voz embargada e potente.

– Mãe, calma, por favor. – Hani tentou acalmá-la.

– Tirem eles daqui! Tirem eles daqui! – grita a mãefuriosa.

– Nós entendemos senhora… A sua…imediatamente, são interrompidos por Amisha que estava sem nenhum controle emocional. Aquele momento para ela era a única coisa que não podia ter acontecido. E continua:

– Vocês não entendem nada, nada! Não sabem denada, seus porcos imundos!

– Cale a sua boca. – diz Kailash tão forte quanto oda esposa. – Você não sabe o que está dizendo, Amisha! Senhores, perdoem a minha esposa, não é fácil…

– Nós sabemos, senhor. Gostaríamos de ir e voltar-mos depois, mas não será possível.

– Ok. Ok. Senhores! Podem entrar e sentar-se. Que-rem um chá?

– Obrigado, mas não. Posso continuar, SenhorKailash? Ele era amigo do seu filho? Armed Abidul Said?

– Sim, sim, eram muito amigos. – responde Kailashmeio atordoado. Na verdade, ninguém conseguia entender nada. A família estava petrificada.

– Infelizmente eram eles, os dois que se auto-explodiram no edifício da justiça americana nessa terçafeira.

– Meu Deus! Meu Deus! – impressiona-se Kailash.

Tudo parecia sem sentido. O pequeno ishan? Não entrava na cabeça dos pais que ele pudesse ter escolhido outros caminhos contrários aos da sua família. A mãe totalmente desconsertada responde:

– É mentira, Kailash! Não está vendo? Um enganonojento acusando nosso

pequeno ishan! Ele não seria capaz de matar ninguém, ninguém!

– Como vocês sabem que eram eles, senhores? Podeter tido algum engano. Aqueles homens explodiram e não deve ter sobrado nada deles. Penso ser impossível saber se eram eles ou não.

A tensão aumenta na sala da casa dos Hamrita. As meninas não conseguiam abrir a boca. Estavam paradas atrás dos pais e só conseguiam olhar para as autoridades e esperarem algum erro ou engano da parte deles.

Naquele momento, um dos oficiais pegou um pequeno gravador. Pediu desculpa para a mãe e o pai e os questionou se pode ligá-lo. O pai concordou com a cabeça. Ainda não conseguia entender o que de tão acusador podia ter num pequeno gravador.

O policial liga o gravador.

– *“Eu, Ishan Hamrita e nosso irmão, Armed Abidul, assumimos perante toda a nação americana e mundial o atentado à bomba desta terça-feira no edifício da Justiça dos Estados Unidos, em represaria aos ataques terroristas que esse país vem executando contra o nosso povo irmão paquistanês. Milhares de inocentes estão morrendo e derramando seu sangue inocente para aumentar a tirania de um país sem escrúpulos e ditatorial. Deixamos parentes e amigos neste mundo, mas em breve nos encontraremos no paraíso, onde a justiça permanecerá para sempre. Alá seja Louvado!”*

– Meu Deus! – diz Hani chorando. Papai, mamãe, é a voz dele.

– Alá me dê forças! – pede o pai.

A mãe sai da sala cambaleando como que estivesse a ponto de cair desmaiada novamente. Amita corre atrás dela e a acompanha para o quarto.

Nesse momento, os policiais têm que agir de forma tempestuosa, cumprindo o protocolo americano antiterrorismo. Nada agradável, porém necessário.

– Infelizmente, temos que interrogá-los, senhores.

– Nos interrogar? Como assim? O que teríamos comisso?

– Senhor, um membro da sua família participou deum dos atentados mais

terríveis de todos os tempos em nosso país, e todos a partir de agora são considerados suspeitos até que as investigações terminem. Vocês não serão presos, nem levados nesse momento, mas receberão uma intimação para serem interrogados. Perdoe-nos, senhor. Tenha um melhor fim de tarde.

Os policiais se foram e a família se abraçou na sala chorando e orando. Mandaram chamar um médico da família, também muçulmano, que deu uma injeção em Amisha. Os demais foram medicados com calmantes fracos para poderem ao menos refletir no que aconteceu.

*****

No dia seguinte, a casa estava rodeada de fotógrafos e cinegrafistas de todo o mundo. O assédio em cima da família era agressivo. Para as pessoas, a polícia havia desmontado uma quadrilha de terroristas na cidade.

A família deixou as luzes apagadas e não atendia a ninguém. Estavam em choque e não sabiam nem o que falar.

O telefone toca e o pai atende:

– Alô?

– Alô, senhor Kailash? Aqui é da CNN. Gostaríamosde saber do senhor como está a família após o atentado?

Ele desligou o telefone e ficou estático olhando para a janela, vendo as dezenas de pessoas do lado de fora da sua casa.

Os canais de televisão noticiam os acontecimentos e mostravam a frente da casa da família, o que causava um trauma ainda maior para a família de Hani. Centenas de pessoas paradas na porta da casa com faixas e cartazes, gritando “Fora seus terroristas assassinos, malditos! Que sejam mortos! FORA! FORA! FORA!”

Em alguns quilômetros dali, na casa de Adam, Mary pergunta:

– Adam, você viu isso?

– Isso? O quê? – perguntou Adam assustado.

– Lembra-se daquela família na casa da titia?

Aqueles estranhos?

O coração de Adam dispara e fica tenso.

– Qual família? No aniversário?

– Aham, no aniversário da titia. Venha ver!

– Um momento. Já estou indo, Marya.

Adam sabia dos atentados e nunca passara por sua cabeça a mínima possibilidade de uma família, amiga da sua tia, fazer parte daquilo. Ficou perplexo, não conseguira acreditar. Ficou desesperado. Não acreditara nas notícias a respeito daquela família. Até podia aceitar que o irmão de Hani tenha participado dos atentados. Mas aquela família? Jamais, jamais.

– Meu Deus, que tragédia. Que dor! Vou falar coma Tia Melinda. – disse Adam.

Adam telefona para a tia.

– Tia Melinda, como vai? Estou acompanhando asnotícias. Conte-me sobre essa família!

– Da, – como é chamado pela tia – conheço aquelaspessoas. Tenho a absoluta convicção de que não têm nada a ver com o acontecido. O irmão sim, existem provas, mas as meninas são pessoas de extrema confiança e delicadeza. A mãe e o pai são pessoas que dariam a vida por alguém. São religiosos, mas nunca fanáticos. Já fui à igreja com eles. Estou chocada. Já tentei falar com eles por várias vezes e não consigo. Estou aflita.

– Tia, me deixa ajudar essas pessoas?

– Meu filho, se precisar, te chamo. Estãoincomunicáveis.

– A senhora tentou saber se eles têm advogados?

Mary Anne ouve indignada. Não aceitava o envolvimento do noivo nessa história.

– Adam, por favor, o que você tem haver com isso?Por favor! – disse Marya.

– Tia, tia. Vamos falando. Beijos! – desliga Adam. –Mary Anne, as pessoas estão sofrendo com o acontecimento na vida delas e você me pergunta por quê?

– Sim, eu pergunto. Eles merecem o que estãopassando. Aquele maluco fez isso, e não sei não se eles… – Cale a sua boca! Você não sabe o que está falando. – Calar a minha boca? O que é isso, meu amor! Brigando comigo por causa de pessoas que nunca conheceu na vida.

Adam estava muito irritado pelo acontecido e foi extremamente rude com Mary Anne. Nunca havia falado com ela nesse tom. A situação o transtornou.

– Com licença, tenho que sair.

– Amor, amor, aonde você vai? Vai sair assim, bri-gado comigo?

Adam sai de casa e procura saber o endereço da família de Hani. Procura toda informação possível e impossível. Em primeiro lugar, ele foi à casa da Tia Melinda.

Na casa da família de Hani, todos ainda sofrem com os acontecimentos.

– Minha mãe, Alá cuidara de nós. Não fica assim,meu amor.

– Sua mãe não fala há dias, minha querida.

A mãe estava em estado de choque profundo e depressão. O pai, com acesso de solidão e desamparo. Não consegue entender aonde errou na formação do caráter do filho. As irmãs, com calafrios no corpo e com medo. A situação cresce a cada dia. A cobrança das cabeças da família é tão grande que a polícia está perdendo o controle da ira dos americanos. Não conseguem sair de casa, não podem dar entrevistas, e tudo pode ser usado contra eles.

– Filhas, vamos chamar a imprensa e falar sobre oassunto. Não podemos ficar sem pedir desculpas às famílias dos mortos e feridos no atentado.

– Tem certeza, papai? O que podemos falar semsermos interrogados como culpados? Eles não irão acreditar numa família do Afeganistão em que o filho

era um fundamentalista assassino sem o nosso conhecimento.

– Não fale assim do seu irmão. – disse a mãe.

– Mamãe?

– Lave a sua boca imunda antes de falar de ishan.Vocês não sabem de nada. Eu conhecia o coração do nosso menino. Se ele fez algo de mal aos nossos olhos, aos olhos dele e de Alá, ele estava cuidando do nosso povo no Afeganistão.

– O que é isso, mulher! Não sabe o que está falando.

– Sei muito bem o que falo e o senhor não se atrevaa falar com a imprensa. Se falar do nosso filho, eu direi que sabia, sim, o que ele iria fazer e vou defendê-lo até a morte.

– O que está acontecendo em nossas vidas, meuDeus! Que Alá cuide da sua mente. – fala Kailash, a respeito da esposa.

– Mamãe está muito nervosa ainda. Papai, deixe-nosa sós e, por favor, não fale com a imprensa, ao menos por enquanto.

– Hani tem razão, papai. Vamos deixar a mamãemelhorar desse trauma.

– Está bem. Cuide dela para mim. Vou tomar o remé-dio e tentar descansar.

De repente, ouve-se um barulho grandioso. Uma enorme pedra fora atirada na janela da sala da família com um bilhete escrito “Fora da América! Assassinos!”. – Papai, papai! – grita Hani chorando.

– O que foi, minhas filhas? – ele se aproxima dasmeninas e lê o bilhete – Meu Deus, o que é isso? Vamos chamar a polícia!

– Não, papai. Deixe as coisas assim! De nada vai adiantar isso agora. Só vamos tumultuar mais e mais nossas vidas. Ai, meu Deus, nos ajude!

– Venham, meninas. Arrumem as malas. Vamos sairde casa por uns tempos.

– Pai, vamos para onde? Nossos rostos estão emtodos os lugares da Terra.

– Vou falar com o rabino El Shadai. Ele irá nosajudar.

– E a mamãe? – pergunta Amita.

– Está dormindo. Tomou o remédio e desmaiou.

– Coitada! Que Alá a proteja e fortaleça o seucoração!

Todos estavam esgotados e com medo. Seguiram para os quartos e foram ao menos tentar dormir. Logo cedo, às cinco horas da madrugada, Kailash sai e quebra a corrente de alguns repórteres de plantão. Estavam dormindo e decidiu sair para tentar receber alguma ajuda.

Por volta das nove horas da manhã, ele volta para casa e fala com as filhas.

– Fui à casa do rabino. Falei o que estamos passan-do, ele disse que não pode nos ajudar. Falou que poderia envolver o nome da Alá na confusão e pediu me para entender.

Hani recebe a notícia de forma natural. Sabia o que enfrentariam após o trágico acontecimento.

– Eu já imaginava, papai.

– Eu os entendo, filha. Nós não temos o direito deenvolver a sua comunidade e o templo em nossos problemas.

Nesse momento, alguém toca a campainha. Ficam assustados e com medo de atender. A insistência era muita e Hani foi olhar pelo vidro quem poderia ser. Viu quem era e abriu a porta. Era Melinda e Adam.

QUATRO

Um momento de tensão. Hani e Adam se olham por alguns segundos. Os corações disparam. Ela sente um alívio sem par. A presença de Adam fortalece a sua alma, renova as suas forças e ela volta a acreditar na justiça divina.

Aquele segundo foi talvez o mais importante da sua vida. Uma mistura de susto e alegria embaralha o coração de Hani. Ela suspira forte, dá um sorriso maroto e seus olhos se enchem de lágrimas.

Como pano de fundo, estavam dezenas de pessoas, incluindo a imprensa do lado de fora da casa. Para Hani, era como se não existisse ninguém além de Adam.

Melinda entra sem pedir licença, passa por Hani e corre a abraçar a pequena Amita, que chorava copiosamente.

Os dois permaneceram mais alguns segundos eternos se olhando. Tremendo por dentro numa euforia sem par. A imprensa vem com toda a força para tentar conseguir alguma palavra da família e, de repente, Hani pega na mão de Adam e o puxa com toda a força para dentro de casa. Ele acaba batendo de frente com ela e os dois caem na sala um em cima do outro.

O momento fica ainda mais tenso. Ela entra na alma de Adam e ele sente ser tomado por Hani. Que momento!

A irmã corre para fechar a porta e fica espantada com a posição de Hani com Adam.

Com o rosto frente a frente, ela, sem graça e toda vermelha, sente o cheiro de Adam, e Adam o cheiro de Hani, ambos como animais, pelo instinto aceita o companheiro como parceiro eterno.

– Venha, meu jovem. – diz o pai, levantando-o. Malsabe ele que não era isso o que queriam, mas a situação já estava ficando fora de controle.

– Obrigado, senhor.

– Kailash, meu jovem. Kailash, a sua disposição.

– Muito prazer, senhor Kailash. Sou Adam Gregório.– Este é o meu sobrinho querido, Kailash.

Amita fica parada de boca aberta com o que está vendo. Parece que, por algum momento, a família saiu da pressão que estava vivendo, com a presença dos dois. Melinda era uma boa mulher, amava ajudar. Assim se fazia o seu dia a dia com as pessoas menos favorecidas. Foi ao encontro da família disposta a ajudá-los com o que fosse preciso.

– Preciso que me falem com sinceridade o que estáacontecendo por aqui. E é claro que eu imagino a situação de vocês.

Melinda fala preocupada porque sabia que a família estava sem sair de casa por vários dias e que o assédio era brutal.

– Olha, Melinda, – responde Hani – desde aqueledia, estamos sendo perseguidos pela população e pela imprensa. Meu pai gostaria de falar com os jornalistas, mas mamãe tem medo dele sujar a memória do nosso irmão. A situação está bem complicada. Eu entendo a mamãe e também o povo americano. O medo faz com que as pessoas se protejam de qualquer forma, mesmo condenando inocentes, como é o nosso caso.

– Senhoras, por favor. A melhor coisa que podemosfazer é tirá-los daqui, até tudo se acalmar e voltar ao normal.

– Se é que algum dia irá voltar ao normal, não é,senhor Adam? – responde Hani.

– Sejamos otimistas. No momento do acontecimentoaparecem muitos justiceiros, mas a América não é assim. Se fosse, todas as mesquitas estariam fechadas. Vamos com calma raciocinar e tirá-los daqui por algum tempo. O suficiente para a maré baixar. – disse Adam.

– Veja bem, – disse Melinda – nós temos uma pe-quena casa nas montanhas e está vazia. Usamos somente para veraneio. Vocês podem ir para lá por um

período. O que acham?

Aquilo seria um alívio para todos. A oferta reparou arestas que estavam abertas na família.

– Por mim, tudo bem, Melinda. Mas e a mamãe?Não sei se ela aceitaria. – respondeu Hani.

– A mamãe não está em condição de decidir nada. –disse o pai – Para o bem da minha família, eu aceito de bom grado, senhora. Mas temos medo das pessoas se revoltarem contra a sua família.

– Senhor Kailash, o meu problema não é medo e simfalta dele. Meu sobrinho está furioso com o que estão fazendo com vocês e está disposto a levá-los.

– O mais urgente possível. – disse Adam. – Vamosfazer o seguinte: vocês arrumam as coisas, o básico, e eu venho na madrugada buscá-los, por volta das três horas da madrugada, pode ser?

– Acho uma boa ideia, Adam. O que vocês acham?A viagem leva umas quatro horas?

Os olhos de Hani não se desviam dos de Adam. Admirou a sua coragem e determinação em ajudá-los. Um homem que nem ao menos sabia quem eram ou se estavam envolvidos no ataque. Adam tinha a convicção de que estava fazendo o certo. Ele e Melinda nunca pensaram em participação de alguém da família a não ser o rapaz.

Adam estava radiante e não mediu esforços para ajudar a família de Hani. Sentiu um alívio e ao mesmo tempo um enorme peso, porque enfrentaria não somente a população americana, mas a sua noiva. Ela jamais iria entender tamanha destreza de Adam em ajudar alguém que nunca havia visto.

A família se sentia cuidada, amparada e mais fortalecida. Nenhuma pessoa ou igreja queria ajudá-los. Todos estavam com medo e havia certa dúvida em relação da família Hamrita com o terrorismo. As igrejas, os irmãos, amigos e vizinhos simplesmente ignoravam a presença e os telefonemas. Com essa ajuda,

criou-se uma espécie de bálsamo sobre eles.

– Combinado. Volto às três horas da madrugada parapegá-los. Pode ser, Hani?

– Sim, sim, claro, senhor Adam, pode ser… Pode,papai?

– Por mim, estaremos todos prontos nesse horário.Vamos falar com sua mãe mais tarde, ela está sob o efeito de medicamentos e dorme.

– Está bem, meus queridos. Vocês não se preocupemcom dinheiro e compras, que vou pedir para o caseiro encher a despensa com o que for necessário.

– Obrigado, obrigado! Que Alá possa lhe abençoar,senhora Melinda! – agradece Kailash.

– Agradeça também ao senhor Adam, né, papai? –sussurrou Hani.

– Sim, claro, o senhor Adam também. Não sei comoagradecer.

Adam se sentiu envaidecido com a forma com que Hani cobrou do pai o agradecimento e a forma que sorriu para ele.

– Não tem que agradecer, só aceitar o convite e tudoestará bem. Até logo. – responde Adam se despedindo.

Foram embora e a família se abraçou e todos choraram. O peso dos acontecimentos era muito forte para pessoas tão simples e honestas. Receber de uma nação uma condenação só por ser uma família afegã era muito dolorido.

O pai foi dormir e cuidar da mãe e as meninas ficaram na sala conversando:

– Hani. Hani.

– Estou atordoada! Nem sei o que pensar, quantomenos falar.

– Minha irmã, não tem o que falar. Esse cara te amae muito.

– Como ama? Nem me conhece!

– Você o conhece? Não! E está caidinha por ele. –risos.

– Quem disse?

Ela não tentava esconder o sentimento que nutria por Adam. Seu coração

não conseguia ser barrado, porque ele estava noivo. Ela não conseguia assimilar e ter forças para fugir desse sentimento.

– O seu coração: ele falou e eu ouvi.

Elas se abraçaram sorrindo.

– Posso te falar uma coisa. – disse Hani.

– Fala! Fala! Estou ouvindo.

– A presença dele me deu forças, sabia? Conse-guimos até sorrir com essa tragédia toda. Sinto-me querida, amada e fortalecida, e eu sei, eu sei que é meio fora de propósito, mas me sinto assim. Cuidada, amparada. Melinda está sendo de um valor sem par e com ela vem ele! – risos.

– Poxa! Estou feliz novamente. Pensei que a nossavida estava por fim. Não tinha mais prazer em acordar. Perdemos o emprego. Perdemos os amigos. Perdemos os irmãos da igreja.

– E perdemos o nosso querido irmão. – lamentaHani, com os olhos cheios de lágrimas.

– Irmã, não vai ficar remoendo essa situação. O queaconteceu, aconteceu. Acabou.

– Verdade!

Eram por volta de meia-noite e não havia ninguém na região. Somente carros das emissoras de rádio e televisão.

*****

Do outro lado da cidade, uma reunião de celebração acontecia na mesquita em que o irmão de Hani, ishan, era membro.

– Alá seja louvado! Engrandecido seja o Santo nomede Alá. Missão santa e cumprida. Hoje o nome de Alá está em todos os lugares de comunicação do mundo. Conseguimos chamar a atenção de centenas de milhares e milhares para

o nosso objetivo. Acabar com esse povo de Satã. Nossos irmãos estão hoje no paraíso glorificando Alá, e com suas virgens cuidando com amor e ternura desses que, com coragem, fizeram a obra mais importante do planeta Terra.

– Alá seja louvado!

– Alá, Alá, Alá…

– Irmãos de fé! Estamos novamente reunidos parapreparar outra investida contra o inferno. Nossos líderes querem dar um ano de terror na vida dessas pessoas ingratas e maldosas. Depois, invadirão locais do governo e eles sentirão a mão de Alá. Queremos homens preparados para que, quando chegar a hora, estejamos prontos.

Venham, meus guerreiros de Alá.

– Eu, imã. Estou pronto.

– Eu, imã. Estou pronto.

– Eu, imã. Estou pronto.

– Louvado seja Alá! Três irmãos preparados paraglória de Alá!

Neste momento, escutaram uma explosão e a fumaça invadiu a mesquita. Dezenas de policiais entram atirando e matando todos que estavam na reunião. A polícia havia gravado toda a conversa por dias e, finalmente, interromperam a conexão do iêmen com os Estados Unidos.

O chefe de polícia ficou irritado com a forma que eliminaram os terroristas rebeldes. Ele queria interrogar as pessoas para tentar encontrar o ponto forte e o líder. A desculpa foi que, mesmo sendo presos, nenhum deles entregaria ninguém, só serviriam de mártir para outros adeptos.

A notícia sai imediatamente na televisão e em todo o planeta através de telex e Código Morse. As polícias noticiam através da imprensa toda a conexão com o Afeganistão, os nomes e quem era o líder nos Estados Unidos.

Em poucos momentos, a casa de Hani estava lotada novamente. O alvoroço acorda toda a família, por volta das duas horas da madrugada.

*****

O “toque” estabelece o vínculo

Conforme combinado, Adam chega para buscar a família. Soube do desastre que ocorreu na mesquita e ficou preocupado com a forma como a polícia agira no caso. Ao chegar, Amita abre a porta e Adam entra.

– Obrigado, do fundo do coração, Adam. Eles jáestão descendo. Você viu o que aconteceu?

– Sim, e vim correndo. Imaginei que a imprensaestaria toda em frente a sua casa.

– Estou apavorada. Mamãe ainda está dopada, e porisso estamos atrasados.

– Não tem problema, Amita. O importante é vocêssaírem dessa desordem. Essas são as suas malas?

– Sim, são. – fala Amita aflita.

– Posso ir colocando no carro. Assim, vamosadiantando.

– Claro, Adam. Pode, sim.

Cinco minutos depois, descem a mãe e o pai.

– Papai, o Adam está lá fora arrumando o carro paracolocar nossas coisas.

– Onde está sua irmã? No quarto? – pergunta o pai.

– Vou subir e ver o que está acontecendo. – respondeAmita.

No quarto, Amita vê sua irmã chorando:

– O que houve, minha irmã? Ei, fala comigo. Nãofique assim, por favor.

– Amita, estou com uma sensação péssima. Meucoração está aflito demais.

– Pare com isso, Hani. Estamos indo embora paracasa de Melinda. Adam já chegou e papai com mamãe já estão no carro. Ela está dormindo, dopada.

– O que será da gente, Amita?

– Será que tudo voltará ao normal? Teremos de voltao nosso lar, as nossas

vidas? Seguiremos louvando Alá e voltaremos a ser felizes? Eu não sei. Mas você sempre foi a base forte entre a gente, Hani. Se você desmoronar, todos cairão.

– Certo. Certo. Está bem, desculpe-me. Estou bem,foi só um momento de fraqueza passageiro. Vamos?

Os pais das meninas já estão confortáveis no carro. Eles descem e se encontram com Adam na sala. A imprensa tenta de todas as formas contato com a família. Estavam olhando a correria da mudança e, em poucos minutos, carros da polícia cercam a casa de Hani. Um som ensurdecedor de sirenes e a casa está tomada. A polícia invade na presença da imprensa.

– Todos parados! Onde os senhores pensam quevão?

Ouvem-se gritos de desespero de Amita e Hani. Ela se joga nos braços de Adam em soluços e o aperta com todas as suas forças. Ele retribui a força e o abraço e naquele momento o vínculo se torna definitivo e de alma.

As luzes das televisões e invasão de dezenas de policiais deixam todos num pavor sem par. O pai é retirado do carro juntamente com a mãe, em estado de sonolência. A imprensa tenta entrevistar o casal:

– Como vocês planejaram o ataque no prédio dajustiça americana?

– Senhor, você como americano, por que se uniu aessa religião e a essas pessoas? – um jornalista questiona

Adam.

– Tem mais pessoas envolvidas além de vocês?

Fleches e luzes os incomodam.

Ao ficar assustado com as perguntas, naquele momento Adam sentiu que estava num problema mais sério do que imaginou. Hani chorava muito e gritava com a imprensa dizendo que ele não tinha nada com isso e que só estava ali ajudando uma família apavorada, mas não tinham ouvidos.

– Qual o seu nome, senhor?

– Adam.

– Senhor Adam, por gentileza, coloque suas mãospara trás. E os outros também.

– Senhores, há um grande engano nisso tudo.

– Senhor, por favor, isso o senhor irá explicar nadelegacia. Melhor ficarem quietos e nos seguir sem resistir.

O pavor havia anestesiado Hani. Ela se portou forte como uma dama. Sabia da inocência de todos, assumiu tal condição e se deixou levar. De cabeça erguida, a família desce para o carro da polícia, com toda a imprensa alvoroçada sem obter nenhuma resposta de ninguém.

Toda a vizinhança na porta, pessoas do bairro se aproximam, crianças, todo tipo de gente. Amigos da mesquita, quando vieram para acompanhar o evento, foram surrados por transeuntes.

"*Caos na madrugada*" – diz o jornal local. Notícias tomam conta das rádios e jornais, revistas e televisão. No conceito americano, aquela família fazia parte dos acontecimentos do terror acontecido na América.

CINCO

Melinda é acordada no meio da noite pelo som de sua campainha. Ao abrir a porta, se depara com toda a vizinhança em sua casa.

– O que houve? – pergunta Melinda assustada.

– Melinda, você não viu o que aconteceu com oAdam? – responde uma vizinha.

– Meu Adam? O que aconteceu, pelo amor de Deus?

– Ele está preso com aquela família de terroristas. –responde um vizinho.

– Família? Terroristas? Vocês são loucos!

Bate a porta na cara dos vizinhos e corre se trocar. Telefona para seu advogado e busca informações para saber em qual local delegacia eles estavam.

A noiva de Adam, Marie Anne, estava em casa dormindo. Não fora incomodada por ninguém. As poucas pessoas que sabiam do fato ficaram com medo de levar a informação para ela. A cidade havia trocado a noite pelo dia. Toda movimentação estava na madrugada. Agitação total.

Há polícia em toda a parte, perseguindo ao povo muçulmano. Cercos nas mesquitas, líderes religiosos sendo interrogados. Um levante poderoso se fez e toda tropa especial do exército e marinha estava em ação. Um alerta fora tocado para que toda a cidade ficasse atenta a uma resposta de retaliação.

Do outro lado da cidade, havia um pequeno grupo de rebeldes que estava esperando um momento para agir. Numa reunião de emergência, os três fanáticos resolveram atacar. Não tinham ligação com nenhum grupo terrorista. Eram meninos de dezessete anos que sonhavam com o paraíso e suas virgens.

Foram a um lugar ermo, e numa lata de lixo, colocaram uma bomba caseira de impacto médio. Em alguns minutos, ao deixarem o local, ocorre a explosão. Isso inicia um novo caos nas autoridades locais.

As ruas ficaram em poucos minutos lotadas de carros de bombeiros e

ambulâncias circulando para todos os lados. Buscam mais notícias sobre novos atentados e a apreensão aumenta a cada minuto. A polícia e as autoridades vinculam o pequeno ataque como uma forma de inibir a prisão da família de ishan. Com isso, aumenta a certeza da participação de todos nos ataques ocorridos e, o pior, na prevenção de novos ataques.

No local onde estavam presos, chegam o advogado, Dr. Marshal, e Melinda.

– Gostaria de falar com meus clientes.

– Doutor, como vai? É melhor o senhor esperar naoutra sala. No momento, será impossível falar com qualquer um deles.

– Isso é inconstitucional, senhor.

– Verdade, doutor. A morte de inocentes americanostambém é inconstitucional, o senhor tem razão. Vá para a outra sala e aguarde; senão, volte depois.

O advogado tentou mostrar para a imprensa a inconstitucionalidade do caso, mas ninguém dava ouvido a quem quer que fosse a favor da família. As pessoas vinculavam os novos ataques terroristas com o anterior.

Achavam ser as mesmas pessoas.

O pavor agora estava por todos os lados: na cidade, nas famílias, nas polícias e nos acusados. A hora parecia não passar. Melinda e o advogado ficaram sentados por muito tempo na ante-sala da delegacia.

Por volta das nove horas da manhã, Mary Anne aparece na delegacia apavorada e sem acreditar que seu noivo estaria envolvido no caso “Alá explode”, nome denominado aos ataques.

Melinda explica que a culpa era dela, por ter envolvido Adam para ajudar a família e Mary fica furiosa com a tia, por ter envolvido o seu amor em tamanha enrascada. Pessoas que ela pouco vínculo tinha. Criou mais tensão no local e foi expulsa da delegacia.

Mary Anne sai andando pela cidade com uma amiga. Desorientada, vai até a casa de Hani. Ao chegar ao local, vê dezenas de carros da imprensa. Para em

frente àquela casa e odeia de morte tudo que envolve aquelas pessoas. Resolve chamar alguns dos veículos que ainda tinham repórter ali e diz que gostaria de dar uma declaração. Um amontoado de estagiários começa escutar Mary Anne. Os demais repórteres que estavam na delegacia são avisados da declaração e correm para a casa de Hani.

Melinda percebe o alvoroço e quer saber se algo está acontecendo com seu sobrinho. Alguém diz a ela que uma moça maluca está dando declarações sobre o caso na frente da casa da família.

Melinda se desespera e logo vem em sua cabeça Mary Anne. Diz ao advogado para aguardar o desenrolar do caso na delegacia e corre ao encontro de Mary Anne.

Os repórteres entrevistam Mary Anne.

– Qual é o seu nome?

– Me chamo Mary Anne, noiva de Adam Gregório,um excelente homem. Trabalhador, honesto e americano na sua excelência.

– A senhora defende o homem que estava fugindocom toda a família de terroristas?

– Ele não estava fugindo e sim ajudando essaspessoas. Ele é ingênuo e foi um pedido da minha tia Melinda, a mulher que o criou, como se fosse a mãe dele.

– Espere um momento. Essa tal de Melinda tambémestá envolvida com essa família?

– Não, eu não disse isso. Ela conhecia a família, elesforam até no aniversário dela. Foi lá que meu noivo os conheceu.

– Ele conheceu a família num aniversário e algunsdias depois dá abrigo a terroristas.

– Vocês não entendem?

– Não senhora. Não entendemos. Explique!

– Meu Deus, não devia falar com vocês.

– Mas já falou e nos alertou que tem outra pessoaenvolvida nesse caso. Dona Melinda, esse é o nome?

– Vou falar pela última vez. Ela e ele não têm nadaa ver com essa família de terroristas. Se alguém explodiu algo, foram eles e não meu noivo e minha tia.

– Então a polícia está certa em prender a família deishan?

– Deve estar, mas não meu noivo.

Melinda chega tarde demais. As declarações bombásticas de Mary Anne reforçam a barbárie que a polícia vem fazendo na vida da família.

– Mary Anne, você é louca? Diz Melinda.

– Tia, eu tinha que defender o Adam.

– A senhora que é a dona Melinda, amiga dosterroristas?

– Olhe o que você fez. Vamos já para casa!

– Senhora, senhora. Dê uma declaração. Segundo asua sobrinha, foi a senhora que motivou o rapaz a fugir com todos daquela casa.

Melinda empurra sua sobrinha e amiga para dentro do carro e vai embora para casa. Inconformada com a atitude da menina, fica furiosa e a culpa por envolver mais pessoas inocentes nesse caso.

A polícia interroga a todos e não encontra subsídio legal para mantê-los presos. O maior problema é a opinião da população e da imprensa. Todos querem mais culpados, não querem depois da última explosão, que as pessoas supostamente envolvidas saiam livres.

Depois das investigações, a polícia chega até os autores do atentado, os quais colocaram uma bomba em uma lixeira da cidade.

Aqueles jovens estavam tão empolgados com os noticiários que se deixaram achar. Em minutos, dezenas de repórteres estavam ali, fotografando e entrevistando os pequenos terroristas.

No momento em que estavam sendo algemados, foram abordados por

repórteres sedentos por novas informações.

– Como foi estabelecido o ataque e por que deto-naram a bomba na lixeira?

– Meu nome é Efrain, fui eu quem montou a bomba.Queríamos chamar a atenção das autoridades da América para soltarem a família de ishan.

– Vocês conhecem essa família? E qual o envol-vimento delas nesses casos.

– Conhecemos todo mundo. Somos todos filhos deAlá e temos planos de acabar com a maldade no mundo e estabelecer paz na Terra.

– Matando pessoas inocentes?

– Vocês não são inocentes. Vocês não podem ficarvivos, seus consumistas nojentos…

– Chega, por ora é só, senhores. – disse o chefe dapolícia, colocando os dois jovens na viatura.

O ambiente ficou pesado e, após as investigações, concluiu-se que aqueles meninos eram realmente problemáticos e que não havia ligação com os terroristas do iêmen. Fecharam ali o caso.

Como uma bomba, a notícia da outra explosão se espalha, complicando ainda mais a situação da família. No momento em que estavam assinando a soltura dos réus, todos voltam para um novo interrogatório.

Polícia, presos, advogado e imprensa. Depois de algumas horas de sono, todas as atividades voltaram ao normal. As pessoas, descansadas e menos tensas com a prisão dos garotos, futuros terroristas, estavam mais centralizadas.

SEIS

Na casa de Melinda:

– Tia Melinda, não sei o que falar! Estou tão mal,agora vejo o mal que causei para vocês. Meu Deus! Adam vai se complicar ainda mais por minha causa. E a senhora também.

– Mary Anne, agora não adianta chorar. Vamospensar em como ajudar a todos, inclusive aquela família.

– Tia, por favor, não me peça isso. Tudo menos nosenvolvermos nesse assunto.

– Mary, ele e eu já estamos envolvidos nesse assun-to. Agora você também acabou de se envolver.

– Meu Pai! Não acredito que estou metida nisso.Como será que ele está? Meu coração está apertado.

– Não sabemos como ele ou qualquer um está. Nemo advogado conseguiu contato. Eles não estão respeitando nada e ninguém. Querem justiça com as próprias mãos. Vamos esperar e aguardar o desenrolar das coisas. Toca o telefone:

– Alô! Sim, sou eu, doutor. Sim, entendi. Claro, podeficar tranquilo, estamos indo. – disse Melinda.

– O que houve tia? Está tudo bem? E com o Adam?– pergunta Mary Anne.

– Sim, tudo bem. Vamos correr, vou explicando pelocaminho.

Saíram de carro para a delegacia. No caminho, Melinda explica a conversa com o advogado.

– Fale tia, pelo amor de Deus!

– Dr. Marshal me disse o seguinte: ele conseguiufalar com todos e com o chefe da operação. – Sim, e daí?

– Eles querem falar comigo e com você por causadas declarações. Segundo Dr. Marshal, a coisa caminha bem, e depois do sono, as pessoas baixaram a adrenalina e voltaram para a constituição. Receberam uma ligação do ministro da justiça que colocou equilíbrio em tudo. Deu uma entrevista falando sobre o caso. Estamos chegando e saberemos mais.

Estacionou o carro e foi para o encontro do advogado. A imprensa pressionou Mary para que desse uma declaração, mas ela se negou.

– Dr. Marshal, que boas notícias, meu amigo! – dizMelinda, bem otimista.

– Sim, muito boas. O governo federal entrou nocircuito e colocou os pés de todos no chão. A coisa estava virando um caos, segundo o ministro, e que não poderiam agir como agiram os terroristas, cerceando o direito de defesa, acusando e condenando as pessoas sem o direito de defesa. O ministro acrescentou que eles podem ser inocentes. E que não queria a instituição americana envolvida em tamanho erro judicial. Seria o caos para as instituições regidas pelo regime de liberdade e democracia instituída pelo país.

– Que bom doutor. Alguém de senso e respon-sabilidade. E o que querem de nós?

– As declarações de Mary Anne caíram como umestopim na comunidade. Ou seja, deu a impressão de que todos, inclusive a senhora, estavam envolvidos nesse caso.

– Que absurdo! – disse Mary Anne.

– O maior problema, – continuou Dr. Marshal. – foique Mary Anne confirmou que a família fazia parte do grupo terrorista e tentou isentar seu noivo e a senhora.

– Não quis dizer isso!

– Mas disse Mary Anne. – completou Melinda.

– Como está Adam?

– Eles estão bem. Fui conversar com ele e com afamília.

– Me conta Dr. Marshal! – pede Melinda.

– Ele está com uma aparência de cansado somente.Sua cabeça está ótima. Está tranqüilo quanto a tudo. – disse ele. – Eles estavam sendo liberados, mas de repente ocorreu um novo atentado à bomba.

– Na verdade, ele é um bom homem. Percebi que eleestá muito seguro. Eles estão isolados de tudo e todos. Não sabem de nada do que aconteceu e acontece por aqui. Não quis preocupá-los com más notícias e disse que vocês estão aqui a esperar por ele.

– E ele?

– Ficou muito feliz em saber do carinho e amor de vocês.

– Preciso abraçá-lo, beijá-lo. Saudades dele. – emociona-se Mary.

– Acho que eu também. – confirma Melinda.

Mais uma hora se passou e a tensão ainda estava no ar. Todos ainda aflitos aguardavam o chamado para um interrogatório. Então, o chefe de polícia os chama para conversar:

– Senhoras Melinda e Mary Anne? Meu nome éCarter, chefe de polícia e responsável por este caso. Olá, novamente, Dr. Marshal, como vai o senhor?

– Estamos aqui para ajudar e solucionar o caso devez, senhor Carter. – respondeu Dr. Marshal.

– Sim, todos nós estamos. O governador e o pre-sidente já fizeram contato conosco. Senhoras, em relação ao envolvimento de vocês com o atentado que acometeu essa cidade, não precisam responder, pois nossas investigações já chegaram à conclusão de que Adam e as senhoras nada têm com a família e muito menos com os atentados. O problema foi que o senhor Adam estava, como costumam dizer, no lugar errado e na hora errada, quando os policiais abordaram família.

– O senhor não sabe o quanto me alivia ouvir isso,senhor Carter.

– Veja bem. Por ordem do governador, nós ainda omanteremos

supostamente preso, porque o risco de morte é muito grande caso ele saia por aquela porta. A família ainda será investigada, porém vocês estão livres de qualquer outro constrangimento. Pedimos um pouco mais de paciência para que a notícia oficial se espalhe por toda a nação. O risco será bem menor, mas cuidado, existem fanáticos tanto lá como por aqui e não queremos mais mortes envolvendo religião ou outra motivação de justiça branca.

– Entendemos senhor. Tem razão. Iremos ficar otempo que for preciso para que as coisas se acalmem. Podemos ver nosso Adam? – pergunta Mary Anne.

– Sim, podem sim. Precisamos mais alguns minutose levaremos vocês até ele e a família. Todos estão bem. Menos a senhora mãe, que está numa depressão profunda. Ela foi medicada e não reage. Está sendo levada ao hospital.

– Meu Deus! – lamenta Melinda.

Mary abraça Melinda. O chefe se retira da sala e o advogado as ampara com as mãos nos ombros.

*****

Enquanto isso, um dos canais de televisão mais importantes do mundo noticia uma mensagem gravada em Cabul pelos rebeldes suicidas:

"– Os insurgentes do Liberdade, no Afeganistão, anunciaram neste sábado o início de sua "ofensiva de outono" anual contra o governo apoiado pelos Estados Unidos, prometendo uma série de ataques no solo americano, caso as tropas americanas decidam invadir seu país. Os extremistas islâmicos disseram que haverá vários atentados suicidas".

"– Prometem haver ataques internos por pessoas afegãs e táticas militares especiais, tendo como alvo edifícios diplomáticos e prédios governamentais, para provocar o máximo de baixas. Diante da ameaça, a situação fica cada vez mais complicada para as autoridades americanas."

A cada momento, o país americano entra em um surto de terror. Notícias se

espalham e, como um tornado, tomam formas cada vez mais tumultuadas.

Mais tarde, Adam foi liberado primeiro, indo direto para a casa de Melinda com sua noiva. Seu estado era de preocupação com Hani e sua família. Melinda fala para Mary não pressionar o noivo e ela tenta ficar calma e controlar sua indignação.

– Venha, meu amor. Coitadinho, tia!

– Eu estou bem, Marya. Fique tranquila. Não fiqueassim.

– Como você quer que eu fique, meu amor. Ai, meuDeus!

– Pronto! Agora tudo está sobre controle, você estáem casa e daqui não sairá mais. Vamos tomar um bom banho e comer bastante. Você deve estar com muita fome.

– Melinda faz a proposta.

– Isso com certeza, tia. – sorri Adam.

Em apenas alguns dias, vidas se transformaram de forma cruel. Uma atitude radical de um jovem fanático com o coração cheio de ódio unido ao seu egoísmo conseguiu maltratar centenas de pessoas de uma só vez.

Na casa de Melinda, Dr. Marshal chega com mais notícias.

– Como vai, doutor?

– Melinda, minha querida. Eu estou bem. Eu querosaber de vocês.

– Depois do susto, nada melhor do que estar emfamília, dentro da nossa casa. – disse Adam.

– Doutor, o meu futuro marido está bem, descansou,comeu. Sabe, estou pensando em adiantar o nosso casamento. O que acha, meu amor?

O silêncio tomou conta da sala de estar, causando um mal-estar no advogado e na tia. Até o Dr. Marshal enxergou o interesse súbito de Adam pela afegã Hani. Melinda estava triste, pois sentia a infelicidade de Adam com o noivado. Não sabia o que ouviria desta pergunta inesperada.

Mary Anne sentia na pele o distanciamento de Adam depois da festa na casa

da tia. Não queria aceitar que algo poderia ter ocorrido no coração dele por aquela forasteira. O silêncio continuou, e Melinda de forma inteligente falou:

– Anne, minha querida, agora não é hora de falar decasamento ou algo parecido. Nós ainda temos uma família muito querida presa injustamente na delegacia e nós…

– Tia, por favor. Não gostaria de ouvir falar maisdessa família em nossa casa. Não acredito que vocês estão se deixando envolver nesse embrolho, meu Deus do céu!

– Marya, – disse Adam – por favor, não me faça ficarmal com você. Nós estamos preocupados e completamente envolvidos com essa família. Vamos até o fim para resguardar a justiça nesse caso. Por favor, se controle e fique do nosso lado. Você já nos causou um problema enorme ao dar declarações à imprensa. Meteu-se onde não fora chamada.

Mary Anne, assustada com as palavras de Adam, ficou calada e com os olhos cheios de lágrimas.

– Calma crianças! Fique calmo, Adam. Eu entendovocê e sua preocupação e entendo o ciúme de Marya. – disse Melinda.

– Vim trazer notícias da família para vocês, mas sequiserem posso voltar depois. – disse Dr. Marshal, sentindo certo mal-estar pelo clima do momento.

– Não, por favor. Queremos saber agora, Dr. Marshal.– disse Adam.

Marya ficou mais espantada ainda com o interesse cego do seu noivo pela família.

– Você quer saber da família, Adam, ou da Hani?

– Mary Anne! – disse Melinda.

– Não tia, deixe-a perguntar. Eu vou responder. – disse Adam.

Nesse momento, Mary Anne coloca as mãos no ouvido e, chorando, sai correndo para fora de casa. Não queria ouvir o que seu coração já desconfiava.

– Vou atrás dela. – disse Adam.

– Não, Adam, fique aqui. E melhor deixá-la sozinhapor algum tempo. Ela está muito estressada com sua prisão e nosso envolvimento nesse caso. E não tiro a razão dela.

– Verdade, tia. Mas mesmo assim, quero falar comela.

Adam sai e corre atrás de Mary Anne. Não a encontra. Caminha pelo quarteirão em busca de sua noiva, e de repente, algumas pessoas o abordam.

– Você que é o cara que está misturado com aquelafamília de fanáticos?

Seu rosto estava estampado em todas as revistas e jornais do país. Matérias de televisão e toda a sorte de mídia.

– Fanáticos, não! Pessoas do bem, trabalhadores etão americanos como vocês.

– Ha, ha, ha, ha! Olha o homem, defensor de terro-ristas! Então, você está metido com essa gente? Vai aprender como ser um verdadeiro americano!

Dois homens fortes deram uma surra em Adam, que caiu no chão sem tempo de se defender. É pisoteado, socado no rosto e começa a sangrar. Pessoas passam no local, o reconhecem das fotos e da televisão, e começam a incentivar a tamanha brutalidade. Num momento, alguém aparece gritando e dando pauladas em todos os homens que estavam em cima de Adam. Era Mary Anne.

– Parem, parem. Vou chamar a polícia, seus animaisirracionais.

– Sai daí, dona, esse cara é terrorista. Deixe-os baternele. – diz uma pessoa da multidão.

– Saiam daqui, seus covardes. – Mary Anne agrideum dos homens com um pedaço de pau.

Eles deixam Adam estirado no chão, todo machucado. Mary Anne o abraça e ele não resiste e desmaia.

Adam acorda no hospital e vê sua noiva e a tia ao seu lado.

– Você está bem, meu amor?

– Hum, hum. Ai, nossa, acho que estou quebrado.

– Fique quieto, Adam. Não fale por agora. – disseMelinda.

Sua boca estava inchada, com cortes profundos na testa, olhos roxos e duas costelas quebradas.

– Nós estamos aqui, meu filho.

– Sim, estamos meu amor. Fui à delegacia e deiqueixa daqueles monstros.

– Psiu, Mary! Vamos deixá-lo dormir novamente.

Faça-me um favor, minha querida.

– Sim, tia, pode falar.

– Vá até o restaurante e me traga um café bemquente.

– Vou, sim. Volto já!

Mary Anne foi ao bar buscar o café de Melinda. Assim, ela pode ficar a sós com Adam. Aproximou-se de seu ouvido e perguntou:

– Adam, você pode me ouvir?

Com um pequeno gesto ele apontou que sim.

– Eles saíram da delegacia, meu amor. Estão na casade um rabino. Parece-me que todos estão bem. Hani tentou falar comigo, mas não conseguiu. Saindo daqui, vou ao encontro deles e venho com mais notícias, ok?

Ele tentou se levantar com dores e sua tia o colocou de volta na cama.

– Calma, meu amor. Se eu te contei foi para vocêficar bem e não agitado. Se for assim, eu não falo mais nada. Promete ficar calmo?

Ele sinaliza que sim.

– Ok. Dr. Marshal disse que eles não podiam ficarpresos por falta de provas. Claro que irão investigar todos daquela terra, mas não poderão tocar neles novamente. Os direitos constitucionais entraram na vez e o governo obrigou o chefe a soltá-los.

O coração de Adam bate acelerado. Por mais que ele queira se segurar, está difícil, pois queria ver Hani. Poder abraçá-la, dar o seu carinho e conforto a ela e sua família.

Mary Anne chega com o café da tia. Ela pega o café e coloca no criado do mudo e diz para a sobrinha.

– Vamos embora, Mary Anne?

– Tia, mas e o café?

– Está frio, querida. Vamos tomar lá em casa. Venha!

– Até amanhã, meu amor. Te amo. – diz Mary Annea Adam, acariciando seu rosto.

SETE

Na casa do rabino Akiva, era sábado, o dia da preparação, o Shabat.

– A Torá diz que Deus criou o universo em seis diase descansou no sétimo. Nosso grande e temível Deus nos ordenou para santificarmos o seu santo dia. – explica o Rabino Akiva.

– Rabino Akiva, *Shalon Adonai*!

– *Shalon*, Kailash.

– Não temos palavras para agradecer a força e a coragem do mestre, sendo judeu, e dando abrigo a afegãos. Alá seja louvado!

– Não tem o que agradecer, Kailash. Seu povo ébravo e nossas tribos estão no Afeganistão. Eu vivi a angústia da perseguição e sei como Deus nos ajudou até aqui. Não poderia negar um abrigo à família do irmão.

– Nossa oração será sempre em agradecimento aorabino e sua família.

– Agradecemos de coração. O melhor pagamentopor um obra seria uma oração ao nosso Deus pedindo proteção e fé.

– Alguém comentou que o rabino viveu momentosdifíceis na vida em meu país.

– Meu amado, Kailash. Vou lhe contar uma parte denossa história. Certo dia, nas montanhas rochosas do Afeganistão, logo no início do verão, a geleira estava se diluindo e o verde começando a aflorar. Nós estávamos sendo perseguidos por militantes afegãos fanáticos. Haviam matado nosso único filho, Rubem. Nossa vida desmoronou. Certo dia, a minha esposa estava esgotada e com muita fome. Deparamo-nos com uma família paquistanesa de nome ainda desconhecido para nós. Em segundos, nos acolheram e nos guardaram em um pequeno porão instalado no centro da pequena casa. Lá, tínhamos água e comida por até sete dias. Fomos tão bem cuidados e com tanto carinho que Deus se

regozijara em ver uma atitude como a dessa família.

E continuou a contar o rabino:

– De repente, apareceram os rebeldes e ameaçaramtoda a família se não dissessem onde nós estávamos. Eles não disseram. Mataram a todos com tiros fatais na cabeça. Ficaram dois dias no local tentando nos encontrar e por amor de Deus fomos salvos. Aquela família, não. Sei que estaremos juntos em breve no paraíso. Mas no terceiro dia, quando saímos do abrigo, eles cheiravam mal. Enterramos todos e agradecemos ao nosso Criador, não pela morte, é claro, mas por ainda termos a chance de viver e levar o Seu nome pelo mundo. Então, seguimos viagem. E hoje, estamos aqui na América. Claro, sem o nosso maior amor, nosso filho Rubem. Mas seguimos louvando o nosso Deus.

– Rabino Akiva, não sei o que falar. Perdemos onosso filho também por um motivo tão infame. Sinto muito!

– Irmão. Sabemos em quem temos crido. Nãopoderia deixar de ajudar uma família em tal situação. Talvez igual ou pior do que a nossa na época. Podem ficar aqui o tempo que for necessário até conseguirem reformular suas vidas. Mas vamos deixar de conversa e vamos adorar o nosso Deus.

– Adoremos a Deus, o Criador.

Assim, prosseguiram do pôr do sol da sexta-feira ao pôr do sol do sábado.

*****

Na manhã de domingo, Adam acorda ainda muito dolorido, apesar do medicamento. Sua apreensão era tanta, que seu desejo em ver e poder falar com Hani era algo sobrenatural. Ele se levanta da cama do hospital e começa a circular pelos corredores, se esquivando dos médicos e enfermeiros, até encontrar a porta de saída.

Ainda com a roupa do hospital e sem dinheiro, ele se desloca de táxi até o seu apartamento. De lá, telefona para Melinda e consegue o endereço do rabino.

– Tia Melinda, você é um amor. Perdoe-me, eupreciso falar com Hani.

– Adam, por favor, não quero que machuque Mary.

Cuidado! Eu sei como se sente. Cuidado!

Adam chega à casa do rabino.

– Pois não? – questiona a empregada.

– Senhora, peço perdão por vir a sua casa tão cedo,mas preciso falar com Hani. Ela está?

A empregada da casa fica meio atemorizada, era um homem americano todo machucado. Rosto inchado, mancando, com expressão de dor.

– Mas, quem é o senhor?

– Sou um amigo da família.

– Amigo? Como amigo? Eles não têm amigos. –responde a empregada.

Aflito, Adam não sabe nem o que responder. De repente, aparece a irmã de Hani, Amita, e corre para abraçar Adam. Moleca como sempre, dá um pulo nos braços de Adam, que grita de dor.

– Ai! Desculpe-me, Adam. Ai, meu pai! Perdão!

– Não foi nada, Amita. Nem está doendo.

– Não? Então, me abrace novamente. – muitos risos.

A alegria pairou no ar. Amita sabia da atração entre os dois. Sabia da necessidade da família em ter o apoio de Adam. Sabia o que aquele homem havia feito por eles.

– Você quer falar com a Hani, não é?

– Se possível. – falou ele meio sem jeito.

– Não será possível, Adam. Ela foi ao mercado. Empleno domingo, ela foi ao mercado judeu.

– Faz tempo? Será que ela demora? – perguntaAdam com certa frustração.

– Por favor, me perdoe novamente. Nem o convideipara entrar. Entre e sente-se. Você está todo quebrado e deve estar sentindo dor.

– Eu estou muito bem, e feliz em saber que vocêsestão na rua e com uma família cuidando de vocês. – disse Adam.

– Olha, não está sendo fácil. – desabafa Amita.

– E sua mãe? Fiquei sabendo que ela não está bem.

– Coitada! Depois da forma como meu irmão mor-reu, conhecendo a minha mãe como conheço, sei que ela morreu junto com ele. – disse Amita.

– Eu posso imaginar. Lamento muito por tudo isso.E o seu pai?

– Ele saiu com o rabino. Foram na casa de algunsirmãos. Não sei o que eles estão pretendendo, mas coisa boa que não deve ser.

– Como assim?

– Ah, na verdade. Ei! Olha ela chegando! Hani!Corra, venha ver quem está te esperando.

Outra vez, na porta da casa do rabino, ela fica parada de frente para Adam, com o coração pulsando mais forte e quase sem ar. Dá um lindo sorriso, refletindo esperança e carinho. Recebe de volta o mesmo sorriso, com a mesma intensidade. Ela nem percebeu o estado crítico de Adam.

Nesse momento, várias nuvens e fortes relâmpagos surgem no céu e desaba uma intensa chuva de verão. Ela corre para dentro de casa e cai nos braços de Adam, que nenhuma dor sentiu e a abraçou com todo carinho e proteção de um homem apaixonado.

A empregada e sua irmã saem da sala e vão para a cozinha, ficando atentas às conversas.

– Adam, meu Deus! Você está todo machucado etudo isso por nossa causa. – disse Hani.

– Tenha a certeza – fala Adam sorrindo – de que aminha dor não está no que você está vendo. Ela é muito mais profunda.

– Adam!

– Vocês querem um chá? – interrompe Amita.

– Obrigado, Amita. Eu aceito, sim.

– Me conta Adam. E Melinda? Queríamos tantoagradecê-la!

– Você não tem que agradecer a ninguém. Somenteseguir em frente de cabeça erguida. Todo esse equívoco será resolvido em breve. Mas enquanto isso, vocês devem ficar bem, seguir o seu Deus e aguardar as boas novas.

– Obrigado, Adam. Essas suas palavras entram emmeu coração como um bálsamo. Você é uma pessoa incrível. Sua noiva é uma mulher de sorte.

– Hani, por favor, não vamos falar dela. Aconte-ceram tantas coisas. Queria ter uma chance de poder falar com você um dia, assim que as coisas se acalmarem.

– Eu entendo você. Realmente muitas coisas acon-teceram em nossas vidas. Na verdade, nem foi o que aconteceu e sim como aconteceu. Uma mudança radical de vida. Fico preocupada com a minha irmã. Ela é muito nova.

– Ei, preocupada comigo? Pode parar! Eu sei mevirar. – interrompe novamente Amita.

– Sabe se virar, sua pirralha? – brinca Hani.

– Quem chorou foi você.

– Amita, olha, feche essa sua matraca! – disse Hani.

– Então, não me tenha como uma frágil mulher. Souuma mulher forte e já não sou tão menina como vocês me vêem.

– Eu já te vejo como uma senhora, uma mulher,Amita. – disse Adam.

– Obrigada, senhor Adam. Então, explique a essapequena senhora. Quem sabe ela consiga enxergar uma irmã poderosa.

O ambiente se tornou agradável como há dias que não acontecia.

– Bom, tenho que ir, Hani. O pessoal deve estarpreocupado comigo. Inclusive o hospital.

– Como o hospital? Ficou louco, senhor Adam Gre-gório? O senhor fugiu de lá? Seu irresponsável! Vou te levar de volta.

– Não precisa Hani. Vou de táxi.

– Nem pensar que vou deixar você sair por aí sozi-nho e machucado, todo roxo. Venha, você precisa de cuidados. Vou te levar novamente para o hospital.

– Já que não tenho direito de falar não, então falosim. Aceito. Vamos. Beijos, minha querida Amita. Um abraço também para o seu pai e melhoras para sua mãe.

Hani leva Adam para o hospital. Preocupada com sua saúde, ela corre com o carro. Adam fica induzindo

Hani a ir mais devagar. Queria ficar mais tempo com ela.

– Podia ir mais devagar, Hani. Tenho medo decorrer.

– Medo? Você? Faça-me rir. Tenho que te levar logo.Não quero você doente ou com algum osso sem colar direitinho. – risos. – Mas antes gostaria de passar num lugar que foi muito importante para mim na minha adolescência. Nem adolescência era. Eu tinha uns dez ou onze anos.

– Senhora Hani, irei com muito prazer. Nem sepreocupe com o tempo, estou "quebradamente" disponível para você!

*****

Seguiu em direção ao Central Park, lugar conhecido também pelos caminhos repletos de lindas árvores e por seu romantismo. Ela estacionou o carro e foram caminhando bem devagar para o local onde Hani havia falado.

– Você sabe Hani. Isso é muita coincidência, pois euvinha aqui toda a semana com Tia Melinda. Ela me comprava bexigas e pipoca, e ficávamos sentados bem ali perto daquelas árvores enormes. Isso me assustava muito. Hoje vejo que não são tão grandes assim. Engraçado, quando somos crianças, tudo no mundo é muito grande, e parece querer nos engolir. – risos.

– Não apenas quando crianças. Muitas vezes quandoadultos também o

mundo parece querer nos tragar. Mas existem pessoas que, como anjos, surgem em nossas vidas.

Por um momento, o encontro é tomado por um silêncio. Adam sabia que Hani nutria por ele um sentimento de gratidão.

Hani quebra o silêncio, lembrando-se de um momento em família.

– Minha irmã era muito pequenina e minha mãepedia para eu cuidar dela enquanto eles iam comprar sorvetes. Mas meu irmão nos infernizava. Ele ficava de longe com sua bola e a gente sentadinha logo ali, num piquenique perfeito. Ele ficava chutando a bola na cabeça da gente e gritava gol, nós chorávamos e dizíamos que iríamos falar com papai. Ele nem ligava, e minha mãe sempre o defendia. Que raiva! – risos.

Silêncio.

– Me fala mais de você? – ele pede com certoentusiasmo.

– Ah, não tenho o que falar. A minha família, por serafegã, sempre teve problemas onde fossemos. As coisas só melhoraram depois que meu pai nos deixou andar de forma americanizada.

– Como assim?

– Nós éramos obrigadas a andar de véu e issocausava muita estranheza na escola, nas ruas. E sempre passávamos vergonha.

– Entendo. Você nunca foi ao Afeganistão? – per-guntou ele.

– Fomos uma vez. Meu pai fora convidado para falardas coisas da América para grupos do governo. Eles estavam abrindo as portas para alguns países da Europa e queriam negociar com os Estados Unidos, mas não foi possível por causa dos radicais. Começaram a bombardear tudo o que era prédio no Afeganistão e nos Estados Unidos. – contou com a voz entristecida. – Mas, vamos mudar de assunto? – disse Hani.

– Acho melhor mesmo. – rindo – Tantas coisas lin-das para falar sobre você. – disse ele.

– Lindas? Sobre mim? – risos – O que tenho paradizer é que éramos muito felizes. Recordo-me que meu pai teve que brigar com nosso povo. Eles queriam me dar em casamento com apenas doze anos de idade. Meu irmão fez uma brincadeira de mau gosto. Promoveu uma festa de noivado, convidando nossos amigos americanos, e quando cheguei a casa com papai, todos vieram me cumprimentar pelo noivado. Lembro-me do meu pai colocando todos para fora, inclusive meu irmão. – rindo muito. – Custou para o papai voltar a falar com ele.

E continuou:

– Nunca mais tivemos contato com a família do meu“quase” noivo. – risos. – Acho até que se mudaram ou voltaram para o Afeganistão.

– Espero que sim. Não tenho nenhuma intenção deconhecer nenhum noivo seu. – disse ele.

– E por falar em noivo, e sua noiva? – pergunta Hani.

– Se é uma das coisas que eu não gostaria de falarseria sobre ela. Mas acho que esse é o momento para eu tentar te mostrar a vida que vivo. Principalmente com a Marya, como eu a chamo.

Com um olhar especial ela diz:

– Estou ouvindo!

– Perdi meus pais quando ainda era criança, com amesma idade com que você vinha nesse parque. Minha passagem por aqui fora marcada pela separação das pessoas que eu mais amava. Por isso, eu entendo o que está passando. Fiquei tão fora de mim que quando Melinda passou a me criar, eu me senti seguro e cuidado. Não sei o que seria de mim sem ela. Talvez eu tivesse sido criado em um orfanato. Meu pai era grego e nunca nos falou da sua família.

– Você deve ter sofrido muito, Adam.

– Na verdade, o choque foi tamanho que eu assimileide forma impactante.

– Do que eles morreram? Se é que você quer falar.

– Desastre aéreo – continuou.

– Hoje eu superei. A saudade que eu sinto, na ver-dade, é de momentos que nunca foram vividos. Sinto falta de tudo que poderia ter sido e não foi. Lamento tanto! – seus olhos se enchem de lágrimas. – Mas as coisas são como são, e talvez se isso não tivesse acontecido, não estaríamos hoje aqui. Afinal, te conheci em uma festa da Tia Melinda. – disse Adam.

– Não sei, não. Já ouviu a palavra *Maktub*? Sabe o seu significado? – pergunta Hani.

– Não, nunca ouvi. O que significa?

– Pois, então eu explico. *Maktub* significa “estava escrito” e representa a certeza de que todos os acontecimentos, desde os cotidianos até os mais representativos, aqueles capazes de mudar o curso da nossa existência, estavam predestinados a acontecer. Acredito nisso com todas as minhas forças. Acredito que chegará o momento em que teremos todas as respostas de tudo que foi vivido de bom e de ruim. Alá tece nosso destino a cada amanhecer. – disse Hani.

Adam não consegue disfarçar o seu encantamento por Hani. Suas palavras o tocam profundamente.

– Então, tudo está escrito? Esse encontro no parque,tudo o que vivemos até aqui? – pergunta Adam.

– Sim, sim. Se refletir bem, chegará à conclusão quetudo o que viveu até aqui, te trouxe de certa forma para este momento. – responde Hani.

*****

Reflexivo, Adam segue em silêncio ao lado de Hani. Caminhando devagar, ele a pega pela mão e a leva em um lugar retirado da pequena estradinha do Central Park. Entram nas folhagens e, num pequeno túnel já desati-vado, descem uma pequena escada que os levou a um lindo santuário ecológico.

O cheiro de outono é uma mistura de maçã com canela e o dia estava com um clima leve, agradável para caminhar. Eles conseguiam ouvir o tilintar das

folhas secas, que os levou a mais um momento de reflexão.

No outono, as folhas se perdem levadas pelo vento. As folhas caídas fizeram com que as lembranças da infância dos dois voltassem novamente, principalmente ao olhar para aquele pedacinho de chão do parque que por anos frequentaram.

– Está vendo essa árvore grande? – perguntou Adam.– Sim, é muito imponente.

– Falou a palavra certa. Imponente. Era assim queeu olhava para ela. Eu a tinha como uma força. Sua beleza me chamava a atenção. Eu a via como algo independente. Sabe quando algo ou alguém não precisa de mais nada na vida a não ser dela mesma?

– Acho que no fundo é isso que realmente deseja-mos. Desejamos não mais desejar. Apenas ser o que se é, em sua totalidade, em sua falta. Aceitação plena do ser. – disse Hani com o olhar perdido nos detalhes da imponente árvore.

– Um dia, eu estava sentando mais ou menos poraqui. Fiquei com dor no pescoço olhando para ela. E o que eu pensava era exatamente tudo o que acabou de me falar. – responde Adam. – Mas, penso que o sentimento da totalidade do ser só é possível quando o verdadeiro amor o invade. – Este lugar sempre me trouxe memórias de ausências. Sentado aqui, olhando para esta árvore, sempre pensei nos meus pais e em um verdadeiro amor. Tudo o que me faltava. – lamenta Adam.

Envolvidos numa situação de concordância, eles param naquele lugar lindo, em um pequeno espaço recheado de folhas, em um antigo banco verde em tom pastel. É notória a energia de vidas apaixonadas que ali sentaram e trocaram beijos e juras de amor na mesma estação das lindas folhas de outono. Elas se misturam com os tons amarelados e os enormes troncos rodeados de cipós e folhas esverdeadas. Uma cena clássica para um casal apaixonado. A sensação de estarem perto um do outro os fez se olharem por alguns segundos. E esse momento fortalece as suas almas e tudo os faz sorrir para a vida.

O hormônio da paixão existe para nos proporcionar essa fase mágica, o momento certo para superarmos nossas deficiências e falhas. Abrir o jogo, aproveitar para nos revelar inteiro, realmente como somos por dentro. A paixão antecede o amor. Ela não existe como uma novela ou um sonho, mas para que possamos descobrir nosso par, nossa metade, e assim, podemos buscar complementos para sermos um só.

O que não podemos é construir nossos castelos em cima de ilusão e mentira. Assim, estaremos fadados a perder a chance de sermos felizes para sempre.

– Você sempre foi romântico? – pergunta Hanisorrindo.

– Por incrível que pareça, não. – Adam solta umagargalhada. – Sempre acreditei num grande amor. Nessa época, eu desejava conhecer uma mulher diferente. Uma que usasse um véu cobrindo seu lindo rosto, falasse com um pequeno sotaque e que pudesse me arrebatar para uma estrela bem grande e longe.

– Você está me saindo um galanteador. – brincaHani.

– Minha querida, você não imagina o quanto falosério. Venha comigo!

Ao aproximarem da árvore, Adam aponta o dedo para uma pequena figura, esculpida no tronco: uma mulher de cabelos longos, contemplando a lua e as estrelas.

A riqueza normalmente é o ponto forte do homem para se sentir seguro e amado. Por outro lado, a mulher não vislumbra a riqueza como parte do romance; quando é honesta deseja o amor em primeiro lugar. Prossegue em desejar o carinho, atenção e a presença do seu amor. Isso é a sua prioridade. Pequenas coisas são importantes para ela.

– Nossa! Adam, que lindo! Como você soube destedesenho?

– Sempre gostei de arte, desde muito pequeno.Quando tinha mais ou menos dez ou onze anos, estava como de costume, contemplando essa árvore e sentindo tudo o que ela me passava, uma sensação de imponência, força, liberdade. Quando de repente, fui acometido por um desejo muito forte de ter alguém em

minha vida que eu pudesse cuidar e ser cuidado.

Continuou ele:

– Hoje eu sei que esse sentimento que me acometeuera um desejo muito forte de encontrar um verdadeiro amor. Ser arrebatado por ele. Lembro como se fosse hoje: encontrei um velho e enferrujado prego e com ele esculpi minha maior obra de arte. Olhando para você, neste momento, com seus lindos olhos expressivos, vejo que essa imagem nesta árvore é algo profético. – finaliza Adam.

Sem palavras, com os olhos cheios de lágrimas, Hani o abraça de forma intensa.

O momento é interrompido por um grito de dor:

– Aiiiiiiii!

– Nada, minha querida. Tirando o fato de ter aper-tado minhas costelas quebradas. – risos acompanhados de uma forte expressão de dor.

– Mas, tenho que lhe dizer. Esse foi o melhor abraçoda minha vida – disse Adam.

Sente-se aqui comigo até aliviar a dor, – pedeAdam.

Sentaram um ao lado do outro, apertando as folhas secas com as mãos, ouvindo os estalar daquelas vidas mortas.

Hani interrompe o silêncio com uma observação:

– Percebo que está evitando falar sobre Mary Anne.

– É verdade, estou sim. Sinto por ela uma grandegratidão. Vou lhe contar como eu a conheci: Mary Anne é sobrinha legítima de Melinda. Quando Melinda pediu a um amigo juiz a minha guarda, me lembro de que ganhei um beijo na boca de Marya. Aquilo para mim era meio nojento. Meninos não se ligam nessas coisas.

Seu comentário a faz rir.

– Verdade, Hani. Mas para ela, foi o início de umrelacionamento. Crescemos juntos e quando atingimos a adolescência, oficializamos o nosso

namoro. Fui me deixando levar, talvez por gratidão a Tia Melinda, talvez por covardia em terminar um relacionamento que iniciou de um lado somente. Afinal, não é fácil renunciar ao recebimento de tanto amor. Na verdade, oficializamos nosso relacionamento depois da faculdade, com uma festa de noivado. Até então, tínhamos um compromisso platônico, pelo menos para mim.

Aos vinte e cinco anos, tomei a decisão de aceitar este noivado. Bom, seja lá por qual motivo foi, a verdade é que os anos se passaram, a gente começou a namorar na tenra meninice, e concluímos juntos nossos estudos. Nunca, em tempo algum, mesmo não a amando, me interessei por outra garota. O tempo passou tão rápido. – disse Adam com o olhar perdido, como quem conta uma história com final desconhecido.

– Muito triste a sua história. É lamentável vivertantos anos sem amor.

O amor pode aguentar muitas coisas. Suporta conflitos, ciúmes, crises de ansiedades e tantas outras coisas, mas nunca a indiferença, o desprezo e a desonestidade emocional.

No melhor momento dos dois, o céu escurece de forma rápida e raios cortam o horizonte, iniciando uma pequena ventania.

– Adam, parece que vai chover.

As gotas de chuva batem nos rostos do casal.

– Já não parece mais. – risos.

– De fato, não parece.

Como se nada existisse na vida, eles se abraçam e se tocam com carinho. Ele afaga seus lindos cabelos longos e negros e ela se deita em seu peito. Enquanto os pequenos pingos da chuva caem sobre seus ombros, ele procura protegê-la com o braço.

Ela morre de rir e ambos saem quase que correndo. E como ele não consegue, a cena se torna hilária. Ela corre e para, segurando ele pela cintura. Ele escapa dela e a pega novamente. Em poucos minutos e com a chuva apertando, eles chegam ao carro de Hani. Ele abre a porta e entra; ela, fica do

lado de fora na chuva.

– Hani, entre! Vai se molhar inteira.

– Adam, está vendo aquela árvore linda e grande?

Ele não entende o que ela diz. A chuva já estava forte e o barulho da chuva no teto do carro o atrapalha de ouvir. Ela grita mais forte e aponta para algum lugar. Hani fala alto e chorando.

– O que, Hani? Não estou entendendo.

– Aquela grande árvore, Adam, você a vê daqui? Láeu gravei uma letra bem grande.

– O quê? Fez o quê?

– A letra A. Essa deveria ser a letra do homem daminha vida. Começar com A de amor.

Ela para em pé fora do automóvel e olha para a árvore e, por alguns segundos, relembra o momento em que se separou da família e foi até a grande e mesma árvore que Adam um dia esteve. Sabia que ali estava cravado o destino de duas pessoas. E naquele momento, abaixou a cabeça, refletiu num instante de alegria e tristeza, entrando depois no carro.

– Hani, menina louca. Não ouvi nada o que falou. –risos – Venha aqui, deixa eu te abraçar.

– Adam, seu bobo. Abraça-me! Estou muito molha-da? – sorriu.

O clima agradável fez com que ambos se esquecessem da vida e dos últimos acontecimentos. Falaram muito e deram muitas risadas. Jogaram para fora toda angústia que viveram por esses dias. O clima estava tão leve e amoroso que não podiam nem falar de amor; o encontro já falava por si.

OITO

Quando estão chegando à rua do hospital, no estacionamento em frente, aparece Mary Anne.

– O que está acontecendo por aqui? Não acredito!Estou que nem louca atrás de você, tentando desesperadamente ligar para Tia Melinda para saber se ela tem alguma notícia do seu paradeiro, e no auge no meu desespero, você me aparece com essa mulher que quase te mata? – grita Mary Anne.

– Mary Anne! Mary Anne! Está me constrangendo!– grita Adam.

– Por favor, Adam, não brigue. Desça, por favor. –implora Hani – Por favor, Adam! Você pode descer? – Hani pede novamente.

Adam desce do carro totalmente frustrado. Olha para Marya e, ao mesmo tempo, não pode condená-la. Sabia que seu desejo desenfreado por Hani causou todo o malestar daquele momento.

Hani segue em seu carro chorando e se sentindo a mais imunda das mulheres. Fora tratada como se tivesse traído a noiva de Adam, e sabia que isso estava acontecendo. Ficou apavorada. Já estava numa guerra em sua vida, não precisava de mais uma. Não tinha forças para entrar numa outra luta, mesmo sabendo que poderia ganhar. Estava frágil e carente.

Por outro lado, Adam estava com outra visão. Não queria perder a maior chance que a vida lhe deu, um amor incondicional. Sabia no fundo da sua alma que aquela mulher deveria ser sua para sempre.

Hani, por sua fragilidade já tinha entregado os pontos. Não via a hora de chegar a casa e fechar os olhos e dormir por dias a finco. Queria acordar do pesadelo que estava vivendo.

Chegou em casa a mil por hora. Entrou e foi direto para o quarto. Segurou as lágrimas para ninguém notar, mas sua irmã era muito esperta e correu para acudir a irmã.

– O que foi que aconteceu, minha irmã?

– Nada, Amita. Não aconteceu nada. – respondeHani, já não conseguindo mais conter as lágrimas.

– Por favor, me conte o que aconteceu! Está mepreocupando. – pede Amita.

– Quando cheguei ao hospital, a noiva dele o viuchegando comigo e ficou cega de ciúmes. Destratou-me, me acusando de ser a responsável pelo estado de Adam.

– Hani, não importa o que ela pensa, minha irmã. Oque importa é o que ele pensa. Ela é uma mulher desesperada, tentando segurar Adam ao seu lado. – disse Amita.

– Não quero entrar em mais encrenca. Já basta tudoque está acontecendo com nossa família. – disse Hani.

– Hani, não fala assim, minha irmã. Esse homem éuma benção de Alá.

– Benção? Ele é comprometido e vai se casar.

– Quem disse que ele quer se casar com ela? Se vocêgostasse dele um pouquinho, não o deixaria ficar com aquela mulher. Não que ela seja má ou coisa assim, mas é notório que ele não a ama.

Hani não consegue parar de chorar, mesmo sendo consolada pela irmã. Naquele momento, começou a refletir no que Amita havia falado. Mesmo com sua pouca idade, Hani percebera que a irmã era uma moça inteligente e com visão de vida e de amor, mesmo não tendo nenhum namorado.

– Pensando bem, você tem razão. Mas eu não possovoltar a me encontrar com ele sendo ainda noivo, entende? E eu não quero pedir ou insinuar para que ele a deixe. Você viu nossa vida como anda?

– Eu até te entendo, irmã. Mas a gente tem que lutarpelos nossos sonhos e não deixá-los de lado. Talvez você esteja vivendo o sonho de todas as pessoas: encontrar o verdadeiro amor. – suspira Amita.

– Quero muito ele para mim e você não sabe oquanto. Não entendo a fonte e

a profundidade desse sentimento e, na verdade, nem quero entender. Desde o primeiro dia que o vi, me faltou o ar. Mas estou muito confusa. Preciso de um tempo. – disse Hani.

– Tempo, tempo, tempo! Pare com esse discurso defilmes americanos! Estamos na vida real, Hani. Sua felicidade e a dele dependem dos dois se unirem num só propósito e, principalmente, nesse momento de angústia e dor. Você nem notou como ele está machucado por você? Ou você pensa que foi pela Melinda ou por nossos pais que ele se envolveu em todo este drama? Hani, às vezes você me parece mais infantil do que eu. – ironiza Amita.

– Amita, minha linda e amada irmã. Eu te amo tanto!

– Deixe de me amar e ame o seu homem. – aos risos,responde Amita.

Hani sorri, deita de lado e fecha os olhos. Sua irmã sai do quarto e vai para a sala. Resolve ir para a rua – o tempo havia melhorado e o céu estava lindo.

Depois de alguns minutos, resolve entrar na casa e ouve o seu pai chegando com o rabino.

– Papai? Nossa! Como o senhor demorou? – correupara abraçá-lo.

Ele estava com uma cara fechada e triste. Ela ficou preocupada, não imaginava o que havia ocorrido.

– O que houve papai?

Ele de cabeça baixa não tem coragem de falar. Então, o rabino Akiva responde:

– Sua mãe, Amita. É a sua mãe.

– A mamãe? O que houve com ela, papai?

– Vocês têm que ser muito fortes, meninas. – disse orabino Akiva. – Sua mãe acaba de falecer.

Naquele momento, ela desaba a chorar. Não suporta outra investida de morte na sua família. Ela caiu desmaiada na sala e foi socorrida pelo seu pai, que a levou para o quarto onde Hani estava dormindo.

Hani acorda assustada vendo a irmã desmaiada. E meio sonolenta, se levanta e tenta ajudar, querendo saber o que houve, quando recebe a fatídica notícia. Sem acreditar no que ouvira, é tomada por um choro compulsivo. Seu pai, atordoado, já não tem mais forças para acolher a filha em sua dor.

E durante toda a madrugada, mais pranto e dor.

*****

Do outro lado da cidade, no apartamento de Adam, Melinda havia chegado num momento não muito bom da vida do casal. Mary Anne se atira nos braços da tia e conta o acontecido. A tia sempre soube da falta de sentimento de Adam por sua sobrinha, mas não queria magoá-la dizendo o que pensava, não naquele momento.

Como se não bastasse todo o dilema vivido pela família afegã, a intromissão de Melinda fez com que Adam tivesse a grande chance de poder se aproximar de Hani.

Adam acabou se envolvendo de forma espetacular, sendo ele o foco da força de uma pobre e pequena família. Ele estava despedaçado. Algo lhe dizia que Hani precisava dele, de seu abraço, de seu carinho ou será que era ele que sentia toda essa necessidade? Não sabia responder. Não conseguia mais separar o que lhe pertencia. Sentia-se entorpecido, completamente rendido aquele sentimento.

– Adam, Adam! – Mary Anne o chama com tomríspido. – Está no mundo da lua?

– Estou cansado, Mary Anne, muito cansado. – disfarça Adam, com cuidado, tentando não demonstrar a paixão avassaladora que estava lhe entorpecendo a alma. Inconformado e tenso, Adam tenta administrar a situação com a tia e sua noiva. Uma situação quase incontrolável. Era nítido que Mary Anne havia percebido seu interesse por Hani. Ela estava convicta de que Adam estava se interessando pela afegã e isso para ela era uma afronta.

Melinda estava cansada. Passou parte do dia preocupada com Adam, mas

entendia a situação da sobrinha. A pressão era muito forte. Agora que o ciúme tomou conta de Mary Anne, tudo tomaria novos rumos.

Era início de noite de domingo na casa do Rabino Akiva. A situação estava de fato triste. As almas estavam feridas demais; considerando a prova pela qual estavam passando, estavam todos no limite. Não havia mais fé nos corações daquelas pessoas. A notícia do falecimento da mãe da família foi como uma explosão na vida de cada um deles.

– Papai, eu não tenho mais forças. – disse Hani.

– Encoste sua cabeça no meu ombro, filha.

– Irmão Kailash! Não entendo o porquê de tantasprovas na sua vida e da sua família. Não consigo entender toda essa avalanche sem barreiras nas suas vidas.

Nesse momento, o rabino rasgou suas vestes e caiu com o rosto em terra e clamou a Deus do céu a sua misericórdia. Falou ao Deus de israel:

– Oh, Deus de Abraão, isaac e Jacó! Grito a Ti nessemomento em favor do irmão Kailash. Eles não estão mais suportando todas as situações que vêm ocorrendo em suas vidas. Deus de israel, El Shadai. Venha ao socorro dessa família.

Na casa do rabino, todos estão profundamente abalados. Nenhuma lágrima é escondida. A dor e a melancolia dominam a noite de cada pessoa naquele recinto. A família do rabino percebeu que Kailash não tinha a menor condição de cuidar dos preparativos do velório, e por isso, tomaram a frente, preparando tudo. Mesmo sendo judeus, os amigos deram o total amparo à família de Kailash.

Inicia-se a cerimônia muçulmana. Após a morte, os familiares e amigos do falecido são encorajados a manter a calma, rezar e iniciar os preparativos para o enterro. Recitam versos do Alcorão, juntamente com orações e a declaração final de fé: “Eu testemunho que não há nenhum Deus além de Alá”.

Em preparação para o enterro, a família ou outros membros da comunidade lavam o corpo (o *ghusl*, ou ablução total), com água natural, pura, limpa e

perfumada, de forma semelhante a que os muçulmanos fazem para as abluções antes da oração, e então o corpo é envolto em lençóis de pano branco e limpos (o *kafan*). A seguir, corpo é transportado para o local das orações fúnebres (*salat-l janazah*).

Reúnem-se a comunidade e o imã, e o líder das orações, se coloca à frente do caixão, de costas para os fiéis. Não há reverência ou prostração e toda a oração se diz silenciosamente e em poucas palavras.

O corpo é, então, levado para o cemitério para o sepultamento (*al-dafin*). De acordo com a tradição muçulmana, apenas os homens podem acompanhar o corpo até o túmulo. Os parentes e familiares devem respeitar três dias de luto, o qual é observado no islã por uma intensa devoção, recebendo visitas e condolências e evitando roupas indiscretas e joias.

Durante a cerimônia, um grupo de americanos interrompeu aquele momento de dor com gritos de revolta:

– Fora, terroristas nojentos! Vocês devem morrer. Afeganistão é povo do demônio.

O grupo foi ganhando força e as ofensas ficaram fora de controle. O enterro foi antecipado. Não conseguiram nem ao menos se despedir com dignidade. A polícia teve que ser chamada para acompanhar o velório e escoltar a família de volta a sua residência.

Ao chegar em casa, Amita se entrega ao desespero.

Seus gritos ecoam pela casa:

– Por quê? Por quê? Por quê?

Hani a abraça até silenciá-la.

O rabino acolhe as duas com um abraço, tentando consolar aqueles corações tão dilacerados:

– Minhas filhas. Os olhos derramam lágrimas e ocoração está triste, mas não vamos dizer nada, exceto o que agrada a Deus. Ele é o senhor da vida e da morte. Vamos apenas confiar.

*****

Perder a mãe foi um golpe cruel do destino. Eles a tinham como uma força que estruturava toda a família. Ela era um verdadeiro exemplo de vida. Kailash estava totalmente sem chão. Suas filhas estavam inconsoláveis. Depois do enterro, na casa do rabino, eles conversam:

– Rabino, não sei como lhe pagar o que o senhor temfeito por nós. Temos sido afrontados com acontecimentos fora do padrão normal da vida. Temos recebido o mal de Alá assim como já recebemos o bem. Não consigo raciocinar de forma correta, mas sei que isso irá passar e minhas filhas serão muito felizes. Eu talvez não, a vida me tomou meu filho e minha senhora. Talvez nem queira me tomar, me deixa fraco e solitário, somente com as lembranças que um dia Alá me concedeu ao me dar a mais bela e amada esposa e o meu amado e querido filho.

Nesse momento, Amita e Hani choram desesperadamente. Surge uma sensação de culpa por não terem feito muito por eles. Agora era tarde. Sempre foram boas filhas, o sentimento de vazio é o pior de uma perda.

As televisões noticiam a perda da mãe do terrorista, e milhares de pessoas amam saber do sofrimento da família. A maldade não tem fronteiras.

Os dias passam, a vida tem que seguir. A família em pedaços volta a pensar na vida. Retornam a casa e reúnem os cacos, as sobras e os sonhos espalhados.

Dentro da bonita casa, ficam lembranças. Todos em pé na cozinha sentindo o cheiro da comida da mãe. Sentindo a presença do pequeno ishan. Numa febre de saudades, naquele instante todos se abraçam e olhando para o céu, pedem forças a Alá.

Vidas marcadas, vidas interrompidas, beleza que se torna rudimento. Uma canção não terminada. Um livro queimado. Uma alegria chorada e um colar de pérolas despedaçado por um golpe rápido e certeiro. O fim do leite materno, a

ousadia da vida sem a presença. O mar em ventanias constantes e em ruídos intermitentes. A morte do bálsamo, a ressurreição do nada.

NOVE

Sem poder trabalhar ou estudar, todos estão como prisioneiros dentro de casa. A cidade ainda não havia esquecido o acontecido e por sua vez não perdoou a família do autor da catástrofe.

A hora do jantar havia se passado, e de repente o silêncio é rompido por estilhaços do vidro da janela principal da sala. Uma pedra com um bilhete amarrado.

Com as mãos trêmulas, Kailash retira o bilhete da pedra e lê com a voz embargada:

“É melhor vocês sumirem dos Estados Unidos. Já morreram dois dessa família, e com certeza não sobrará nenhum de vocês para contar história a Alá. O prazo estará se esgotando em uma semana, e não adiantam avisar a polícia, eles estão conosco. Anotem. Daqui a uma semana, às 20h00 e nenhum minuto a mais”.

Assustado, Kailash entra num embate com a nova situação. E com um soco na mesa, ele, num momento de revolta, grita:

– Não arredaremos o pé da América. Somos tãoamericanos como qualquer um desses vândalos.

– Calma papai! Não haja com tanta convicção deque somos como eles. Não somos! Vivemos no país deles, mas não somos iguais. Outra coisa que devemos analisar é que nós atacamos a vida dessas pessoas e eles estão reagindo. Claro que de forma cruel, mas vamos esperar o que do ser humano? Divindade? – fala Hani.

– Eu sei filha. Mas não podemos desistir. Temos quelutar. Construímos uma vida aqui.

– E nosso irmão a destruiu, papai.

– Hani, não fale assim do nosso irmão. – disseAmita.

– Como não, Amita? Quer tapar o sol com a peneira?Ele se explodiu e você quer que todo mundo nos ache o máximo.

– Filha!

– Não, papai. Vamos ser coerentes. Nossa vida aquiacabou. E quer saber mais? Vão acabar nos matando antes que possamos sair do país.

– Papai! – retrucou Amita. – Estou com medo.

– Calma, minha querida. Nada vai acontecer com agente. – falou Kailash.

Naquele momento, eles conseguiram compreender a angústia de Hani. Todo cuidado era pouco. O ódio tinha tomado conta dos americanos. Qualquer pessoa do oriente ou ligada a ele estava sendo repelida dos bairros e das cidades. Uma guerra civil estava sendo colocado em prática na América, e a cada hora que passava, esse movimento tomava mais força e iriam acuando cada família ou membro do islã.

As mesquitas estavam sendo apedrejadas, crianças eram perseguidas e surradas nas ruas e escolas. Jovens levados a lugares ermos sofriam todo tipo de assédio e golpes com paus e ferros.

Os hospitais e locais públicos, como colégios e lugares esportivos, encontravam-se homens e jovens vestidos com roupas pretas – uma chamada ao luto – e prontos para uma guerrilha contra qualquer um que se parecesse do povo afegão ou iraniano. A situação realmente estava insustentável.

*****

No dia seguinte, os jornais noticiam duas explosões em cidades distintas – Nova iorque e Washington. Isso leva a preocupação extrema do governo às cidades e ao governo federal.

Iniciam-se novas investigações, levando a novas conclusões. A polícia chega a um grande número de mulçumanos, levando-os presos e, sob tortura, iniciam as investigações.

Várias reuniões e decisões começam a ser tomadas pelos governos. O caos e o medo estão por toda a parte nos Estados Unidos. Carros de polícia e bombeiros circulam dia e noite pelas ruas de Nova iorque e Washington. Nenhum suspeito foi preso pelos dois últimos atentados. O povo exige punição imediata a todos mulçumanos residentes no país. Há uma comoção imensa em todos os lugares. E em vinte quatro horas sai uma das mais perversa e importante notícia já ouvida nos Estados Unidos.

"Pronunciamento do senhor excelentíssimo Presidente dos Estados Unidos da América". Cobertura de rádio e jornais. Transmissão pela televisão.

– *Senhores e senhoras dos Estados Unidos da América. Em reunião de Estado e de urgência, estamos tomando algumas medidas austeras em relação aos atentados terroristas existentes em nosso país. Procuramos de forma democrática e constitucional seguir com o nosso regime de tolerância com alguns radicais ainda existentes nos estados da América. Mas o rumo da nossa história vem mudando significativamente com a morte de mais pessoas inocentes em nosso país.*

Continua:

– *Não vamos mais tolerar nem mais um dia esse tipo de atentado contra nosso país. Para não sermos injustos com as famílias muçulmanas que moram nos Estados Unidos, decidimos em comum acordo com todos os poderes legais e existentes nos Estados Unidos da América, que deportaremos cada família da religião muçulmana que de alguma forma nos representa riscos de morte. Nesse exato momento, as forças de defesa americana, como a polícia e a força tarefa contra terroristas, já estão a campo. Pedimos para que nenhuma das partes, nem as que defendem essas famílias e muito menos os que de alguma forma querem agredi-las, tomem partido, pois nossas autoridades cuidarão deste caso. Obrigado! Tenham um bom dia. Deus abençoe a América".*

Acabado o discurso do presidente dos Estados Unidos, o pavor tomou conta dos muçulmanos residentes na América. Em poucos segundos, dezenas de

muçulmanos foram detidos por policiais e levados diretamente ao aeroporto de Washington.

A notícia abalou o país. Os direitos humanos correram para tentar interditar judicialmente a decisão tomada pelo governo. Repórteres de todas as rádios e televisões correram como loucos para conseguirem algumas tomadas e fotos do momento da interseção.

A casa de Hani fora invadida por vários homens e, com certa , os pegaram e não deram tempo para fazerem malas ou pegarem objetos pessoais.

– Senhor Kailash? Senhoritas Hani e Amita?

– Sim, somos nós! Podemos ajudá-los?

– Podem sim, queira nos seguir, por favor. Pegue, éum mandado de deportação de todos para o Afeganistão. – Como assim? Espere! Vocês não podem.

– Sim, nós podemos senhor. Você é que não podemcontinuar matando nossa gente sem pagar por isso. Por favor, nos sigam agora!

– Por favor, senhores me deixem apenas pegar asminhas roupas. Preciso… – murmurou Kailash.

– Os senhores nos sigam. No aeroporto, receberãoalgum dinheiro para comer e se vestirem em seus países de origem.

– Quanta brutalidade! – falou Hani.

Não teve acordo. Todos em pouco segundos estavam em direção ao aeroporto da cidade de Washington. O medo das autoridades era que, ao deixar algum afegão fazer uma mala, poderia estar se armando com bombas. Optaram em pagar a cada cidadão um valor e não correrem riscos desnecessários.

Apavoradas, centenas de pessoas estavam chegando ao aeroporto com escolta do exército americano. Havia uma pequena multidão bem perto da pista de vôo. Não fora permitido que usassem as instalações do aeroporto com medo de represarias. Homens, mulheres e crianças num amontoado de objetos, sentados no chão.

Começaram a distribuir alimentos e leite. Numa pequena mesa improvisada, iniciaram os preenchimentos das fichas das pessoas deportadas.

Lá estavam Kailash, Hani e Amita.

– Vocês já receberam o dinheiro e o lanche? – per-guntou o soldado.

– Sim, senhor. – respondeu Kailash indignado.

De cabeça erguida, subiram as escadas do avião da Força Aérea Americana.

Fora conferida somente a uma estação de televisão e uma de rádio e um jornal a cobertura do acontecimento. Notava-se o incômodo de cada soldado quando estavam perto desses muçulmanos. Ali, todos eram culpados perante o tribunal do povo americano.

Durante horas a fio, seguiram todos os trâmites determinados pelo governo federal. O avião estava com cento e oitenta passageiros entre homens, mulheres e crianças. Pessoas doentes, outros com deficiência mental e física. Como um amontoado de prisioneiros prestes a serem lançados ao mar da indiferença.

O governo, através do seu exército, procurou avisar o governo do Afeganistão. O mesmo não retornou o comunicado. Não sabiam nem aonde iriam pousar para deixarem as pessoas.

O governo americano não estava preocupado onde eles ficariam. Queria somente se livrar de cada um deles, como resposta ao povo americano. O radicalismo estava camuflando com pavor, ódio e preconceito, sentidos por toda uma nação, ignorando a constituição norte-americana, que sempre se gabou por sua democracia.

Nas ruas, centenas de milhares de norte-americanos festejavam e brindavam a decisão do seu presidente. Nas comunidades muçulmanas, o silêncio imperava. Foram notificados: caso tentassem algum movimento popular, todos deveriam ser retirados do país.

*****

Do outro lado da cidade, sem terem conhecimento do que está acontecendo com a família de Kailash, outro conflito é travado. Mary Anne discute com Adam na presença da tia.

– Marya, você tem que entender. Essa família pre-cisa muito de nós nesse momento.

– Adam, me poupe dessa conversa. Essa família jáse intrometeu demais em nossas vidas. Eu sei e conheço o seu coração, mas o daquela mocinha assanhada eu não conheço. Só sei que…

– Pare, Mary Anne! Estou no meu limite, não aguen-to mais você falando a mesma coisa, toda hora. – fala indignado.

– Está vendo como você defende essa sem pátria?

– Se você falar mais uma vez dela dessa forma, vouinterromper a conversa. Não dá pra conversar com você nesse estado.

– Não, meu amor. Desculpa, me perdoe. Estounervosa. Você tem que entender. Você quase morre por causa deles e quer que eu fique em paz sorrindo e achando tudo lindo. Eu amo você, quero você na minha vida.

– Shhhh! – interrompe Melinda, aumentando o volu-me da televisão – Meu Deus! Não acredito! – exclama.

– O que houve Tia Melinda? – pergunta Mary Anne.

Adam sente todo o seu corpo estremecer. Suas pernas pareciam querer desfalecer, não podia acreditar no que estava ouvindo. O noticiário estava informando a deportação de várias famílias supostamente ligadas aos atentados terroristas, alguns foragidos, e a família de Kailash estava na lista dos deportados.

Sem hesitar, Adam sai da casa de Melinda desesperado.

– Adam, Adam! Volte aqui! Para onde você estáindo? – grita Mary Anne.

As perguntas ecoam sem resposta pelo corredor. Adam sai, sem olhar para trás.

*****

Em pouco tempo, Adam chega à casa de Hani. Ao ver a janela quebrada, se desespera. Teme que o pior tenha acontecido.

– Por favor, sou eu, Adam. Atendam!

Sem conseguir pensar no que fazer, Adam senta por alguns minutos na calçada com a cabeça entre as mãos. Não sabe o que fazer!

De repente, no desespero, se levanta e segue em direção ao aeroporto.

Na sala de embarque, Hani sente uma força a impulsionando a olhar para trás, e quando finalmente olha se depara com Adam. Não acredita no que os seus olhos vêem.

Emocionada, levanta-se em direção a Adam. O vidro que os separa não consegue dirimir o desejo e o grande amor que vêm se desenvolvendo nos corações de ambos.

Antes de Hani sair, consegue ler em seus lábios:

– “Eu não vou desistir de você”.

Ela coloca a mão na boca e chora. Ele fica desesperado, e tenta entrar na linha dos seguranças, quando é reprimido; tenta enfrentá-los e acaba sendo imobilizado pelos policiais.

Ela o vê caído no chão com as mãos algemadas nas costas. Ele não consegue ouvi-la, e ela é levada para dentro do avião.

Rapidamente, o avião começa a ser taxiado. Acendem-se as luzes da pista, iluminando o caminho que fora traçado pelos americanos, mostrando sua imponência e poder. Por volta das vinte e duas horas, dois aviões-caça se mantêm a postos para escoltar a aeronave até a saída do espaço aéreo americano.

O irã, através do seu presidente Mohammad Vulka, condenou de forma verbal os atentados em Washington e Nova iorque, preferindo por ora não se posicionar sobre o ocorrido.

“O governos iraniano já apelou várias vezes aos Estados Unidos para serem prudentes numa resposta aos atentados, de forma a evitar o que considera poder vir a ser uma “catástrofe humanitária” com milhares de afegãos a dirigir-se para a fronteira, o que se tem vindo a verificar nos últimos dias na fronteira do Paquistão e Irã”. – noticiou a televisão americana.

*****

Seguindo para a pista de decolagem, o avião cumpre o seu destino ao Afeganistão. Apenas em céu aberto, os passageiros foram avisados qual destino seguiria o avião. Na verdade, já sabiam que o destino era o país de origem.

Em vôo aberto, o capitão e piloto se apresentam a todas as pessoas a bordo:

– Senhores, meu nome é George Maluk Ahad e,como vocês, sou de descendência afegã. Fui convocado para esse vôo e digo a todos, não sabia do seu conteúdo. Entristeço-me com vocês e cumpro a minha missão em deixá-los em segurança em seu país. Estarei à disposição a qualquer um que por ventura queira alguma informação. Tenha todos, uma possível boa viagem.

Seguiram a viagem durante horas e horas e, já fora do espaço americano, era madrugada. Hani resolve falar com o piloto.

– Pois não, senhora?

– Senhor Jorge, como vai o senhor? Chamo-meHani. Lamento termos nos conhecido em uma situação como esta.

– Muito prazer, senhorita Hani. Em que posso ajudá-la? – responde o piloto.

– Na sua volta, seria possível o senhor entregar umapequena encomenda a uma pessoa nos Estados Unidos?

– Que tipo de encomenda, senhorita Hani?

– É apenas uma carta. Deixei para trás não apenascoisas materiais, mas também uma pessoa muito especial. Preciso que entregue esta carta para esta pessoa. Seu nome é Adam.

– Não sei se será possível, senhorita. Não possopassar por cima dos meus superiores. Recebemos ordens diretamente do governo, proibindo todo e qualquer tipo de favores.

– Por favor, senhor, é muito importante. Ao menos,pegue a carta. Se não for possível, tudo bem. Não quero deixá-lo em apuros. Mas as coisas mudam nessa vida e, eu sei como mudam, se um dia for possível, lembre-se de mim, como uma irmã sua. Essa carta pode também mudar as coisas na minha vida. Uma carta, senhor, apenas uma carta. Pode lê-la se quiser e verá que para a América e para o senhor é sem importância. Mas para a vida de duas pessoas, é a mudança a verdadeira mudança.

Ele olhos nos olhos dela. Refletiu sobre a sua posição nas forças americanas e, ao mesmo tempo, era um homem com um coração afegão.

– Pelo visto, é uma pessoa muito importante em suavida.

– Tenha a certeza que sim, senhor. Alá o proteja e oguarde. *Shalon!*

– *Shalon*, senhora? – disse o homem sem entender o motivo de uma muçulmana usar uma expressão judaica.

– Hani, senhor. Chamo-me Hani. – despede-se comum sorriso.

Ela volta a sentar-se ao lado de uma jovem afegã, assustada e em pânico.

– Alá nos proteja. – disse Hani, olhando para ajovenzinha.

Ela olha para Hani assustada e abaixa os olhos.

– Como você se chama? – perguntou Hani.

– Jasmim.

– Muito prazer. Me chamo Hani Hamrita, e querdizer “Néctar da Felicidade”.

– Jura? Felicidade?

– Sim. Por quê? Não acredita nela?

– Aham. Acredito. A minha felicidade ficou para trás.Hani abraça a menina e retruca:

– Não fale assim, menina Jasmim. Olhe. Ei! Olhepara mim!

Ela levantou o rosto com os olhos cheio de lágrimas e olhou nos olhos de Hani.

– Eu já morri uma centena de vezes. Eu já choreimilhares de vezes. Eu já me cansei dezenas de vezes. Eu já apertei a felicidade em meu peito e a deixei levar tantas outras vezes. A felicidade se espalhou pelo universo; ela se locomoveu para todos os países do mundo e, onde nós estivermos, lá estará para ficar em nosso peito.

Ela sorri e deita a cabeça no ombro de Hani. Em outro banco, os pais da menina sorriem e olham um para o outro.

A irmã de Hani estava ao lado de um jovem afegão recém-chegado nos Estados Unidos. Não ficaram dois anos no país e já estava sendo deportado.

– Você estava apenas a dois anos nos Estados Unidos?

– Estava senhorita Hamrita, estava. Estudei jorna-lismo em nosso país de origem e fui tentar a vida nos grandes jornais da América.

– E agora, o que pretende fazer?

– Ainda não sei. Quem sabe, outro país ou ficar emCabul plantando ópio.

Segue o vôo. A tensão baixou. O avião estava há horas sobrevoando já longe do céu americano.

DEZ

***U**ma notícia abala toda a estrutura do governo americano. A forma abrutalhada com que agiram os fez esquecer que os países têm suas leis e regras. Nem ao menos se incomodaram em solicitar autorização a quem quer que seja.

Através do noticiário, o mundo recebe a notícia:

"– Nunca permitiremos os aviões norte-americanos utilizar o espaço aéreo iraniano para atacar ou usar de chacota nosso vizinho Afeganistão. – avisou o porta-voz do ministro dos Negócios Estrangeiros do Irã, Hamid Asefi, reafirmando a posição neutra do país na eventualidade de um ataque ao país vizinho".

Por vários motivos, e um deles é a posição estratégica o Afeganistão, se vê a todo o momento o país como alvo de guerra. A notícia da imposição do retorno do avião americano escandaliza o país e as autoridades diplomáticas da região. Mas como última palavra e com o aval do governo, o avião se vê com problemas sérios, e tenta entrar no espaço aéreo do irã. Vários aviões de guerra tomam conta do espaço e mandam mensagens via telégrafo e rádio de que, se em algum momento o USA AiR FORCE tente desobedecer, será atingido.

Naquele momento, já perto de entrar no irã, o piloto comunica seu problema de combustível e alguns outros problemas técnicos. Muitas horas de vôo e o fato do avião americano não ser muito novo, agravaram a situação.

O piloto então recebe a informação de retornar aos Estados Unidos.

"– Impossível!" – respondeu o piloto e capitão do exército americano.

Sobrevoando a região montanhosa, o avião começa a ter sérios problemas com o ar quente vindo do centro das montanhas. Fortes turbulências tomam conta do USA AiR FORCE. O piloto se vê numa condição de forte emergência. Procura contato com os aeroportos mais próximos ao local do voo. Não consegue retorno, apenas a negativa do país do irã.

– Mayday! Mayday… Precisamos aterrissar com urgência! Base, base!

Não se houve mais o pedido de ajuda do USA AiR FORCE. Silêncio na base. Os americanos ficam estupefatos com a decisão da negativa do país vizinho.

O destino de todos era a capital Cabul, mas o avião estava sobrevoando a fronteira com o Quirquistão, há uns 15 quilômetros do Afeganistão. Uma região montanhosa e que era usada por tribos e rebeldes do liberdade e Panarábica.

O sinal foi perdido porque o piloto George Maluk, homem de muita experiência em vôos para a região, se viu numa situação sem opção. A gasolina do USA AiR FORCE estava no limite e o piloto forçou entre as montanhas um pouso de emergência.

Do alto das montanhas se via o enorme avião com o corpo estendido no chão. Nenhuma avaria ocorreu ao pousarem, somente o susto dos tripulantes. Após o pouso, o piloto George falou a todos, pedindo desculpas pela força como as coisas foram conduzidas.

– Gostaria de deixar as minhas desculpas e dizer quepor motivo de força maior, o que ocorre sempre na política e principalmente a internacional, este avião foi proibido de pousar em Cabul ou no irã, como era previsto, e não tínhamos um “plano B”, o que foi um tremendo erro das autoridades dos Estados Unidos.

– Senhor, George.

– Pois não. Hani, não é?

– Sim, Hani, senhor. Conseguimos ao menos contatocom a América ou países vizinhos para saber onde estamos.

– Na realidade, não, senhora. Consegui contato antesde pousar, mas as enormes montanhas, como foi visto por todos, nos impediu de informar a nossa localização exata. Mas com certeza, já estão nos procurando. Consegui há algumas horas posicionar o nosso voo. Tivemos que fazer algumas mudanças de rota por motivo de fugirmos de algum impacto. Gostaria de convidá-los a

descermos do avião de forma ordenada e sem pânico, por gentileza.

*****

Casa do idoso “Lar para cristãos” – Washington (D.C.)

– ***A***corde senhor Adam, precisa tomar o remédio. Venha, levante a cabeça.

– Não acredito você novamente, doutora! Comovocê se chama? Não existe outra médica nesse hospital?

– O senhor sabe que sim. O doutor Jacques cuidamuito bem do senhor. Agora caladinho, beba e volte a dormir.

– Como posso voltar a dormir se toda a vez que tentoa senhora entra em meu quarto me empurrando algum remédio? Tento escrever e a senhora não deixa. Tento sonhar e a senhora ou a enfermeira interrompem. Só falta agora é me dar banho.

– Psiuuuuuu! Deite-se!

O remédio começa a fazer efeito e Adam volta a dormir.

A doutora fica ao seu lado segura a sua mão e contempla a condição do seu paciente. Estava com a idade avançada, cabelos bem branquinhos, muitas rugas e hematomas por várias partes do corpo, inclusive na cabeça, causada pela doença que o matava aos poucos.

Uma desatenção e pronto! Lá estava Adam tentando sair do hospital. Pela idade avançada, suas pernas já não conseguiam andar direito. Seu corpo perderá o equilíbrio e sua mente já não era saudável.

Ela apagou a luz, deixou a do abajur acesa, parou na porta e novamente olhou para ele. Sempre na expectativa de que ele a reconhecer.

Com os olhos fechados, ele balbucia coisas desconexas e ela fica aflita por

ele. Um homem forte e viril, desafiador, um grande artista, e agora o que tinha de melhor era sua mente totalmente debilitada.

Tudo começou quando algo brutal ocorreu na sua vida; ele não suportou as perdas dos anos passados e foi corroendo tanto a sua alma quanto o seu corpo e mente.

Adam, um homem destemido, com uma força artística sem par, não suportou perder seu grande amor. Nessa época, Adam se deixou levar pelo ostracismo e depressão na sua vida. Sua mente foi se dissipando como quando uma pedra de gelo derrete. Uma demência foi entrando em sua vida e ele perdeu toda a referência das pessoas que lhe eram queridas.

Era muito importante para algumas pessoas e foi cuidado por elas. Perdeu outras que tanto amava e perdeu a si mesmo. A invasão da idade é como uma avalanche que corrói sua mente e seu corpo. Quando não cuidado meticulosamente, ela devasta a sua existência.

Vagamente e muito esporadicamente, vinham em sua mente os momentos especiais, o que o deixava triste, por melhor que fosse o acontecimento. Quando ocorria, ele chamava a médica que por vezes não conseguiu esse momento com Adam. Todas as vezes ela estava fora ou em outro hospital. Ao receber o chamado de que Adam estava lúcido, vinha correndo para vê-lo, mas sempre era tarde demais. Ela acumulou tristeza sobre tristeza por nunca mais poder ter um verdadeiro encontro com ele.

Lá estava Adam, encolhido pelo tempo, fraco e esperando a morte, e do outro lado, uma bela senhora ainda forte e querida, esperando um milagre da vida.

*****

Nas montanhas próximas do Afeganistão

O avião pousou nas cordilheiras e, entre as montanhas, estava a Schenginch Tschokusuo, a maior montanha do país com uma altura de 7.439 metros. Um dos maiores perigos era o forte inverno do local. Um clima continental seco no verão, e eles estavam em pleno inverno. O dia estava terminando, todos estavam exaustos, não somente pela viagem, mas pelos acontecimentos.

O medo estava estampado nos rostos dos passageiros. Havia dois soldados do exército americano, o piloto e o copiloto. Sabiam do segundo perigo eminente no local. As tropas de guerrilheiros dos mais perigosos rebeldes refugiados do Afeganistão.

Na América, as notícias são as mais pessimistas: a maioria da imprensa noticiava a queda e morte das 184 pessoas do avião, o USA AiR FORCE.

Já nos ares perto do Quirquistão, estavam aviões americanos sobrevoando a região em busca de sobreviventes. No avião, as pessoas buscavam soluções para se protegerem e alguma forma de comunicação com o mundo externo.

– Peço aos senhores que não se afastem sozinhos do redor da aeronave. Esse lugar é muito perigoso e não queremos perder ninguém.

Treinado para situações similares, o piloto George comunicou a necessidade de estarem preparados para uma abordagem dos rebeldes Pan.

*****

Ouvem-se tiros e todos correm para dentro do avião. Ao perceberem, viram o piloto George, o seu copiloto e mais um soldado americano possivelmente morto.

É uma invasão de aproximadamente trinta homens com os rostos cobertos, armas americanas e granadas na cintura. Eles chegam perto dos corpos e avisam para todos descerem em silêncio e sem tentativa de reação. Uma gritaria se formou dentro do avião. Ninguém queria descer até que Hani toma uma atitude: se levanta e desce as escadas do avião. Ela sabia que se não obedecessem,

poderiam sofrer graves conseqüências. Em seguida, seguem o pai e a irmã. Algumas outras pessoas obedeceram a ordem e seguiram a família de Hani.

*****

Uns dez minutos depois, os homens subiram na aeronave e metralharam as pessoas que estavam no avião. Saquearam toda a comida e água e seguiram pelas montanhas com os prisioneiros. Na verdade, os rebeldes não queriam e nem podiam levar mais de cento e oitenta pessoas para o esconderijo. Acabaram levanto as quinze pessoas que saíram do avião. Em silêncio, caminharam para um local chamado Tora Bora, uma caverna imensa com saídas estratégicas para vários caminhos.

O que parecia durar alguns minutos se tornou uma viagem quase interminável. Percorrendo caminhos áridos e cruelmente sem vida, o perigo era eminente a todo o momento.

Ouviam-se tiros e bombas que eram impossíveis de detectar o lado de onde vinham. Não os deixaram pegar nem água e comida e os empurravam como animais pelo semideserto das montanhas encantadas das fronteiras da zona de guerra.

Kailash era o mais experiente das pessoas sequestradas daquele território. Já havia passado por isso na sua adolescência com a sua família. Relembrava seu pai orientando as pessoas a terem controle para não despertar a ira dos rebeldes, pois tudo era um estopim e eles estavam prontos para apertar o gatilho sem que possam retrucar ou revidar as suas palavras.

Eram homens crus e rudes, pressionados por uma religião fanática e misteriosa. Tinham projetos utópicos e nada conteria a disposição daqueles jovens totalmente perdidos na sua inexistência. O perigo rondava fora e dentro do grupo, tanto dos rebeldes quanto dos prisioneiros por ter pessoas já em fase de descontrole, podendo assim, promover uma catástrofe.

Os rebeldes não tinham a menor compaixão em atirar por qualquer motivo.

Como tiraram a vida de centenas de pessoas no avião para não acumularem problemas, assim fariam com qualquer um deles. As pessoas que mais sofriam eram o soldado americano e alguns homens com aparência forte. Eram intimidados a todo o momento a não terem reação.

Havia um homem jovem e forte que estava em pânico e a todo o momento falava em fuga. Kailash o advertia de que era impossível fugir naquele local horrendo e que, se fugisse, morreria pelo deserto de fome ou sede. Ele estava irredutível e queria se libertar dos rebeldes, pois pensava que iria morrer de qualquer maneira.

– Eu vou correr logo após aqueles arbustos e vouchamar ajuda.

– Não faça isso! – retrucou Hani. – Por favor, sevocê fugir, eles encontraram você. Nesse lugar não tem ajuda, entendeu?

– Nem com eles teremos ajuda.logo em seguida, como falado, ele fugiu em direção ao vale de Punshir. Não fora notada a sua fuga por alguns minutos. A confiança dos guerrilheiros era tamanha e não acreditavam que alguém pudesse tentar fugir por aqueles vales sem vida e com todo o tipo de violadores pelas montanhas.

Algum tempo depois, chuvas de balas passavam pelo território ocupado pelos pan-arábicos. Por mais um bom tempo, artilharia chamou a atenção dos rebeldes que buscaram abrigo e então que notaram a falta de uma pessoa.

Nesse momento, já estava escurecendo e o ódio tomou conta de um dos patrulheiros da equipe.

– Então, nós temos algum espertinho por aqui, certo?– falou olhando para todos. – Muito bem, quero saber quem fugiu do nosso meio e vou dar um minuto para alguém me falar, senão começo atirando nessa menina aqui. – disse colocando o rifle na cabeça de Amita.

Todos ficaram calados e apavorados com medo de iniciar uma carnificina. Não teve como não contar quem e para onde fora. Saíram à caça do fugitivo sob a chuva de balas que percorria o céu do vale.

O fugitivo estava a poucos quilômetros, no extremo leste da ladeira sul do Vale de Hinom – lá existe uma área desértica e pedregosa de quase um hectare, conhecida como o Campo do Oleiro desde os tempos de Jerônimo (400 d.C.). Ali, em uma cova natural e extensa, têm sido sepultados os estrangeiros e indigentes através dos séculos. Coincidência ou não, ali estava mais um estrangeiro de pé, desesperado, olhando para o infinito de um vazio longínquo.

Em pouco tempo, ele fora localizado pelos rebeldes terroristas que o cercaram e o prenderam ser darem nenhuma oportunidade a ele. Amarraram-no e o cobriram com pedras. Deixaram o estrangeiro ali vivo e seguiram de volta ao pequeno acampamento.

*****

Consulado nos Estados Unidos

Melinda e Adam estavam conversando com o secretário do cônsul Jonathan Harry:

– John, você recebeu alguma informação oficial? –perguntou Melinda.

– Não é possível que todo um país não tenha nenhu-ma informação oficial do que ocorreu com o avião. – falou indignado Adam.

– Espere um minuto, tenho que atender ao telefonevermelho. Deve ser alguma informação. Um momento, por favor.

Chega a informação correta.

– Melinda e senhor Adam. O avião fez um pousoforçado, estavam sem gasolina e o piloto conseguiu pousar nas montanhas próximas ao Afeganistão.

– Meu Deus! Graças a Deus! – falou aliviadaMelinda.

– Tia, que maravilha, eles estão vivos!

– Temos más notícias também. Parece que foramatacados por uma milícia.

Adam fica paralisado. A ideia de algum mal ter acontecido a Hani o desespera.

– Fico indignado com o nosso governo. Tomar umaatitude dessas contra cidadãos americanos. – ressente-se

Adam.

– Calma Adam! Nada temos a fazer no momento.Temos que confiar nas autoridades.

– Verdade, senhor Adam. Vamos aguardar; já envia-ram socorro por terra e ar e em qualquer momento teremos mais notícias.

*****

Assim é o Afeganistão: adivinhamos a sua beleza mais do que a vemos. Sendo parte essencial da cultura afegã, a hospitalidade tem regras que determinam que o visitante, seja ele quem for, conhecido ou desconhecido, é recebido com o melhor que se tem para receber. A honra define o afegão e aqueles que estão a sua volta, e receber bem está diretamente relacionado com a honra. É o convidado quem define quando o anfitrião deve parar de servir. Há um costume tradicional afegão chamado *nanawatte* (que significa “acabei de entrar”) que traz desgraça ao dono da casa que não aceite o pedido de um homem que entra na sua casa alegando a circunstância de convidado.

De Jalalabad para Cabul, numa estrada que em determinadas alturas se transformava em memória, o verde-esmeralda do rio com o bronzeado das montanhas por trás emprestava uma delicadeza à viagem. Se as águas e as montanhas se misturam em férteis vales e se os poetas afegãos são capazes de encontrar palavras suaves na tradição clássica persa ou pastum, a geografia, a terra, o clima, a história, os costumes, as condições de vida estão sempre a nos lembrar da dificuldade que é nascer afegão.

Mesmo não nascendo velhas, as pessoas envelhecem cedo, a ponto de ser difícil, na maioria das vezes, adivinhar-lhes a sua idade sem recorrer ao estratagema de retirar dez ou quinze anos do que aparentam.

No caminho da morte no vale do Afeganistão, ao chegarem ao grupo, nenhuma palavra fora dita pelos rebeldes e muito menos houve alguma pergunta de quaisquer uns deles. Todos estavam cansados e com fome, mas não podiam acender fogo e tampouco tinham o que comer. De repente, perto de Hani e Amita, chega um dos que cuida da alimentação dos guerrilheiros e elas sentem odor de açafrão, alho, pimenta seca e *pakora* frito vindo do tecido duro da roupa, misturando-se ao suor, ao hálito e ao cheiro forte do sabonete de sebo. O tecido de náilon que envolve a cabeça é tão fechado que se pode sentir o seu hálito ainda mais forte. Elas perderam o apetite quando lhes fora oferecida um pouco da iguaria.

Na caverna chamada Tora Bora, rebeldes do liberdade comandam os prisioneiros para que não escondam nada de valor nas roupas ou qualquer outro lugar, pois em caso de desobediência, todos morreriam.

– Atenção, todos vocês são do nosso povo e nãoqueremos fazer mal algum. As mortes que ocorreram no avião eram para preservar a nossa identidade. Não nos obedeceram e, por isso, pagaram com suas vidas.

– Senhor? – indagou Hani.

– Não foi permitido a nenhum de vocês a falar.Quando chegar a hora, nós daremos essa permissão. Por isso, fiquem calados até segunda ordem.

– Eu gostaria de ir ao banheiro. – replicou Hani.

Todos riram bem alto. E o comandante foi até ao lado de Hani e a esbofeteou.

– Da próxima vez, quem desobedecer irá morrer. Asenhora é uma afegã americana, não tem nenhum valor para Alá. Portanto, cale-se ou irá para o inferno.

Foram em direção do soldado americano.

– Qual o seu nome e sua função?

Ele dizia somente sua patente e número de soldado. – isso tem na sua medalha, seu porco. Levem-no!

Ouvem-se tiros e bombardeios na região. Os soldados rebeldes correm para fora da caverna. A guerra é constante naquela região. Várias tribos foram dirimidas em grupos, e têm guarida nas montanhas. Além da guerra contra o governo local de cada país, a guerra se estende aos americanos e entre tribos.

Hani conversa com o pai e sua irmã.

– Alá nos proteja! Pai, o senhor está bem? – perguntaHani.

– Filha, na medida do possível. Espero que você esua irmã estejam confiantes em Alá.

– Papai, estou amortecida. Depois de tudo o queestamos passando, não tem mais coisas ruins. Acho que só vai melhorar.

– Esperamos que sim, minha filha. Queria poderajudar vocês, mas estou velho e cansado.

– Pare com isso, papai! O senhor é maravilhoso.

Confiamos no senhor e em Alá.

Alguns dias se passaram na caverna Tora Bora.

– Todos se levantem e nos sigam. – disse um soldadorebelde.

As pessoas seguem com uma fileira de soldados, caminhando pelo vale seco das montanhas do Quirquistão.

– Papai, o senhor notou que o soldado americanonão está entre nós?

– Filha, é melhor não nos envolvermos nesse assun-to. Estamos frágeis a ponto de falecermos de fome e sede. Não podemos lutar pela vida de ninguém a não ser a nossa.

– Ele tem razão, Hani. Não abra a sua boca. Vocêouviu o que o barbudo disse quando te bateu.

Em pouco tempo, lá estava um velho Jipe com um engate. Mandaram todas

as pessoas subirem. Preocupadas e com medo de perguntar para onde iriam logo o soldado informou:

– Vocês irão para Cabul. Terão os olhos vendadospara não identificarem o caminho de volta. Por amor de Alá, vocês estão vivos. E isso nunca ocorre aqui na caverna da morte.

*****

Algum dias depois

O piloto George Maluk Ahad era um homem especial. Havia ganhado várias medalhas de honra ao mérito do governo e do exército americano. Era filho de família afegã, de residentes e falecidos nos Estados Unidos. Conheceu a americana Margareth Hall na academia de pilotos. Ambos se formaram: ele, piloto, e ela, secretária da aeronáutica. Ela não seguiu a carreira por causa da gravidez de sua primeira filha, Rosalyn, e ano seguinte, a segunda menina, Beatrice também nasceu.

Tocam a campainha da casa de Margareth Ahad. Ela atende apreensiva, coloca a mão sobre o rosto e chora.

Suas filhas já moças, no momento, não estava em casa. – Senhora Margareth?

– Não me digam nada, por favor.

– Sinto muito, senhora.

– Mas fiquei sabendo que o avião pousou emsegurança?

– Na realidade, ele conseguiu salvar as mais de centoe oitenta pessoas daquela trágica viagem. Mas quando pousaram, horas depois, os rebeldes atiraram nele e no co-piloto. Além disso, morreu um jovem do exército.

– Meu Deus! Meu Deus!

– Nossos soldados já estão no avião e foi encontradocentenas de pessoas mortas. Estamos averiguando quem e quantas pessoas sobreviveram. Algumas pessoas foram seqüestradas pelos rebeldes.

– Que Deus as proteja! – chora Margareth.

– Encontraram coisas pessoais do seu marido. Assimque recebermos, enviaremos para a senhora. Meus pêsames, senhora. Se houver algo que possamos fazer… – Não, não há. Preciso ficar só. Adeus!

Nada mais havia para se fazer naquele local. Despediram-se.

Em Nova iorque, a pedido de Kailash, o rabino deveria através de uma procuração vender a casa da família e enviar o dinheiro para Cabul no Afeganistão. Assim, a família começaria uma nova vida. O rabino foi ao banco e soube que os bens de Kailash e da família estavam bloqueados pelo governo e o dinheiro seria usado para combater o terrorismo nos Estados Unidos. E assim foi feito com todas as famílias extraditada do país.

Desesperado, o rabino se vê numa situação inacreditavelmente sem saída. Tinha acabado de receber a notícia do que acontecera nas montanhas da fronteira do Afeganistão.

Na semana em que o avião decolou, alguns americanos radicais foram à residência dos Hamrita e atearam fogo, deixando a casa quase toda queimada. A situação da família era de total perda. Não tinham nem dinheiro para comer no Afeganistão.

*****

Viagem para Cabul

Seis horas de viagem. O frio e a fome tomam conta de todos. O medo e a suspeita de que seriam mortos fazia com que pensassem em várias possibilidades

de tentar fugir ou tomar o carro. Mas como fazer isso? Eram pessoas civis amedrontadas e não tinham mais certeza de nada. Durante a madrugada, corriam o risco não somente em sofrer danos pelos rebeldes que os levavam, mas também de outras tribos concorrentes e de corações gelados, quase psicopatas.

A terra era árida e, com os buracos, o carro chacoalhava muito. Pequenos animais passavam em frente do farol. A todo o momento, o carro parava e alguém seguia a pé para tentar localizar alguma forma de perigo. Talvez fora a mais longa viagem já feita por aquelas pessoas. Num momento, o carro parou para que fossem todos pudessem fazer as suas necessidades.

– Vamos, desçam! Podem fazer as suas necessi-dades já e aqui. Se alguém fizer no carro, irá sofrer consequências!

– Mas aqui? Nós mulheres?

– Nessa terra não existe mulher. Aqui é terra deninguém. Façam aqui e agora. Vocês têm cinco minutos.

Com muito sofrimento, todos conseguiram o que parecia impossível. Não tinha saída. Precisavam passar por mais essa humilhação. De longe, avistam a capital do Afeganistão. Com a ajuda de outros rebeldes e pessoas ligadas ao governo afegão e aos pan-arábicos, conseguem passe livre para entrar na capital do país.

No caminho do aeroporto para o centro da cidade, barreiras de soldados armados fazem vistas grossas para o Jipe dos guerrilheiros. Tudo estava combinado. A entrega dos refugiados dos Estados Unidos fora reivindicada pelo governo do Afeganistão. E as autoridades afegãs ficaram furiosas com os rebeldes pelas mortes de mais de cento e setenta pessoas afegãs. Num acordo com os rebeldes em trocas de armamentos, receberiam quatorze pessoas ainda vivas.

Perto do rio que corta o centro de Cabul, dezenas de pessoas viciadas em ópio perambulam pelas ruas – a droga é plantada na região para ser usada como remédio, mas alimenta o tráfico de drogas.

O Jipe despejou todas as pessoas no local e saiu sem ao menos alguém falar uma palavra com algum deles. Ninguém questionou, porque queriam ficar livres dos rebeldes e na cidade a sensação de liberdade era maior.

Olharam em volta e havia grande quantidade de jovens dopados pelo ópio deitados nas margens do rio. Chocados, ficaram perdidos sem saber qual atitude tomar.

Naquele instante, Hani resolver agir.

– Vamos seguir para uma delegacia.

Naquele momento, chega um camburão do exército afegão, que cerca a todos, indicando cada um deles o caminho da boleia do caminhão.

Depois dos depoimentos, as pessoas foram liberadas, cada um deles sem destino ou dinheiro. Num momento, se viram nas ruas de Cabul perambulando sem apoio das autoridades.

Kailash, então, se recorda do rabino e das conversas sobre seu povo no Afeganistão. Lembrou-se de um nome importante na mesquita do país.

– Hani, me lembrei do nome de um rabino de Cabul.

O nome dele é…

Não conseguia se lembrar.

– Marash! Isso, Marash. Precisamos encontrá-lo.

– Marash, Marash, Marash… Não vamos esqueceresse nome. – disse Amita, entusiasmada.

Tarde da noite, eles circulam pela cidade. Uma família resolve segui-los. Outras pessoas seguiram o seu caminho. Em um dos pontos de táxi, ele pediu informação e conseguiu descobrir o endereço da sinagoga. O taxista ficou desconfiado de que aquelas pessoas estavam perdidas e questionou Kailash. Ele disse rapidamente o que estava acontecendo com eles e, por alguma razão desconhecida, o taxista resolveu ajudá-los, levando-os à sinagoga, mesmo sabendo que não tinham dinheiro.

Deixados na porta da sinagoga, o taxista foi embora.

O lugar era ermo e perigoso, como vários lugares em Cabul. Eles tentaram se comunicar com algumas pessoas e bateram na porta da sinagoga, mas não obtiveram sucesso.

Resolveram deitar no chão de fronte ao templo e aguardar a vinda de algum membro ou do rabino Marash.

Durante a madrugada, em meio ao frio, o rabino apareceu preocupado e com medo, pois havia recebido uma pessoa em sua casa dizendo que alguns indivíduos estavam deitados na porta da sinagoga.

Todos estavam muito cansados e já dormindo, quando, de repente, são acordados pelo rabino e por mais dois membros do local.

– Quem são vocês? Ei, acordem! Quem são vocês?

Acordaram assustados, e por terem passando por pressões constantes, a família de Kailash estava em choque e depressiva.

– Rabino, somos amigo do rabino Akiva da América.

– Meus filhos, Shalon. Akiva? Quanto tempo! Sintosaudades desse grande homem de Deus. Olha o estado de vocês! Venham, entrem na sinagoga.

Todos estavam num lugar quente e agradável. O rabino pediu para os membros de a sinagoga fazerem um chá para os visitantes. Começaram a conversar e algumas horas se passaram.

– Deus Todo Poderoso, o que vocês passaram meusfilhos?

– Rabino, hoje estamos conformados. Alá nos con-forta com a esperança, apesar de em vários momentos não sentirmos nenhuma. E em outros momentos, Alá nos fortalece e nos mostra as enormes dificuldades que nossos antepassados viveram, e que há uma vida especial em algum momento esperando por nós. – disse Kailash.

– Sim, sim, meus filhos. Mas e essas meninas? Olhao estado em que se encontram! Venham, vamos a minha casa e lídia, a minha esposa, cuidará delas. E você, meu Kailash, irá comigo nas lojas comprar alguma coisa para se vestirem. Mas antes um belo banho, certo? Que tal, um banho? Você está

precisando. – sorriu o rabino.

O amoroso rabino os leva para casa e cuida com carinho de todos.

– Aqui estamos meus filhos. Essa é a minha senhora,lídia Marash.

– Muito prazer, senhora.

– É todo meu. Meninas! O que houve com essasmeninas? Venham aqui…

– Elas estarão novinhas em folha, Kailash.

– Não sei como agradecer, rabino. Somente Alápoderá pagar o que está fazendo por nós.

– Kailash façamos o seguinte: não vamos falar maisnada. Venha comigo tomar aquele banho e, em seguida, desça. Vamos preparar um bom jantar para vocês.

Kailash responde sorrindo:

– Acho que estou precisando mesmo.

No hospital onde Mary trabalha, os colegas de trabalho buscam dar apoio a ela, pois sabiam em parte o que tinha se passado.

– Mary, querida – disse sua colega de turno e defaculdade, a doutora Susan. – Como anda a sua vida com Adam?

– Você sabe que ele é duro, acho que meio machista.– risos. – Mas agora penso que estamos retornando a vida de antes. Vou apressar as coisas para o nosso casamento e penso que tudo ficará resolvido, Susan. Ele é o homem da minha vida.

E Mary Anne segue se lembrando da infância:

– Lembro-me de que quando tínhamos dez anos deidade, ou melhor, eu com dez e ele com dezesseis anos, a gente caminhava pelo bosque do Central Park sozinhos. Tia Melinda confiava tanto nele que ficava com as amigas caminhando e marcávamos um ponto específico para nos encontrarmos.

– Que linda! Eu imagino você com dez aninhos, jáassanhadinha por ele. – risos.

– Estranho, como pode uma menina de apenas dezanos ficar totalmente apaixonada por alguém? Lembrome como se fosse ontem, o nosso lugar preferido. Ele adorava uma árvore imensa no lado leste do parque é um lugar lindo, principalmente no outono, que era a sua estação preferida. Engraçado, faz algum tempo que não volto naquele lugar. Como a gente é: o tempo passa e vamos deixando de lado o melhor da vida para muitas vezes buscar o pior.

– Verdade, Marya. Conte mais, amiga.

– Então, lá existe um pequeno desenho que ele fezesculpido na árvore. Uma mulher com a lua e algumas estrelas acima da sua cabeça. Ele dizia que essa era a melhor parte dele, que se casaria e seria feliz com essa mulher, e olhava sempre para mim.

– Amiga, vou chorar! Você tem razão de ser apai-xonada por ele.

Com os olhos marejados ela responde:

– Sou sim. Ele é realmente incrível e um grandeartista. Penso que aquela árvore foi o seu primeiro trabalho artístico. Passávamos horas e horas conversando. Coisas de meninos, apesar de ele ser um adolescente, mas seu coração era puro como uma criança de dez anos. Eu é que era assanhada. – elas riem.

– Era. Você disse, era. – muitas risadas.

– Vamos embora, amiga. Temos que atender aos nos-sos pacientes.

– Marya, conte mais!

– Te conto noutra hora, assim que sairmos e tomar-mos um gostoso café bem quentinho. Pode ser?

– Pode né? Vai adiantar eu dizer não?– Não! – disse Mary Anne.

******

Adam trabalhava em seu ateliê. – Adam! – chamou Petter, seu assistente.

– Sim.

– Temos oito encomendas que você ainda não fez.

– Tudo isso? Estou fazendo, Petter. É melhor nãoatendermos às encomendas por enquanto. Estou ficando atrapalhado e nem sei mais o que pintar, sem inspiração. – Adam.

– Pode falar.

– Você ainda está pensando nela, não é? Eu conheçovocê, meu amigo.

– Nem sei falar como anda a minha vida, meucoração. Estou pasmado, Petter.

– Não se esqueça de que Marya te ama demais e vaicobrar o casamento e para logo. Você tem consciência disso, não é?

– Sim, e como tenho.

– Meu amigo, Adam. Uma opinião?

– Não quero sua opinião, Petter.

– Está bem. Sem opinião, mas vou dizer o que penso.– sorri. – Você deve chegar a alguma conclusão quanto a sua e a vida de Marya. Se você não a ama o suficiente, por favor, acabe com isso. Ela não vai morrer, vai sofrer, sim, pelo muito que te ama. Mas vai sobreviver.

– Petter, eu penso em tudo. Na minha vida, na delae na de Hani, que só Deus sabe o que está passando naquela terra.

E Adam devaneia:

– Seu coração ainda vive, “Hani”, eu sei. – Se é aHani o que você quer, então, vá buscá-la! Pegue o seu cavalo branco e atravesse o planeta até o Afeganistão. Coloque-a na garupa e… Bye! Bye! Tome uma decisão! Isso o que está vivendo é que não dá. Eu vou acabar ficando pobre se eu depender das comissões de vendas dos quadros que você não consegue mais pintar.

– Só você para me fazer sorrir meu amigo. Está bem.Vou fazer o restante das encomendas, ok? Assim, você pode trocar seu carro, porque é só nisso que

você pensa. Falando nisso: e Patrícia? Aquele monumento brasileiro que você me apresentou dizendo que ela mudou a sua vida e que você nunca mais iria querer saber de automóveis?

– Adam, preste a atenção: nós estamos falando dasua vida, e não da minha. Se quiser mesmo saber, ainda estamos juntos. Penso em até ir ao Brasil, sabia? Passar um mês de férias na Bahia e depois ir Rio de Janeiro.

Nada mal, né?

– É nada mal. Pensa em conhecer a família dela?

– Vou tentar não conhecer. Mas se for inevitável,vamos lá! Adoro Patrícia!

– Ainda bem. Ela não merece você. Mas a vida écheia de surpresas e dádivas. Por que não ganhar uma, não é, senhor Petter?

– Bom, vou buscá-la para almoçar. E o senhor, porfavor, quando eu voltar, pelo menos cinquenta por cento desses quadros prontos.

– Não quer mais uns, não? Basta mandar, eu ligo aventoinha e pronto.

– Adam, sinceramente! Amo seu trabalho, mas vocêspintores ganham dinheiro até se apenas jogarem uma lata de tinta na tela. Mistura com outras latinhas: uma vermelha, outra azul e pronto. Lá estão alguns milhares de dólares no bolso. Então, sem desmerecer o seu talento, jogue algumas latas nessas tantas nas telas que faltam e *voilá*!

– Vá, antes que eu mesmo dou um jeito em você.Suma e me deixe trabalhar.

Em Cabul, a família Hamrita tenta se levantar dos golpes sofridos pelo destino, tanto profissionalmente como moralmente. O país estava com problemas sérios com os nacionalistas do pan-arabismo. Vinham aterrorizando as pessoas e desafiando as autoridades para não fazerem acordo com os estrangeiros. Nisso, a divisão crescia e atingia tudo e todos que por ali moravam.

No entanto, havia um fenômeno político e cultural acontecendo no mundo, sem o controle das superpotências: a diáspora palestina, iniciada em 1949. Dezenas de milhares de palestinos se dispersaram pelo Oriente Médio e pelo

mundo, vivendo muitas vezes em condições subumanas em campos de refugiados. Os palestinos se transformaram num povo errante, exatamente como haviam acontecido há dois mil anos antes com os judeus.

Foi nesse contexto que surgiu a Al-Fatah, em 1950, ainda em silêncio a nível internacional. Com ela, o Oriente Médio mergulhou de vez no pesadelo do terrorismo. Trata-se da *Fatah*, que em árabe significa *reconquista*. O grupo tinha como objetivo a destruição de israel e a criação de um Estado palestino soberano e independente. Era um entre vários grupos radicais surgidos na região.

Entre os fundadores da Al-Fatah, estava Yasser Arafat, um jovem engenheiro palestino, admirador da política nacionalista de Nasser. Mais tarde, ele viria a se tornar o principal líder dos palestinos à frente da Organização para a libertação da Palestina, a OlP. Logo que surgiu, a Al-Fatah passou a praticar uma série de ações guerrilheiras contra alvos militares israelenses e de atentados terroristas contra alvos civis.

Nesse contexto, o país do Afeganistão sofreu um dos seus maiores crimes humanitário de todos os tempos. Como se não fosse o suficiente, a venda do ópio, que deveria ser emprego como remédio, se transformou num mar de viciados por toda a região, principalmente em Cabul.

Foram os desdobramentos da chamada Guerra de independência, conhecida como a *Nakba* – ou catástrofe, em português – que fizeram com que grandes levas de refugiados fossem impedidas de retornarem as suas casas até os dias de hoje. E, os demais que permaneceram em seus territórios, passaram a conviver sob uma realidade de completa segregação. Isso ocorre porque os palestinos que vivem nos territórios ocupados têm o seu direito de locomoção extremamente limitado, sendo submetidos diariamente aos chamados *checks in points* (ou barreiras de segurança) a fim de cruzarem algumas fronteiras municipais. A complexidade da situação é capaz de impedir que cidadãos que residem na Cisjordânia sejam, do mesmo modo, proibidos de visitarem a Faixa de Gaza e vice-versa.

Todas as restrições relacionadas ao direito de locomoção de uma maneira

geral, a qual abrange por sua vez os direitos à visita, ao retorno dos refugiados da diáspora e de locomoção interna dentro dos territórios palestinos, tornam-se ainda mais urgentes, quando comparados ao tratamento dispensado à comunidade judaica da diáspora. Nesse caso, a chamada lei do Retorno tende a beneficiar com direito a trabalho e moradia em israel quaisquer indivíduo de origem judaica, incluindo aqueles que nunca estiveram naquela região. Tudo isso em detrimento de uma vasta comunidade palestina nascida no território compreendido pela Palestina Histórica.

A força da guerra terrorista vinha crescendo por todo o Estado Palestino e no Afeganistão, e a pressão unilateral vinha tomando corpo a cada dia. A força corrupta e o despertar do poder toma conta de cada cidadão pertencente aos segmentos radicais.

*****

Três meses haviam se passado, desde a deportação das famílias muçulmanas. Era o mês de fevereiro e, nos Estados Unidos, o dia é especial: dia catorze é exatamente a comemoração dos apaixonados, o *Valentine's Day*, e o país inteiro comemora como se fosse um Natal.

Em Nova iorque, Mary Anne prepara um lindo jantar para Adam, que sai do trabalho e vai ao centro comprar uma lembrança para sua noiva. Caminhando pela Quinta Avenida, ele procura pelas lojas algo que possa dar a Mary. De repente, se depara com uma linda moça morena com um véu envolto no rosto. Por um momento, o seu coração dispara e ele suspira de forma emocional. Corre ao lado da moça e a chama com um suave toque no ombro.

Ela olha para ele meio assustada e ele a pergunta se ela é afegã. Com medo de represália, ela nada diz e sai rapidamente do local. Ele apenas a segue com os olhos.

Adam fica triste e vai a um café para se recompor. Naquele momento, ele se imagina num dia especial com a mulher que conseguiu arrebatar o seu coração.

Passa por seus pensamentos momentos lindo com Hani, que na verdade foram poucos, mais tão intenso que parecia ser sua mulher por décadas.

Lembrou-se do olhar apaixonado com que ela o olhava, no dia da chuva no Central Park, quando ela, parada na chuva, balbuciava palavras que até hoje ele não sabe o que foi. Via seu rosto molhado, seus cabelos longos e lisos encharcados e seu corpo selado por seu lindo vestido florido.

Lembrou-se da força que descobriu que tinha quando fora atacado por cidadãos americanos. Um turbilhão de emoções o invadiu quase que por uma fração de segundos. Nunca haviam se tocado, exceto pelo toque das mãos, mas entendia que o maior toque era o encontro que tiveram, o encontro de almas, entrelaçando mente e coração. Seus pensamentos passam pelo nome Hani e um calafrio toma conta do seu corpo, uma sensação inebriante e desconcertante. Sentiu saudades do que nunca viveu. Uma grande tristeza o invadiu, ocupando todos os espaços em seu coração.

O *Valentine's Day* é o dia em que seu coração realmente entendeu o significado do amor. Não conseguia entender a força desse sentimento, mas não questionava o que sentia, apenas sentia.

Aflita, Mary Anne olha o relógio e fica impaciente. Adam estava atrasado por horas. Pensava que havia acontecido algo. Quando a porta se abre.

– Olá, querida.

– Adam, quer me matar do coração, meu amor?

Ele estende a mão e entrega o presente que comprou. – Meu amor, não precisava. Poxa, que lindo colar! Você é demais! – Mary o beija.

– Me desculpe, demorei em encontrar o seu presente.Feliz *Valentine's Day*!

– Amor da minha vida! Estou tão feliz! Com vocêcomigo, eu vou ao fim do mundo.

Eles se beijam e vão para a mesa bem distribuída com uma linda toalha branca decorada com flores e luzes de vela. No centro da mesa, há um belo salmão assado com brócolis e arroz.

– Que mesa linda, Mary.

– Prefiro que me chame de amor, como sempre foi,meu amor.

– Perdão, meu amor. Acho que estou um pouco can-sado! Amor, amor e amor. – ele fala sorrindo. Tenta levantar o astral.

Depois do jantar, tomam um licor de morango e descansam no chão da sala. Algum tempo depois, ela o convida para a cama, e ali se deitam e começam a fazer amor. Os pensamentos de Adam se dividem, não consegue vivenciar o momento sabendo do sofrimento de Hani. Novamente, foi tomado por uma grande tristeza. Ele desejava desesperadamente estar com Hani.

Adormeceu ao lado de Mary Anne. Um sono pesado, sem sonhos.

*****

A noite estava fria no Afeganistão, e o céu, claro e iluminado pelas estrelas e por uma lua brilhante quase perolada. Em dois extremos, lá estava Hani, sentada na parte de fora da casa. O destino a desafiara. E ela parecia saber até onde poderia suportar. Ainda jovem, passando por tamanhos problemas, seu temor era saber se algo pior poderia acontecer. Dentro de si, diante das incertezas das correntezas da vida, cultivava uma força extraordinária alimentada por toda forma de esperança e fé.

Sentada em sua varanda, viu a vida passar pelos pensamentos em frações de segundos. Sua mente tentava resgatar as lembranças. Percebera como a vida passava rapidamente e como se transformava. Lembrou-se com alegria dos momentos especiais que vivera com sua família. Dos passeios e viagens por lugares especiais em seu país de coração, os Estados Unidos.

Relembrou do irmão, infernizando a sua vida e de sua irmã ainda pequena. Momentos inesquecíveis, quando atazanava sua vida com suas traquinagens. Certa vez, colocou alfinetes nas almofadas da sala, junto com ovos. Quando se sentassem, a meleca seria generalizada. Passaram um bom e gostoso nervoso.

Pegou-se sorrindo a luz do luar e das estrelas. Apertou seu corpo com frio e deitou o rosto nos braços, o apoiando nos joelhos. Olhando para a grama onde sentara, continuou a refletir. Em sua mente, trouxe a amada mãe. Lembrou-se de como ela brigava com ishan e, ao mesmo tempo, o afagava pedindo desculpas. Nesse momento, ela balançou a cabeça e sorrindo como se estivesse censurando a mãe por sua impaciência.

Em segundos, foi levada por mais lembranças. Foi até a mesquita onde frequentaram por quase toda sua vida. Seu pai pregava de forma arrebatadora, era visível seu amor por Alá. Lembrou-se de sua irmã correndo pelo templo, interferindo no silêncio de todos. Suas colegas rindo com uma alegria sem par.

Sua mente viajou pelo tempo e ela não queria voltar. Fechou os olhos, apertando-os e serrando a boca, como se pudessem segurar essas lembranças por mais tempo. Continuou e lembrou-se da linda viagem a Acapulco. Uma praia livre das roupas e das preocupações da vida e da escola.

Ah, quantos cachorros-quentes comeu no centro de Nova iorque, sujando a boca com ketchup e mostarda! Corridas no Central Park, passeios de bicicleta ao redor dos caminhantes e corredores semanais que por ali se exercitavam.

Lembrou-se da amiga da família, a mulher que sempre estava visitando e levando carinho a toda a família. Melinda, a mulher que entregou um presente divino ao seu coração. Sua mente foi diretamente para a festa de aniversário de Melinda. Não entendia o porquê de nunca ter conhecido Adam ou ao menos visto, ou ouvido falar. Melinda era muito discreta e Adam havia saído cedo de casa. Na maior idade, ele foi para a faculdade por alguns anos até sua formatura. Depois seguiu a sua vida.

Participava da vida de Melinda apenas com visitas esporádicas.

Melinda nunca havia convidado Hani e sua família para alguma festa que houvesse promovido. Aos poucos os laços entre Melinda e sua mãe foram se estreitando, desde quando a conheceu em uma conferência de um grande senador.

Hani não questionava o motivo de não o tê-lo encontrado antes, pois

acreditava cegamente na sabedoria do destino escrito por Alá. Com o olhar perdido e um sorriso discreto nos lábios, lembrou-se do primeiro olhar que trocou com Adam. Sentiu um arrepio correr por todo o seu corpo. Era o mesmo arrepio que sentiu quando trocaram aqueles olhares. Lembrou-se de quando viu Mary Anne o abraçando, e ao contrário, sentiu o seu corpo fraquejar, seu coração disparar e o ar parecia lhe escapar. Nunca sentiu tanto ciúmes como naquele momento.

Para Hani, esse encontro fora um divisor de águas. O destino se compadeceu dela, colocando Adam em sua vida. Não conseguia se imaginar passando por tudo que passará sem ele ao seu lado.

Absorta pelos pensamentos, Hani eleva os olhos para o céu em agradecimento a Alá. De repente, abre seus olhos e vê sua irmã a tocando, convidando-a para entrar.

– Hani, venha! Já está ficando tarde e o frio estáapertando.

– Oi, minha irmã. Senta aqui um pouquinho?

Ela abraça Amita e mostra a beleza do céu. O romance faz com que a mulher se sinta totalmente feminina e notada.

– Está vendo aquela estrela bem grande ali? Vocêsabia que elas explodem de tempos em tempos? Assim é a nossa vida, Amita.

– E eu não sei? – responde Amita com tristeza.Respira fundo como se tentasse recuperar uma alegria de dentro do seu ser e com um sorriso forçado, continua, mas com um tom de fala alegre: – Ai, minha irmã, eu não quero ter uma vida assim, não. Quero ser feliz, muito feliz, a mais feliz de todas. Depois de você, é claro. – risos. Você sabia que hoje é dia dos…

– *Valentine's Day.* – disseram juntas aos risos.

– Eu sei, eu sei. Como a gente ainda encontra forçaspara sorrir?

– Essa força veio da mamãe. Ela sempre nos ensinoua sermos fortes.

Silêncio.

– Por que ela não usou sua força quando mais pre-cisávamos que ela usasse? – pergunta Amita, como quem pergunta a si mesma.

Novamente silêncio.

– Vamos mudar de assunto. Não consigo falar sobreisso. A dor ainda é muito presente. – pede Amita.

Hani assente, querendo encontrar uma resposta que confortasse seus corações, mas o silêncio parecia ser mais consolador.

– Minha querida menina! Vamos ver o que a vida ouAlá tem para nos oferecer aqui no Afeganistão. – diz Hani, com uma voz acolhedora, abraçando sua irmã.

Já no calor de sua casa, Hani se prepara para dormir, quando sua irmã puxa assunto novamente:

– Primeiro, precisamos encontrar um novo lar eencontrar uma forma de ganhar dinheiro. Gostaria de ir para a Europa. Desespera-me imaginar vivendo o resto dos nossos dias aqui. Ontem mesmo, duas mulheres atearam fogo em seus corpos. Elas não aguentam as imposições feitas para elas. Como viver em um manicômio como esse? É assim que quer viver, Hani?

– Claro que não. Mas, ao invés de fugirmos, pode-mos fazer algo para que isso mude em nosso país. Podemos transformar essa triste realidade.

– Já saímos expulsas dos Estados Unidos, imaginaaqui? Nem sairíamos, morreríamos. – diz Amita.

– Vamos confiar na força destra de Alá. – Haniconforta a irmã.

– Sim, sim. – diz Amita pensativa. – E o papai?Desci porque eu o vi chorando no cantinho do quarto. Desci, pois não soube o que fazer. Não quis constrangêlo por ser pego chorando.

– Agiu bem! Não se preocupe minha querida! Aláestá tratando das suas feridas também. Vamos apenas, esperar em Alá.

– Admiro sua fé, minha irmã. – diz Amita.

– Você é mais forte do que imagina minha irmã! –responde Hani. – Vamos dormir.

Já em sua cama, Hani tenta dormir, mas a conversa que acabará de ter com sua irmã a faz refletir. Sem ter com quem partilhar seus pensamentos, desabafa em uma folha em branco:

“A situação da mulher afegã é caótica. Elas ainda escondem suas marcas e opressões por baixo de suas burcas. Creio que seja o maior símbolo de opressão feminina.

Se há um lugar pior para se nascer mulher é o Afeganistão. Sair sem burca ou um mahram (homem da família) é ser condenada sem tribunal – regras criadas pelo regime. A supremacia masculina permanece imutável na sociedade afegã.

O maior centro comercial de Cabul tem uma ala só para fabricantes de burcas. Penduradas lado a lado, no mesmo tom de azul, parecem todas iguais, diferem apenas pelos bordados. Num Afeganistão rural que é governado por códigos de conduta tribais, é a tradição e não a religião que faz do país o pior lugar do mundo para se nascer mulher.

Com certeza é uma região completamente machista, onde quem comanda é o marido. Na sua ausência, o filho homem mais velho será o chefe da família e, mesmo que seja uma criança, exercerá o poder de comandar a casa e será o herdeiro direto. As mulheres não têm direito nenhum à propriedade. Elas não terão nada em nome delas, ao passo que os meninos são investimentos em longo prazo, pois caberá a eles tomar conta dos parentes até morrerem. Já as meninas são leiloadas e entregues a quem der o lance mais alto, normalmente entre US$ 2 mil e US$ 15 mil. São trocadas como commodities em disputas tribais num ritual chamado “buth”. Esses são costumes das tribos predominantes no Afeganistão. É um código de honra que não está escrito, mas é repetido há diversas gerações.

Gostaria de tirar o véu que cobre o Afeganistão.”

Com lágrimas nos olhos, Hani adormece sobre a folha escrita.

Na manhã seguinte, ao abrir os olhos, Hani lê seu manuscrito, quando subitamente foi tomada por um grande desejo de mudança. Tomou banho, preparou um café da manhã reforçado para todos e aguardou ansiosamente seu pai e sua irmã se levantarem. Ficou contemplando o sol da manhã gelada que anunciava um novo dia. Logo chegam o pai e sua irmã Amita.

– Fui dormir tarde essa noite. Pensamentos de mu-danças me invadiram. Precisamos reagir. Precisamos encontrar um modo de ganhar a vida. Trabalho. Penso ser este o primeiro passo. Não devemos esperar nem mais um dia. – incita Hani.

Seu pai se comoveu ao ver sua filha tão jovem e tão destemida. No mesmo instante, se levantou como quem declara uma guerra, anunciou aquele dia como o dia da grande mudança.

Os três saíram juntos, carregando consigo apenas a esperança. Andando pelas ruas dos bairros centrais, encontrou um pequeno grupo de americanos ligados a imprensa mundial, muito respeitado pela nação e internacionalmente. Estavam ali, tentando mostrar para o resto do mundo, através da mídia, a injustiça cometida contra povo afegão que se dizia vítima do preconceito e da intolerância.

Jim Bellamy é o nome do renomado repórter que estava ali, no meio daquelas pessoas.

– Kailash, Hani e Samita… – grita o repórter na rua,ao reconhecê-los.

– Amita, senhor.

– Jim. Chamo-me Jim. Hamrita. A família maisperseguida dos Estados Unidos da América. Acompanhei o caso de vocês.

– O senhor mora em Nova iorque?

– Não, moro na cidade de Washington. Na verdade,moro pelos ares do mundo. Incrível como tentei contato com vocês e foi impossível. Fico feliz em poder encontrá-los. A América pensa que vocês estão mortos. As informações

chegam aos americanos, de forma truncada, equivocada. As pessoas já não acreditam mais nas informações.

– Jim, não é? Muito prazer. O que estão fazendo noAfeganistão? – disse Hani.

– Viemos através da ONU fazer uma reportagem arespeito da mulher e sua vida nos países muçulmanos. Como é triste! Imagino o que vocês passaram na América. As pessoas ficaram cegas depois que seu irmão tomou aquela atitude. Condenaram a todos. O pavor faz isso. Dê uma olhada na matéria e depois julguem a quem quiser:

"*Waheeda não consegue explicar como chegou ao terrível ato de atear fogo em seu próprio corpo.*" – diz a manchete do jornal mostrado por Jim.

– *Ela se lembra dos meses de violência e abuso de seus cunhados, mas o momento anterior de seu ato está agora turvo pelos quarenta dias de sofrimento. Se ela queria terminar com sua vida, ou apenas chamar a atenção sobre sua dor? Sobre ela, já não podemos mais saber. Tudo o que ela se lembra de é o momento em que jorrou gasolina em suas pernas, na frente do quarto aonde seus cunhados estavam reunidos em sua modesta casa, e ateou fogo com um fósforo.*

Continuou o repórter:

– *Assim, que ela gritou coberta em flamas, seus parentes a envolveram com um cobertor.*

"Até agora eu não sei exatamente a razão pela qual eu fiz isso. Tudo o que eu sei é que foi uma atitude ruim", diz a garota de 18 anos de idade, sentada em sua cama de hospital, rigidamente coberta por queimaduras.

E continua a ler o repórter:

– *Embaixo da roupa de hospital azul pastel, seu corpo jovem tem um quarto de queimaduras, muitos delas profundas. O ato de desespero talvez pareça incompreensível, mas os médicos que ouviram a história de Waheeda dizem que já encararam a mesma tragédia muitas vezes. Aqui no centro de queimaduras e*

cirurgias reparadoras no hospital regional de Herat, eles recebem pelo menos um ou dois casos por mês.

Autoimolação não está confinada a esse pedaço do oeste do Afeganistão, mas por razões que poucos podem explicar, parece gerar muito mais casos do que em qualquer outro lugar.

A região é tão conhecida pelas jovens que atearam fogo em seus corpos que as autoridades médicas de Herat são, num primeiro momento, relutantes em discutir o problema depois de serem julgados a inspirar atitudes semelhantes em outros lugares.

– Dr. Habib ur Rahman Habib, um médico de voz suave que passou os últimos oito meses no centro, e diz que muitas de suas pacientes seguem um histórico parecido. "Muitas casam cedo, geralmente contra sua vontade e na maioria das vezes com homens mais velhos que já têm outras esposas. Elas têm problemas com suas novas famílias e não sabem o que fazer ou a quem pedir ajuda", ele disse com grande tristeza: "Algumas decidem atear fogo em si mesmas".

Waheeda se enquadra nesse modelo. Casada aos 16 anos, ela se encontrou vivendo com os parentes de seu marido, que a maltratavam. Sua sogra e seus cunhados, além de usar violência física, a tratavam como escrava. Eles a visitaram apenas uma vez desde que ela se queimou.

O número de jovens mulheres que fazem o mesmo talvez seja bem mais alto do que uma ou duas que admitem abertamente que suas queimaduras são provocadas por elas mesmas.

A proporção entre as pacientes femininas internadas com queimaduras ou escaldadas por acidentes domésticos é alta, o que faz com que a equipe suspeite que estejam mentindo sobre as reais causas de seus ferimentos.

Soraya, com seus 20 anos, é um dos casos. Suas queimaduras aconteceram apenas cinco dias atrás e suas bolhas e expressões de dor são ainda o reflexo da carne viva aonde as chamas queimaram. Quando ela chegou com 25 por cento do corpo coberto de queimaduras, ela disse aos médicos que tinha sido coberta

por gasolina assim que ligara o gerador em casa.

Dr. Habib acha que ela está mentindo, na verdade sente vergonha de admitir que ateasse fogo em seu próprio corpo. "Nós achamos que a maioria se queimou propositalmente, mas não admitem. Ouvimos muitas mentiras", disse o médico a examinando, enquanto ela olha silenciosamente pela janela.

Essas atitudes podem parecer desespero, mas mulheres encarceradas em casamentos violentos ou abusivos podem ter poucas opções no Afeganistão.

Jim continua em tom sóbrio:

– *"A situação da mulher que encara violência doméstica ou abuso em casa é extremamente difícil," disse Heather Barr, pesquisadora afegã do Human Rights Watch.*

Um homem pode divorciar-se de sua mulher simplesmente dizendo que ela está divorciada, mas a mulher pode apenas obter o divórcio provando na justiça que ela tem uma causa justa.

"Para isso, é necessário um advogado, dinheiro e liberdade de movimento, sem mencionar o conhecimento da lei – que em prática, significa ser impossível para a maioria das mulheres em conseguir um divórcio", disse Barr.

Após ouvir a leitura da matéria, elas choram.

– Alá, Jim! Não podemos fazer nada por essas pes-soas? – pergunta Hani, indignada.

– Poder podemos, mas não devemos, pelo menos poraqui. Mas um dia, com certeza, essas sementinhas que estamos plantando surtirão efeitos. E vocês, estão bem?

Apesar de tudo? Senhor Kailash?

– Senhor Jim, confio em Alá. Creio que ele templanos para nossas pobres vidas. Chegamos aqui com a roupa do corpo, mas Alá tem nos amparado com sua compaixão. Recebemos ajuda de um irmão na fé. Quando chegamos…

– Um momento, por favor? – interrompe Jim –Gostaria de ir com vocês a um lugar especial, quero ouvilos. Fazer uma matéria a respeito de vocês. Publico

no maior jornal da América, caso queiram, e o melhor, poderia conseguir uma boa quantia em dinheiro para ajudá-los a reconstruir suas vidas. Sei que seus bens foram bloqueados e suas contas encerradas e todo o seu dinheiro foi revertido para um fundo de apoio em contra ataque aos terroristas.

Olharam para o pai e viram seu semblante mudar. Kailash não tinha conhecimento daquelas informações, até o presente momento.

– Papai? – Amita chama pelo pai de formapreocupada.

– Eu não sabia meu jovem. – responde Kailash ten-tando se recompor.

– Não sabemos nada da nossa cidade. Deixamosuma procuração para que um amigo de papai vendesse nossa propriedade e desde então estávamos aguardando.

– Por sorte, a notícia saiu antes de ele ir ao banco outentar vender sua casa. Senão estaria preso como vocês foram. – diz Jim.

– Está melhor, papai? – perguntou Hamrita.

– Sim, meninas. Estou bem. Vamos à entrevista,senhor Jim.

Próximo do local, havia um café, conhecido por suas especiarias. Lá estavam sentados, como em uma conversa formal. E por horas e horas, contaram detalhadamente tudo o que passaram até aquele presente momento.

Jim não podia acreditar na história que ouvira, estava atônico. Era a história mais bela e triste que já conseguira. Suas fortes dores nas costas, decorrente de um sério problema de coluna, lhe diziam que era chegada a hora de parar. Mas não, o seu desejo de reter aquela história era mais forte que suas dores. Estava imerso em cada detalhe, em cada palavra pronunciada.

Colheu um dos melhores materiais da sua vida profissional. Nunca como repórter se emocionou tanto com a vida de alguém ou uma família. Tinha colhido as dores e alegrias da vida daquela família.

Compadeceu-se da família, pela perseguição sofrida de forma tão injusta. Jim estava excitado, queria sair correndo para enviar o material para o jornal, e sabia que conseguiria um bom valor para auxiliar o recomeço de uma nova vida

que tanto desejavam. Jim, no papel de americano, sentiu-se na obrigação de ajudar a família. Foi uma forma que encontrou de tentar reparar o grande mal acometido sobre eles. Sentiu vergonha de ser americano.

– Senhores. Nunca pensei em toda a minha vida que alguém neste mundo pudesse ter uma trajetória como a de vocês. Admiro a força dessas meninas e a do senhor em permanecer forte ao lado delas. Senhor Kailash, vou enviar imediatamente a sua história como matéria para a redação e, quando o dinheiro chegar, lhe entrego. No momento, tenho algumas centenas de dólares. Venham comigo no hotel e já podem iniciar a busca de um lar e, quem sabe, uma pequena lojinha para iniciar suas vidas.

A necessidade era tão grande que ninguém questionou ou indagou a oferta do repórter Jim. Eles o seguem e pegam um valor expressivo. Valor que Jim leva nas viagens para poder corromper pessoas e autoridades.

– Senhor Kailash, devo ficar mais uns dias emCabul. Creio que o jornal irá me liberar essa verba em poucos dias. Estou feliz em ajudá-los. E com certeza, vocês me ajudaram muito mais. Obrigado pela confiança que depositaram em mim.

– Senhor, Jim. Precisamos mais do que nunca queessa matéria saia na América. – disse Hani, tomada por uma forte esperança de que possivelmente Adam poderia ter acesso ao jornal. Sua irmã a abraça, confortando-a. Sabia que ela estava pensando em Adam.

Relâmpagos cortam o céu do Afeganistão. As nuvens espessas e escuras se juntam em forma de uma grande tempestade. Assustada, Amita se despede de Jim e pede para Hani acompanhá-la de volta para casa. Desde muito pequena, Amita detesta chuvas tempestuosas. As irmãs se despedem, deixando seu pai e o jornalista a sós, conversando.

No caminho de volta, Hani fica intrigada com um homem. Sua fisionomia é muito familiar.

– Amita, olhe! Você conhece aquele rapaz?

– Qual rapaz?

– Qual? Aquele? Oras! Só tem ele na lojinha.

– Não sei, Hani. Por aqui as pessoas são todas muitoiguais…

Hani fica pensativa

– Pelo visto, é só mais um afegão. – Amita interrom-pe os pensamentos de Hani.

De repente, Hani fica para paralisada. A palidez toma conta do seu rosto, e muito nervosa, diz:

– Amita, Amita! Aquele homem é um dos terroristasque nos manteve em cativeiro na caverna.

– Será? Não! – pensa uns segundos e confirma. – éele! Sim, é ele, Hani. Safado! Vamos chamar a polícia?

– Chamar a polícia? Você é louca? Eles tambémestão metidos com essa gente. Vamos sair daqui, se ele nos reconhecer, a gente corre risco.

– E se voltarmos para a cafeteria para contar paracontar para Jim e o papai? – pergunta Amita aflita.

– Não sei, não. De nada vai adiantar. Vamos emborapara casa. Nós já estamos com muitos problemas sem se meter neles, imagina se a gente se meter com essas pessoas? Vamos!

– É você tem razão. Vamos! – concorda Amita.

O dia terminou com um resquício de esperança. Jim havia cumprido com sua palavra, levando uma boa quantia em dinheiro. Finalmente, a família Hamrita poderia voltar a acreditar em dias melhores. Antes de se despedirem de Jim, se abraçaram e, em um momento de muita emoção, oraram a Alá agradecendo o novo início.

No dia seguinte, a família sai em busca de algum ponto comercial para iniciarem um negócio próprio e uma morada. Kailash, Hani e Amita pela primeira vez estão sorrindo. Ficar no Afeganistão não parecia mais tão

assustador, mesmo não sendo este o plano, estavam entregues nas mãos de Alá, e estavam convencidos que ele os queria ali.

ONZE

Na manhã seguinte, Hani acordou mais cedo que sua irmã e seu pai, como de costume. Dedicou-se a alguns afazeres de casa, colocou no fogão a lenha, a água do café, e enquanto aguardava, apanhou o noticiário local, em sua porta. O título da matéria chama a atenção de Hani:

ÓPIO: UMA ARMA LETAL

Jornal de Cabul:

Pelo menos 70 estudantes desmaiaram nessa segunda-feira por aparente intoxicação na zona sul de cidade. O acidente ocorreu na escola para mulheres Razia, de acordo com o porta-voz do Centro de Educação Amallu Ayman. Ele disse que uma série de fatores está sendo investigado, inclusive em fazendas nas proximidades.

Hani continua a ler o pequeno jornal:

– O jovem Raz Mohamed foi alistado no exército do Afeganistão e se envolveu com uma menina, mas agora cata latas vazias para conseguir pagar sua dose diária de ópio, uma droga que está devastando o país, que já tem mais de um milhão de dependentes.

“Era feliz, me alistei no exército afegão na província de Badakhashan quando tinha 18 anos”, explicou Mohammed, sentado ao lado de uma lixeira no bairro de Shar-e-Naw, no centro de Cabul.

Viciado há dez anos e com as aspirações frustradas, o jovem agora luta diariamente para poder comprar uma dose que acalme sua dependência. “Além de catar latas vazias, me esforço para fazer outros tipos de trabalho. Inclusive mendigo nas ruas desde manhã até à noite para conseguir algum dinheiro e satisfazer a minha necessidade”, disse.

Mohammed experimentou heroína pela primeira vez quando estava com um grupo de amigos em um posto de controle a poucos meses de se alistar nas

Forças Armadas, mas não sabia que essa "calamidade" iria o acompanhar "até a morte".

"Me viciei neste veneno mortal, porque muitos dos meus colegas usavam. Essa foi a única razão pela qual comecei a consumir esta horrível droga", relatou Mohammed.

A princípio, sua família não soube que ele consumia heroína, sobretudo devido ao tempo que passava no quartel. Mas com o tempo, começaram a suspeitar e a tratá-lo de uma maneira diferente, e por isso Mohammed decidiu fugir para Cabul.

"Meu pai morreu durante a guerra civil (na década de 1930), e eu vivia com minha mãe e meu irmão em Badakhashan, mas há dez anos que não os vejo. Só sei que minha mãe está viva", afirmou.

"A toxicodependência é o pior vício que existe, é uma armadilha, e não há como sair dele. Tinham-me prometido a mão de uma das minhas primas, mas a família rompeu o noivado quando descobriu meu vício", contou.

O ópio afegão é tradicionalmente destinado à exportação, mas parte da produção fica também nas ruas do país. As dependentes estão presentes em todo o Afeganistão, sobretudo em Cabul, onde por causa das poucas oportunidades de emprego e da escassez de centros de tratamento contra a toxicodependência, é fácil ver jovens viciados nas ruas e em parques da cidade.

Segundo um comerciante de Shar-e-Naw, que pediu para manter anonimato, os traficantes distribuem sua mercadoria abertamente e sem medo nas ruas de Cabul, porque contam com a conivência da polícia.

Hani continua lendo impressionada:

Além disso, muitos afegãos que fugiram do país durante as mais de três décadas de guerra e se refugiaram no Paquistão e no Irã retornaram com problemas de dependência das drogas. Este é o caso de Kamal Omid, de 36 anos, que voltou ao Afeganistão depois de dez anos vivendo no Irã.

"Não sabia que este pó branco me afundaria e abriria terríveis caminhos em minha vida", explicou Omid, que perdeu seu pai e sua mãe durante a guerra

civil.

“Quando retornei ao Afeganistão, pensei que seria difícil encontrar heroína e que assim poderia deixá-la, mas infelizmente ela está em todas as partes em Cabul. É muito fácil comprar”, disse.

Um irmão mais velho de Omid também é viciado em heroína, mas segue um programa de reabilitação em um hospital de Cabul. “Minha irmã se casou, portanto estou sozinho, passando os dias nas ruas mendigando”, lamentou.

O coração de Hani se entristece. Por mais que tente, não consegue entender o que se passa na cidade e no país.

– O que houve, minha filha? – Kailash entra nacozinha e encontra a filha com o olhar perdido, olhando para o nada e o jornal caído entre suas mãos.

– Leia o senhor mesmo, papai.

Seu pai lê atentamente, mas sem demonstrar nenhuma emoção. Kailash conhecia desde pequeno os problemas de seu país.

– Sabe, minha filha, – Kailash abaixa o jornal e falaolhando atentamente para Hani – num país onde a segregação é a prioridade e quando se adiciona a placa “Proibir” para alguém ou algo, a vida se torna insustentável.

Hani concorda com a cabeça, mas em seu coração existe uma porção de dúvidas. Deveriam realmente montar uma pequena loja em Cabul? Seu coração se sente tentado a investir em vidas, pessoas, histórias. Existe muita dor em seu novo mundo. Como conviver ignorando tudo isso?

– Papai, pense comigo. – Hani interrompe seuspróprios pensamentos. – Vivemos felizes por tantos anos. Infelizmente, nossa felicidade fora interrompida por motivos já tão lamentados, não precisamos falar sobre isso. Já choramos demais as mesmas lágrimas.

Seu pai a escuta atento e Hani continua:

– Agora, vamos imaginar pessoas que, ao contráriode nós, estão vivendo infelizes por tantos anos, sem nunca ter tido a esperança de ter experimentado a felicidade, como um dia já experimentamos. E se pudéssemos de alguma forma,

com o pouco que Alá nos concedeu, amenizar o sofrimento e resgatar muitas vidas? Veja, papai, quantos jovens perdendo suas vidas, imersos na ilusão do ópio, entregando sua liberdade de escolha ao vício, perdendo o poder de decidir seu destino, anulando sua existência. Pais vendo seus filhos morrerem lentamente.

Kailash, com a voz embargada, interrompe:

– É uma triste realidade, minha filha, sei como ésentir a morte de um filho.

– Perdemos nosso querido ishan para o terrorismo eessas famílias perdem diariamente seus filhos para terror do ópio. Conhecemos essa dor, convivemos com ela todos os dias, e por que não ajudar pessoas que choram a mesma dor? O cenário pode ser diferente, mas a história é igual. Tudo no final se resume em dor. – diz Hani.

O silêncio toma conta daquele momento.

– Hani, Hani. Eu te conheço, minha filha. O que estáse passando nesta cabecinha? Se abra com seu pai.

– Penso em fazer a diferença neste mundo, papai.Quero enxugar as lágrimas que vejo em cada esquina, em cada olhar, em cada página de jornal. As pessoas vivem oprimidas, tristes.

– Minha querida, Hani, – interrompe Kailash – achonobre de sua parte se preocupar com pessoas que nem ao menos conhece, e mais nobre ainda é ver que, mesmo enfrentando um verdadeiro inferno pessoal, consegue ter um olhar atento para o outro. Você é um ser especial. E continua:

– Só entenda uma coisa, minha filha. Vivemos emum país onde impera a opressão. Enquanto não estivermos estabelecidos neste país, com trabalho e moradia, nada podemos fazer. Seremos como forasteiros em nosso próprio país. Precisamos priorizar as coisas. O primeiro passo é reconstruir nossas vidas, de forma que não falte nada, nem para você, nem sua irmã.

Hani encerra a conversa com um forte abraço em seu pai:

– Ficará tudo bem, papai. – Sabe que seu pai temrazão, embora seu coração

ainda pulse por mudanças, escolhe respeitar os medos de seu pai.

*****

Nos Estados Unidos, mais precisamente em Nova iorque, Margareth, a esposa do piloto George, recebe a visita da tia de George:

– Meninas, olhem quem chegou para jantar?

– Tia Dulce! Venha e sente-se aqui ao meu lado. –convida Beatrice com alegria.

– Ah, tia, senta aqui do meu. – grita Rosalyn comciúmes.

– Nada disso, meninas… Ela irá sentar ao meu lado,não é Dulce?

– Olha meninas, do jeito que estou vendo terei quejantar três vezes para não deixar ninguém triste. – diz sorrindo. – E por falar em tristeza? Como vocês estão, minhas queridas?

A relação de amizade da mãe com as filhas criara na família uma força especial. Tudo era discutido entre as três, mesmo quando o pai, o piloto George, era vivo. Com a morte do esposo e pai, elas se uniram ainda mais contra os obstáculos da vida.

Tiveram um excelente jantar e conversaram muito, inclusive sobre a morte do pai e marido. Estavam orgulhosas dele e se fortaleciam com essa ideia. Num momento após a sobremesa, Margareth fala do motivo que convidou Tia Dulce para esse jantar.

– Pessoal, a saudade era maior de você, Dulce. Pre-cisávamos muito tê-la conosco. Independentemente do que vou expor aqui, a sua vinda era o maior desejo de todas nós, certo, meninas?

– Sim, mamãe.

– Essa reunião é para nós tomarmos uma pequenadecisão. Na verdade, eu acho até um pouco grande, mas eu não gostaria de tomá-la sozinha ou sem a

presença da nossa mais linda segunda mãe.

– Nossa! Marga! Está me deixando aflita? Contelogo. – suplica Tia Dulce

– Bem, não é para tanto, mas vamos lá. Gostaria daatenção de vocês para escutarem algo que vou ler. Preciso decidir se esta carta deverá chegar ao seu destino. Posso ler?

– Não só pode como deve.

– Ok. Vamos lá! Prestem atenção:

Margareth começa a ler a carta de Hani para Adam: *"Meu querido e já possuidor da minha admiração. Sei que você vive ainda a aflição que vivemos por esses meses em Nova Iorque. Eu e minha família sempre falamos de você com tanto amor e carinho que nem consigo colocar nessa carta.*

Quero usar poucas e diretas palavras para descrever os sentimentos que nutro por você unido à angustiosa tristeza por deixá-lo. No momento em que te vi e nos poucos momentos em que vivemos perto um do outro, eu havia decidido em minha alma que você seria o meu elo eterno. Sabia de todas as dificuldades que encontraria ao unirmos, até em um pequeno pensamento.

Existe a dor, mas a escondo, como quem guarda um segredo. Fechei a porta para esse sentimento e abri as comportas para você. Fiz-me vulnerável e sem obstáculos para estar aberta para esse amor. Criei em mim um pedaço de você e finalmente tudo tomou forma e minha vida. Agora essa mesma vida nos proporcionou um desencontro.

Creio em Alá e na vida. Não acredito que viveremos assim, tão distante nessa proximidade. Lutei com as minhas forças para não me sentir assim, mas decidi não lutar contra a força do mar do ar e do fogo. Quando decidia, era levada de um lado para o outro sem direção e sem coração. O fogo me consumia por dentro quando queria gelar o meu ser. Desejando congelar você para sempre. O mesmo fogo derreteu o gelo se tornando tão líquido, ultrapassando os meus poros e escorrendo nas minhas têmporas, salgando a minha boca e voltando para o meu ser.

Lá está você, tatuado dentro de mim, e somente eu enxergo e sinto todas essas sensações minuto a minuto.

Não sei do futuro, não sei se estarei viva, mas sei que hoje olho para os céus e grito bem alto. Sou mulher!

Sou sempre tua! Hani Hamrita."

*****

Com as mãos trêmulas, Adam lê atentamente cada palavra. Nesse momento, a fisionomia de Adam é transformada em desespero e seu coração se abate com a força de um amor ainda não formatado e resolvido.

– Mas… Mas… Como? – Adam mal consegue for-mular a pergunta.

– Meu marido recebeu esta carta das mãos de Hani,durante o vôo a caminho do Afeganistão, pois acreditava que voltaria para poder lhe entregar pessoalmente, mas infelizmente… – Margareth emociona-se. – Bem, – continua – recebi essa carta das mãos dos oficiais da aviação, junto com a fatídica notícia da morte do meu marido. Acredito que se esta carta estava em sua posse e, conhecendo-o como o conhecia, acho que ele estava inclinado a atender ao pedido da senhorita Hani, mas confesso que fiquei em dúvida se deveria lhe entregar essa carta. Passei dias pensando e, junto com minha família, decidimos que o amor deve prevalecer. Essa carta te pertence e junto com ela o verdadeiro amor de uma jovem. Peço que me perdoe tamanha intromissão, mas não tive como não ler. Vou embora aliviada, pois meu coração me diz que a decisão certa foi tomada. Adeus, senhor Adam!

Adam ouve a tudo atentamente, mas não consegue dizer nada a não ser Adeus. Margareth se foi, deixando em suas mãos a alegria de viver.

*****

A noite foi longa para Adam. A euforia tomou conta do seu coração. Nenhum lugar era grande o suficiente para acolhê-lo. Caiu em prantos. Não conseguia se dominar. Parecia um conto de fadas, um amor ou atração, um caminho ou descaminho, uma dor ou alívio, uma brasa que pode queimar ou virar cinza, uma força mística, um desejo ardente que não tinha controle.

Durante a madrugada, Adam toma uma decisão que mudaria para sempre o rumo de sua vida: é o início, é tempo de novos começos, um tempo para determinar nossas intenções com confiança e inocência renovada. Devemos questionar cada parte de nossas vidas e nos comprometermos novamente a alcançar os desejos de nossa alma em amar e ser amado.

É muito bom sentir o desejo de otimismo e um novo olhar no relacionamento. Faz querer superar obstáculos. Como é importante poder dedicar um tempo para considerar nossos sentimentos. Tentar ouvir com clareza o som do nosso coração e o suplicar de nossa alma.

Quando tomamos uma atitude, podemos enfrentar muitos e novos desafios que nem ao menos suspeitamos. Assim como em um jardim, devemos cuidar da necessidade singular de cada uma de nossas plantinhas.

Se o amor existe para você, encontrará forças para manifestar sonhos, e com o coração aberto, poderá agir de acordo com o seu mais alto propósito: amar e ser amado.

Olha atentamente diante do espelho e diz:

– Preciso reencontrar Hani. É nela que está minhafelicidade. Não agüento mais o sentimento de tristeza me sufocando, roubando meus dias. Não sinto mais prazer em nada. Tudo me lembra ela. Minha alma está embriagada de angústia. Sem ela, não consigo, não faz sentido. Não quero viver sem ela.

Às seis horas da manhã, Adam mal consegue reunir seus pensamentos. Aumenta seu desejo que sumir de tudo e de todos, e tem como meta viajar para o Afeganistão.

Resolve telefonar para Melinda e desabafar.

– Melinda? Bom dia!

– Nossa! Adam. Bom dia mesmo. O que houve, meuamor?

– Melinda, minha querida. Nunca abri meu coraçãode fato para você. Eu sei que você já sabe.

– Se o assunto for Hani Hamrita, posso dizer que jávivi tempo o suficiente para dizer que sei o que quer me falar.

Adam se espanta com a perspicácia da tia.

– Ah, minha tia querida! Como está doendo! Descul-pe desabafar com você, não quero magoar Mary Anne… – Estende-se um silêncio. Adam se perde nas palavras e cai em um choro compulsivo.

Melinda, utilizando da sabedoria que a vida lhe deu, em silêncio, aguarda Adam expor toda a dor em pranto.

Já mais calmo, Adam continua:

– Preciso ler para a senhora uma carta que chegouàs minhas mãos.

– Minha atenção é toda sua, meu querido Adam.

Tentando recompor-se, Adam inicia a leitura. Enquanto Adam lia, Melinda mal podia acreditar no que ouvia.

– Adam, quando foi isso? De onde recebeu estacarta? – Melinda pergunta no término da leitura.

– Hoje, Tia Melinda, hoje. O piloto responsável pelovoo de Hani recebeu esta carta de suas mãos. Ela pediu que me entregasse quando voltasse para cá, mas com o falecimento do piloto, esta carta acabou chegando às mãos de sua esposa, que por fim, me entregou em mãos na noite passada.

– Estou perplexa! O que pretende fazer, meu filho?

– Não aguento mais conviver com este vazio. Estacarta veio como um bálsamo para aliviar minhas feridas. Depois que li esta carta, me percebi sorrindo como há muito tempo não sorria. É ela!

– É ela o que, meu amor?

– Ela é o meu destino. – confessa Adam.

– Está se esquecendo de Mary Anne?

Realmente era o ponto fraco da história. Adam tinha uma admiração por Mary muito forte. O carinho estava acima de qualquer suspeita, mas a verdade falava mais alto.

– Tia, você é como uma mãe para mim, sempre lhefui sincero. Acredite no que vou dizer: meu coração está a ponto de explodir de remorso. Não consigo organizar meus pensamentos. Desde que conheci Hani, desde quando meu olhar cruzou com o dela, senti a vida correr dentro de mim. Já sentiu isso, tia? Vida correr por entre as veias?

– Isso não vem ao caso agora, Adam. Vidas estãoexpostas, pessoas podem se machucar e não estou falando apenas de Mary Anne. Sempre soube que não amava Mary Anne. – continua Melinda. – Não quero que estrague a sua vida e nem ela a dela, não quero lhe dizer o que fazer. Preciso lhe pedir algo e gostaria que me atendesse.

– Por favor, tia, peça, sem hesitar.

– Seja qual for sua decisão, tenha cuidado com ossentimentos de Mary Anne. Seja honesto com ela. Não lhe roube o direito de saber a verdade de tudo o que está se passando com você. Ela te ama e nunca lhe faltou com a verdade. Retribua! Você deve isso a ela.

– A senhora tem razão. Magoei Mary Anne por nãosaber o que fazer. Eu a amo. Não como um homem ama uma mulher, mas como um irmão ama uma irmã. Fui covarde até agora, talvez se eu devesse ter tomado uma decisão na época.

– Meu querido! Ninguém erra porque quer errar. Seique suas intenções foram as melhores. Que decisão poderia ter tomado?

– Não sei tia. Só sei que sinto como se tudo issofosse muita loucura para pouca aventura. Preciso viver ao lado dela, viver no mundo dela, estar com ela,

respirar ela. Perdoe-me, Tia Melinda, juro do fundo do meu coração que gostaria que as coisas continuassem no rumo que já estavam. Deus é testemunha de como eu gostaria de amar Mary Anne, mas…

– Mas, seu coração é de Hani. – interrompe Melinda.– Diga isso para Mary Anne. Ela merece a sua sinceridade.

– Nem sempre é fácil tomar uma decisão, tia. Mes-mo com a certeza nos apontando o caminho. Sinto-me culpado.

– Não se culpe filho. Você nem sabia ao certo o quesentia. Vocês tiveram um súbito amor. Sei o que é isso!

– Sabe? Explique-me isso melhor, tia.

– Já que fui acordada tão cedo, mereço um belo caféno Hotel Wess. Convido-te a ir comigo. Vou lhe contar minha história. Na verdade, só você saberá dela. Será o nosso segredo. Vamos!

– Estou ansioso para lhe encontrar. – Adam desligao telefone despedindo-se.

Por volta das sete e meia da manhã, eles estavam sentados num mesa de frente para a Quinta Avenida.

Melinda o vê chegando e o recebe com um sorriso acolhedor. Adam retribui o sorriso com um sincero abraço e dura alguns segundos. Melinda sempre teve um dom especial com Adam, não importava o que houvesse sua presença, sempre o reconfortava.

– Tia Melinda, como é bom começar o dia com asenhora!

Ele pegou na mão de Melinda olhou em seus olhos com todo carinho do mundo e disse:

– Você é mais que uma mãe. Você é pai, minhairmãzinha e uma grande amiga.

– Eu te amo como a um filho. Como se tivesse saídodo meu ventre. Por isso, é por este amor que me liga a você, que estou aqui. Quero que tome sua

decisão de forma consciente, e acredito que minha história irá lhe ajudar a decidir entre a razão ou o coração.

Adam estava atento, e nunca ouvira Tia Melinda falar com tanta seriedade. Com a voz emocionada, começou:

– Quando eu era menina, com apenas dezessete anosde idade, eu estava numa festa com a minha família. Um lindo homem estava rodeado de gente e eu nem dei bola para ele. Primeiro não sabia quem era depois era meio velho para mim. Mas notei que ele me olhava de forma diferente. De vez em quando, eu olhava para ver se ele estava olhando, e lá estava ele, me observava com um pequeno sorriso de carinho. Sabia que não era assanhamento, eu sentia algo maior no olhar daquele homem. Eu já sabia que existia pedófilo que amava menininhas. De alguma forma, eu sentia algo diferente nele. Comecei a gostar da paquera. Aquele homem mais velho deixou de ser velho e já havia chamado a minha atenção. Então, comecei a me interessar por ele de verdade. Certo momento, ele já não me olhava. Eu estava olhando e ele sorrindo para todo mundo. Fiquei igual a uma menina boba esperando seu príncipe retornar. Comecei a fantasiar um relacionamento com ele. Sim, naquele momento eu já estava fora da festa e totalmente envolvida amorosamente com aquele homem que eu nem sabia o nome e de onde era.

– Melinda. Não acredito. Continue. – falou Adamsorrindo.

– Fiquei sabendo que ele era um senador dosEstados Unidos. Agora, você imagina: eu, uma menina apaixonada por um senador e ainda por cima, casado. Ele morava em outro estado e estava em campainha presidencial, dando apoio ao então candidato do seu partido. Quando percebi, estava sentada de cara fechada olhando o chão e desiludida. Do nada, lá estava eu sofrendo o abandono do amor. – rindo muito.

– Muito bonito isso, Tia Melinda.

– Espere aí, – continuou – isso não é nada. Quandotudo estava desmoronado, meu pai me chamou para irmos embora e disse para eu ser rápida,

porque o senador iria para a nossa casa tomar um café antes de viajar. O meu coração quase saiu pelas orelhas. – rindo. – Meu sorriso ficou enorme e o meu pai perguntou: “– O que foi menina. Está maluca?” Eu disse que estava feliz e que havia passado de ano, só isso. Ele me deu um forte abraço e disse que se orgulhava de mim. Engoli seco e por dentro estava toda se batendo. Sim, o meu corpo batia igual gelatina. Lá estávamos nós, sentados frente a frente, olho no olho, sorriso com sorriso. Ele me perguntou qual faculdade eu iria fazer. Eu disse que seria Ciência Política. Meu pai e minha mãe viraram o rosto me olhando assustados. – risos – “– Ciência Política?” perguntaram. E eu respondi que sim. “Ciência Política!” – fui taxativa.

– Não acredito tia. Você já era sem vergonha, é? –risos.

– Olha o respeito com as mais velhas. Sim, eu achoque era e não sabia. Meus pais eram maravilhosos, mas muito rígidos. Num momento, ele respondeu: *“– Se você quiser posso conseguir a faculdade de Michigan.”* Meus pais se viraram para mim, com aqueles quatro grandes olhos me olhando e sem piscar, esperando uma negativa.

Eu respondi.

– Respondeu? – rindo.

– Respondi que sim! – rindo muito.

– Socorro! Não queria estar naquela mesa. – disseAdam rindo.

– Minha mãe começou a tossir sem parar, e osenador queria chamar uma ambulância para ela. Meu pai disse que era assim mesmo. Disse que minha mãe não estava preparada para ver a filha bater asas na vida. Resumindo: fechei com o meu senador. Ele cumpriu o que prometera o que é difícil, né? E lá estava eu em Michigan, em uma faculdade que sei lá para que servia. Era tudo muito novo.

Melinda continua relembrando a sua juventude com um ar despreocupado e sonhador:

– As mulheres não podiam se meter em política. Eratanto que só tinha eu e Jucy, uma maluca revolucionária por quem eu me apaixonei e ficamos muito

amigas. Ela infelizmente faleceu nova ainda. Morreu no parto do filho, que hoje é vereador em algum estado do nosso país. Fui me acostumando com a ideia de ser estranhamente política. E quando completei o primeiro ano de faculdade e já com quase dezenove anos, ele me aparece de surpresa na faculdade, com a desculpa de conseguir verbas públicas. Foi quando e me visitou. Saímos pelo campus da faculdade, fomos passear e conversar. Sobre a vida e a nossa própria vida. Eu nunca havia me esquecido dele, até porque não estaria fazendo aquele tipo de faculdade se não fosse por ele. Ele era lindo, charmoso, atencioso e me olhava apaixonado. Sempre corrido e com centenas de compromissos, tinha que ir embora, e acabamos nos beijando. E ele me prometeu voltar.

– E?

– E ele voltou no semestre seguinte. Abraçamo-nosfortemente e nos beijamos como dois malucos apaixonados. Acabamos fazendo amor. Vivemos momentos lindos juntos. Conversávamos bastante, e não parávamos de fazer amor – falava sem restrição.

– Está vermelha, tia!

– Claro. Olha o que você me obriga a falar. – rindo.Mas, vamos lá. Chegamos ao ponto de eu quase fugir da faculdade e ir morar na cidade dele. Ele era mais consciente do que eu e me mostrou que deveríamos ir com cautela, até pelo cargo que ocupava. Aceitei é claro.

Melinda fez uma pausa e continuou:

– Na verdade, eu nem lembrava de que era casado.Meu amor era cego e enorme. Vivemos assim até eu terminar a faculdade. Recebi muito apoio da minha amiga maluca. No final de tudo, eu estava grávida e muitíssimo apaixonada. Fomos viajar e, quando estávamos prestes a voltar, eu contei da gravidez e do desejo de decidir uma vez por toda a nossa vida.

– Meu Deus! Melinda! Então era isso que acompa-nhava você por todos esses anos?

– Era não, Adam. É o que ainda me acompanha.Hoje é diferente, a idade

nos ensina a aceitar coisas e mudar rumos, a perder a vergonha das coisas da vida. Na juventude, o ímpeto e a força regem nossos desejos e, às vezes, atropelamos o que não era para ser atropelado.

– E qual foi a decisão do senador?

– Ele ficou todo desesperado. Sabia que me amavamuito. Mas infelizmente o medo de perder o moral do cargo que ocupava acabou fazendo-o tomar a pior decisão para a sua e nossa felicidade.

– Sinto muito, Melinda!

– Ele sentiu muito. Os meses se passaram e fui parao hospital dar a luz. Nessa época, nós não nos víamos mais, e eu só sabia dele através das notícias de rádio e televisão. Acabei perdendo o meu filho no parto. Foi o maior baque da minha vida. Havia perdido os dois homens que amei nessa curta vida. Quando saí do hospital, veio a notícia de que ele estava internado com um câncer fatal. Eu consegui visitá-lo num dia especial, no *Valentine's Day*. Nosso amigo era um secretário e me arrumou uma visita, em que eu pude pegar na sua frágil mão e dizer que o amava mais do que tudo. Ele estava entubado e fraco, e apertou a minha mão como que dizendo *"Perdoe-me!"*. Apesar do pouco tempo de convivência, eu o conhecia mais do que a nação americana. Eu disse a ele: *"– Eu te perdôo, meu amor. Saiba que eu te amo e te amarei todos os dias da minha vida."* Naquele momento, ele soltou a minha mão e se foi. – concluiu chorando.

Adam segura a mão da tia e chora com ela. Diz sentir muito mais de uma vez e se levanta para sentar ao seu lado. Abraçando-a com força, a beija.

– Nunca contei o fato para ninguém a não ser para aminha amiga de faculdade. Pela segunda vez, eu falo sobre ele. Sobre o que me sustenta até hoje nessa terra. Vivo para tentar entender porque coisas assim acontecem com a gente. Vivo para saber por que tantos canalhas por aí seguem a vida feliz até sua morte. Vivo para conseguir a fé que não tenho. Vivo somente vivo. Sou feliz, Adam, tenha a certeza. Você e Mary me preencheram de tamanha forma que hoje consigo visualizar os porquês da vida. E continua:

– Agora, Adam, você e Marya têm uma vida a servivida. Uma decisão pode mudar radicalmente todo o curso de uma história. Tome a sua decisão, meu filho. Não tenha medo. Mary Anne merece ser feliz. Se não a ama, se ama outra mulher, liberte-a para que possa encontrar o verdadeiro amor nos braços de outro homem. Um homem que a deseje como você deseja Hani. E quanto a você, que possa se encontrar e se realizar com sua idealizada afegã. Seja como for, a verdade deve prevalecer. Não se acomode na sua juventude. Os nossos dias passam como sombra, e esta decisão deverá ser tomada o quanto antes. Só você poderá decidir ninguém mais.

Adam em vão procura palavras. O silêncio naquele momento é quem melhor pode dizer por ele. Com os olhos cheios de lágrimas, depois de um longo e apertado abraço, agradece aquele momento tão especial.

– Titia! Obrigado por cada palavra. Nenhuma seperdeu no vazio. Saio deste encontro com a certeza de que foi Deus quem lhe colocou na minha vida. Você é o anjo que Deus enviou para impedir que meus pés tropecem ou vacilem.

Adam saiu daquele encontro com o coração decidido: seu destino estava traçado. Hani era o seu caminho, mas ainda havia um difícil obstáculo a ser enfrentado: Mary Anne.

*****

Uma noite agradável e quente. A lua não poderia estar mais vistosa. Adam fez questão de escolher o restaurante mais luxuoso da cidade quando decidiu marcar um jantar com sua noiva.

Mary Anne, não entendeu a intenção do convite para jantar. Afinal, eles andavam tão distantes um do outro. Será que Adam estava arrependido por ter se afastado?

Será que finalmente iria pedi-la em casamento? Mary Anne não conseguia controlar seus pensamentos. Precisava correr, não queria chegar atrasada ao

encontro que poderia mudar sua vida.

Na mesa do restaurante, enquanto aguarda Mary Anne, Adam pede uma taça de vinho. Não consegue parar de olhar para o relógio. Um minuto parece lhe soar uma eternidade. Seus pensamentos se atropelam.

"– Meu Deus, como é difícil magoar alguém a quem se quer tão bem!" – pensa Adam, enquanto enche a segunda taça de vinho.

De repente, levanta os olhos e vê Mary Anne entrando no restaurante. Seu coração parecia querer sair pela boca. Naquele momento, percebeu que no fundo desejava que ela não aparecesse. Enfrentar aquela situação lhe causava uma terrível angústia. Percebeu que havia se arrumado mais que o habitual, o que dificultava ainda mais as coisas, pois significava que ela esperava algo de positivo daquele encontro. Será que errou em escolher um lugar tão sofisticado? Deveria ter adiantado o assunto. Agora era um pouco tarde.

– Vai ficar aí sentado, me olhando com essa cara debobo? Não vai se levantar para me receber? – brinca Mary Anne sem entender o olhar perdido de Adam em sua direção. Não sabia se era de admiração ou de reprovação. Ficou insegura.

– Minha querida! Não sei onde estou com a cabeça.

Desculpe-me! – Adam se levanta e lhe puxa a cadeira.

Neste momento, Mary Anne percebe que o encontro frustrou suas expectativas. Nunca em todos os anos entre namoro e noivado vira Adam tão frio, tão distante.

– Quando me convidou para jantar neste restaurante,confesso que me senti um pouco perdida. Afinal, nunca viemos aqui antes. Vim sem saber muito bem o que esperar. – Mary diz num tom baixo, como quem fala sem querer ser ouvida.

– É verdade, nunca. Mas eu queria um lugar dife-rente do que estamos acostumados.

– Percebi. Sem problemas. Parece-me um bom lugar.– Mary Anne quer perguntar algo mais, mas teme a resposta.

– Sim, me parece um bom lugar. – responde Adam,também receoso, sem saber como ou quando falar.

"– Existe um melhor momento para se magoar alguém?" – pergunta Adam a si mesmo.

– Então? O que nos traz a um lugar diferentementelindo como esse? Deve custar uma fortuna. – arrisca Mary Anne.

– é. E custa.

– Imagino! Você quer dividir a conta? – brinca Mary,tentando descontrair o clima tenso que estava se formando.

– Ainda nem pedimos, Marya. – Adam respondecom um sorriso, como quem pede seriedade.

– Por que não conversamos antes de pedir? Algo mediz que vou perder o apetite. – finalmente Mary Anne toma coragem.

– Por que diz isso, Marya?

– Porque te conheço, meu querido Adam. Conheçoo seu jeito de olhar, conheço o seu jeito de sorrir. Sei quando está gostando realmente de algo ou está apenas sendo gentil. Até sua respiração me diz se algo não anda bem com você. – faz uma pausa, mas não consegue conter as lágrimas.

Com os olhos abaixados, continua:

– Sei que não me ama, mas também sei que seesforça e que no fundo seu maior desejo é me amar. Não tenho muito experiência, principalmente quando o assunto é amor, pois como sabe, você foi e é o único homem que amei até hoje, mas mesmo tendo vivido uma única experiência com o amor, posso afirmar com toda certeza, querido Adam, que se forçarmos o amor a ser, ele nunca será.

Mary coloca as mãos nos lábios. Suas lágrimas não lhe permitem que continue. Pede com as mãos um tempo. Tenta manter o controle para não piorar as coisas, mas num impulso, pergunta:

– É ela, não é?

– Não entendi, Mary Anne? É ela? O quê?

– Hani, a afegã? Por favor, não minta para mim!Sempre fomos sinceros um como outro. Preciso saber o que está acontecendo. Não aguento mais ter você ao meu lado e ao mesmo tempo te sentir a quilômetros de distância de mim. Sinto-lhe ausente… – Mary não se contém e chora compulsivamente.

– Minha querida, Mary Anne! – Adam a seguracarinhosamente pelas mãos. – Acalme-se, te peço. Suas lágrimas me machucam, ainda mais por saber que eu sou o causador de tanta dor. Você sempre foi maravilhosa para mim, se existe alguém neste mundo que eu jamais desejaria magoar, este alguém é você.

– Então, me fale de uma vez por todas o que estáacontecendo. – Mary Anne interrompe Adam em um tom de revolta deixando de lado sua fragilidade. – Vamos, Adam! Não me poupe. Eu quero a verdade. Eu mereço a verdade.

– Merece, sim, Mary Anne! Jamais minha intençãofoi enganá-la. Você tem razão em estar chateada, pois realmente andei distante e te peço perdão por isso. De repente, fui invadido por um turbilhão de sentimentos. Senti-me perdido, não soube o que fazer. Não soube lidar com tudo o que estava sentindo.

– Com tudo o que estava sentindo? – pergunta MaryAnne.

– Sim, Mary Anne. – Adam respira fundo. – Vocêtem razão. Meu distanciamento tem um motivo e este motivo é Hani. Gostei dela. Infelizmente, eu não busquei isso.

Um silêncio atordoa dor toma conta daquele momento.

Mary Anne fica paralisada olhando para Adam. Ele, por sua vez, não sabe como reagir. Teme falar algo que venha machucar ainda mais o coração de Mary Anne.

Finalmente, Mary Anne quebra o silêncio com uma frase:

– E conhecereis a verdade e a verdade te libertará.Está na bíblia, Adam, sempre foi minha citação favorita. Nunca entendi ao certo por que, mas agora, neste momento, esta foi a frase que consegui pensar e ela fez todo o sentido. O

que acabou de me dizer foi terrível de ouvir, – continuou – mas, não doeu como deveria doer. Estava sofrendo muito por não saber o que estava acontecendo com você, com a gente… E agora, com o que acaba de me dizer, é como se tivesse me libertado da angústia e até mesmo da esperança de um dia poder vir a ser. Neste momento, você tirou de mim todas as possibilidades de um dia poder ser amada por você.

– Mary…

– Não, Adam. Não me interrompa. O objetivo aquinão é sermos sinceros? Vou abrir meu coração para você.

Às vezes, o amor não é expresso por enterrá-lo no fundo do nosso íntimo. Acabamos criando uma fortaleza em nosso coração. Pensamos que com o muro estamos salvos do sofrimento, mas nos privamos do amor. Isso com certeza, Mary não partilhou em sua vida.

– Sofri muito, Adam. – continuou. – Sofri por longose intermináveis dias pelo teu amor. Chorei muito nos ombros de Tia Melinda. Lutei por seu amor, lutei sem trégua. Odiei você várias vezes e depois amei, amei mais que tudo. Tentei de todas as formas, até mesmo formas desesperadas de encontrar um modo de ser verdadeiramente amada por você. E de repente, o destino golpeia com sua ironia. Um olhar de uma mulher em um único momento te despertou o amor que eu tentei despertar por toda uma vida.

Mary Anne faz uma pausa, levanta sua taça de vinho e oferece um brinde:

– Um brinde ao destino!

Adam fez menção de falar quando mais uma vez foi interrompido.

– Meu querido Adam. Ao rompermos, você vai aoencontro dela. E com certeza, a mulher que vive nela é a mesma que vive em mim. O mesmo homem que ela ama é o mesmo homem que eu amo. Adam, veja: vou me levantar dessa cadeira e de verdade vou abrir mão de você. Não vou magoada; triste sim, com certeza. Abrir mão de quem se ama para outra pessoa é doloroso. Mas talvez eu não esteja lhe perdendo, porque eu nunca o tive de verdade. Esse momento, uma

hora ou outra, iria chegar. O momento da decisão e de verdade, meu amor. Amo você a ponto de deixá-lo ser feliz. O que seria desse amor se não fosse assim. Fui egoísta por um longo tempo.

Chegou a hora e a hora é agora.

– Mary, você não me deixou dizer nada, eu…

Quando amamos existe aparentemente certo perigo no ar. Temos a sensação de sermos frágeis demais e dependente do outro. Isso causa certa tensão, medo, e assim recuamos. Abortando esse amor, não corremos risco de nos magoar.

– Não quero saber mais nada, meu querido. O queme disse era o que eu precisava saber e basta. Quero que seja feliz e que ela consiga fazer o que eu não fiz e que você tenha tudo aquilo que sonhou. Sei o carinho que tem por mim, sei que para você não está sendo fácil, então vamos facilitar as coisas. – disse Mary com lágrimas nos olhos. – Siga o caminho que o teu coração direciona e lembre-se de mim, como uma mulher que te amou com toda a verdade do seu ser. Adeus, meu amor!

– Marya!

– Adeus, Adam.

Mary Anne se levanta e só então nota que as pessoas das mesas ao lado e o garçom estavam atentos a tudo que havia se passado. De forma elegante e com passos firmes, segue em direção à porta sem olhar para trás.

Adam assustado com tudo que acabara de ouvir permanece paralisado. Tenta se levantar, mas ao olhar para a porta, perde Mary Anne de vista entrando em um táxi. Voltou seu olhar para sua taça vazia de vinho, não conseguia acreditar em tudo que havia escutado. O garçom, observando a situação, se aproximou:

– Posso lhe servir outra taça de vinho?

– Qual o seu nome? – perguntou Adam ao garçom.

– Me chamo Ricardo, senhor.

– Ricardo. Ricardo. Bonito nome. Você é casado,Ricardo?

– Não, senhor. Ainda não me casei, mas tenho umanamorada.

– Você a ama?

Todo envergonhado e não acostumado com diálogos desse tipo, o garçom responde de forma compacta:

– Penso que sim, senhor.

– Pensa que sim. Muito bem!

– Mais alguma coisa senhor?

– Sim, Ricardo. Traga-me uma dose dupla de uísque.

– Com gelo ou puro?

– Com gelo.

– Ok, senhor!

– Não, Ricardo. Volte aqui.

– Pois não, senhor?

– Sem gelo. Ah, por favor, pare de me chamar desenhor. Você é mais velho do que eu.

– Sou senhor? Ops! Desculpe-me.

A noite se torna curta para Adam. Ele consegue beber todo o litro e não é acostumado a beber. Fica totalmente bêbado. O garçom Ricardo se propõe a leválo para casa, mas ele estava totalmente fora de controle. Resolve sair pelas ruas de Nova iorque.

Sai cantarolando e abraçando a todos que encontra. Para, olha para os transeuntes que riem dele e segue cantarolando e cantarolando. Um perfeito bêbado pelas ruas da cidade. Senta na calçada, pega um jornal velho e começa a ler, recitando todas as notícias ali encontradas. Olha para os carros que passam nas ruas, acenando com “bye, bye”.

Depois de muita estripulia, já quase sem o efeito do álcool, muito cansado e com sono, pega um táxi de volta para sua casa.

DOZE

Adam acorda com uma tremenda dor de cabeça. Ainda com sono, tenta se lembrar da conversa da noite anterior. Numa mistura de dúvida e crença, ele coloca a mão na cabeça e esfrega o rosto. Entra em baixo do chuveiro e deixa a água quente cair sobre seu corpo. Não consegue pensar em nada. Seus pensamentos estão desorganizados, assim como seus sentimentos. Por um momento, se entrega ao relaxamento que o banho lhe convida.

No íntimo, o homem quer ser o herói da sua mulher ou o cavaleiro de armadura brilhante. Quando cresce nesses pensamentos, ele acaba dando brilho aos seus sentimentos, escondidos por anos em que viveu cansado pelo tempo, em uma vida de inércia.

Adam busca criar em si elos mais profundos e fortes. Quem não se envolve não se desenvolve. Por isso, estava sendo um prazer o envolvimento com Hani.

Ao sair do banho, ainda perdido, recorre a sua amiga confidente, ao seu ombro amigo:

– Alô, Melinda. Incomodo?

– Meu Querido, Adam. Você nunca incomoda.

– Ontem, durante o jantar, Mary e eu definimos onosso relacionamento.

– Sim, meu querido. Eu soube ontem à noite.

– Mary te ligou? Ela está bem?

– Sim, está bem. Ontem ela veio para minha casa eeu a pedi que dormisse aqui.

– Ela está aí? – Adam pergunta.

– Sim, logo deve acordar.

– Então, penso que seria melhor conversarmos emoutro momento.

– Você está bem? – pergunta Melinda, intrigada como tom de voz de Adam

– Não sei, tia. Estou precisando tomar algumasdecisões.

A capacidade de sentir emoção é o dom que todos nós partilhamos como ser humano. Homens e mulheres têm um feeling diferente. A mulher de um modo geral é receptiva, vulnerável, sentimental, carinhosa e quente. Já o homem, frio, agressivo, dogmático, sempre orientado para um objetivo.

Isso fez com que Adam quisesse sentir o lado femi-

Nino do assunto que o perturba demasiadamente.

– Sabe que poderá sempre contar comigo, não?

– Eu sei, minha querida tia. E agradeço por isso.

Falamo-nos mais tarde.

– Tchau, meu querido.

Adam desligou o telefone aliviado por saber que Mary Anne estava com Melinda. Afinal, sua tia tinha um dom especial em transformar tristeza em alegria.

No seu apartamento, o silêncio e todos os pensamentos estavam guerreando em sua cabeça. Tudo parecia querer sufocá-lo. Adam se veste e sai, sem rumo pelas ruas de Nova iorque.

Respirar novos ares lhe inspirou. A cada passo, Adam formatava uma linha de ideias que o levaria a Hani.

– É isso! Vou para o Afeganistão! – falou em vozalta para si mesmo, assustando as pessoas que passavam naquele momento.

Imediatamente, um sorriso desabrochou em seus lábios. Era o seu coração lhe dizendo que finalmente encontrará o caminho certo. Era por este encontro que sua alma ansiava e agora ele sabia exatamente o que fazer.

Queria falar com Melinda, não conseguia mais esperar nem um minuto. A decisão havia sido tomada. O primeiro passo deveria ser dado.

Tinha que telefonar para Melinda, lhe comunicar sua decisão, antes de tomar qualquer atitude. Ele lhe devia isso, afinal, Tia Melinda era como uma mãe. Não podia tratar este assunto na presença de Mary Anne, o que lhe obrigou a esperar

até o cair da tarde, na esperança de Mary ter voltado para casa.

Em seu apartamento, já sem agüentar mais, liga novamente para Melinda:

– Tia Melinda. Preciso muito lhe falar, mas não napresença de Mary Anne. Ela ainda está aí?

– Não, meu querido. Ela se foi logo que acordou.Pedi que ficasse, mas estava decidida a ir. “A vida continua” foi sua frase antes de sair. Ela parece estar bem.

– Que bom, que bom. – responde Adam, demons-trando completo desinteresse.

– Bom, já percebi que não foi para saber de MaryAnne que telefonou.

– Para ser sincero não, tia. Liguei para lhe dizer quetomei uma grande decisão e preciso do seu apoio, pois você é a minha família. Vou para o Afeganistão. Vou à procura de Hani.

Tia Melinda fica em silêncio.

– Meu querido Adam. Acalme-se, pense melhor.Você acha que será uma decisão fácil ir a um país onde impera o terrorismo? Onde vidas se perdem por nada?

Existem riscos.

– Por ela, corro todos os riscos. – interrompe Adam.

– Não quero te convencer do contrário, meu querido,vejo que já tomou sua decisão. Até porque seria tolice da minha parte querer travar uma guerra da razão contra o sentimento. Você está tomado por um sentimento avassalador. Como dominá-lo apontando o caminho da razão? O que quer que eu faça por você?

– Melinda, querida minha. Vamos comprar a passa-gem e reservar algum hotel em Cabul. Faço contato toda semana com você.

– Semana? Você está louco é? O amor é louco, eusei. Bom, logo que chegar quero receber uma notícia sua. Chegando a Cabul, vá direto ao consulado

americano e comunique ao senhor Smith que você chegou e está bem.

Receberei rapidamente a notícia, ok?

– Certo.

– Promete?

– Prometo tia Melinda, e lhe agradeço por tudo. –Adam responde com lágrimas nos olhos.

– Compraremos as passagens amanhã pela manhã.Entrarei em contato com o meu agente de viagem para cuidar de sua estadia em Cabul, reservando o melhor hotel. Que Deus o acompanhe!

Terminaram a ligação em um tom descontraído. Foi a forma que Tia Melinda encontrou de disfarçar a angústia que sentiu, no momento em que Adam a comunicou de sua viagem. Para ela, aquilo tudo era uma grande loucura, mas não podia fazer nada para impedi-lo. E então, a melhor escolha foi ajudá-lo.

Dois dias se passaram e tudo ocorreu conforme o combinado. Já no aeroporto, Melinda despede-se de Adam, tentando disfarçar sua angústia em vê-lo partir para tão longe.

– Meu filho! Cuide-se por mim. Se algo acontecer avocê, não sei o que será de mim.

– Ore por mim, tia. Receberei suas orações e assimnada de mal me acontecerá.

– Também orarei por você, Adam. – Mary Anneinterrompe a despedida de Adam e Melinda.

– Marya, você veio… Eu, eu… – Adam se perde emsuas próprias palavras. Despedir-se de Mary Anne para ir ao encontro de Hani, era desconcertante demais para Adam.

– Não se preocupe em dizer nada, Adam. Estou aquicom o coração aberto, para lhe desejar que tudo ocorra bem. Nunca lhe desejarei mal. Mesmo separados, você sempre será parte de mim.

O gesto de Mary Anne realmente surpreendeu a todos. Adam não conseguiu conter as lágrimas. Tomado por um grande sentimento de gratidão a abraçou, dizendo:

– Marya, minha querida, Marya. O seu amor meconstrange, pois não me sinto digno dele. Não sei o que lhe dizer, nem sei se existe alguma palavra que exprima a gratidão que sinto por você. Obrigado por me amar tanto.

Marya interrompeu Adam, tocando-lhe os lábios, pedindo silêncio:

– Se realmente quer me agradecer, agradeça sendofeliz. Meu amor não suportaria seu sofrimento, ainda mais tão longe de mim. Promete?

– Prometo, Marya.

Os três se abraçaram em uma afetuosa despedida. Adam sentia-se liberto. Mary lhe entregara as chaves que abrira o seu coração, libertando-o da culpa, da sensação de causar tanta dor a alguém que só lhe fez o bem. Sua bagagem emocional estava mais leve. Adam sentia-se pronto para partir. Decidido, entrou para seu voo a caminho do Oriente Médio.

*****

Chegada de Adam

Finalmente, Adam desembarca no vôo aeroporto de Chitral, a duzentos e setenta e três quilômetros de Cabul. Adam está exausto, mas não quer perder nem um segundo sequer. Seu coração tem pressa em reencontrar Hani. Movido por este desejo, sai do aeroporto em busca de um táxi. A comunicação parece ser um grande empecilho, e por mais que tente, não consegue se fazer entender.

Um longo tempo havia se passado, quando um homem afegão, aproximou-se de Adam, falando inglês fluentemente.

– Estou lhe observando há alguns minutos e percebio senhor um pouco aflito. Posso lhe ajudar?

Adam se sente aliviado ao ouvir sua língua natal pela primeira vez desde que chegou.

– Obrigado por me oferecer sua ajuda. Estou ten-tando me comunicar, mas ninguém fala minha língua. Preciso de um táxi que me leve a Cabul.

– Venha comigo, senhor. Vou lhe ajudar! – respondeo estrangeiro de forma acolhedora.

Adam sente-se seguro na presença daquele estranho. Sem questionar, decide acompanhar o rapaz que se aproximou de forma tão gentil.

Caminharam alguns metros em silêncio. O jovem o apresenta a um homem maduro, aparentando ter uns quarenta anos, barbado, com os olhos maus, de sobrancelhas largas e roupas velhas e sujas. Adam estranhou, mas naqueles países a maioria, são pessoas sem recursos, com vestimentas simples. Sem questionar, entrou no carro daquele desconhecido. Sua ansiedade em reencontrar Hani era tanta que não se deparou que estava entrando num carro sem identificação de táxi que deveria existir no teto do veículo.

– Harinshe, leve-o para Cabul. Ele está com pressa.

Foi tudo o que o homem que o abordou na porta do aeroporto falou ao estranho motorista. E assim, Adam seguiu sua viagem.

Adam não conhecia o caminho que o levaria a Cabul, e se baseou apenas por algumas placas velhas na estrada de terra que o levaria a cidade. Como a comunicação com o motorista era inexistente, Adam se detinha em olhar a crua e feia paisagem que o levaria a Cabul.

*****

De tempo em tempo, ele olhava o retrovisor do carro e notava o olhar enigmático do condutor. Após mais de duas horas de estrada, Adam começou a se sentir incomodado. Não havia mais placas, nem povoado, nada que pudesse objetivar vida. Já cansado tentou se comunicar.

– Estamos longe de Cabul? – perguntou Adam.

– Cabul, Cabul. – respondeu o motorista.

– Sim. – reforçou Adam. – Cabul. Estamos longe?

– Cabul. Cabul.

– Ah, meu Deus. Ok. – finalizou Adam.

Já estavam na estrada há mais de quatro horas e isso incomodou Adam. Começou a se sentir ameaçado. Sabia dos problemas entre os países da América com o povo muçulmano. Temia, não por sua vida, mas por algo que poderia lhe acontecer que o impedisse de reencontrar Hani.

Seis horas se passaram, quando a viagem foi interrompida por um comboio de carros. O carro foi parado. Adam sentiu certo alívio, pois pensou se tratar de policiais.

Adam e o motorista se olharam pelo retrovisor. O olhar perturbado impressionou Adam. Sentiu um calafrio lhe correr pela espinha. Não se tratava de uma blitz policial. Algo estava muito estranho. Um clima de tensão se intensificou.

Abriu-se a porta e, de forma brusca, Adam foi retirado do carro. Sem direito a nenhuma pergunta, lhe colocaram um capuz preto na cabeça e o levaram para outro veículo. Adam sabia que estava sendo sequestrado, mas por quem? Para onde o levarão? Irão matá-lo? Adam foi ficando sem ar, até perder os sentidos.

Adam retomou a consciência e, por alguns segundos, pensou ter tido um terrível pesadelo, mas logo a realidade o trouxe para os fatos. Adam estava amarrado, dentro do porta-malas de um carro. Pela primeira vez, se deu conta que sua vida corria riscos. Fechou os olhos e pensou na única imagem que poderia lhe resgatar daquele pesadelo real – pensou em Hani. Com lágrimas escorrendo por seu rosto, pediu a Deus que o concedesse um último momento com sua amada. Não poderia partir sem vê-la pela última vez.

O carro finalmente parou. Abriram o porta-malas e tiraram Adam com muita brutalidade lá de dentro.

– Meu Deus! Calma, por favor. Sou um cidadão debem, não precisa usar de força. – suplicou Adam.

Seus apelos foram ignorados. Aqueles homens pareciam conhecer apenas a linguagem da agressividade.

Adam foi levado a um pequeno acampamento. No instante que chegou, uma reunião estava acontecendo. Pouco se conseguia entender, mas Adam conseguiu ouvir em alguns diálogos algo como um atentado contra os Estados Unidos. Seu pânico intensificou. Naquele instante, entendeu que se tratava de um grupo de terroristas contra os Estados Unidos e sendo ele americano, só poderia ser visto naquele local como um inimigo.

– Aqui está o americano.

Um homem tira a venda de Adam e o manda ajoelhar-se em silêncio.

Adam obedece.

– Muito bem! Alá está muito feliz com o bomtrabalho de vocês. Tragam-no aqui. Disse homem. Levaram Adam ao líder dos rebeldes terroristas.

O grupo liberdade era muito temido pelo radicalismo com que agiam na região e em outros países. Eles efetuaram uma série de explosões nos Estados Unidos, causando dezenas de mortes. Usavam a religião para conduzir os jovens a crerem que só se chegava a Alá, por meio da eliminação de criaturas demoníacas. Portanto, não tinham nenhuma misericórdia com as pessoas que sofriam por causa de seus atentados. Pensavam que, eliminando o máximo de pessoas, estariam agradando a Alá e ampliando o círculo de fiéis em seu país.

– Como o americano se chama? – pergunta o líder.

– Chamo-me Adam Gregório. Cidadão americano egrego. Não fiz nada contra vocês, não me intrometo em questões religiosas.

– Um cidadão bonzinho. Um homem perfeito quemora num país onde matam nossas famílias, deixam nossas crianças caírem nas drogas e na fome. E não se mete em questões políticas? Ouvimos isso constantemente. Alá seja louvado!

– Alá seja louvado! – responderam os fiéis em coro.– Vamos fazer a gravação com ele, vamos levá-lo.

Preparem os carros e vamos seguir em frente.

Nada foi explicado a Adam. O tratavam como uma marionete, como um ser inanimado, como um objeto. Não tinham nenhum respeito por seu sofrimento. Talvez, nem o enxergassem como um ser humano.

Adam percebeu que nada do que dissesse mudaria o fato daqueles homens o odiarem por ser americano. Estava sozinho em uma terra desconhecida, com um grupo de fanáticos religiosos. Sua força interior era apenas a esperança de reencontrar Hani. Nada mais o sustentava naquele momento.

Após aquele estranho encontro com um suposto líder religioso, Adam foi submetido a mais um longo trajeto, em uma estrada de terra que parecia não ter fim.

O frio e a fome lhe castigaram por todo o caminho.

– Por favor, tenho sede. – implora Adam.

– Dê água para ele e coloque o capuz. – um homemdá a ordem a outro.

Quando Adam teve seu capuz retirado, pode perceber que junto com ele haviam mais três reféns. Seguiram o resto da viagem em silêncio, quando um fio foi avistado na estrada indo para o leste do Afeganistão. O líder do grupo mandou que parassem o veículo. Ao se aproximar, percebeu se tratar de uma tentativa de atentado. Um fio de cobre, conhecido pelos homens bombas do Talibã como Fio de Anjo, capaz de provocar uma grande explosão quando tocado.

Naquele local, esse tipo de terror era comum entre os povoados, já acostumado com as guerras santas. Minas, explosivos, mortes de soldados, civis. Nada causava espanto entre os moradores da região. A vida não valia nada naquele lugar, menos ainda valia a vida de um americano.

– Ei, americano, vá até lá, pegue aquele fio de cobree traga para nós. – foi a ordem dada a Adam pelo líder do grupo.

Adam naquele momento se viu morto. Não podia dizer não, sabia que se obedecesse, teria uma chance de não ser morto; mas se não fizesse o que mandaram, morreria sem misericórdia. Era um peso morto para eles. Não tinha escolha, não naquela situação.

Adam estava vivendo uma verdadeira tortura psicológica. Sentia-se exposto, desprotegido, ameaçado, violentado. Sem mais adiar, fez o que lhe fora mandado, com as mãos trêmulas, tocou no fio de cobre, puxando-o certo de que ali seria o seu fim. Com os olhos fechados, aguardou o barulho que deveria vir a seguir, mas nada aconteceu. Um alívio tomou conta de todo seu corpo, sem controle de suas pernas, caiu de joelhos no chão e desabou a chorar. Os seqüestradores ignoraram seu deses-pero e suas lágrimas. De forma brusca, o colocaram de volta no carro e seguiram viagem. Não queriam perder tempo.

Adam ainda estava em estado de choque, quando outra bomba foi avistada pelos rebeldes. Dessa vez, escolheram um americano franzino, aparentemente muito debilitado. A aparência frágil daquele homem despertou em Adam um sentimento de compaixão. Quis interferir, pedir para que deixassem aquele homem em paz, mas o sentimento de impotência trazido junto com aquela situação, o calou.

Aquele pobre homem não teve a mesma sorte de Adam. No instante que tocou o fio de cobre, seu corpo foi destroçado por uma enorme explosão. Adam e os outros prisioneiros entraram em desespero. Os gritos de pânico só foram contidos após um terrorista atirar para cima exigindo silêncio. Adam parecia estar vivendo um pesadelo. Tudo aquilo era irreal demais para estar sendo de fato vivido. Naquele momento, perdeu toda a esperança de reencontrar Hani. Sentiu claramente que não sairia de todo aquele pesadelo com vida.

Os terroristas seguiram viagem, por outra via, deixando para trás os destroços do corpo daquele pobre homem, sem nenhuma reação que os aproximassem de um comportamento humano.

*****

Nos Estados Unidos

Em Nova iorque, Melinda e Marya aguardavam o contato de Adam. Já havia passado um tempo significativo, uma vez que Adam prometerá entrar em contato assim que chegasse ao consulado, mas como tudo é mais demorado em países subdesenvolvidos, no apartamento de Melinda aguardavam pacientemente pela ligação de Adam.

– Fiquei tão orgulhosa de você, minha linda sobrinha!

– Por quê? Só por que abri mão do grande amor daminha vida? – Diz Mary com certo ressentimento.

– Não, claro que não, e sim, porque você enxergouo que não queria enxergar. – responde Tia Melinda – Você vai conseguir amar novamente e o que é melhor, amará alguém que também lhe ame. Você merece encontrar o amor.

– A senhora já teve um grande amor, tia?

– Vamos dizer que já vivi meus anos dourados. –responde tia Melinda sem jeito.

– Por favor, me conte tia. Quem foi? – Mary Annenão consegue conter a curiosidade.

– Contarei minha querida, contarei. Em outromomento, prometo-lhe. Agora precisamos dar um jeito de entrar em contato com o consulado. Já se passou muito tempo, estou começando a ficar preocupada.

– A senhora acha que algo de ruim pode ter aconte-cido com Adam?

– Não sei minha querida. Já se passou muito tempo.Meu coração está começando a ficar apertado. Vamos tentar aguardar mais um pouco.

Mary Anne ficou inquieta com a preocupação da tia. Pensar que algo de ruim aconteceu a Adam lhe causava muita angústia, mas preferiu se calar, não

queria preocupar mais ainda sua tia.

Continuaram conversando, dando tempo ao tempo.

– Mostrei-me forte, mas para a senhora posso despirminha alma. Está doendo muito, mas entendi que não poderia fazer isso comigo, nem com ele. Como poderia manter alguém ao meu lado sem amor? Sei que escolhemos o caminho certo, mas dói tanto! Só quero vê-lo feliz. Ele é muito importante para mim.

– Você sorri, mas seu olhar denuncia sua tristeza. Oque posso te dizer? Que palavra tem o poder de curar um coração ferido? Vou lhe dizer o que um dia me disseram:

– O tempo cura tudo.

– O tempo curou teu coração, titia?

– Não! Mas, me deu sabedoria para suportar semesmorecer.

– E o que eu faço enquanto isso, tia?

– Ore. A oração é o pedido da alma. Ore com ver-dade e Deus lhe ajudará a passar por este vale de dor.

Mary Anne abraça sua tia com ternura. Sedenta de afeto, permanece em seus braços por um longo tempo.

*****

Do outro lado do mundo, Hani passeia com sua irmã pelo centro, na tentativa de encontrar algo para investir. Estavam decididas a abrir um negócio próprio.

– Hani, não gosto de passar por aqui. Aquele homemdentro daquela loja me dá calafrios. Tenho medo que ele nos reconheça.

– Não tenha medo, minha querida. Ele jamais nosreconheceria. Para ele, fomos apenas alguém que ele sequestrou e negociou com nossas vidas. Não

temos nenhum valor para ele. Ele nem ao menos olhou diretamente para nós. Venha, vou lhe provar que estou certa e nunca mais vai sentir medo.

– O que vai fazer? – perguntou Amita assustada.

– Vamos nos aproximar como freguesas e verá queele nos tratará de forma indiferente. Venha! – respondeu Hani.

Hani puxou a irmã pelas mãos, indo em direção à loja. Disfarçaram olhando alguns tecidos, quando o homem se aproximou:

– Posso ajudar as senhoritas?

Hani e Amita quase desfaleceram. Ter diante de seus olhos o homem que as sequestrou, colocando suas vidas em risco, era assustador.

– Estão passando mal? Posso ajudar? – perguntou ohomem.

– Não, não foi nada. – responde Hani.

– Se precisarem de algo, procure por um dos vende-dores da loja. – O homem se retira, indo para os fundos.

Hani sai com Amita de braços dados pela calçada, ainda tentando se recompor. Aquele homem a fez relembrar coisas muito fortes que lhes trouxeram sofrimento, mas ao mesmo tempo, estava aliviada por ele não as reconhecer, pois isso poderia ser um risco para elas.

– Vamos fazer o que viemos fazer. Não quero maisfalar sobre isso – suplica Hani ainda de braços dados com sua irmã.

– Você tem razão. Corremos um risco desnecessário.Vamos continuar nossa procura. Precisamos abrir logo um negócio próprio e começar a ganhar dinheiro.

As irmãs seguem, tentando esquecer o episódio que acabaram de vivenciar. Seus corações estão repletos de esperança. Estão à procura de uma nova vida, um recomeço.

*****

Adam Seqüestrado…

O carro parou de repente. Adam tentou em vão identificar onde estava. Nada se via ou se ouvia. Estavam no meio do mato. Com muita violência, o tiraram do carro juntamente com os outros reféns e deram uma ordem para que seguissem até uma cabana logo a frente. Sem questionamentos, todos obedeceram. Os homens falavam entre si uma língua desconhecida por Adam, o que só fazia aumentar seu desespero. Temia por sua vida e dos outros reféns.

Ao chegarem à cabana, foram colocados em uma sala escura, coberta com lonas pretas. Galhos de árvores secas como estrutura e muitos buracos por causa do desgaste do tecido causando frio nas noites do deserto. Sentados um ao lado do outro. Um dos terroristas fala;

– Se conversarem, olharem para o lado, respiraremmais do que o necessário, morrerão.

Foi a única coisa falada em inglês pelos terroristas aos reféns, até o momento. Adam estava faminto, não tinha a menor noção de tempo. Sentia frio, muito frio. As risadas dos terroristas do outro lado da porta rompiam o silêncio, aumentando-lhe o sentimento de impotência. A indiferença daqueles homens frente a todo sofrimento que estavam lhe causando, o fazia temer cada vez mais por sua vida e a vida dos outros homens ao seu lado.

Algumas horas haviam se passado, quando um homem abriu a porta e foi direto na direção de Adam.

– Eu escolho este. Ele é quem representará nossacausa. – falou o homem em tom de deboche.

– Você irá repetir para esta câmera, exatamente o queeu mandar. Nem uma palavra a mais ou a menos. Estamos entendidos? – a pergunta vem acompanhada por um tom ameaçador. Adam concorda com a cabeça. Não está em posição de questionar. Só lhe cabe obedecer.

Adam inicia a gravação a mando do terrorista:

– Assata Shakur, presa por integrantes da políciaafegã, está no presídio de Kandahar. Assata está sendo torturada e violentada. Sou um cidadão americano e inocente de todos esses atos de barbárie. Estou sendo ameaçado de morte pelos integrantes do grupo liberdade. Eles exigem a troca imediata de Assata por mim. Caso isso não ocorra num prazo de dez dias, eles irão enviar pedaços do meu corpo para o consulado americano. Dez dias apenas e nem um minuto a mais. Ajudem-me!

Adam recebe uma coronhada na cabeça e cai desmaiado no chão.

TREZE

Dias depois, o cônsul americano recebeu a fita e as fotografias, e um grande alvoroço ocorreu nos Estados Unidos. Agora o terror não estava somente nos homens bombas, mas também nos cidadãos livres em algum lugar, de algum país. A mesma mensagem fora enviada para um grande jornal do Afeganistão e, imediatamente, fora vendida para o maior jornal americano e a situação estava firmada. A onda de terror abriu mais precedente.

Um enorme debate se iniciou na América, mas ninguém se posicionava na questão que envolvia Adam. Os jornais anunciavam:

"NEWARK, Estados Unidos – Joanne Chesimard, de 65 anos, ex-militante do Exército de Libertação Negro e já condenada por homicídio, tornou-se quinta-feira, em 2 de maio, a primeira mulher a aparecer na lista de terroristas mais procurados pelo FBI, e a recompensa por sua captura saltou de um milhão para dois milhões de dólares.

Embora Chesimard – que atualmente adotou o nome de Assata Shakur – não tenha feito outras ameaças, ela é uma terrorista doméstica, segundo o FBI.

"Enquanto vive livremente num território palestino, ela continua a manter e promover sua ideologia terrorista", disse em entrevista coletiva Aaron Ford, agente especial do FBI encarregado do escritório em Newark, Nova Jersey.

Abriu-se um enorme diálogo na televisão americana: juristas e governo.

Superestimar a ameaça terrorista — que de maneira alguma implica que se deixe de investigar, de julgar e de coibir as práticas de terror — surge como um perigo democrático quando se criam zonas cinzentas para o seu combate, sendo a ponta do iceberg, a conhecida prisão política americana contra os terroristas. Atualmente, surgem indícios da existência de *black site prisons* na Europa: prisões clandestinas usadas pelo serviço secreto americano, em países como lituânia, Romênia e Polônia, que serviriam como localidades de interrogatório

por intermédio de tortura.

A partir da criação desse inimigo sem face, digno de ser combatido sem clemência, que se desvela o caminho do arbítrio: é institucionalizada e glorificada a barbárie. A decisão americana de criar um homem indigno de direitos consagrados aos cidadãos vai de encontro com toda sua tradição democrática liberal, que foi consagrada através de séculos. No caso do estreitamento das liberdades individuais para o combate ao terrorismo, geralmente associado ao islamismo árabe e persa, o processo é ancorado na distorção da realidade, no uso sensacionalista de tragédias e na instrumentalização de casos de comoção pública para criar um campo fértil para a ascensão de leis cujo conteúdo afronta as garantias civis imprescindíveis para manutenção de um Estado Democrático de Direito.

*****

E as notícias na imprensa continuam.

“O conflito no Afeganistão voltou ao topo da agenda militar. Até agora, porém, o resultado é pouco animador: em junho, quando a campanha superou a todas outras guerras ocorridas para se tornar a mais longa em toda a história americana, as baixas da coalizão que ocupa o país bateram recorde e seu principal comandante foi demitido após uma desastrada entrevista à revista Time.

A explosão desta segunda-feira ocorreu na província de Wardak, no sudoeste. O ônibus viajava da província de Ghazni a Cabul. O Ministério do Interior disse que a bomba havia sido plantada pelo grupo Liberdade, mas um porta-voz dos insurgentes, Zabihullah Mujahid, rejeitou a autoria do atentado.

A violência tradicionalmente se intensifica na primavera afegã, com o derretimento da neve em passagens nas regiões de montanha. Este ano, a grande questão é saber se as forças afegãs serão capazes de lidar com uma eventual onda de ataques, uma vez que as forças estrangeiras se preparam para

uma retirada.

Sequestros têm sido comuns no Afeganistão e no vizinho Paquistão, onde quadrilhas de criminosos com frequência realizam o ataque inicial e depois vendem as vítimas para grupos terroristas."

*****

Nova Iorque. Melinda e Mary Anne

A notícia chegou a Melinda e Mary Anne pelos noticiários como uma bomba. Imediatamente, Melinda usou sua influência no meio político para marcar em caráter de urgência uma reunião no consulado Americano. – é com prazer que as recebo, senhora Melinda e senhorita Mary Anne. – John as cumprimenta prestando suas condolências. – Queiram se sentar, por favor!

– Obrigada, John, por nos receber. Vou direto aoassunto, peço desculpas por minha ansiedade, mas preciso saber. O que está acontecendo com Adam? Onde ele está?

– Eles o pegaram. – responde John, sem saber de queforma explicar a Melinda, sem causar mais desespero.

– Eles? Eles quem? Por que o pegaram? O que que-rem? – Melinda não consegue se conter.

– Acalme-se, Melinda, vou lhe explicar, mas precisoque se acalme. A situação exige controle. – pede John. – Estamos diante de um empasse. A situação fugiu do nosso controle, pois não envolve somente a América, como também decisões que cabem ao governo afegão. Os terroristas exigem a soltura de uma grande líder da facção, presa nos Estados Unidos em troca da soltura de Adam. Uma vida pela outra.

Melinda ouve a tudo atentamente. Aquilo lhe parecia algo surreal. A todo

instante tinha a sensação de que iria acordar e ver que tudo não passará de um terrível pesadelo.

– Meu Deus, meu Adam! Meu Adam! – Melindacomeçou a chorar.

Nesse momento, Mary Anne abraça a tia e a consola. Mary sempre foi mais sensível. Sempre foi ela que precisou da proteção de sua tia, mas naquele instante, mesmo sofrendo muito com tudo que ouvira, tomou a frente da situação.

– Por favor, senhor. John. Não nos esconda nada.Diga com toda franqueza. Quais são as chances do governo americano aceitar este acordo? – Mary Anne pergunta sem rodeios.

– Nenhuma chance. – John responde com sinceri-dade – O governo americano não faz acordos com terroristas. Em nenhuma hipótese. Estamos de mãos atadas.

– Mãos atadas? Por Deus, é do meu Adam que estãofalando. Mandem essa mulher de volta a esses bandidos e libertem o meu menino. – Melinda se exalta.

Mary Anne pede que sua tia se acalme. E John continua:

– A verdade é que negociando ou não, não cabe aogoverno americano a soltura desta terrorista. Esta decisão cabe exclusivamente ao governo afegão e eles estão irredutíveis. Suas causas são outras, não estão nem um pouco preocupados em negociar para poupar a vida de um americano. A vida de Adam não lhes diz nada. Desculpe ser tão franco, mas não posso omitir a gravidade deste caso.

Mary Anne ouve a tudo atentamente em silêncio.

– John, por favor, isso… – Melinda é interrompidapelo toque do telefone de John.

– Um momento, Melinda. Alô?

John permanece em silêncio ouvindo atentamente a fala do outro lado da linha. Melinda faz menção de dizer algo, mas John pede silêncio com as mãos.

– Sim, sim. – John continua. – Marcaremos entãopara amanhã, às sete horas da manhã, aqui no consulado.

John acena com a cabeça de forma positiva, mostrando que aquele telefonema trazia alguma esperança.

Ao desligar, Melinda o interroga:

– Então, John?

– Melinda, essa ligação é de um repórter do Afe-ganistão, Jim Korki. Ele quer conversar sobre a possibilidade de tentar negociar com os rebeldes. Ele sabe quem são esses terroristas e não quer falar com a segurança nacional. Eu o conheço há anos e o ajudei muito em um período que estivemos juntos no Afeganistão. Ele confia em mim. Acredito ser este o melhor caminho para chegarmos a Adam.

– Meu Deus, John. Por que não pediu para ele vir agora?

– Ele está fora, chegará amanhã logo pela manhã e virá direto para o consulado.

– Esse rapaz não é aquele repórter que fez uma matéria sobre a família Hamrita? – pergunta Mary Anne. John confirma.

– Vão para casa e descansem. Amanhã teremos umdia agitado.

– Como posso descansar, John? Meu Adam estásozinho em um país estranho, correndo o risco de ser morto. – Melinda começa a chorar.

– Tia, de nada adiantará ficarmos aqui. John temrazão. Vamos para casa. Amanhã estaremos aqui logo cedo. Não sairei nem um instante do seu lado. – diz Mary Anne.

– Você tem razão, minha querida! John, Confio em você, sei que fará de tudo para preservar a vida do nosso Adam. Estaremos aqui novamente amanhã, na primeira hora.

Melinda e Mary Anne se despedem, agradecendo o empenho de todos.

*****

No Afeganistão

Hani continuava tentando reconstruir a sua vida ao lado de seu pai e sua irmã. Tentava se agarrar a qualquer resquício de alegria, oferecidas em discretos momentos ao lado de sua família. Continuavam a procura de um local para abrir um comércio. A situação exigia urgência, pois o dinheiro que receberam, embora se tratasse de uma quantia considerável, iria uma hora acabar, já que ninguém estava trabalhando.

Embora a situação fosse alarmante, a harmonia se fazia presente em seu lar. Diante de tantas provações que passaram, o dinheiro ou a falta dele, não poderia de forma alguma lhes tirar a alegria que diariamente lutavam para manter viva.

Naquela alegre manhã, em volta da mesa do café, Hani conversava alegremente com sua irmã, quando seu pai entra na cozinha, demonstrando preocupação, e lhe entrega um jornal:

– O que é isso, papai? – pergunta Hani.

– Leia com atenção, minha filha.

Hani começou a ler atentamente a matéria que tinha como título: AMERiCANO É SEQUESTRADO E TORTURADO POR GRUPO TERRORiSTA.

Hani não conseguiu terminar de ler a matéria. Antes que pudesse mencionar qualquer palavra, sentiu sua vista escurecer, caindo no chão da cozinha. Quando acordou, minutos depois, estava deitada em sua cama, com seu pai e Amita olhando assustados para ela.

– Você desmaiou, minha filha. Como está sesentindo?

Hani não conseguia responder. Seus pensamentos estavam conturbados. A única coisa que conseguiu dizer foi o nome de Adam.

– Adam, Adam, meu Deus! – começou a recobrar aconsciência, levantando-se rapidamente.

– Acalme-se, Hani. Está me deixando preocupado.– pede seu pai.

Hani olha para seu pai com lágrimas nos olhos. Segura suas mãos e de Amita e se entrega a um choro compulsivo.

– Papai, me diga o que sabe. O que aconteceu comAdam? O que os jornais estão falando? O que ele está fazendo aqui?

– Acalme-se, filha. Tudo o que sei é o que os jornaisestão dizendo. Adam veio para o Afeganistão, provavelmente a sua procura. Ao chegar no aeroporto, foi sequestrado por terroristas de um grupo extremista. Creio que por ser americano, viram nele a oportunidade perfeita de tentarem uma negociação direta com o governo americano para soltarem uma perigosa terrorista presa nos Estados Unidos.

Hani só chorava. Em um momento de desespero, curvou-se no chão e orou com toda sua fé:

– Alá! Senhor da minha vida. Preserve a vida deAdam. Não permita que o machuquem. Proteja-o, Senhor. Ajude-me a encontrá-lo. Minha vida acabará se algo lhe acontecer. Muitas provações superei, mas isso não aguentarei. Não tenho mais forças. Por favor, Senhor.

Preciso encontrá-lo.

Amita ajoelha-se com a irmã e a abraça.

– Vamos encontrá-lo, minha irmã. Vamos encontrá-lo.

Kailash abraça suas duas filhas e os três permanecem em oração. Somente Alá poderia lhes mostrar um caminho. Aquele era um momento de muita confusão. O desespero e a impotência tomaram conta de seus corações.

*****

Mesmo ferido e muito debilitado, Adam mantinha suas forças. Seus

pensamentos se firmavam o tempo todo em Hani e era isso que o fortalecia. A esperança de reencontrar Hani o alimentava.

A tarde estava caindo, o frio se aproximava, já dando indícios de que aquela seria mais uma noite muito gelada. Um dos terroristas se aproxima de Adam.

– Muito bem, americano. Falou direitinho. Houveuma grande repercussão. Os demônios estão brigando entre si. Vocês americanos são deploráveis.

Adam ouve a tudo com os olhos vendados e a boca amordaçada.

– Pensei que iria explodir naquela mina. – continuao terrorista com deboche. – Você tem muita sorte. Vou lhe soltar a mordaça para comer. Precisamos de você vivo por enquanto. Portanto, não nos cause problemas.

Soltaram-lhe a mordaça e suas mãos. Trouxeram água e alimento. Adam estava em num estado deplorável. Sujo, com barba por fazer. Seus olhos estavam fundos. Estava emagrecendo e, suas forças, sumindo a cada dia.

Depois de ter se alimentado com uma comida que mais parecia lavagem de porcos, Adam foi levado para um pequeno aposento nos fundos, onde estavam dois estrangeiros. Um canadense e um inglês.

A ordem era clara. Nada de conversas entre si. Se desobedecessem, seriam torturados. A ameaça eminente era uma verdadeira tortura psicológica. Olhavam nos olhos um dos outros em silêncio. Era uma forma de se ampararem entre si.

*****

Cada minuto para Hani parecia ser uma eternidade. Precisava achar um modo de encontrar Adam.

– Papai! O tempo está passando e meu desespero sóaumenta. – desabafa Hani.

– E se fossemos à polícia? Vamos falar com asautoridades. Quem sabe não exista alguma pista que não foi divulgada na imprensa. – sugere Amita.

– Não conseguiríamos nada. A polícia está muitoengajada neste caso, pois

estão sendo pressionados pelo governo. Se tivessem alguma pista que os levassem a Adam, já teriam averiguado – diz Kailash.

– Então, o que faremos? Não podemos ficar de bra-ços cruzados enquanto Adam está correndo risco de ser morto. – diz Amita.

– Podemos ir ao consulado. Averiguar de perto seexiste alguma possibilidade de acordo ou alguma outra solução. – diz Hani.

Kailash e Amita concordaram.

Já no consulado, Hani identifica-se como sendo membro da família de Adam.

Mal a olharam. Suas palavras se perdiam em meio a indiferença do representante do consulado. Até o momento em que Hani perde a paciência e, aos gritos, exige que lhes deem atenção.

– Senhorita, Hani. Este é o seu nome, não? – per-gunta o representante do consulado. E sem esperar a resposta, continua. – Este caso não é o único. Temos dezenas de americanos sumidos em Cabul. A imprensa, o governo americano, todos estão nos pressionando, pois querem dar uma resposta à população. Querem uma solução, mas a verdade é que não temos a solução que todos querem. Esses sequestradores são profissionais. Não deixaram nenhuma pista, nenhum rastro, nada que nos levassem a Adam, mas acredite, estamos fazendo de tudo para encontra-lo. Queremos isso tanto quanto a senhorita. – E isso é tudo? – pergunta Hani, nervosa.

– Espero que não, senhorita. Espero que isso sejaapenas o começo. Queremos resgatá-lo e faremos tudo o que estiver ao nosso alcance.

Hani sai do consulado, abraçada ao pai e a sua irmã.

Sente-se perdida, impotente.

– Vamos para casa, estou muito cansada. De nada adiantou nossa vinda aqui. – diz Hani.

Ao chegarem em casa, Hani preparou um rápido almoço para sua família e foi se deitar. Sua cabeça doía muito. Sentia-se fraca, cansada.

Algumas horas depois, Amita bate em sua porta.

– Hani, acorde! Preciso que venha comigo.

– O que houve? – Hani acorda assustada.

– Vamos encontrar Adam. Já sei o que fazer. Peçoapenas que confie em mim. Não quero que diga nada a papai. Pelo menos por enquanto.

Hani não questionou. Trocou de roupa rapidamente e saiu com Amita.

Seguiram para o centro de Cabul em direção às pequenas lojas. Ao parar em frente à loja de tecidos em que estiveram há alguns dias atrás, Hani entendeu o que Amita estava tentando fazer.

– Amita, este homem é perigoso. Ele é um seques-trador e com certeza um assassino. Não podemos confiar nele.

– Tenho certeza que ele sabe exatamente quemsequestrou Adam, onde ele está e o que podemos fazer para resgatá-lo.

Sem rodeios, Amita entrou na loja e abordou de forma destemida o homem que a sequestrou tempos atrás. – Senhor? Quero lhe falar.

– Posso lhes ajudar? – responde o homemdesconfiado.

– Espero do fundo do meu coração que sim. – res-ponde Amita.

– O senhor tem que nos ajudar a salvar uma pessoa.– suplica Hani.

– Salvar uma pessoa? Do que estão falando? – Ohomem começa a não gostar da conversa.

– O senhor não lembra de nós, mas nós jamaisesqueceremos o senhor. Aquele acidente de avião nos trouxe a pior experiência que já passamos, quando fomos sequestradas por seu grupo terrorista. Sentíamos a morte a cada instante, até que Alá se compadeceu de nós. Vocês fizeram um acordo com o governo. Negociaram as nossas vidas em troca de um enorme carregamento de armas…

– O que querem? Vieram até meu estabelecimentopara me ameaçarem? – interrompeu o homem, já muito exaltado.

– Não viemos ameaçá-lo, tampouco relembrar o quepara nós foi um

pesadelo. Como já dissemos, precisamos de sua ajuda.

– Ajuda para quê? – pergunta o homem.

– O americano sequestrado. Sabe do que estamosfalando, não?

– Sim, li nos jornais. O que quero saber é o quetenho haver com isso?

– Leu nos jornais? Ora, por favor, nos poupe! Sabe-mos que você sabe exatamente que estamos falando de Adam Gregório, que neste momento está sendo mantido em cativeiro por seus comparsas. – Hani o acusa na tentativa de tirar alguma verdade daquele homem.

– O que vocês querem? Não vou cair no jogo devocês. Vocês não me conhecem. Não sabem nada a meu respeito e muito menos o que sou capaz de fazer. Portanto, sugiro que…

– Exatamente isso. – interrompe Hani. – Não nosinteressa saber nada a seu respeito. Tenho certeza de que é capaz de coisas horríveis, eu mesma já fui vítima de sua "coragem", mas a única coisa que realmente nos interessa é resgatar Adam. Vou ser direta e espero o mesmo do senhor: tenho dez mil dólares e este é o valor que lhe darei pelo resgate de Adam.

– Venham comigo. – pede o homem de forma bemdiscreta, que as acompanhe.

Ele as levou para um lugar ermo e seguro, num pequeno bar onde faziam as reuniões dos rebeldes terroristas.

– Pronto! Aqui é seguro. De onde vocês tiraram issode que sou terrorista? Estão loucas, é?

– Não senhor! Não estamos loucas, mas o senhorpoderá ficar louco se não nos ajudar. – falou Hani com tom seguro.

– Vocês sabem que podem sofrer coisas ruins, nãosabem?

– Sabemos, sim. O senhor sabe também que isso nãoserá nada bom para os seus negócios e, outra coisa, nos matar de nada valerá. Não somos mais do que duas mulheres no Afeganistão e o senhor é aparentemente um homem respeitado

na sociedade e uma válvula de escape para suas crenças. Suas e de seus companheiros.

– Muito bem! Vamos direto ao assunto. Antes queeu me aborreça. – Exige o homem.

– Ok. Vamos ao assunto. Nós temos vinte mil dóla-res para lhe oferecer. Daremos dez mil no ato e os outros dez mil quando conseguirmos nosso objetivo.

– Vinte mil dólares? Generosa a oferta! E as senho-ras têm todo esse dinheiro, não é? E eu sou prefeito de Cabul!

Ela abriu a bolsa que estava com ela e lá estavam os dez mil dólares. Sua irmã olhou assustada. Não acreditara no que estava vendo. Começou a suar frio ficou atenta à negociação da irmã. O homem olhou com olhos de águia para o dinheiro. E falou:

– Muito bem. O que vocês querem que eu faça?

– Preciso que encontre uma pessoa.

– Que pessoa?

– Adam Gregório. O homem americano que vocêssequestraram quando chegou ao Afeganistão.

– Eu sei quem é ele. – meditou – Esse caso está mui-to complicado. A minha autoridade tem limites.

– Eu sei que tem, mas o dinheiro não. Ofereça aoslíderes esse valor e poderão usar pela causa. Veja bem, estou prestes a financiar uma causa em que não acredito. Uma causa onde pessoas inocentes serão mortas sem direito a defesa.

Ele olha com raiva para Hani. Ele estava odiando ter que ouvir uma mulher falando da causa pela qual vive e ao mesmo tempo o dinheiro, que era muito, podia levantar o propósito de crescimento do liberdade.

– Falarei com os meus líderes. Encontre-me aquiamanhã neste mesmo

horário. Terminamos por aqui. – O homem sai sem se despedir.

Hani e Amita saem sem olhar para trás. O que acabará de acontecer fora assustador.

– Espere, Amita. Preciso me sentar. Não me sintobem. – diz Hani.

– Sente-se aqui, minha irmã. Vou pegar um copod´água.

Amita acomoda sua irmã em uma cadeira na calçada de um restaurante e lhe dá água, esperando que seu malestar passe.

– Sinto-me melhor! Meu Deus, não sei de ondetiramos tanta coragem. Tive tanto medo. Temi por você, minha irmã. Não devia ter lhe envolvido em nada disso. Quando estávamos na frente daquele homem é que me dei conta de que corríamos perigo. Esses terroristas são loucos. – diz Hani.

– Minha irmã, jamais a deixaria sozinha em ummomento como esse. Sempre estarei com você. Sente-se melhor? – diz Amita.

– Sim, sim, vamos voltar para casa. Não vamos dizernada ao papai por enquanto. Ele morreria de preocupação. – diz Hani.

– Como achar melhor. – concorda Amita.

As duas voltaram para casa ainda muito temerosas. E se aquele homem estivesse mentindo? E se não soubesse de Adam? E se o encontro marcado para o dia seguinte fosse uma emboscada?

Hani sabia dos riscos, principalmente o risco de ter a sua vida abreviada por aquele terrorista, mas estava disposta a romper os seus limites. Iria às últimas consequências, daria sua vida por Adam. Iria até o fim.

CATORZE

Na cidade de Nova iorque, Melinda vai a um jantar a convite do cônsul e algumas autoridades do governo, preocupados em resolver o caso de Adam. São homens influentes. Todos eram amigos do senador, sim o homem que fora *o* grande amor de Melinda.

– John, meu querido amigo. Não estou mais aguentando essa situação. Estou vivendo em desespero. – desabafa Melinda.

– Melinda, estamos em uma situação delicada.Como você sabe, o governo americano não negocia com terroristas, mas posso lhe garantir que estamos fazendo tudo que está ao nosso alcance para resgatar Adam. – diz o cônsul.

– O que estão fazendo? – pergunta Melinda.

– Lamento, minha querida, mas são informações sigilosas. Se falarmos algo, podemos comprometer as investigações. Peço que confie em nosso trabalho. – diz o cônsul.

– Melinda, – disse Peter, um homem com fortesinfluências, – uma coisa posso adiantar: o governo americano está negociando fora do caso com ativistas do grupo terroristas. O que acontece é que a causa é maior do que algo que possamos oferecer. Talvez o dinheiro pudesse ajudar, mas como podemos fortalecer esses insurgentes a comprarem mais e mais armas para matar?

– Eu confio em vocês e sei que estão fazendo o possível, mas eu imploro, por favor, façam o impossível.

Se é dinheiro o que eles querem, eu dou. Vendo tudo o que tenho, se for preciso. – diz Melinda aos prantos.

O choro de Melinda causou mal-estar a todos. Era visível o sofrimento daquela pobre mulher, mas realmente falavam a verdade. Não podiam passar por cima das autoridades americanas.

Aquela reunião marcada em caráter de urgência, com os homens mais

influentes do governo, só serviu para mostrar a Melinda que na verdade todos estavam perdidos.

Melinda interrompe a reunião antes da hora. Para ela, estar ali, ouvindo todos aqueles homens, só confirmava as suas suspeitas: ninguém de fato sabia o que fazer.

Despediu-se, deixando claro com o tom de sua voz, um grande descontentamento. Ao sair do consulado, seguiu direto para a casa de Mary Anne, que a esperava ansiosa.

– Tia Melinda, esperava encontrá-la mais tarde. Porque a reunião foi tão rápida? – pergunta Mary angustiada.

Melinda senta-se exausta no sofá. O cansaço físico misturava-se com o cansaço emocional.

– Minha querida, a reunião foi rápida, porqueninguém tinha nada a dizer. A verdade é que estão todos perdidos. Vejo boa vontade, mas infelizmente, não é o suficiente. Confesso que estou perdida também. – desabafa Melinda.

– Só existe um caminho: vamos para Afeganistão! –diz Mary Anne.

– Concordo. – diz Melinda. – No caminho para cá,era exatamente isso que estava pensando, nosso Adam precisa de nós.

– Vamos comprar as passagens, então. Cada segundoé precioso. O tempo está contra nós. – diz Mary Anne com empolgação.

– Deixe-me dar um telefonema. Quero que John váconosco. Com ele, seremos bem recebidas pelas autoridades. – Melinda diz confiante.

Melinda desliga o telefone com alegria. Finalmente, um resquício de esperança lhe invade o coração.

John aceitou de imediato acompanhá-las na viagem:

"– Farei tudo que estiver ao meu alcance para encontrar o seu Adam. Confirme o dia e a hora da passagem e nos encontraremos no aeroporto."

Sem perder tempo, Melinda reserva três passagens com destino direto a Cabul para o dia seguinte. A empresa área alegou ser impossível vender uma

passagem internacional com um dia de antecedência, mas o cônsul ligou para o presidente da empresa aérea e resolveu de forma diplomática.

– Descanse bem, Mary Anne. Amanhã embarcaremos em um longo voo, rumo ao resgate de Adam. De lá, só sairei morta ou com ele.

As duas se abraçam aos prantos. Muitas incertezas estavam adiante, mas havia uma certeza. Não desistiriam.

*****

No acampamento onde Adam está confinado

Mais uma noite gelada e interminável castigava Adam e os demais reféns, mantidos em cativeiro na cabana.

Risadas e muita falação do outro lado. Os terroristas pareciam estar comemorando algo. Música acompanhada por tiros de metralhadora. Não dava pra entender o que falavam, não apenas pelo barulho, como também por estarem falando uma língua desconhecida pelos reféns.

Toda a vez que algum terrorista entrava no cativeiro, temia por suas vidas.

– é este. – diz um terrorista ao outro, apontando para o refém inglês.

O refém começa a chorar e implorar por sua vida. Em um ímpeto de revolta, Adam se levanta e enfrenta os terroristas.

– Já basta! – Adam grita. – Não permitirei quemachuquem este homem, sob a pena de perder minha própria vida.

Os terroristas caíram na gargalhada, desmerecendo a atitude de Adam.

– Sente-se, americano, e nunca mais tenha umaatitude como essa. Sua impulsividade poderá lhe custar a sua vida. Esse homem teve mais sorte que todos vocês. Ao contrário de seu país, ele terá sua vida poupada, pois a inglaterra aceitou fazer um acordo conosco. Já você, parece que não terá a mesma sorte.

Seu país se recusa a fazer qualquer tipo de acordo. Seus dias estão contados. Portanto, cuidado, muito cuidado com as suas atitudes. Mantê-lo vivo a cada dia já não nos parece ser um bom negócio. – diz o terrorista com tom de deboche.

O inglês saiu do cativeiro acompanhado pelos dois homens. A porta se fechou novamente. Nunca mais souberam daquele homem que compartilhou com eles em silêncio, dia após dia, noite após noite, o sofrimento, o frio, a fome e o medo.

Ao fecharem a porta, Adam sentou-se em um canto e se pôs a chorar baixinho. As palavras que acabara de ouvir lhe podou todo o resto de esperança que ainda tinha. O sentimento de desamparo o dominou. A angústia não lhe deixou dormir. O medo lhe dominou por completo. Sentia-se muito só.

*****

Na casa de Hani, o clima é de incerteza e muita tensão.

Kailash chega em casa anunciando as boas novas:

Finalmente encontrara um estabelecimento perfeito para abrirem o negócio da família.

– Meninas, não consigo me conter de tanta alegria!Finalmente, abriremos nosso negócio próprio. – diz Kailash.

Ao contrário do que esperava, não viu nenhuma reação de alegria de suas filhas. Seus semblantes estavam caídos, mostrando nitidamente que alguma coisa de ruim acontecera.

– O que houve? – pergunta Kailash assustado.

– Papai, não lhe faltarei com a verdade. Vou lhecontar o que está acontecendo, mas antes, preciso pedir seu perdão. Entenda que não tive escolha. Por favor, me perdoe. – Hani começa a chorar.

– Minha filha, estou ficando muito preocupado.Perdão? Pelo quê? O que está acontecendo? – Kailash se desespera.

– Papai, ofereci dinheiro a um homem para nosajudar a localizar Adam. Este homem é o mesmo que nos sequestrou na queda do avião. Nós o reconhecemos no dia que nos encontramos com o jornalista, ao sair da cafeteria. Amita o avistou e eu confirmei que se tratava do mesmo homem. Sei que ele sabe onde Adam está e por isso lhe ofereci o dinheiro que ganhamos. Sinto muito papai, mas não havia escolha. – diz Hani.

Kailash fica sem reação, permanece paralisado, sem saber o que pensar. Sua filha envolvida com terroristas? Temia pela vida de Hani.

Sentou-se calmamente, e por alguns segundos, permaneceu em silêncio, com o olhar perdido, até que falou olhando nos olhos de Hani:

– Filha, minha linda e amorosa filha, vou lhe dizeralgo. Um dia, eu e sua mãe (que Alá a tenha em seus braços de amor), juramos no altar que se Alá nos concedesse na vida dificuldades, e se essas dificuldades fossem para podermos um dia estarmos juntos no paraíso, então que as dificuldades viessem. Sua mãe amava muito a causa de Alá. Chorou muito quando soube o que seu irmão fizera, mas acreditava que ele foi uma vítima da religião com valores deturpados, mas que em seu coração estava a verdade e o desejo enorme de servir Alá. Ele estava errado. Sim, cremos que sim, mas ele tomou uma decisão e por ela, morreu. Pergunto-me: vocês estão certas? Também não sei, mas tomaram a decisão crendo que estão fazendo o que é certo. Agora respondo: filhas, quem sou eu para dizer se estão certas ou não? Vocês estão trocando os dólares americanos por uma vida, quem sabe. Paro e penso: é melhor ficar com o dinheiro e deixar Adam morrer ou usar o dinheiro para ao menos tentar salvar a vida de um homem que um dia, por amor a minha filha, doou a sua vida por nós?

Os olhos de Hani se encheram de lágrimas.

– Papai, o senhor é um pai maravilhoso, mas maisdo que isso, um ser humano extraordinário. – diz Hani muito emocionada.

Amita, como uma expectadora assídua, assistia a tudo. Sua irmã, seu pai. Em pensamento, agradeceu a Alá por ter lhe dado uma família tão amorosa, tão

unida. Naquele momento, entendeu o real sentido da palavra família. Com um abraço forte em seu pai e sua irmã, selou aquele momento tão significativo para todos.

A decisão que tomaram poderia significar a liberdade de Adam. Agora, só lhes restava acreditar, ter fé.

QUINZE

Os Estados Unidos e o Afeganistão continuavam tentando chegar a algum acordo. As políticas antiterrorismo estavam à flor da pele nos países. Nenhum dos governos queria se responsabilizar pela vida de nenhum dos estrangeiros sequestrados. A desesperança começou a invadir o coração de Hani, quando seu pai entra em casa eufórico:

– Filha! Filha! Eles me procuraram.

Hani, com olhar assustado, espera aflita, seu pai recuperar o fôlego.

– Eles querem falar diretamente com você, mas eunão gostei nem um pouco desta ideia. – diz Kailash.

– Papai, para salvar Adam, farei o que for preciso. –diz Hani.

– Salvar Adam é o que todos nós queremos, meuamor, mas é muito arriscado. Não posso te perder, minha filha. Não aguentaria passar por isso. – Kailash diz com lágrimas nos olhos.

– Papai, se algo acontecer com Adam, morreria damesma forma, uma morte muito mais cruel, uma morte em vida. Entendo sua preocupação, respeito seu medo, mas não posso me negar a ir a este encontro. Chegamos até aqui e devemos ir até o fim. A vida de Adam depende disso. Alá me protegerá.

Hani levanta-se sem esperar pela resposta de seu pai.

Kailash se calou. Sabia que seria em vão tentar convencê-la a não ir. Hani estava decidida e nada a impediria, nem mesmo sua autoridade de pai.

*****

Adam recebe a visita de homens ligados ao governo afegão. Numa tentativa de usar a visita para influenciar os americanos a aceitarem a proposta de troca entre a terrorista, Adam ouve.

– Senhor, Adam. Como vai?

Adam estava cansado, havia emagrecido muito. Tinha a barba por fazer e a pele estava muito queimada pelo sol. Não tinha uma aparência saudável. Estava abatido e esperanças. Não enxergava mais nenhuma saída, havia perdido toda a motivação que o vinha alimentando.

– Acho que não ando bem. O que mais querem demim?

– Só queremos falar com o senhor e dizer que seupaís realmente não quer colaborar.

– Eu imaginava. Pelos filmes e livros, já é sabidoque nenhum governo negocia com terroristas.

– Terroristas? Quem é terrorista? Ou quem são osterroristas?

– Desculpe-me. – refletiu Adam.

– Está desculpado. Temos apenas dois dias para oseu destino ser selado. Quer gravar seu último pedido ao seu governo covarde?

– Só gravo se vocês quiserem. Eu já não acredito emnegociação. Infelizmente, é assim que funciona, não é?

Num momento, dois homens do grupo rebelde entram na barraca e pegam o outro estrangeiro; levam-no para fora. Adam olha assustado querendo ajudar o rapaz e pedir para que não façam nada com ele. Ao retirarem o canadense, os rebeldes jogam a roupa do inglês que havia saído dias atrás, dentro da barraca cheia de sangue. Dois disparos são ouvidos, e mais um corpo é enterrado no deserto do Afeganistão.

– Agora só sobrou você, senhor Adam. Não temosmais gringos por aqui.

– Meu Deus! Vocês o mataram?

– Os dois, senhor Adam.

– Meu Deus! Vocês são loucos!

– Loucos pelo nosso país. O governo daquelas pes-soas mentiu, eles não tinham nenhum interesse nas vidas dos dois. Por que nós teríamos?

Adam abaixa a cabeça e chora. Sua vida estava por um fio. Ele já não aguentava mais toda a tortura física e psicológica que vinha sofrendo. Sentia-se só, sem esperança, pela pressão que vinha vivendo esses meses. Sabia que o governo americano não faria acordo algum. Só um milagre pouparia sua vida.

Hani entra na loja do comerciante terrorista, com uma bolsa em mãos.

– Recebi o recado. Estou aqui cumprindo minhaparte, sendo fiel a palavra que dei. Espero receber de você a mesma fidelidade. – diz Hani, colocando a bolsa em cima do balcão. – E agora, como fica?

O homem fica admirado com tamanha ousadia. Nunca conhecera uma mulher com uma personalidade tão forte. Naquele instante, Hani conquistou a sua admiração.

– Dê-me mais um ou dois dias no máximo. Não souhomem de voltar atrás em minha palavra. Mandarei-lhe um recado assim que tiver uma posição do grupo. – diz o homem.

– Quero saber de Adam. Como ele está? – perguntaHani.

– Lamento, mas, não lhe direi mais nada. – Ohomem pega a mala cheia de dinheiro e lhe vira as costas, sem se despedir.

Hani sai da loja sentindo um grande aperto em seu peito. E se aquele homem a estivesse enganando? E se ele sumir com o dinheiro? E se… Os pensamentos de Hani se perdem no desespero. Não tinha escolha, a não ser acreditar em um homem sem escrúpulos.

Naquela noite, não conseguiu dormir. A angústia, o medo de nunca mais reencontrar Adam – seus pensamentos iam e voltavam. Seu pai e sua irmã ficaram de longe. Viam o seu sofrimento e sofriam junto, pois não havia nada que pudessem fazer, a não ser esperar.

No cativeiro, Adam, a pedido do representante do governo afegão, terminava a gravação com seu último pedido.

– Termino pedindo, melhor dizendo, implorando queolhem por mim. Não sei o que vocês podem fazer, só sei que não quero morrer, não antes de

reencontrar Hani. Por ela, deixei tudo no meu país, e é por ela que estou aqui, desejando viver. Deus abençoe a América!

Os rebeldes saem com a gravação em mãos. A intenção é enviar o quanto antes para a imprensa internacional e local.

Como estava previsto, a imagem de Adam exposta no vídeo torna-se pública, criando uma comoção em todo o país. A população sai às ruas, em defesa de Adam, exigindo que as autoridades tomem uma providência.

Com a revolta da população, o governo americano se viu obrigado a prestar esclarecimentos. Em rede nacional, o general de guerra Tom Bill prestou esclarecimentos:

– Infelizmente, não temos nada de concreto ainda.Estamos tentando algumas vias alternativas de negociação, pois, como já é do conhecimento de todos, que o que esses terroristas estão exigindo, não poderemos negociar. Não podemos absolver uma influente terrorista que tanto mal já nos causou. Peço que confiem nas decisões por nós tomadas. Tanto quanto vocês, desejamos resgatar o americano Adam Gregório.

Desde o sequestro de Adam, foi a primeira vez que houve uma manifestação das autoridades em rede nacional. Infelizmente, a declaração dada pelo general, não agradou em nada os terroristas. Dizer que não soltariam sua líder soou como uma afronta para eles. Quem sofreu as consequências das palavras do general foi Adam. Naquela noite, não lhe deram alimento e passaram horas e horas, agredindo-o fisicamente.

Após uma exaustiva viagem, Melinda, Mary Anne e John, chegam ao consulado americano em Cabul.

Com a repercussão da gravação, os jornalistas estavam sedentos por informações. De alguma forma, descobriram que sua tia, sua ex-noiva e um representante do Consulado dos Estados Unidos estavam a caminho do consulado americano em Cabul. Quando chegaram ao consulado, o local já estava tomado por equipes de reportagem.

– Por favor, senhora Melinda, queremos umadeclaração. – grita um jornalista no meio da multidão aglomerada.

Os três passam pela multidão com muita dificuldade, até chegarem à porta do consulado. Antes de entrar, Melinda se vira para os jornalistas e diz:

– Acabamos de chegar. Primeiramente, precisamosnos inteirar dos fatos, e em seguida, faço questão de me sentar com vocês para responder a todas as perguntas. Peço que aguardem.

No consulado, em conversa com as autoridades, não poderia ser pior. Mesmo com a influente intervenção de John, Melinda percebe claramente que ninguém sabe realmente o que fazer.

Revolta-se com o despreparo dos agentes envolvidos no caso e em uma atitude impulsiva, sai pela porta da frente do consulado, chamando a atenção da imprensa para ela. Aos prantos, faz um pedido na frente das câmeras:

– Peço às autoridades competentes que tomem essecaso como um caso diferenciado. E que não simplesmente usem a frase já cansativa de que não negociamos com terroristas. O papel do governo não é o de se acovardar e sim de salvar e proteger nossos cidadãos. A questão que envolve Adam está além de não negociar com terroristas. O objetivo é trazê-lo de volta e prender esses terroristas. Já estou cansada de esperar.

Flashes de máquinas fotográficas, perguntas sobre perguntas. Melinda despertou a curiosidade dos jornalistas. Todos queriam sua declaração.

– O que a senhora pode falar de Adam Gregório?

– O que se fala de um filho.

– Espere, tia. Eu gostaria de falar.

– Pois não, senhora Mary Anne.

– Bom, na verdade, eu não sou a noiva de Adamcomo vocês noticiam. Rompemos quando ele decidiu vir para cá. Como já é do conhecimento de todos, Adam não veio com nenhuma causa política. Hani Hamrita é a causa de Adam.

Ele se apaixonou por esta moça que acabo de mencionar e, por este motivo, veio para cá. Adam só queria reencontrá-la.

– Hani Hamrita? Ela é da família do terrorista quecometeu o atentado em Nova iorque, não é? Não foi ela quem foi extraditada dos Estados Unidos, junto com toda sua família? – grita o jornalista.

Melinda percebe o rumo que a entrevista está tomando e pede para Mary Anne não responder. Infelizmente, o silêncio de Mary Anne de nada adiantou. Como sempre, os jornalistas ouviram apenas o que eles queriam ouvir, sem se preocuparem com a veracidade das informações.

Todos os jornalistas correram para a redação. Tinham urgência na divulgação das notícias. O jornal que terminasse primeiro sua impressão, venderia mais. Era apenas isso que realmente interessava à imprensa.

Melinda entra novamente no consulado e divide sua preocupação com Mary Anne.

– Acho que não devia ter mencionado o nome damoça para a imprensa. Eles associaram o caso com o atentado em Nova iorque. Temo que associem Adam a algum grupo terrorista.

– Meu Deus, tia. A senhora tem razão. O que fare-mos agora? – Mary Anne se desespera.

– Agora só nos resta esperar para ler o que exata-mente irão publicar. – interrompe John. – Por favor, vamos começar uma reunião, peço que se recomponham e entrem. Essa reunião poderá ser decisiva.

Na reunião, Mary Anne não conseguia se concentrar, estava apavorada. Sua declaração poderia custar a vida de mais gente inocente.

Foram duas horas a portas fechadas e nenhuma decisão fora tomada. Mary e Melinda compartilham o mesmo sentimento, o de revolta. A reunião termina e mais uma vez, ninguém se posicionou.

– Vamos para o hotel. – diz John – Por ora, nãotemos mais nada para fazer aqui.

Melinda e Mary Anne concordam. Estavam exaustas. Precisavam descansar.

No dia seguinte, as manchetes em todos os jornais da América eram as seguintes:

“Adam envolvido com a família Hamrita”. O seu grande amor é a suposta terrorista que foi extraditada dos Estados Unidos da América.”

“Hani Hamrita é uma cidadã americana de origem afegã. Sua família estava envolvida nos atentados ocorridos em Nova Iorque, quando o seu irmão Ishan, juntamente com o amigo Armed, explodiram uma bomba em uma biblioteca, matando dezenas e ferindo outras dezenas de pessoas. Após intensas investigações, a família e tantos outros afegãos e muçulmanos foram extraditados para o Afeganistão, numa lista de centenas de outras famílias.”

“Adam Gregório, um cidadão americano de etnia grega, artista plástico e com uma condição financeira estável, foi buscar esse amor terrorista. Não medindo consequências, ao chegar ao aeroporto numa cidade vizinha, a quase 300 km de Cabul, foi abordado e sequestrado por terroristas envolvidos, em sua maioria, na morte de cidadãos do mundo”.

A notícia cai como uma bomba, dividindo opiniões. Melinda entra no quarto do hotel e encontra Mary Anne já acordada.

– Saí para comprar o jornal, estava ansiosa para lero que publicariam. Veja você mesma.

Mary Anne não acredita no que lê.

– Meu Deus, tia! Estão associando Adam a um grupoterrorista.

– Sim, estão. O pior é o que estão falando nas ruas.Acabo de ouvir que o sequestro de Adam foi uma represália a um suposto descontentamento do grupo para com a família de Hani. – diz Melinda.

O telefone do hotel toca.

– Alô! Oi, John! Sim, eu já li o noticiário. Conversa-remos pessoalmente. Vou me arrumar e o aguardo.

Melinda e Mary Anne estavam apavoradas. O intuito de falar com a

imprensa foi de pressionar o governo a tomar uma atitude, mas o tiro saiu pela culatra. O que conseguiram foi apenas agravar mais ainda a situação.

– John está vindo para cá, minha querida. Vamostentar manter a calma. O desespero em nada nos ajudará. Encontraremos uma solução.

No acampamento terrorista, Adam é acordado por um jornal que jogaram no seu rosto:

Adam fica apavorado com o que lê. Ele estava sendo acusado de fazer parte dos atentados nos Estados Unidos.

– Então, você é um dos nossos? – gargalhadas – Podemos saber qual a facção que o senhor americano representa? – diz um terrorista de forma irônica.

Adam não consegue responder. Aquilo tudo parecia algo surreal. Naquele momento, viu suas chances de resgate irem por água abaixo. Jamais o governo americano negociaria pela vida de um terrorista.

Enquanto os terroristas fazem todo tipo de gracinha, Adam volta a deitar no chão gelado e ali permanece estático. Ali desejou a morte, apenas a morte.

Hani estava dormindo quando fora acordada por um mensageiro que lhe entregara um envelope e um jornal.

Ao ler o noticiário, Hani se desesperou. Não sabia de que forma aquela notícia repercutiria entre os terroristas. E se acreditassem que Adam fosse um terrorista? E se interrompessem as negociações?

Com as mãos trêmulas, abre o envelope. Dentro, apenas um papel com um endereço e horário. Deveria estar às treze horas em um terreno abandonado, próximo do centro.

Kailash e Amita não estavam em casa. Hani trocou rapidamente de roupa; não queria encontrá-los. Seria mais fácil sair sem dar explicações. Saiu, deixando apenas um bilhete sobre a mesa da cozinha com os dizeres:

“– Volto logo”.

Às treze horas estava no local combinado. Assustouse quando o homem que fizera toda negociação apareceu. Estava com muito medo, mas em nenhum

momento deixou transparece.

– A senhorita está famosa. – brinca o homem.

– Não vim aqui para perder meu tempo com pia-dinhas. Por que estou aqui? – pergunta Hani.

– Por que está aqui? Ora, que pergunta sem sentido.Vim buscá-la. Não quer mais encontrar o *terrorista americano*? – pergunta o homem.

O coração de Hani parecia querer pular de seu peito. Não imaginava que seria daquela forma e nem sabia se podia confiar naquele homem, mas não havia outra escolha.

– Estou pronta. – disse Hani.

– Então, vamos. – responde o homem comnaturalidade.

Hani entrou no banco de trás do carro. Era um carro velho, com a lataria toda amassada.

– Não repare nas condições do carro. – pediu ohomem.

– Contanto que ele nos leve até Adam. – disse Hani.

– Seguiremos uma viagem de seis horas. Trouxealimento e água, caso sinta fome ou sede. – disse o homem.

– Agradeço a preocupação. Podemos ir? – perguntaHani.

A viagem segue seu destino. O homem tentou em vão iniciar um diálogo. Hani permaneceu por todo o caminho calada, olhando pela janela.

Cinco horas e meia de viagem haviam se passado quando o homem para o carro no acostamento da estrada. O coração de Hani disparou. Pensou que seria morta naquele momento.

– Estamos chegando, senhorita Hani. Terei que ven-dar seus olhos. Daqui em diante, sairemos da estrada e tomaremos outros caminhos.

Hani sente um alívio.

– Pode me vendar. – responde.

Seguiram a rota para o acampamento. O coração de Hani batia cada vez

mais forte. Sua aparência frágil se tornara obsoleta, e a de fortaleza agora estava se despedaçando. Hani estava quase sem forças, sabia dos riscos que corria.

Estavam perto do acampamento. Por um momento, ela ouve conversas altas e movimentação de carros e pessoas, latido de cachorros e crianças gritando. Sabia que o momento era chegado. Sabia que agora era entre ela e Adam. Nada podia retorná-la do que estava vivendo.

Nada podia consertar ou mudar a história que em breve seria escrita.

O homem estacionou o carro no acampamento e lhe tirou a venda dos olhos.

Ela olha ao redor e vê dezenas de pessoas olhando pra ela. Crianças com seus brinquedos precários, barracas e sinais de fogueiras no centro. Alguns arbustos e pequenas árvores ao redor do local.

Num momento, se abre uma fila entre o carro de Hani e uma barraca de cor bege envelhecida com uma pequena porta de lona. Podia-se notar que era bem escura a barraca por dentro. Ninguém toma a palavra, simplesmente as pessoas e os líderes a deixaram seguir, apontando para a pequena porta que separava os dois corações.

Era notório o respeito dos líderes por Hani. Seu irmão fez parte da organização e cumpriu um excelente serviço aos guerrilheiros do liberdade. Hani não tinha noção de que poderia usar isso a seu favor. Foi descobrindo pelos olhares e pequenos sorrisos a admiração que tinham graças a seu irmão ishan, mas naquele momento, nada importava para ela, somente o final daquele caminho. Sabia que naquela escuridão estava a luz da sua vida. Há poucos passos, estaria olhando o que de mais valor a vida lhe plantou no coração.

Havia uma pequena e velha barraca, com uma minúscula abertura. Um pequeno cachorrinho deitado na porta, com os olhinhos tristes, como se estivesse velando Adam para ela. Tudo faz daquele momento algo único para as pessoas sensíveis que observavam a distância o acontecimento. Acima de todo risco, o amor está fortalecido e esperançoso. Não passava pela cabeça de Hani uma chance sequer de que poderiam ser mortos. Sua fé a levava crer que Alá faria um milagre a favor do bem e do amor.

Quase explodindo de felicidade e compaixão, tornase uma fortaleza. Parada na porta da barraca, ela se vira e olha para trás. Percebe dezenas de pessoas observando, o que não era natural no meio do liberdade. Por alguns segundos, ela fica de frente para a barraca. O medo e a alegria se misturam em seu coração.

Hani se ajoelha na porta da barraca e observa Adam ao fundo, deitado no chão sobre um pequeno tapete escuro e com uns sacos de tecido cru em cima dele. Seus pés estavam descalços e sujos. Um sentimento inesperado toma conta de seu coração. Ao ver Adam naquela situação, sente-se culpada, muito culpada. Lágrimas brotam de seus olhos.

Ele dormia. Estava desolado e depressivo. Deitado, encolhido como um feto, Adam não se mexia. Não podia imaginar que Hani estava ali, lhe observando. Aos poucos, ela foi entrando e se achegando perto dele. Aos seus pés, seu coração consternado desejava se atirar em cima de Adam, resgatá-lo de todo aquele sofrimento. Hani chorou.

Num pranto baixinho, como quem pede proteção, Hani se acolheu em Adam, abraçando-o com cuidado. Adam estava tão fraco, que não conseguiu responder ao toque que recebera. Não conseguiu nem ao menos sentir de quem vinha aquele toque. Tentou dizer algo, mas foi em vão, com lágrimas escorrendo por sua face, se entregou a desilusão. Seu único desejo era o de não mais existir.

Era um momento capaz de transformar dois corpos em um. Apenas um resquício de vida ligava o coração de Adam ao de Hani. E ela sabia disso. Sabia que Adam estava morrendo, mas aquele momento a paralisou. Deitada nos braços de seu amado, o abraçou, e em um gesto de amor, o beijou, entregando-se ao silêncio daquele quarto escuro.

Dois corpos entrelaçados, um doando vida ao outro. Sem perceber, Hani estava devolvendo o calor a Adam, o calor da vida. Adam se move e, como quem parece delirar, chama pelo nome de Hani.

– Estou aqui, meu amor! Bem junto a você. – Haniresponde baixinho ao seu ouvido.

Adam abre os olhos, como se tomasse em um único gole, um fôlego repentino de vida. Seus olhos ficaram paralisados, fixos aos lindos olhos negros de Hani. Tentou dizer algo, mas seus lábios se moveram sem som.

Hani lhe sorriu entre lágrimas.

Finalmente, Adam se deu conta de que seu maior desejo, o de ter em seus braços seu grande amor, se realizara. Extraindo o resto de forças que ainda possuía, disse baixinho:

– Hani… Hani… Como é grande o meu amor porvocê!

– Meu amado Adam. Queria eternizar este momen-to! São tantas coisas para dizer. Eu te amo tanto, eu lamento tanto… – Hani chora.

– Não há o que lamentar, meu amor. Se preciso fossepara te reencontrar, passaria mais mil vezes por tudo o que passei. – Adam fala com dificuldade.

– Temos pouco tempo, meu amor.

– Esse tempo foi a minha salvação. Tudo pode termi-nar agora. Estou pronto!

– Nada irá terminar. Tudo começa nesse momento,eu e você.

Voltam a se abraçar.

– Adam?

– Diga, meu amor.

– Nós vamos fugir daqui…

– Como conseguiremos?

– Vamos fugir. Vamos arriscar tudo para sair desselugar. Na estrada, eu notei que outros estrangeiros estão sendo trazidos para o acampamento. Notei que me olham de forma diferente. Meu irmão é muito apreciado por todos.

– Verdade. Não havia pensado nisso. Seu irmão fazia parte disso tudo.

– Sim, fazia. Creio que é por isso que eles me deixa-ram estar com você. Veja, eu lhe trouxe comida e bebida, meu amor.

– Como você conseguiu chegar até aqui?

Ela coloca a mão em sua boca e responde:

– Não importa. O que importa é que estou junto devocê e juntos, vamos voltar para casa. Precisamos apenas de alguns dias até que se fortaleça fisicamente, portanto, precisará se alimentar.

Nesse momento, chega um dos líderes com o homem que havia trazido Hani.

– Muito bem, senhorita Hani. Acho que já fizemosmuito pela senhorita. Seu irmão é muito respeitado em nosso meio, mas não podemos colocar nossa causa em risco. Vamos, levante-se! É hora de ir.

Sem criar nenhum tipo de alarde, Hani se levanta e obedece às ordens daquele homem. Sabia que de nada adiantaria impor sua vontade. Precisava fugir dali o quanto antes, mas para isso, Adam precisava se restabelecer fisicamente. Por ora, nada poderiam fazer a não ser aguardar com sabedoria o melhor momento.

Adam permaneceu onde estava, pois o seu convívio de tantos dias com aqueles terroristas também lhe ensinou que de nada adiantaria a desobediência.

*****

Hani foi levada para uma barraca próxima do cativeiro de Adam, onde havia outras mulheres também, o que de certa forma a tranquilizou.

Metade do dia já havia se passado. Hani já começava a se sentir como uma prisioneira. Estava apreensiva, com medo. Estava tão próxima de Adam, mas ao mesmo tempo tão distante. Não tinha como saber ele estava recebendo os cuidados que necessitava e isso a angustiava.

De repente, o silêncio é quebrado por um grupo de homens armados entrando em sua barraca, dando ordens em inglês para que desocupassem os leitos, pois partiriam, antes do anoitecer. De tempos em tempos, eles mudavam a localização para não serem encontrados.

Hani, mais uma vez, obedece sem questionar. Ao sair, um dos homens a pega pelo braço e lhe manda sentar ao lado de Adam que já aguardava do lado de fora com as mãos amarradas para trás e os olhos vendados. Fizeram o mesmo com Hani para que nenhum dos dois identificasse o caminho que estavam prestes a seguir. A precaução dos terroristas, de certa forma, tranquilizava Adam, pois se tivessem alguma intenção em matá-los, não tomariam tais cuidados.

Com tudo já organizado, principalmente a rota que seguiriam, iniciaram a viagem. Cinco horas já haviam se passado, quando o percurso foi interrompido por um guerrilheiro mensageiro:

– General, há uns cinco quilômetros há homens trabalhando na terra e acredito que sejam os islâmicos radicais.

O general ficou calado por alguns segundos, imerso em seus próprios pensamentos. Parecia realmente preocupado. Sabia que um confronto com o grupo radical islâmico não era a melhor escolha. O confronto traria sérias consequências a todo o grupo e aos seus propósitos. Decidiu recuar e tomar outro rumo com o grupo, mas não houve tempo para isso. Em poucos segundos foram surpreendidos por um ataque dos extremistas. Em poucos minutos, todo o comboio estava dominado pelos islâmicos radicais. O único comboio que os terroristas conseguiram resgatar foi o de Adam. Já o comboio que onde estavam as mulheres e as crianças, inclusive Hani, fora invadido pelos extremistas.

– Por favor, eu imploro! Alguém solte as minhasmãos. Por favor! – grita Hani no meio da confusão.

Uma jovem que assistia o desespero de Hani, sentada bem ao lado, não suportou ficar inerte e a soltou.

– Se for fugir, a hora é agora. – disse a jovem ao seuouvido, lhe tirando a venda dos olhos.

Hani a olhou fixamente. Seu olhar confirmava o que seu gesto acabara de lhe mostrar. Aquela jovem trazia a bondade em seu coração.

– Que Alá a abençoe! Jamais, nunca, em tempoalgum, esquecerei o que

acaba de fazer por mim. – diz Hani com lágrimas nos olhos.

Sem perder nem mais um segundo, entre tiros e gritos, Hani procura pelo carro de Adam, mas ao avistálo, percebe que está protegido pelos terroristas. Senta-se em um vão escondido e começa a observar a distância uma maneira de se aproximar, quando mais uma vez o destino conspira a favor. Com medo de perder os reféns no tiroteio, os terroristas tiram-lhes as vendas e mandam se esconderem em um vão que havia adiante, o mesmo em que Hani estava escondida.

E assim, mais uma vez, Alá aproximava esses dois corações tão sofridos, tão apaixonados.

– Adam, meu amor. Precisamos sair daqui agora. –Diz Hani baixinho em seu ouvido.

Adam surpreendido pela força do acaso, a abraça com força e responde:

– Vamos para as montanhas. Lá é seguro.

Todos que estavam escondidos no vão, aproveitam o momento de tensão e de muita confusão e fogem para as montanhas. A ideia era ficarem juntos, mas com a troca de tiros e toda a correria, a prioridade de todos era garantir a própria sobrevivência, com isso, todo o grupo se dispersou, permanecendo juntos apenas Adam e Hani.

– Hani! Não pergunte nada, apenas segure a minhamão e venha comigo.

Hani segura firme nas mãos de Adam e os dois correm para a mesma direção.

– Corra, meu amor! Corra o mais rápido que pudere sem olhar para traz. – diz Adam.

Adam e Hani estavam correndo rumo à liberdade. A liberdade de uma vida de amor, de romance, de sonhos realizados. Uma vida que jamais deveria ter-lhes sido roubada.

Após uma longa trilha percorrida, avistaram um grande buraco raso, coberto por uma vegetação. Viram ali um local de repouso. Estavam exaustos,

precisavam se afastar mais, mas o cansaço físico não lhes permitia.

De onde estavam, era possível ouvir disparos de tiros.

– Estou com tanto medo, Adam.

– Eu lhe protejo, minha querida.

Adam entra no buraco e a puxa com cuidado para dentro, acolhendo-a em seu peito.

– A noite está se aproximando, não devemos conti-nuar. Passaremos a madrugada aqui e, quando o dia clarear, seguiremos nosso caminho. O meu Deus, o seu Alá, o Nosso Criador, nos guardará. – diz Adam, acariciando os cabelos de Hani.

Hani se acolhe nos braços de Adam, como uma criança assustada nos braços do pai. Aos poucos, o sono se aproximou e ela adormeceu. Acolhida, protegida, amada. Cuidada e velada.

Pouco depois, Adam adormeceu.

A madrugada se aproximou rapidamente. Adam já havia acordado, mas preferiu ficar em silêncio, observando o lindo rosto de sua amada. Finalmente, Adam se sentia em paz, completo. Seu coração, em silêncio, agradecia a Deus por ter poupado sua vida, por ter realizado seu maior desejo, por ter colocado em seus braços novamente esta mulher que ele tanto amava, desde o primeiro dia que a viu. Seus olhos não se cansavam de admirá-la.

Os barulhos dos tiros haviam cessado. O frio estava muito forte, o que dava a Adam o desejo de permanecer onde estava, bem junto a Hani. De repente, o silêncio fora quebrado pelo choro de uma criança. Adam permaneceu alguns minutos estático, tentando identificar se realmente era um choro de criança, quando Hani acordou assustada:

– É um choro de criança, meu amor. – diz Hani aindacom sono.

– Estou ouvindo já há alguns minutos, mas estou emdúvida. – diz Adam.

– Não, não há dúvida. É um choro de criança. –afirma Hani novamente, agora mais desperta.

– Então, precisamos encontrá-la, pois se estiver per-dida, morrerá de hipotermia. Vou sair para procurá-la e você me espere aqui. – diz Adam.

– De maneira alguma. Nunca mais ficarei nem umsegundo sem você. Vamos juntos. – diz Hani.

– Meu amor, pode ser perigoso. Não sabemos seestamos livres ainda dos terroristas. Por favor, fique. – pede Adam.

– Mais um motivo para irmos juntos. Nunca maiscorreremos riscos longe um do outro. – diz Hani.

A discussão é interrompida por um choro mais intenso, o que não deixa nenhuma dúvida de ser realmente uma criança.

Os dois saem do esconderijo em um único salto. Hani está muito aflita.

– Adam, não consigo identificar de onde vem ochoro. – diz Hani.

– Dê-me a sua mão, Hani, e não solte de maneiraalguma.

Hani agarra-se em Adam e o segue sem questionar. Andaram por alguns minutos, com cuidado, bem devagar. A cada passo, o choro da criança ficava mais próximo.

De repente, Adam para.

– O que houve? – pergunta Hani assustada.

– Veja você mesma. – responde Adam.

Hani olha na direção apontada por Adam e não consegue acreditar no que seus olhos veem. Uma criança abandonada, sozinha, assustada, encolhida em uma árvore.

Correram em direção à criança, quando de repente, ouviram carros passando. Temeram ser pessoas pertencentes ao grupo do liberdade. Esconderam-se até o grupo passar. Depois de alguns minutos, foram ao encontro da criança. Ajoelharam-se ao lado dela. Era uma menina.

– Uma linda menina… – disse Hani.

A menina era castanha e com os olhos acinzentados, o nariz arrebitado e a

boquinha rosada. Estava com uma pequena boneca de pano em seu peito. O cabelo encaracolado perto do ombro a deixava linda e charmosa.

Adam a abraçou, colocando-a com cuidado em seus ombros. Ela estava assustada. Parecia ter por volta de cinco anos de idade. Ali estava Adam, Hani e a pequena notável, como a chamaram.

Parados, Hani olha para o céu e clama a Alá:

– Alá, meu Senhor. Peço proteção e direção para todos nós. Que essa criança possa ter a vida e a força da sua presença no coração. Leve-nos de volta a salvos. Obrigada, Senhor!

– Melhor irmos andando, meu amor, o dia já está clareando. É o momento perfeito. – pediu Adam.

– Vamos, sim, meu doce.

Assim iniciam uma longa viagem em direção ao nada. Durante a caminhada, procuraram não ficar expostos em caminhos largos, sem montanhas ou árvores.

Ali inicia o grande desafio do casal, como se não bastasse os dois, agora uma pequena menina assustada, com fome e sede, mas a fé de Hani motiva Adam. Pacientemente, ela os condiciona a acreditar que há uma saída, senão não estariam ali, livres e caminhando para o lar.

Adam está exausto, não se sente recuperado ainda.

– Vamos descansar um pouco antes de seguir.Minhas forças acabaram. – diz Adam aparentando muito cansaço.

– Veja, Adam. Lá no cume, parece ser um oásis.Finalmente, encontramos água. – diz Hani eufórica.

Adam sente seu cansaço desaparecer como em um passe de mágica. Em segundos, foi tomado por um enorme vigor.

– Cuide da pequena notável. Vou ver de perto se olocal é seguro para vocês. Voltarei para buscá-las. – diz

Adam.

Dessa vez, fora diferente. Hani não insistiu para ir junto. Agora não era

apenas a sua vida. Tinha em seus braços uma linda criança e devia zelar por ela.

Hani pega no sono, com a linda criança em seus braços, a espera de Adam.

Pouco tempo depois, Adam retorna:

– Hani! Minha querida! Pequena notável! Venham,acordem! – diz Adam eufórico.

– Oi, meu amor. Nossa! Nós dormimos? – Hani acorda com cuidado.

– Não. Vocês desmaiaram.

– Nossa, meu amor. Alá seja louvado! Acorde,minha menina!

A menina acordou chorando de fome e sede. E logo foi consolada pelos dois.

– Calma, meu amor. Alá compadeceu-se de nós.Daremos-lhe o que comer. – disse Adam.

– Isso. E lá teremos muita água para todos. – confir-mou Hani.

– Deus está cuidando de nós. Alá, como você diz. –sorri Adam.

Seguem o caminho em direção ao oásis. Quanto mais andavam, mais longe ficava o lugar. A falsa aparência de ter por perto palmeiras iludia, e na verdade, a distância era muita e eles estavam fracos e desnutridos. Andaram por mais três horas. As palmeiras haviam desaparecido.

Depois de seis horas andando, Hani pede para descansar um pouco. Os três caem estarrecidos no chão, acabaram adormecendo. Na verdade, haviam desmaiado com uma forte insolação. Ficaram ali por horas a fio, quando de repente, uma pequena caravana de caminhantes do deserto os encontraram. Eram conhecidos como os beduínos.

O beduíno é famoso por sua hospitalidade, crendo que nenhum viajante deva ser ignorado. Isso faz parte do código de sobrevivência do deserto. Todo viajante será muito bem tratado, com a melhor comida que eles têm e com muito chá. O raciocínio é simples: hoje é ele que te oferece algo de beber e comer, para que quando ele passar pelo seu acampamento, ele também tenha o mesmo tratamento. Tal conduta não é apenas um ato de educação, mas o que faz

possível que viajantes resistam as longas viagens que fazem num ambiente tão hostil quanto o deserto.

*****

Acordaram com algumas pessoas ao redor, com água e comida na mão. Era como um banquete para todos. Saciaram a fome e a sede. A comunicação era inexistente, mas o sentido da necessidade era sabido pelos beduínos.

Revigorados, seguiram o caminho até chegarem ao oásis.

Os tipos tradicionais de oásis aparecem em áreas escavadas pelo vento, onde o lençol d'água subterrâneo fica próximo do solo. Pelas fendas nas rochas, o líquido dos reservatórios encontra um caminho até a superfície, jorrando em fontes que hidratam homens e animais, e fazem surgir uma faixa de palmeiras ao redor das lagoas, que irrigam pequenas plantações.

Isso porque as impressionantes ventanias do deserto movem até 260 milhões de toneladas de areia por ano. Quando as tempestades de areia são fortes e constantes, a erosão provocada por elas deixa o lençol freático próximo da superfície.

Dependendo do tipo de rocha por onde passam os depósitos subterrâneos de água, o líquido pode chegar à superfície contendo sal. Por isso, em boa parte dos oásis, a água precisa ser purificada antes de matar a sede.

Lá estavam os três com os pés no lago. Sorrindo e se abraçando. A menina logo se sentiu amada e querida pelo casal. Por sua vez, o casal se sentiu fortalecido pela presença marcante da menina, que serviu de alicerce para ambos. A força que desenvolveram para salvar a menina serviu de força para salvar os dois. Ali estavam três pessoas perdidas num *deserto de amor*. Uma força divina se deslocou até eles, abençoando a vida de amor que fora criada pelos céus.

Resolveram passar a noite naquele belo local. Logo cedo, sairiam de lá, pois corriam o risco de serem encontrados. Deitaram em triângulo para se aquecerem.

Adam pegou folhas de palmeira para cobrir os corpos dos três.

Dormiram como nunca, apoiados na esperança de retornarem ao lar, unidos, como uma família. Sabiam tão pouco da pequena criança, mas o amor por aquela pequena vida, já havia invadido os corações de Hani e Adam.

DEZESSEIS

Na casa de Kailash, o clima estava tenso. Kailash e Amita estavam na sinagoga do rabino Akiva.

– Foi assim que as coisas aconteceram, rabino.

– Meus filhos, essa menina não tem juízo? Ops!Desculpe-me Kailash, mas não posso falar outra coisa. Sei que o coração jovem não tem medo de nada nessa vida, mas mexer com essas pessoas? Kailash, por favor!

– O senhor tem razão, rabino. Não conseguiríamossegurar Hani. Algo muito forte mudou a vida dessa menina, e foi Adam. E digo mais: ele a ajudou e ficou do nosso lado contra o seu país inteiro.

– Eu entendo, Kailash. Vamos pedir ao nosso GrandeDeus que os proteja.

Ninguém sabia o que havia acontecido no acampamento do liberdade e pensavam que Hani estaria segura numa visita de negociação com o líder da organização.

– Papai, – disse Amita – vamos até a loja do homempara saber alguma novidade.

– Não, filha. Vamos esperar mais uns dois dias. Nãoquero que eles se sintam pressionados e venham a não querer falar com a gente.

– O senhor tem razão. Isso me deixa aflita.

– Nós estamos indo, rabino. *Shalon Adonai*!

– *Adonai Shalon*, Kailash e Amita!

*****

Já longe do oásis, Adam e Hani com a menina seguem viagem. Tudo aparentemente estava tranquilo, continuaram seguindo em direção as montanhas

do sul. Era possível avistar as montanhas. Sabiam que teriam que viajar dias e dias para alcançá-las, mas os beduínos deixaram um tonel para o casal levar água do oásis. Um teste de sobrevivência estava nas mãos dos três. A maior preocupação de Hani era a menina, que aparentemente estava bem, com certeza, estava mais acostumada a passar por apertos no deserto do que qualquer um deles.

Ela sorria, brincava de correr, deixando os dois mais tranquilos. Uma situação caótica e a fé sobrepuja o momento. Eles caminham abraçados como se sustentando.

– Hani?

– Sim, meu querido.

– Se algo vier a acontecer comigo…

– Não fale assim! – Hani o interrompe. Não quer nem imaginar a ideia de algo ruim acontecer ao seu amado.

– Não, me escute, por favor! Preciso dizer. Queroque saiba que eu fiz isso tudo por amor a você. Que eu faria tudo de novo e passaria tudo novamente para tê-la aqui, assim em meus braços. Não duvide jamais do quanto te amo.

– Eu jamais duvidaria. Sinto o mesmo por você, com a mesma verdade, a mesma intensidade. – diz Hani com lágrimas nos olhos.

– Se que ninguém entenderia nossa ligação. Duaspessoas ligadas uma a outra sem ao menos terem se beijado. – diz Adam.

– Sim. Só nós dois sabemos a verdade que movenosso amor. É algo que transcende a lógica. – diz Hani.

A forma como se comunicavam, reafirmava o que sentiam, mostrando que realmente quando o amor é verdadeiro, nem o tempo, nem a distância, nem mesmo as dificuldades podem profanar algo tão verdadeiro, tão sublime.

Por um momento, os dois pararam de andar e se abraçaram, convidando a menina para fazer parte daquele caloroso abraço. Eram como uma família, uma

feliz família.

– Devemos seguir viagem. – diz Hani. – Está vendo aquela enorme montanha? É a Montanha Nowshak, a maior do Afeganistão. Talvez estejamos a uns cento e trinta quilômetros de distância, creio. Devemos passar por Amu Dária, uma montanha menor, mas daqui não conseguiremos avistar.

Adam olha para a menina que está dispersa. Para ela, toda essa movimentação no caminho para as montanhas é natural. Desde que nasceu, vive transitando pelas montanhas e grutas, pequenas e grandes cavernas.

Seguiram viagem por dois dias e duas noites. Na última noite, estavam no sopé da montanha, se preparando para subir logo no início da madrugada, quando o tempo estivesse mais fresco.

Procuraram descansar ao máximo. Era umas vinte horas quando se deitaram. A menina começava a apresentar sinais de estafa e fome, mas o cansaço a dominou e ela dormiu.

Adam a coloca entre os dois, para manter seu pequeno corpinho bem quentinho. Juntos, permanecem em silêncio. Hani está inquieta, não consegue relaxar. Olha para o lado e vê Adam com os olhos fechados, mas aparentemente ainda acordado.

– Está dormindo, meu amor? – pergunta Hani, bembaixinho.

– Não, e pelo visto, você também não.

– Nem um pouco. Meu corpo esta cansado, mas nãotenho sono algum. – responde Hani.

– Estamos bem próximos da montanha pequena e,ao passar por ela, entraremos na mais perigosa. Está com medo? – pergunta Adam, acariciando os cabelos de Hani.

– Não, meu amor. Não tenho medo de nada ao seulado. O único medo que senti por toda minha vida foi o de morrer sem descobrir o amor. Já posso morrer em paz. – Hani sorri.

– Se sobrevivermos às montanhas, nunca maisfalaremos de morte. O rio

Kunar passa por detrás da grande montanha e vai desembocar no rio Cabul. Ele nos levará diretamente a cidade, meu amor. – diz Adam.

Uma feição de dor de repente transforma o rosto de Adam. Seus pés estão cheios de edemas. Hani coloca as mãos sob sua testa e percebe que Adam está com febre.

– Precisamos chegar à cidade o quanto antes, meuamor. Você precisa de cuidados médicos. – diz Hani apreensiva.

Hani o deita em uma rocha, aconchegando a menina em outra. Levanta seus pés para que a circulação melhore. Na América, fez um curso de medicina alternativa, onde aprendeu a manipular algumas plantas e frutos curativos, e lá estava diante dela uma planta com o nome de Árvore do Rábano. Esta planta tropical é nativa da Índia, mas se encontra espalhada por outras zonas tropicais através do sul da Ásia, na África e na América. As folhas parecem fetos, as novas ou as velhas, e pode-se comê-las, ao natural ou cozidas, conforme a sua dureza. Na ponta dos ramos, estão as flores e os frutos compridos e pendentes, semelhantes a feijões gigantes.

Hani usou seus conhecimentos, transformando a planta em uma pasta. Imediatamente, colocou sobre as feridas de Adam. Hani permaneceu por longos minutos aos pés de Adam, curando com suas lágrimas, sua fé e seu amor.

Hani procurou seguir toda orientação que estudara antes de sua ida à negociação de Adam. O pouco conhecimento que obteve estava sendo de crucial necessidade para a sobrevida deles. Hani sabe que proteger os pés pode ser uma questão de vida ou morte. Adam deveria mantê-los longe de areia e insetos, descalçando-os à sombra para evitar que eles inchassem.

*****

No avião da indian Airlines, a companhia aérea cujo nome sempre vem acompanhado de algum comentário como ‘segurança e confiabilidade

duvidáveis’ nos guias de turismo, Mary Anne e Melinda seguem ao seu destino.

– Mal consigo acreditar que, finalmente, estamos acaminho do Afeganistão.

Mary Anne está tensa. Se não bastasse toda a tensão vivida por causa de Adam, estava muito tensa por estar dentro de um avião. Sempre detestou voar.

John permanece em um sono profundo.

Finalmente, as montanhas aparecem, com seus picos brancos, cobertos de neve. O cenário era digno de uma cena de filme. Melinda e Mary Anne ficam admiradas com tamanha beleza.

– Essas montanhas cobrem setenta por cento doAfeganistão. Outros quinze por cento são inabitáveis. – explica John ao vê-las tão maravilhadas.

– Acordou bem na hora, meu querido amigo, esta-mos chegando. – diz Melinda.

O avião desce o trem de pouso e aterrissa no aeroporto.

Em pouco tempo após o desembarque, um carro oficial vem buscá-los e os levam ao consulado americano.

Melinda e Mary Anne ficam admiradas com o tamanho e a beleza da casa que lhes hospedaram.

– Não precisavam se preocupar com luxo. Vocês jáestão fazendo tanto por nós. – diz Melinda ao cônsul.

– Para nós é um prazer recebê-las, senhora. Estamosà disposição para qualquer coisa que precisarem. – responde o cônsul.

– Precisamos entrar em contato com a família deHani. Penso ser esse o primeiro passo. O que acha, minha querida? – pergunta Melinda a Mary Anne.

– Concordo, tia.

– E você, John?

John assente com a cabeça. Incomodou-lhe um pouco não estar à frente das decisões, mas entendia o ímpeto de Melinda em querer regatar seu sobrinho. Imediatamente, o seu pedido fora atendido. Um car-

Ro com motorista os levaram a casa de Kailash.

Ao chegarem, Melinda sai do carro quase em movimento, tamanha era a sua ansiedade.

– Acalme-se, Melinda. – pede, John.

– Não consigo, John, não consigo.

Melinda corre para a porta de entrada da casa de Kailash. Ao tocar a campainha, quem atende é Amita.

– Dona Melinda! O que faz aqui? O que aconteceu?– As perguntas de Amita não cessavam, estava eufórica.

– Acalme-se, minha querida. Podemos entrar? – dizMelinda.

– Mas é claro. Onde estão os meus modos! Peço queme desculpe, mas é que eu não esperava vê-la em minha casa.

– Vou chamar minha sobrinha e um amigo que estános acompanhando. – diz Melinda.

– Vou chamar papai. – diz Amita.

Todos haviam sido devidamente apresentados e já estavam sentados na sala principal da casa.

– Senhora Melinda! Ultimamente, só surpresas emnossas vidas. – diz Kailash.

– Como está, meu velho e querido amigo? – pergunta Melinda com ternura.

– Alá tem nos protegido, Melinda. Nossa vida tomou um rumo diferente. Agora, a nossa maior preocupação é com nossa Hani e nosso Adam. Falo assim, pois o considero como sendo da minha família.

– Vou lhes contar exatamente o que aconteceu. – dizKailash.

Conforme Kailash narrava os acontecimentos, todos permaneciam quietos, boquiabertos. O que estavam ouvindo era muito avesso à realidade em que viviam, mas ali estavam eles, em outro país, outra cultura, outras leis, outras formas de sobrevivência.

– É isso. – Kailash termina de contar tudo o queacontecera, desde a chegada de Adam. – Chegamos a um ponto que não tivemos mais saída a não ser negociar com um dos homens do grupo liberdade.

– Meu Deus, Kailash! – Foi a única coisa que Melinda conseguiu indagar.

Neste momento, Mary Anne já estava aos prantos:

– A senhorita está bem? – pergunta Kailash.

– Sim, sim. Toda a sua história me tocou muito.Realmente essa moça, digo, sua filha, ama muito Adam. Ela arriscou as posses da família e a própria vida por amor a ele. – diz Mary emocionada.

– Sim, minha jovem. Ela o ama muito, mas seitambém que a senhorita tinha um compromisso com ele. De certa forma, isso me constrange. – desabafa Kailash.

Mary Anne se ajoelha diante de Kailash e segura em as sua mãos.

– Senhor Kailash, não se sinta constrangido, eu lhepeço. O que vivi com Adam foi um relacionamento verdadeiro, sim, mas acabou. O passado já não importa mais. Hoje estamos todos aqui com um único objetivo, que é o de resgatar Adam e sua filha, e com fé em Deus, iremos conseguir. Veja-me como uma amiga, é só isso que lhe peço.

Kailash segurou as mãos de Mary Anne e as beijou. – Obrigada, minha jovem. Tirou um peso de mim. Feria meu coração pensar que minha filha pudesse ter causado a ruptura de um relacionamento. Para nós, a união é algo sagrado.

Melinda se emociona com Mary e Kailash. Eram pessoas maravilhosas, de bom coração, principalmente Mary Anne que, mesmo amando tanto Adam, estava ali, interessada apenas na felicidade do seu ser amado.

John interrompe a conversa.

– Senhores! Acabo de receber uma notícia quepoderá ser boa e ao mesmo tempo, com sérios riscos.

– Diga-nos sem rodeios, John. – pede Melinda.

– Temos informações seguras de que o acampa-mento do grupo o liberdade foi atacado, deixando muitos mortos. Os corpos foram trazidos para Cabul, mas não foi encontrado nenhum dos dois. Acreditamos que ambos conseguiram fugir e devem estar perdidos nas montanhas do leste.

– Alá seja louvado! – falou Kailash.

– É uma boa notícia, mas ainda assim estão correndoriscos. – continua John. – A sobrevida naquelas montanhas é quase inexistente. Acreditamos que pegaram um lado nada habitável. Se fizeram isso, foram inteligentes, pois por ali não correm riscos de serem encontrados, mas a falta de água e comida é realmente a causa das mortes naquela região. Enviamos dezenas de homens para rastrear algum vestígio de Hani e do americano Adam. Até o momento, sem muito êxito, mas estamos confiantes de que se estivermos certos, nós os encontraremos.

Melinda abraça Kailash e diz:

– Senhor John é um grande amigo do consuladoamericano. Ele, junto com outros importantes homens, como o Coronel Takir, que acaba de nos ceder as informações via rádio, estão se empenhando ao máximo para salvar nossos filhos. Eles estão fazendo o que os governos do seu e do meu país se negaram fazer. Vamos ter fé, pois é a única coisa que temos para nos apegar.

– Diria ser a coisa mais importante, dona Melinda.Se não fosse a fé, eu já teria desistido há muito, muito tempo. É ela que me sustenta e me levanta todas as manhãs. – desabafa Kailash.

– Nos veremos em breve e os mantemos informados.Fiquei muito feliz por reencontrá-los, mesmo em um momento tão difícil. – diz Melinda.

Melinda se despede com um caloroso abraço em Amita e Kailash.

Amita começou a chorar. Desde que todo este pesadelo começou, é a primeira vez que sente segurança de que alguém realmente pode ajudá-los. A presença de Melinda lhe dava esta segurança. Talvez sua presença lhe

despertasse lembranças da presença materna.

Mary Anne abraça Amita, confortando-a:

– Você não está sozinha, minha querida. Tudo vaificar bem. Eu lhe prometo.

Amita enxuga as suas lágrimas, um pouco desconsertada. Não costumava demonstrar suas emoções tão explicitamente.

– Eu lhe agradeço, Mary Anne. Obrigada, por se im-portar comigo. – diz Amita.

Mary Anne se despede com um forte abraço em Amita.

John se despede, prometendo lhes manter a par de todos os fatos.

Ao verem o carro partindo, Amita e Kailash fecham a porta e dobram seus joelhos, agradecendo a providência de Alá:

– Obrigado por nos tirar do lamaçal da angústia.Hoje o Senhor nos concedeu novamente a esperança. Obrigado por poupar a vida de nossa amada Hani e de Adam. Alá seja louvado! – diz Kailash.

Os dois se abraçam entre lágrimas.

DEZESSETE

Nas montanhas do Afeganistão, Adam, Hani e a pequena notável continuavam tentando sobreviver nas montanhas, rumo à cidade. Visivelmente debilitados, seus corpos já estão extremamente desidratados. Não podiam andar a passos rápidos, pois as feridas dos pés de Adam ainda estavam cicatrizando.

Buscavam a todo o momento encontrar o topo da montanha para desviar e cruzar o rio que leva a Cabul e a outros pequenos países. Fracos e cansados, o casal e a menina continuam caminhando de forma lenta. Encontram algumas folhagens e vegetais que estavam usando como alimento. Tinham que tomar muito cuidado, pois raízes e comidas tóxicas eram muito comuns na região e Hani sabia disso.

Já extasiados de sede, como por um milagre, pela primeira vez desde que estão no deserto, corta os céus do Afeganistão um forte relâmpago, prenunciando a chuva. A alegria tomou conta de Hani e da pequena menina, e imediatamente começaram a dançar. Estavam louvando a Alá. Adam olhou aquela cena e também começo a dançar.

Ele dançava tão desengonçado que as duas riam sem parar. Os três deram as mãos e começaram a rodar olhando para o céu escuro e com riscos de claridade dados pelos relâmpagos.

Finalmente, cai a primeira gota no rosto da pequena menina. Ela passou seu pequeno dedinho em seu rosto e o levou aos lábios de Hani. O altruísmo daquele pequeno ser iluminado a tocou profundamente. Hani começou a chorar. Suas lágrimas se confundiam com as gotas de chuva que começaram a cair, muito emocionada, Hani abraçou aquela linda criança, dando-lhe água da chuva para beber.

Adam assiste a tudo impressionado. Aquela criança parecia ser filha verdadeira de Hani. Era lindo ver o amor que demonstravam uma pela outra.

Em segundos, algumas gotas se transformam em uma enorme tempestade.

– Venham, venham, peguem quantas folhas conse-guirem pegar. Vamos armazenar toda água que conseguirmos. – grita Hani em meio ao barulho da tempestade.

– Venha, meu amor, precisamos nos abrigar. – gritaAdam.

Hani corre para um abrigo próximo em uma montanha e cuida da menina, que já mostra sinais de melhoras por ter tomado um pouco de água.

– Alá não nos desampararia. Eu tinha certeza. – dizHani.

– Você tinha razão, meu amor. Não sei o que faría-mos sem sua fé. – diz Adam.

Adam abraça Hani e a beija. Quando percebem a menina estava num canto da caverna dormindo. Sorriram um para o outro com olhar apaixonado, aos pouco foram se ajoelhando, com pequenos beijos, iam soltando cada peça da roupa, sentindo o calor e o frescor das suas peles. Olharam novamente para a pequena que dormia tão profundamente.

Adam pediu para que Hani esperasse. Preparou-lhe uma cama de folhagem e a convidou para se deitar. Adam a tomou em seus braços, Hani se entregou totalmente ao amor. Dois corações apaixonados, dois corpos percorrendo o caminho do desejo; saciavam-se um no outro. Um dentro do outro, formando um só corpo.

Os trovões soavam como uma sinfonia romântica. Ouvia-se a vida, escutavam-se os movimentos dos pequenos insetos e aves que sobrevoavam ao redor da caverna com a alegria do amor sincero do casal.

Queriam somente trocar os sentimentos arguidos em seus corações. Seus corpos batiam no compasso do coração, tremiam na beleza do amor encontrado. Ali ficara registrado tudo o que um dia sonharam para si. Suas mentes esvaziaram de tudo o que poderia minimizar o acontecimento impar daquele momento.

O amor estava consumado! Seus corpos cansados de tanto amar, adormecem

abraçados. Algumas horas depois, Hani acorda assustada com o choro da pequena notável.

– Adam, meu amor. Acorde!

– Estou no paraíso? – brinca Adam.

– Quase. Falta pouco para chegarmos ao paraíso. –responde Hani.

Adam não consegue parar de olhar para Hani. Está encantado com o que acabara de viver.

– Meu amor, adoraria ficar aqui, mas a nossa peque-na está chorando, precisamos alimentá-la e nos alimentar para seguir viagem.

– Vou buscar alimento. Cuide de nossa criança. –Adam se despede com um beijo apaixonado.

Hani deita-se ao lado da menina e ali permanece a espera de Adam, acariciando os seus cabelos.

Ao voltar com algumas plantas comestíveis, decidem permanecer na caverna até o dia seguinte. A tempestade encurtou o dia. Tudo lá fora estava escuro. Adam acolheu Hani e a criança em seus braços. Os três dormiram acolhidos uns nos outros.

Na manhã seguinte, o dia estava ensolarado. Havia poucos resquícios da forte tempestade que durou toda a madrugada. Pequeninas vegetações brotam nos sopés das montanhas e a vista se torna eletrizante.

Adam foi o primeiro a acordar, e devagar, retirou seus braços de Hani, correndo para ver o dia lá fora. Ao constatar que a viagem poderia continuar, acordou Hani, que continuava abraçada a menina.

– Acordem minhas duas adoráveis princesas. Jáamanheceu. Precisamos seguir viagem.

Hani desperta lentamente, e ao abrir os olhos, lhe mostra um belo sorriso.

– Bom dia, meu amor! Acordei com um bom senti-mento. Sinto que hoje tudo isso terminará. – diz Hani.

– Amém! E que Alá nos proteja! – diz Adam.

Lentamente, a pequena menina acorda, dando-lhes um pequeno sorriso tímido. Este é o primeiro sinal de que a criança já começa a se sentir confiante ao lado deles. Quem sabe, logo falará e assim poderá lhes contar de onde veio, quem são seus pais.

Hani com os olhos brilhando de amor e carinho concorda em seguirem a viagem. Continuam subindo a enorme montanha em direção ao suposto rio que cruza fronteiras passando por Cabul.

*****

Na cidade de Cabul, embora tivesse ficado mais tranqüilo com as novas informações trazidas por Melinda, o coração de Kailash não conseguia se aquietar. Não dormia não se alimentava, não conseguia focar em nada. Tentava ao máximo disfarçar, tentando passar tranqüilidade a Amita, mas às vezes se trancava em seu quarto para chorar.

Era mais um dia de aflição, quando um carro estaciona na rua em frente sua casa. Dois homens descem do carro e vão ao seu encontro.

Ao tocar a campainha, Kailash pensou em não atender, pois estava claro que se tratava de homens envolvidos com o terrorismo, mas por outro lado, podiam ter notícias de Hani e Adam. Ao pensar nisso, abriu a porta de imediato.

– Senhor Kailash? – pergunta um dos homens.

– Sim, sou eu.

– Viemos buscar o senhor. O senhor Munrad quervê-lo. – O homem respondeu.

– Irei com vocês. Preciso apenas trocar de roupa.Estou usando a mesma há dias.

Eles voltam para o carro e aguardam Kailash. Enquanto isso, Amita conversa com o pai.

– Cuidado, papai. O senhor viu a cara desses homens?

– Filha, a cara deles é de terrorista, você esperava oquê? Vou tomar cuidado, sim. Preciso ter nossa Hani de volta.

– Pai vou telefonar para Melinda e, quem sabe,aquele general possa ajudá-lo.

– Não faça isso, filha. Não sabemos o que está acon-tecendo, depois que Hani estiver em segurança, podemos agir para prender esses monstros, por enquanto, vamos aguardar.

– É, o senhor tem razão. Se eles não conseguiramfugir ou foram pegos, poderão até matá-los se envolvermos a polícia.

– Deixe-me ir. Eles estão dando farol. Estãoagitados.

Amita o abraça e o beija. Pede cuidado novamente. Assustada, entra para o seu quarto.

Kailash entra no carro e seguem para o lugar combinado com os seguranças de Munrad.

Chegando ao local, eles acompanham Kailash até o local combinado.

– Senhor Kailash, como vai? – diz Munrad.

– Estou bem. E a minha filha? – Pergunta Kailashsem rodeios.

– Calma. Primeiro aos negócios.

– Negócios? Como assim? O senhor nos prometeuque ela estaria em segurança e eu já estou sabendo que seu grupo foi atacado por uma facção inimiga. Quase todos os seus companheiros foram mortos.

– O senhor já sabe? Muito bem. Quem poderia terdito tudo isso ao senhor? A polícia? Ou aquele cônsul que veio com as senhoras de Nova iorque.

Sem jeito, Kailash tenta disfarçar e mudar o assunto.

– O que importa nesse momento é saber como tereia minha filha de volta.

– É só o senhor pagar a segunda parcela dos dez mildólares que está faltando. E tudo irá bem. – diz Munrad de forma irônica.

– Como posso ter certeza? – pergunta Kailash.

– O senhor não pode. O senhor pagará o que deveou coisas ruins podem acontecer a sua Hani, e quem sabe, a sua filha mais nova também.

– Suas ameaças não me amedrontam, já perdi maisdo que tinha e não vou me curvar as suas frágeis ameaças. O que me interessa é cumprir o acordo. O senhor liberta a minha Hani e Adam e eu lhes dou o valor combinado.

– Por aqui, quem combina sou eu. Coloque nessamesa o dinheiro em vinte e quatro horas ou nosso acordo termina aqui e as conseqüências serão as piores, acredite.

Munrad se levanta e sai do local. Os homens o acompanham, deixando Kailash sozinho para voltar para casa.

Horas depois, Amita, preocupada, liga para Melinda contando o ocorrido. Imediatamente, algumas viaturas são mandadas para a residência de Kailash. Não precisou de muito tempo para que o pânico tomasse conta de todos. Amita aos prantos, Melinda sem saber o que fazer e os policiais tentando encontrar algum indício que apontasse para onde possam tê-lo levado. De repente, todos na frente da casa avistam Kailash de longe. Uma viatura vai ao seu encontro.

– Por favor, senhor Kailash? – pergunta o policial.– Sim, sou eu.

– Vamos, senhor, entre na viatura. Vamos levá-lopara casa.

– Não necessito, moro a poucas quadras daqui. –Responde Kailash.

– Sim, nós sabemos. Estávamos a sua procura. Nestemomento, existe uma grande concentração de pessoas em sua casa. Recebemos um chamado de que o senhor havia sido sequestrado. Queira entrar, por favor!

Kailash entra sem dizer nada.

Ao chegar em casa, Amita corre ao seu encontro aos prantos:

– Papai, papai! Senti tanto medo, achei que nãovoltaria mais.

– Acalme-se, minha filha, como vê, estou bem.

– Kailash, meu querido amigo, não faça mais isso.Quer morrer? Ou ser seqüestrado? – disse Melinda preocupada.

– Kailash, deixe-nos ajudar. Isso é para quem en-tende do assunto. Você pode colocar em risco a sua e outras vidas agindo por conta. Deu para perceber que esses homens não estão de brincadeira. Eles querem e vão usar todos os recursos para conseguirem o que querem. Matam, roubam, traficam e seqüestram. – disse John.

– Mas eu tenho um acordo com eles e agora estousendo ameaçado. – responde Kailash.

– Não existe acordo com esse tipo de gente. Elesestão desesperados, pois perderam todos os reféns. Eles não podem lhe ajudar a encontrar Adam e Hani, nem eles sabem onde encontrá-los. Precisamos de sua colaboração, senhor Kailash. Um passo em falso e poderá colocar tudo a perder. Prometa-nos que não agirá mais por conta própria.

– Estou sem saída. Eles me deram vinte e quatrohoras para lhes entregar uma quantia de dez mil dólares.

– Não tenha medo, senhor Kailash. Iremos atrásdeles. – afirmou o policial.

– Não, por favor! – retrucou Kailash. – Se fizeremisso, não apenas Adam e Hani correm perigo, como também eu e Amita. Ele ameaçou a todos nós. Eles sabem de vocês.

– Senhor, primeiramente, a senhorita Hani conse-guiu escapar, e em segundo lugar, eles não respeitam acordos. Somente seus interesses próprios.

– Kailash, escuta o que eles dizem. Nós somos ape-nas pessoas comuns nesse mundo de guerra. – posicionou-se Melinda.

– Escute Melinda, papai. Vamos esperar os policiasagirem. – implora Amita.

Kailash sente-se perdido. Não sabe o que fazer. Teme pela vida de Amita também. Senta-se com a cabeça baixa entre as mãos e diz:

– Façam o que tem que ser feito e seja feita a von-tade de Alá.

Vários carros de polícia seguem para local indicado por Kailash, a loja de

Munrad, localizada no centro. Algumas investigações já apontavam ser aquele o local de reuniões dos rebeldes do grupo liberdade.

Quando chegaram, sirenes despertaram a atenção de todos em volta. Cercaram a loja e invadiram. Ali dentro, encontram vários quilos de ópio e armas. Prenderam seis pessoas ligadas ao crime, mas o principal procurado, Munrad, havia conseguido escapar junto com alguns guerrilheiros.

A polícia volta para a delegacia com os seis detidos e com todos os objetos da mais alta periculosidade. Imediatamente, em cortesia, avisaram o cônsul John, que por sua vez ligou para Melinda que se encontrava na casa de Kailash, juntamente com Mary Anne.

– Sim. Obrigada, John! Vou comunicar a todos. –Melinda desliga o telefone.

– O que houve, Melinda? – perguntou Amita.

– Eles destruíram dois pontos fortes do grupo eprenderam diversas pessoas, mas o Munrad conseguiu escapar.

– Ao menos dispersaram mais uma parte dessaorganização. – falou Mary Anne.

Kailash não comentou nada. Sabia que continuavam correndo risco. Munrad não desistiria, ainda mais agora, após uma perseguição policial. O caso havia se tornado pessoal.

Melinda percebe a preocupação de Kailash, mas tenta disfarçar, na tentativa de poupar Amita.

– Mary Anne, faça-me um favor, minha querida. Váaté o carro e busque aquele pacote dourado que trouxemos para Amita. – pede Melinda.

– Um presente para mim? – pergunta Amitaentusiasmada.

– Sim, minha querida. Vou buscar agora mesmo.Ficará lindo em você. – diz Mary Anne indo em direção à porta.

Ao se aproximar do carro, Mary Anne ouve uma grande explosão. O clarão quase a cegou. Jogou-se no chão, protegendo-se. Ficou caída por alguns minutos, estática, sem reação. Não conseguiu entender o que havia acontecido.

Quando finalmente consegue se levantar, olha por trás do carro e vê a casa de Kailash, totalmente destruída pelas chamas. Desesperada, grita por socorro. Toda a vizinhança sai de suas casas para tentar ajudar. Mary Anne está em choque, não consegue parar de gritar por socorro. Em menos de três minutos, os bombeiros já estavam no local. Mary Anne tentou se aproximar do carro de bombeiro, mas desmaiou antes que conseguisse.

Todo o local estava repleto de bombeiros, ambulâncias, jornalistas e curiosos. Mary Anne continua desacordada, recebendo assistência médica dentro de uma ambulância no local. John também comparece pouco tempo depois, extremamente abalado.

– Mary Anne! Consegue me ouvir? – pergunta John.Mary Anne começa a recobrar a consciência.

– John? O que houve? Diga-me que… – Mary Annecomeça a chorar. Havia recobrado a consciência por completo.

– Preciso que me diga: quem estava dentro da casa?– pergunta John, muito aflito.

– Todos, John, todos! – Mary Anne chora. – Titia,Kailash, Amita. Por um golpe do destino, saí da casa sem ser atingida.

– Continue aqui, sob cuidados médicos. Eu voltologo. – diz John.

Mary Anne encosta a cabeça na maca e cai em um choro compulsivo. O médico da ambulância decide medicá-la com um calmante.

– Tomamos os depoimentos de algumas pessoas e osenhor sabe que quase ninguém quer falar sobre o assunto. Consegui um jovem que gostava de Amita e Hani. Elas o ajudaram muito dando roupas e livros para ele. – diz um policial a John.

– E o que conseguiu? – pergunta John.

– Ele relatou a presença de dois homens numadistância de uma quadra. Contou-me que não os conhecia e que eles estavam rodeando a casa já haviam

três dias. O menino quase chamou a polícia, só não o fez porque não tinha nada de concreto para fazer uma denúncia.

– Compreendo! Com certeza, foi Munrad. Nãopensei que fosse capaz de chegar tão longe. – diz John.

– Senhor, essas pessoas não tem amor ou qualquersentimentos. Alvo são alvos. Eles atacam, matam e pronto. – afirma o policial.

– Eu sei, mas quando são pessoas próximas, pareceser impossível acontecer. Meu Deus! Que tragédia! E Mary Anne? – pergunta John.

– Estava em estado de choque. Foi sedada e levadaao hospital. Quer que o levemos até ela, senhor? – pergunta o policial.

– Sim, por favor!

John entra em uma das muitas viaturas no local e segue para o hospital. Mary Anne havia sido encaminhada para o melhor hospital de Cabul.

Ao chegar, foi impedido de falar com Mary Anne.

– Sinto muito, senhor John. Mary Anne estava muitoagitada, com fortes dores. Fraturou duas costelas com a queda. Tivemos que sedá-la. Recomendo que volte amanhã. Com a alta dose de medicação, com certeza não acordará até amanhã de manhã. – diz o médico plantonista.

John não tinha escolha. Agradeceu e saiu do hospital. Sem saber ao certo o que fazer, tinha a sua disposição a viatura da polícia, decidiu então voltar para a casa de Kailash, talvez conseguisse mais alguma informação.

Ao chegar, John presenciou uma triste cena: três corpos carbonizados saindo em macas rumo ao instituto Médico legal.

Neste momento, John não agüentou e chorou. Tudo aquilo que estava acontecendo era triste demais. Sentiase impotente.

A noite se aproximava, já não havia mais quase ninguém no local, exceto alguns curiosos e alguns policiais que passariam a noite para assegurar que ninguém invadiria a casa. John foi para a delegacia, onde passou a noite a procura de algo mais palpável.

Na manhã seguinte, a polícia prende na sala secreta de Munrad dois suspeitos de terem sido os autores do atentado na casa de Kailash. Após longas horas de interrogatório, os dois criminosos confessaram a autoria.

– Alá não aprova pessoas desonestas como Kailash. Ele descumpriu um acordo nos entregando a polícia. – responde um dos terroristas.

O caso ganhou notoriedade mundial. O governo mandou o caso ser julgado de imediato, dando ordens expressas para que um juiz o assumisse. A sentença deveria ser a pena de morte.

A pena foi executada em menos de vinte e quatro horas. Os dois terroristas tinham a opção de entregar o restante do grupo e cumprirem a pena de prisão perpétua ou se calarem e serem executados. Preferiram a morte.

Durante a execução cantavam com alegria para Alá, dizendo ser mais um mártir de fé e fidelidade. A justiça em parte fora feita, pois havia mais alguns envolvidos foragidos, mas isso não anularia o que aconteceu muito menos o trauma de Mary Anne. Contudo, esses monstros não poderiam ficar impunes.

Mary Anne ainda estava hospitalizada, com fortes dores. Alimentava-se por sonda, pois não suportava ficar acordada. A dor emocional era muito maior que a dor física.

John recebeu ordens expressas do consulado para regressar, mas se negou alegando não poder deixar May Anne internada e sozinha em um país distante. Isso de fato era verdade, mas o que John estava tentando era ganhar tempo para continuar a procura de Adam e Hani. Devia isso a Melinda.

*****

Nas montanhas do Afeganistão, os três continuam sua luta pela sobrevivência. Adam já começa a mostrar indícios de cansaço extremo. Seu corpo, já debilitado pelos dias no cativeiro, não estava mais aguentando a escassez do deserto.

Hani percebe que seu amado já não tem a mesma vitalidade. Em

pensamento, ora ao seu Deus, pedindo sua misericórdia. Teme ter que passar pela terrível dor do luto.

"– Não, não, isso não." – Hani afasta com força este terrível pensamento. Não suportaria perdê-lo. Isso não!

– Adam, meu amor! Vamos descansar um pouconeste pedaço de sombra.

– Não, meu amor. Precisamos seguir. Precisamosencontrar água.

– Água. Eu quero água. – diz a pequena menina.

Hani e Adam param na mesma hora e a olham assustados. Fora a primeira vez que a bela menina falou uma palavra.

– Meu amor, você falou! – Hani se ajoelha a suaaltura.

A menina lhe sorri.

– Estou com muita sede. – diz a menina.

Hani a abraça, levando a menina para o pequeno pedaço de sombra.

– Acho que é melhor pararmos um pouco mesmo. –diz Adam. – Vou procurar algo para nos alimentar.

Adam sai pela redondeza em busca de algo comestível. Encontra um emaranhado de pequenas rochas com algumas grutas. Era um lugar sagrado onde alguns refugiados conseguiram viver por um bom tempo.

Havia no local um pequeno poço, ao avistá-lo, Adam correu para olhar se existia água, mas estava totalmente seco. Ao colocar a mão na terra ele aprofundou um pouco, começou a cavar e notou que a terra estava úmida. Resolveu iniciar uma pequena escavação para tentar encontrar água potável.

Ao derredor, conseguiu localizar alguns pequenos espinafres silvestres entre outras ervas amargas, que só podiam ser comida depois de fervida. Por isso, Adam tinha que encontrar água urgente. Era a única forma de conseguir energia para os três.

Por quase meia hora, ele cavou com paus e pedaços de rochas, e a cada pequeno centímetro a terra ficava mais úmida. Sabia que estava no caminho certo e ali naquele local poderia ser um grande diferencial para a sobrevida

deles. Finalmente encontrou água e conseguiu fazer uma espécie de sopa de ervas. Animado, voltou para buscar Hani e a pequena.

– Hani! Hani! Encontrei uma espécie de santuário,consegui um pouco de água, lá tem…

Adam estava afoito, não conseguia explicar.

– Venha comigo. – disse Adam. – é melhor olharcom seus próprios olhos.

Hani fica maravilhada com o que Adam descobrira. Aquilo poderia significar a salvação de suas vidas.

Tudo era muito precário, mas havia ervas e água. Era o suficiente para que não morressem de fome. Decidiram passar a noite naquele lugar, e assim poderiam consumir mais água e ervas para seguirem viagem.

Mais um dia de sobrevivência no deserto.

*****

Mary Anne recebeu alta, após ter ficado vários dias internada. John a espera com um ramalhete de flores na porta do seu quarto.

– Querido John. Obrigada por estar aqui comigo. –diz Mary Anne.

– Como poderia deixá-la, minha querida? Estamosjuntos nisso tudo. Preciso muito que acredite nisso. Você não está sozinha. – diz John.

Os olhos de Mary Anne se enchem de lágrimas.

– Me diga: há quantos dias estou aqui? – perguntaMary Anne.

– Quase uma semana. – John responde.

– Estão todos mortos? – Mary Anne pergunta com avoz embargada.

– Sim, minha querida. Lamento muito!

– Eu também lamento. – Mary Anne choradiscretamente.

– Não tenha vergonha de chorar, minha querida.Quero que me veja como um amigo, entendeu? – diz John, segurando-a no ombro.

– Sim, John. Eu lhe agradeço.

Mary Anne não consegue se conter e chora compulsivamente nos braços de John. Algum tempo depois, já mais calma, pergunta pelos corpos de Melinda, Kailash e Amita.

– Amita e Kailash foram sepultados segundo a suacultura, após seus corpos terem sido liberados do iMl. Sua tia Melinda foi liberada também e seu corpo foi de avião para o iMl da cidade de Washington, onde será sepultado assim que autorizar, já que você é a única parente viva de Melinda.

Mary Anne escuta a tudo como se estivesse vivendo um sonho, ou melhor dizendo, um pesadelo.

– O que faremos, John? – pergunta Mary Anne comoquem sai de um transe.

– Eu ficarei e cumprirei o que prometi a sua tia.Quanto a você, preciso que volte para a América. Nem todos do grupo foram presos. Existem terroristas a solta. Você corre riscos. – explica John.

– Como vou viver sem as duas pessoas que maisamo neste mundo? – pergunta Mary Anne.

– Sei que está sofrendo, minha querida. Não tenhopalavras para amenizar sua dor, como também não tenho resposta para sua pergunta. O tempo dirá. – responde John.

– E se o tempo nada disser? – pergunta Mary Anne.

– Deixe-me contar uma história. – diz John – Sua tiaMelinda teve um grande amor, você sabia? Era uma pessoa muito especial, mas infelizmente tiveram muita dificuldade para viverem juntos. O amor desses dois era do tipo adolescente, viviam brigando. – fala aos risos. – Esse amor de Melinda era meu grande amigo. Ele me confidenciava diariamente o que sentia por ela.

Continua.

– Foram tantas brigas que a relação se desgastou,como era de se esperar, e acabaram se separando por algum tempo. Tempos mais tarde, se reencontraram,

maltratados pela saudade que sentiram um do outro.

Decidiram transpor as diferenças e ficarem juntos em definitivo, mas infelizmente era tarde demais. Um câncer mortal apareceu na vida dele. Foi muito rápido o tempo que tiveram para ficarem juntos. Tentaram recuperar o tempo perdido, mas nunca conseguiram. Lamentei muito por eles e pela vida do meu grande amigo. Sua tia já havia tido grandes perdas como seus pais, seus irmãos, mas perder o seu grande amor lhe tirou toda a força para recomeçar. Percebi e foi notório que sua tia Melinda nunca mais se recuperou. Passou o resto de sua vida se dedicando a você e a Adam.

John faz uma pausa e continua:

– Você não pode repetir a mesma história. Atendência da repetição faz parte na vida das famílias, mas cabe a você mudar isso. Mary Anne, você é jovem e linda, não pode desistir. A vida te trouxe a dureza, a dor, mas cabe a você superar e crescer com esses acontecimentos. Volte para a América, faça o que tem que ser feito, chore o que tiver que ser chorado e recomece. Não permita que a depressão tome posse de sua vida.

– John, meu querido. Obrigada pelas lindas palavras.Ainda trago no coração que Adam voltará para os Estados Unidos.

– O tempo dirá. – diz novamente John.

Após um longo abraço, John lhe entrega uma passagem de avião.

– Vou levá-la daqui mesmo para o aeroporto. Temoque algo lhe aconteça.

– Aceito, John! Mas, me prometa que me manteráinformada de tudo. Ainda tenho esperança de que eles estão vivos, em algum lugar. – diz Mary Anne.

– Dou-lhe minha palavra. – promete John.

Ao chegar à América, Mary Anne cuidou do enterro de sua tia sozinha. Ficou admirada com sua própria força. Sempre se julgara tão sensível, tão frágil. Percebeu que não era mais aquela mulher insegura, dependente. Talvez nunca fora, mas só agora estava se descobrindo.

******

Quinze dias haviam se passado, e ainda estavam perdidos no deserto – e isso por si só já era um milagre. A menina já não conseguia mais andar. Sobre os ombros de Adam, gemia de febre.

– Vamos sentar. – pede Hani.

– Mas, sentar aqui? Isso significa desistir. – dizAdam.

– Talvez tenhamos chegado ao fim. – diz Hani, jáquase sem fôlego.

Adam coloca com cuidado a menina no chão e abraça Hani que já apresenta sinais severos de inanição.

Hani se apega a menina com o pouco de forças que ainda lhe resta e começa a chorar. Pela primeira vez, Hani, sente sua fé vacilar.

Adam apavorado abraça as duas aos prantos. Aquele seria o fim.

Quando Hani abre os olhos, vê em seus braços um pequeno corpo já sem vida. Hani olha para Adam, mas nenhuma palavra caberia naquele momento. Os dois choram abraçados ao corpinho da menina.

Adam se levanta, permanece um longo período olhando aquele mar infinito de areia e em seguida, sem dizer uma única palavra, começa a abrir um pequeno buraco. Quer que sua linda menina tenha um sepultamento digno.

Hani assiste a tudo com a pequena notável em seus braços, em silêncio, com os olhos já quase sem vida. Naquele momento, em pensamento, desejou ir para o mundo dos mortos, junto com sua adorável criança.

Adam se ajoelha diante de Hani e pede o corpo da criança.

Com cuidado, coloca no raso buraco que conseguiu fazer e começa fechá-lo.

Hani se levanta e decide ajudá-lo. Jogar a areia sobre o corpo de sua amada criança a confortava de alguma forma.

– Pelo menos agora, pela primeira vez, estou con-seguindo fazer algo por ela. – pensa Hani, enquanto fecha a pequena cova, junto a Adam.

Ao terminarem, colocam o nome do local de “O pequeno amor”.

– Precisamos seguir em frente, meu amor. – dizAdam, demonstrando uma força interior admirável.

– Não dá, não consigo. – diz Hani.

– Não podemos desistir, temos que continuar ten-tando. – diz Adam aflito.

Hani deita-se, encostando sua cabeça no buraco já coberto. Seu pranto molha a terra que encobre o pequeno corpo.

– Fique comigo, só mais um pouco. – Hani pedebaixinho

Adam deita-se junto a Hani, deitando-a em seu peito.

– Ficarei, meu amor. Ficarei. – diz Adam fechandoos olhos.

******

Após várias horas, um comboio de nômades encontra Hani e Adam caídos, desfalecidos, perto de uma trilha que fica cinco minutos do rio tão procurado pelo casal.

Tentaram acordá-los, mas não respondiam a nenhum estímulo, estavam tão debilitados que não conseguiram nem ao menos engolir um pouco de água que lhes ofereceram. Já quase sem vida, foram colocados, na carroça e seguiram viagem.

Horas de viagem e finalmente chegaram à cidade de Cabul. Os nômades desviaram seu caminho para entregar o casal às autoridades da cidade. Isso sempre ocorre nos desertos: quando alguém precisa de ajuda, jamais é negada, pois sabem que um dia precisarão ou já precisaram.

As autoridades os identificaram assim que os viram descer da carroça e, imediatamente, acionaram o transporte para levar o casal com o máximo de segurança e sigilo ao hospital. Não queriam que a imprensa soubesse que o casal havia sido encontrado.

Já no hospital, sob os cuidados médicos, Hani foi separada de Adam para ser tratada em uma ala especial, reservada para mulheres. Algumas horas depois,

o laudo médico confirma a gravidade do caso: Adam e Hani estão com uma grave desidratação, em um estado profundo de inanição. O médico confessa ser um milagre os dois terem sido encontrados com vida.

– O prognóstico é incerto. – afirma o médico deplantão. – Estamos mantendo-os com alimentação por sonda, ainda é cedo para afirmar algo. Manteremos os senhores informados. – despede-se o plantonista.

As autoridades foram divididas em turnos para vigiar a UTI onde estavam Adam e Hani. As ordens eram expressas. Ao acordarem do coma, as autoridades deveriam ser imediatamente informadas. Nenhum profissional do hospital deveria ter contato com o casal. O clima do hospital estava tenso, os funcionários não sabiam ao certo o que de fato estava acontecendo.

Quatro dias haviam se passado, quando Adam começou a responder ao tratamento. Ao abrir os olhos, não conseguiu entender o que estava acontecendo, onde estava.

– Moça, moça, por favor. Preciso de ajuda. – suplicaAdam a uma jovem enfermeira que passava pela sua cama.

– Senhor Adam. O Senhor acordou. Glória a Alá!Vou chamar o médico. – ela corre desesperada a procura do médico de plantão.

"– Chamar um médico." – pensou Adam. – *"Estou em um hospital."* – de repente, tudo veio em sua mente como em um filme e parou na imagem de Hani.

– Hani, Hani, Hani… Por Deus, por Deus, onde estáHani? – Adam se desespera ao lembrar de sua amada já quase sem vida, deitada em seus braços. Tenta levantar, mas está ligado a uma sonda.

– Acalme-se, rapaz. – um homem alto, com umdistintivo no peito lhe dá a ordem. Em seguida, o médico de plantão, pede com mais calma.

– Senhor Adam, preciso lhe examinar. Deite-se, porfavor!

Adam atendeu ao pedido do médico, mas o interrompeu a todo instante pedindo informações de Hani.

– Senhor Adam, minha função aqui é lhe examinare tirar suas dúvidas em

relação ao seu estado clínico. O senhor esteve quase morto. Aliás, é uma sorte estar vivo se quer saber…

– Ela está bem. – O homem com distintivo inter-rompe o discurso do médico. – Está sendo tratada como você na ala feminina. Logo, receberá alta.

Adam respira fundo, aliviado com a notícia.

– Posso vê-la?

– O senhor precisa de cuidados médico, senhorAdam, assim como ela também.

– Poderia lhe mandar um recado? Eu imploro…

O agente do governo sai sem olhar para trás. Na porta, reforça suas ordens a equipe médica:

– Ninguém deverá falar com este rapaz, sob a pena de ser considerado inimigo do Estado.

Os terroristas temiam que Adam e Hani se aliassem a imprensa para condenar o grupo liberdade. Isso enfraqueceria sua ideologia, por isso ameaçou o governo com novos atos de terrorismo. O governo por sua vez, não tinha motivos para travar uma guerra com os terroristas e ter a cidade de Cabul ameaçada, e por isso, de forma velada, cedeu à ameaça.

O governo deu ordens expressas para as autoridades impedirem o contato de Hani com Adam, pois temiam uma represália dos terroristas. No sétimo dia, Adam já totalmente fora de risco, recebe a visita de autoridades do governo americano.

– Senhor Adam. Viemos notificá-lo através dogoverno do Afeganistão que o senhor deverá nos acompanhar imediatamente para o aeroporto.

– Aeroporto? Não estou entendendo. – questionaAdam.

– Um avião da Força Aérea Americana nos aguarda.O senhor deverá voltar para América ainda hoje.

– Estou sendo tratado como um prisioneiro. – dizAdam.

– Exatamente, senhor. Você está preso. – respondeo agente do governo.

– Preso, eu? Sob que acusação?

– Senhor Adam, já perdemos tempo demais. Acon-selho que não resista a minha ordem ou teremos que sedá-lo.

O agente do governo sai sem dar respostas a Adam.

– Não, não, não. Onde está Hani? Por que não me deixam vê-la? Vocês a mataram? Larguem-me! Larguemme!

Minutos depois, Adam estava dentro do carro do agente do governo americano, sedado, a caminho do aeroporto. Ao acordar, estava no aeroporto laGuardia em Nova iorque.

*****

Quanto a Hani Hamrita… Nunca mais…

Hani nunca mais compartilhou com Adam sua vida, seus dias, seus momentos. Nunca mais o encantou com seu sorriso. Adam nunca mais se perdeu em seu olhar.

Nunca mais a acolheu em seus braços.

Hani Hamrita nunca mais se entregou ao amor.

Adam sofreu a mesma dor, a mesma ausência. Aliás, sua vida desde então se resumiu apenas nisso, ausência. Sua dor o amputou, o paralisou, o impediu de seguir adiante, de reconstruir. Um amor escondido, negado e subjugado pelo tempo e afastado pela vida.

Só quem já perdeu um grande amor é capaz de compreender a fragilidade, a incapacidade que acometeu Adam e Hani. Um coração não poderia pulsar longe do outro. Longe de Hani, o que restou? Nada havia no coração de Adam, nem um resquício de esperança de reencontrar seu grande amor.

O tempo passou, mas para Adam nada mudou, a não ser o desespero que aumentava a cada instante, a espera de um sinal que o levasse a Hani. Aos

poucos, o sentimento de angústia foi dando espaço a uma total apatia. Adam entregou-se à solidão, evitando qualquer pessoa que tentasse uma aproximação. Seus dias foram consumidos pela tristeza, até nada mais restar, nenhum lamento, nenhuma lágrima, apenas o vazio.

******

A esposa do piloto George reconstruiu sua vida ao lado de suas filhas. Após muitos anos de luto e sofrimento, a vida lhe presenteou com um novo amor. Um bom homem. Ele a assumiu, juntamente com as filhas, formando uma família completa.

A família de Armed, amigo de ishan, também foi deportada para o Afeganistão e receberam apoio das autoridades e da cidade, além dos empresários mais abastados. Nas ruas, entre o povo, eram reconhecidos como heróis, porque seu filho Armed havia dado a vida em prol da causa de Alá.

O rabino Akiva de Nova iorque faleceu de um ataque do coração alguns meses depois de ter se despedido da família Hamrita. Sua sinagoga prosseguiu nas mãos dos filhos e amigos da comunidade.

O rabino do Afeganistão Marash recebeu muitas ameaças de morte por ter ajudado a família de Hani. Os radicais não aceitavam atendimento a pessoas com resquício americano. Muitas vezes, tentaram intimidar a família do rabino. Sentindo-se desprotegido, mudou-se de Cabul.

John, o cônsul, continuou a lutar pela causa de Adam, mas sem sucesso. As pessoas estavam inclinadas a acreditar que ele fazia parte de um conluio com a família de Hani. Manteve contato com Mary Anne por um longo tempo e acabou deixando a política. Comprou uma fazenda no Texas, onde foi viver com a família.

Tantas vidas ligadas pelas linhas do destino. Encontros que mudaram tantas tragetórias. Histórias que causaram dor e alegria. Pessoas que passaram e tiveram o prazer em conhecer Hani e Adam. Sentiram na pele o que é o amor.

Tentaram ajudar conforme suas possibilidades. Todos os esforços foram

feitos para que ambos vivessem a verdade deste amor.

O caso Hani e Adam se perdeu no tempo e na memória. Seu significado se invalidou nas vidas das pessoas. As mortes não marcaram nenhuma pontuação na vida comum, muito menos na política. Somente números, vidas esquecidas. É assim que é e sempre será enquanto houver um ser humano na face da terra.

Assim é o destino: não escolhe pessoas, apenas as arrebata. Vidas transformadas em vazio. Tentativas que se frustraram pelo tempo. Um amor, uma história, nada mais.

As pessoas em Nova iorque prosseguiram com suas vidas, sem o perigo eminente dos ataques terroristas. A bela cidade dos Estados Unidos volta a brilhar com seus eventos importantes. Os shows iluminando os belos teatros, os artistas no topo do estrelato. Os melhores filmes voltam a ser rodados nas praças e avenidas. Inúmeros atores e atrizes passeiam pelos mais belos e nobres restaurantes da cidade que não dorme jamais.

Enquanto no país muçulmano, o Afeganistão, todos seguem suportando os devaneios de homens inescrupulosos e milhares de pessoas são abandonadas pela sorte. A polícia corrupta e temerosa não consegue enfrentar o terrorismo e nem a pequena criminalidade juvenil.

Ainda hoje, o ópio é o caminho largo da juventude e do abastecimento de empresários e políticos do Afeganistão. O rio que corta a cidade é um dos maiores redutos de viciados em que já se tem registrado na história da humanidade.

O universo não se compadece dos homens que regem a vida nesse mundo. O valor à vida é tão insignificante que Afeganistão ou Estados Unidos, nenhuma dessas potências se importam com ela. O lucro domina os caminhos traçados e fechados nas autoridades competentes. A competência se resume em ter, nunca em dividir.

A cada ano, cresce a desordem e consequentemente a desumanidade a nível mundial.

Já nas montanhas do Afeganistão, a vida não será a mesma. Suas histórias

bélicas de amor incondicional ficaram registradas no chão mais duro que o coração humano. Por ali, caminharam muitos pés, que marcaram vidas, matando-as e salvando-as. As montanhas choram e sorriem aguardando serem cobertas pelas neves do mais terrível inverno do mundo muçulmano.

No coração das montanhas, caíram bombas e pessoas receberam tiros. Este mesmo coração, acalentou mulheres e crianças, enterrou muitos homens. O coração das montanhas pulsa com a vida e chora as mortes. Essas montanhas representam o que o mundo não conheceu. Sua imponência faz o homem temer e respeitar a sua existência.

As rochas são seus braços fortes que recebem corpos de viajantes cansados e sedentos. Suas pequenas cavernas são seus olhos e que dão abrigo no frio ao homem e aos animais selvagens. Suas árvores, mesmo que pequenas, são os cabelos mais sedosos do deserto e as folhas servem de véu para abrigar todo e qualquer ser vivente.

As lindas montanhas do Afeganistão têm uma beleza sem par. Ali, os poemas se instalam nos corações que nunca conheceremos e jamais saberemos o contexto das palavras proferidas em seu reduto. Sentimentos expostos para elas, somente para elas, montanhas do Afeganistão. Lágrimas enxugadas por noites que acalentaram tantas vidas.

Seu chão era o corpo estendido para descansar exércitos humanos. Montanhas do Afeganistão, poliglotas falantes das mais variadas línguas do planeta. Seus ouvidos são surdos para os segredos ditos por milhares e milhares de corações angustiados.

Nas montanhas do Afeganistão, não restou pedra sobre pedra, vida sobre vida, mas continuam recebendo transeuntes a cada dia, a cada minuto. Sempre um suor caindo ao chão, fisionomias assustadas num galope em direção ao nada. Montanhas e mais montanhas, nada mais do que montanhas.

Adam deixou suas estrelas esculpidas na árvore da montanha da fronteira ocidental, chamada Sulaiman. O mesmo desenho esculpido no Central Park em Nova iorque. Ali ficou a marca do grande amor, a trezentos metros ao norte,

numa grande árvore histórica, que ficou marcada para sempre.

FINAL

No lar para idosos onde Adam passara seus últimos dias de vida, a todo instante, a doutora Mary Anne passava seu quarto. Sua preocupação com ele é admirável.

– Hummmm… Pronto, terminei. Minha obra prima!– diz Adam satisfeito para si mesmo.

Mary Anne não pode deixar de ouvir, pois estava de prontidão na porta desde a madrugada, observando seu querido Adam. Diante do entusiasmo de Adam, não conseguiu conter sua curiosidade.

– Adam! Posso entrar? Escutei do corredor vocêdizendo, que terminou algo. Estava falando com alguém?

Adam abriu um largo sorriso. Gostava da presença daquela linda mulher com olhar triste e sorriso acolhedor. Sempre que ouvia a sua voz, sentia-se confortado e uma enorme sensação de segurança.

– Doutora Mary Anne. Entre, por favor. A sua pre-sença é sempre um grande prazer para mim. Não estava falando com ninguém. – continuou Adam. – Me entusiasmei com o resultado final da minha obra e esse entusiasmo me fez pensar em voz alta.

– Passei pelo seu quarto durante todo o dia e o vimuito compenetrado, por isso não o interrompi. Estava trabalhando em sua obra?

– Sim, sim. Já faz alguns dias que comecei, masapenas hoje senti inspiração para terminá-la. Deseja ver? – Sim, quero muito.

– Então se prepare, doutora. Está prestes a ver a obramais importante da minha vida.

Adam pede para Mary Anne fechar os olhos. Certifica-se se realmente seus olhos estão fechados. Não quer que o primeiro impacto seja vivenciado de qualquer forma. Neste momento, Mary Anne entende o quanto aquela obra

realmente é importante para ele e assume a postura que a ocasião pede.

– Vamos lá. Quando eu contar até três, você abre osolhos. – diz Adam posicionando sua obra diante de Mary Anne. – Um, dois e…Você está olhando, doutora?

– Claro que não, Adam. – fala Mary sorrindo. –Vamos logo, estou aflita para ver.

– Então, tá. Lá vai o trêssss… Pode abrir!

Mary Anne abre os olhos e imediatamente eles se enchem de lágrimas. Não consegue conter a emoção diante daquela pintura. Tenta se levantar, não quer desabar na frente de Adam, mas suas pernas não obedecem. Com as mãos trêmulas, cobre o rosto e se entrega a um choro compulsivo.

Adam não compreende, e se sente desconfortável sem saber o que fazer. Não queria lhe causar dor ou tristeza. Sentia-se perdido diante daquelas lágrimas tão doídas.

– Doutora Mary Anne, o que houve? Por favor, falecomigo.

– Desculpe-me, meu querido Adam. Sua obra real-mente tocou no meu íntimo, trazendo-me lembranças.

– Do que se lembrou? – pergunta Adam.

– Eu é que pergunto, Adam. Como fez essa pintura?Você se lembrou de algo do seu passado?

– Todas as noites, sonho com as estrelas emanandosua luz sobre essa mulher de cabelos longos. Às vezes,

Sonho com esta imagem em uma árvore; às vezes, é tão real que posso tocá-la. – Adam olha fixamente para a pintura, perdido em seu próprio pensamento.

– Um sonho. Meu Deus, um sonho, como pode? –Mary Anne se recompõe, tentando extrair algo mais de Adam, mas sua tentativa é vã. Adam mais uma vez entrou em seu universo particular. Um mundo desconhecido pela ciência. Um

mundo sem acesso, nem mesmo o amor de Mary Anne poderia adentrá-lo. Adam estava tendo mais uma crise, recorrente de sua doença, conhecida como Esquizofrenia Catatônica.

Mary Anne é médica, tem todo o conhecimento que a ciência alcançou, e sua razão diz que falar com Adam naquele estado catatônico seria em vão, pois ele não poderia ouvir, quanto menos compreender. No entanto, algo em seu íntimo implora para que o faça. Uma forte intuição lhe diz que aquele talvez fosse seu último momento com o grande amor de sua vida.

Ignorando seus conhecimentos científicos, ajoelhase diante de Adam, segura em suas mãos e se entrega as palavras vindas pela emoção:

– Você me fez a mulher mais feliz do mundo. Foi omeu primeiro amor, como eu fui o seu. Casamo-nos cedo. Meu Deus, olhando para trás, vejo que erámos duas crianças assumindo a responsabilidade do matrimônio. Passamos por dificuldades emocionais e seguimos enfrente sem medo de errar. O destino tentou nos separar, me levando para longe, mas você não permitiu. Lutou por mim diversas vezes, contra tudo e contra todos. Por mim, enfrentou os perigos do Afeganistão. Quando perdi toda a minha família naquele terrível atentado, só pensava em morrer, mas você não permitiu.

Mary Anne faz uma pausa, tentando conter as lágrimas. Muito emocionada, e continua:

– Você me resgatou do mais profundo abismo ecomo um bálsamo, seu amor amenizou minhas dores. Não conseguia mais acreditar na vida, na bondade, no ser humano, no amor, mas você, dia após dia, me resgatava sem eu perceber, com sua ternura, carinho, dedicação, cuidados.

Adam continua com o olhar paralisado e no mesmo estado.

Mary Anne continua:

– Aos poucos, meu sorriso voltou a aparecer e minhaalegria completa renasceu no dia que nossa pequena Raica nasceu. Lembra, meu amor quando perdemos a nossa pequena notável nas montanhas do Afeganistão? Pouco tempo

depois, você me deu o maior presente do mundo. Nós três juntos, conseguimos superar dificuldades, preencher os espaços, enxergar a beleza das rosas no meio dos espinhos. Muitas dificuldades e muitas lutas. Depois, veio o nascimento da nossa segunda filha, Keissy. Lembro-me como se fosse hoje as palavras de Raica, tão pequena, segurando sua irmãzinha no colo, dizendo: *"– Fique tranquila, mamãe. Sempre cuidarei dela e de vocês também."* – Mary sorri entre lágrimas.

– E assim foi, – continua – sempre nos cuidamos,sempre juntos, unidos, nos fortalecendo uns aos outros, como uma família unida, estruturada no verdadeiro amor. – Mary Anne faz uma pausa esperando alguma reação de Adam, ainda que pequena, mas seu amado continua da mesma forma, ausente.

– Ah, meu querido Adam, nossas filhas sentem tantoa sua falta, nossos netos, Adam Neto e Julia também. Você sabia que eles vêm todos os domingos lhe visitar? Aqui vira uma linda festa, meu amor. Eu estou aqui ao seu lado, todos os dias, o tempo todo, como sua médica, esposa, amiga e companheira. Não consigo me afastar de você. Só de pensar nisso, me falta o ar. Estou com medo, Adam, estou com muito medo. Não posso deixá-lo partir, mas sinto que essa decisão me escapa a cada minuto. Algo maior está te levando de mim e eu simplesmente não sei o que fazer sem você. Há muitos anos você não me reconhece, mas me conforta tê-lo perto de mim, mesmo me olhando como uma estranha. Sua presença me traz esperança de um dia me reconhecer, ainda que por um segundo, e isso me parece que está sendo arrancado de mim.

Continua.

– Ah, meu Deus! – Mary Anne se curva em oração.– Eu trocaria uma eternidade por um segundo da sua lucidez, meu Adam! – Mary cai em um choro profundo.

Com os olhos abaixados, segura nas mãos paralisadas de Adam e em voz baixa diz:

– Eu te amo, meu amor.

De repente, uma lágrima escorre, caindo em suas mãos, perdendo-se entre seus dedos. Mary levanta os olhos e, como uma resposta a sua oração, percebe os olhos de Adam cheios de lágrimas. As palavras de Mary resgataram Adam da escuridão, lhe dando um breve momento de lucidez. Adam pode sentir o amor tocando sua alma, o resgatando de um mundo sem cor, sem calor, solitário, silencioso.

Suas lágrimas misturam-se com as lágrimas de Mary Anne. As palavras já não se faziam mais necessárias. Naquele momento, com os olhos fixos no olhar de Adam, Mary sentiu-se completamente conectada a ele. Em silêncio, beija seus lábios inertes.

Seu coração havia realizado seu maior desejo. Adam a reconheceu. Nada mais poderia desejar. Seu coração, já tão cansado, enfraquecido pelo tempo, agora repousa feliz. Mary aconchega a cabeça em seu colo e se entrega ao momento. Como quem chega a seu destino final, fecha os olhos e bem baixinho diz:

– Adam, meu querido Adam! Como é grande o meuamor por você!

Palavras do Escritor

O acaso ou o destino (quem sabe) me apresentou Adam Gregório, um simpático senhor, de fala mansa, extrovertido e extremamente carismático. Um simples cumprimento e me vi completamente envolvido com seu jeito alegre e expansivo.

Como já falei, estava morando na cidade de Washington, havia pouco mais de um ano e nunca havia conhecido alguém tão autêntico. Confesso que Adam ganhou minha simpatia no primeiro aperto de mão.

E foi assim, em um curto diálogo, que Adam me presenteou com a mais linda e triste história. Meu desejo foi prolongar nossa conversa por longas horas, mas Adam parecia não compartilhar do mesmo desejo naquele momento:

– Bom, meu jovem amigo! Chegamos ao final daminha história. – falou-me Adam. – Estou cansado, não tenho mais a vitalidade de juventude. Preciso descansar.

Não queria a despedida, não naquele momento. Meu desejo era extrair mais daquela pessoa tão rara. Tentei persuadi-lo a responder algumas curiosidades pessoais, na tentativa de adiar o fim daquele encontro tão transformador, pelo menos para mim:

– Você me contou sobre o seu passado, e quanto aoseu futuro?

– Jerry, – como me chamava – você não imaginaquais os planos que eu tenho para a minha vida. Terminando esse livro, quero ir ao seu país, o Brasil fazer um lançamento e, quem sabe, terminar os meus dias nas praias do Rio de Janeiro ou na Bahia.

Sorrimos e eu disse que seria um enorme prazer recebê-lo em nosso território brasileiro. Sua resposta não me deixou margem para prolongamentos. Com muita tristeza, finalmente aceitei aquela dolorosa despedida. Abraçamo-nos e eu fui embora.

Após aquele encontro, seguimos diferentes rumos. Nunca mais o encontrei. Aquele abraço selou nossa despedida. Tudo que soube, foi que meses depois ele havia sido internado. Tentei especular o motivo de sua internação, mas foi em vão.

Um ano havia se passado deste impactante encontro com Adam Gregório, quando finalmente encontrei por acaso, pelas ruas de Washington, algumas pessoas que fizeram parte do convívio social de Adam. Não consegui conter minha euforia por notícias e, logo após os cumprimentos, sem rodeios, perguntei sobre Adam.

A resposta que recebi atribulou meu coração: Adam Gregório viveu em sua trajetória de vida uma das piores doenças psíquicas que um ser humano pode desenvolver. Adam sofria de Esquizofrenia. Entre todos os tipos, a dele era a mais grave e difícil de ser tratada – Esquizofrenia Paranoide Delirante Crônica. No decorrer de sua vida, algumas tentativas frustradas de tratamento foram feitas, o que contribuiu para desencadear outro tipo de esquizofrenia, conhecida como Esquizofrenia Catatônica.

*****

Quando ouvi a fascinante história de Adam, eu não sabia da existência da doença. Para mim, ficou a dúvida: toda essa linda história de amor e de vida, relatada por Adam, era simplesmente uma alucinação psicótica? Um delírio de um esquizofrênico? Ou, apesar da doença, de fato viveu tudo o que me contou?

Isso jamais se saberá, querido leitor. Uma coisa ficou em minha mente e em meu coração. Se tudo não passou de uma ilusão, eu jamais poderei imaginar o que a tal doença é capaz.

Uma doença inspiradora? Talvez reveladora?

De tudo o que se sabe, o resumo é que Hani Hamrita fora na vida e na doença o centro da inspiração de Adam. Toda a força acumulada desse amor esteve no âmago da alma desse artista. Seu livro *Amor Avassalador* nunca fora publicado e, quem sabe, ele nunca tenha terminado. Sua linda história ficou no

coração de Mary Anne e em minha mente parte dela.

Logo que soube da grave doença que acometera Adam, tentei fazer contato com ele, mas foi em vão. Adam havia falecido um ano após sua internação. Inconformado com a falta de informação, tentei os recursos tecnológicos. Utilizei o Google em uma avançada pesquisa, na tentativa de localizar algumas pessoas citadas por Adam. Como George, o piloto daquele avião ou a sua esposa. Ou os rabinos de Nova iorque e do Afeganistão. Mas nada encontrei. Nada de notório foi feito por aquelas pessoas, e por isso, as pesquisas não me traziam nada.

Mas finalmente, meus esforços foram contemplados. Encontrei alguém que me confidenciou o final dessa história. E ela me disse:

– Jovem escritor, o mundo receberá como umaverdadeira história de amor. Tudo o que você relatou, com certeza, é realmente a verdade na vida de Adam Gregório. Sua mente deturpada pela doença trocou valores e personagens fazendo de Hani Hamrita o seu verdadeiro amor, mas na verdade toda essa maravilhosa história de amor só existiu por causa de Mary Anne. Mary Anne foi a sua Hani Hamrita.

Continuou:

– Eles de verdade viveram essa linda história: elacomo médica, viajou como voluntária pela Cruz Vermelha e viveu um longo período nas montanhas do Afeganistão. Ele viajou ao encontro dela para ajudá-la no que fosse preciso. Ela nunca perdeu a beleza. Realmente ela era linda. Na verdade os dois. Ele era um belo homem!

E prosseguiu:

– Se você for a Nova iorque, no Central Park encontrará a árvore ao lado norte do parque. É talvez a maior árvore do Central Park e lá estão os desenhos feitos pelos dois. Ele e Mary Anne. Se você me perguntar a respeito desse amor e sobre esse amor, não tenho receio em falar. Mary Anne amou Adam com toda a verdade do seu coração e ele abandonou sua vida por ela. Seus devaneios

provocados pela doença nunca o separaram dela, e Adam sempre retornava, voltava à consciência e a olhava como a sua salvação. O amor superou as montanhas. As montanhas da vida, da doença e do Afeganistão, onde sofreram agruras sem fim. Inclusive a morte da menina. Ela viveu e conviveu com um homem extremamente doente, com faculdades mentais debilitadas. Nunca o abandonou, nunca o internou, nunca o deixou sem seus cuidados. Se o livro se chamar *Como é grande o meu amor por você*, não tenha dúvida, meu jovem escritor, que dessa frase Mary Anne é merecedora, desse e qualquer outro título com referência o amor. Ela poderia ser essa referência. Ela viveu o seu grande amor eternamente.

******

Finalmente, consegui entender o conteúdo da história, mas fiquei inquieto com a inexistência de Hani Hamrita e toda aquela vida de amor exposta por Adam.

Não consigo encaixar os fatos com a realidade. Nem a esquizofrenia em fatos reais. Tudo pode ser: mentira, doença ou mutação de personagens. Tudo pode ser. A linha que permeia imaginário e o real é tênue.

Sou jornalista e, como tal, devo informar, e não convencer. Talvez como escritor, pudesse transformar todas essas informações como verdade absoluta, mas eu viveria com pontos de interrogações em cada página escrita nessa obra. Então, eu convido você a sofrer comigo o mesmo trauma da dúvida.

Obra concluída, mistério não revelado! Isso sempre fará parte da maioria das obras feitas por mentes ficcionais. A partir do momento em que você consentir espaço para mergulhar em um livro, sua mente terá o poder de aceitar os fatos ali retratados como reais ou não. E, por favor, deixe sua mente sonhar, sonhar e sonhar.

Espero lhe encontrar numa próxima obra.

Chérri Filho.

E-mail: jornalistacherri@uol.com.br.
Facebook: cherrifilho.
São Paulo – Brasil.

Impresso em Chiado Print, Lisboa, Portugal